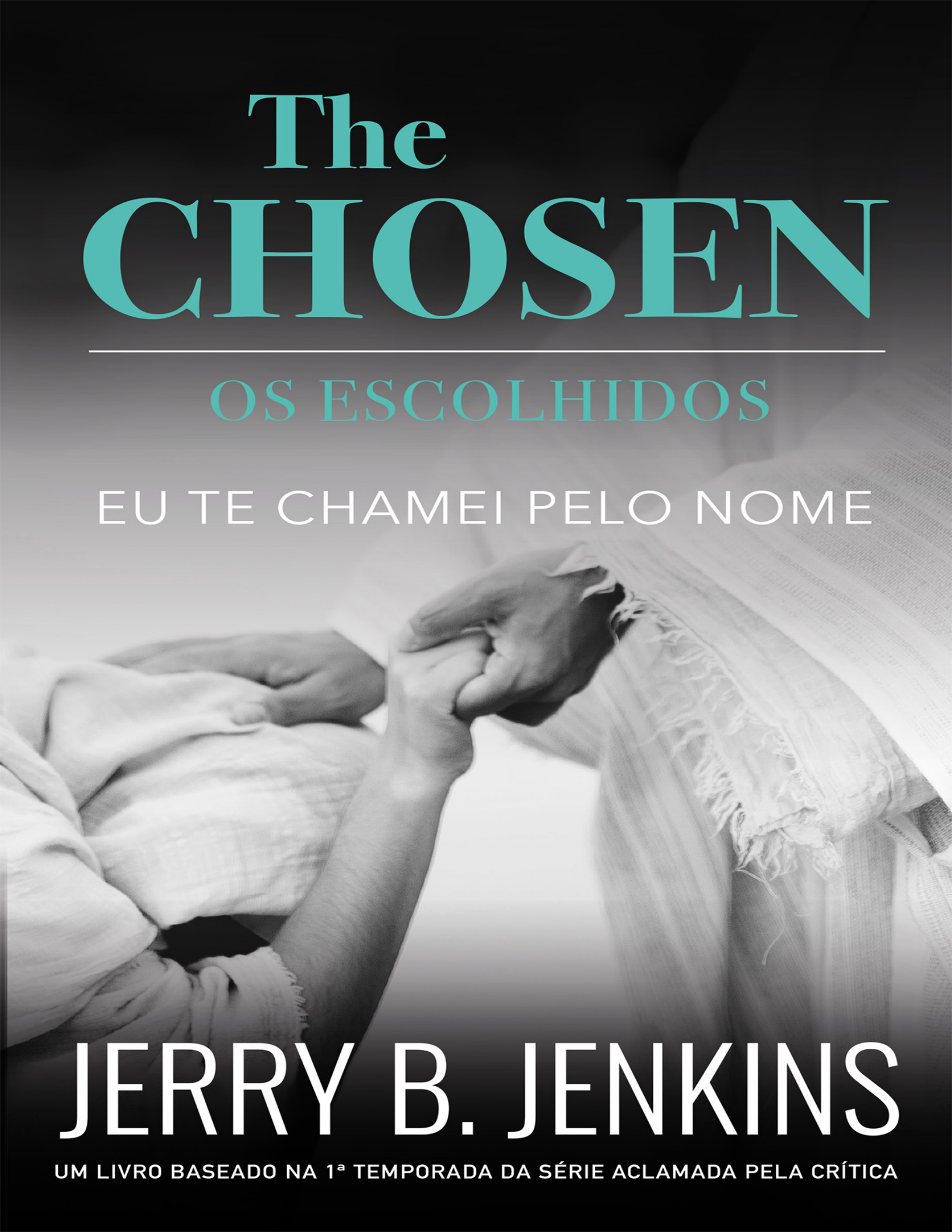
The CHOSEN

OS ESCOLHIDOS

EU TE CHAMEI PELO NOME



JERRY B. JENKINS

UM LIVRO BASEADO NA 1ª TEMPORADA DA SÉRIE ACLAMADA PELA CRÍTICA

É fácil perdoar um autor que escreveu e vendeu tantos livros quanto Jerry Jenkins por ter a tendência de utilizar estruturas conhecidas para produzir novos livros. Felizmente, Jenkins não é um autor qualquer. Embora muitos conheçam a história de Jesus escolhendo seus discípulos, é o hábil manejo de Jenkins da linguagem e costumes históricos da época que torna seu mais novo lançamento tão vívido. E vívido de uma forma raramente experimentada pelos leitores de um livro. *The Chosen: Os Escolhidos – Eu te Chamei pelo Nome* foi produzido com um contexto bem embasado e criativo. Jerry Jenkins nasceu para escrever este livro.

– **Andy Andrews**, *best-seller* do *The New York Times*, autor de *A Viagem da Sabedoria*, *O Mensageiro* e *Just Jones*

A única coisa melhor que o filme é o livro, e a única coisa melhor que o livro é o filme. Jerry B. Jenkins assumiu o brilhante projeto de Dallas Jenkins — esse olhar sobre a vida daqueles que Jesus *escolheu* para ser seus seguidores, seus amigos e sua "família" — e deu um passo além (ou até mais). Os leitores serão atraídos pelo livro tão rapidamente quanto os espectadores foram atraídos pelos momentos dramáticos da série *The Chosen*. Não tenho palavras para descrevê-los.

– **Eva Marie Everson**, autora *best-seller* e presidente da *Word Weavers International*

A série me levou às lágrimas, mas o livro de Jerry me mostrou o Jesus que eu queria conhecer. *The Chosen: Os Escolhidos – Eu te Chamei pelo Nome* faz o leitor ficar atraído pela humanidade de Jesus. A história imagina sua personalidade de forma autêntica: a cada pessoa que encontra, Ele revela seu amor, humor, sabedoria e compaixão. A interação de Jesus com personagens da vida real fez com que também eu pudesse sentir o Salvador que convida os perdidos, os pobres, os necessitados e os rejeitados para um relacionamento de verdade.

– **DiAnn Mills**, vencedora do *Christy Award* e diretora da *Blue Ridge Mountain Christian Writers Conference*

Jerry Jenkins é um especialista em contar histórias. Ele conseguiu captar a ação, o drama e a emoção da série *The Chosen* e colocá-los na forma escrita. Muito mais do que uma mera sinopse da primeira temporada, Jerry transformou os primeiros oito episódios em um livro eletrizante. Se você gostou da série, irá se deliciar mais uma vez com a história ao ver Jerry trazer cada personagem à vida. E se você não assistiu à série, este livro fará você querer assisti-la... assim que terminar de ler o livro, é claro!

– **Dr. Charlie Dyer**, professor livre-docente de Bíblia, apresentador do programa de rádio *The Land and the Book*

De forma precisa e acessível, Jerry Jenkins nos faz mergulhar na maior história já contada de um modo novo e poderoso. Jenkins é especialista em pegar cenas e temas profundos da Bíblia e transformá-los em jornadas cativantes, centradas na época de Jesus ou nos últimos tempos. *The Chosen: Os Escolhidos – Eu te Chamei pelo Nome* amplia essa série incrível e tocará os leitores com a sua forma singular de recontar a história do evangelho.

– **Travis Thrasher**, autor *best-seller* e veterano no mercado editorial

Para uma menina que nasceu sabendo as histórias da Bíblia, não me parece fácil transformar personagens tão conhecidos numa experiência nova e viva. Mas foi exatamente isso que Jerry Jenkins fez em seu novo livro, *The Chosen: Os Escolhidos – Eu te Chamei pelo Nome*. Logo no primeiro capítulo, fiquei encantada. No segundo e terceiro, comecei a ver o Jesus que há tanto tempo eu amava com novos olhos e com um coração mais aberto. Esse livro oferece ao leitor mais do que mera diversão. É uma possibilidade de verdadeira transformação.

– **Michele Cushatt**, autora de *Relentless: The Unshakeable Presence of a God Who Never Leaves*

Não há melhor forma de dar vida ao evangelho do que explorar o impacto que Jesus teve na vida das pessoas com quem teve contato. E esse é

o melhor encorajamento para nós, que hoje temos fome de sua presença transformadora. Recomendo de coração tanto a série quanto o livro a todos que desejam experimentar o amor transformador de Jesus de forma mais profunda.

– **Bill Myers**, autor do romance *best-seller Eli*

A história de Jesus tem sido contada e recontada, mas com essa bela transformação em livro Jerry Jenkins traz uma perspectiva única e atraente ao relato bíblico de Jesus e seus seguidores, perspectiva que faz lembrar a da aclamada série *The Chosen*, criada por Dallas Jenkins. Para alguém que sempre acha o livro melhor do que o filme, fiquei maravilhada em descobrir que o livro e a série são igualmente fascinantes, e até mesmo transformadores.

– **Deborah Raney**, autora de *A Nest of Sparrows* e *A Vow to Cherish*

JERRY B. JENKINS

The CHOSEN

OS ESCOLHIDOS

EU TE CHAMEI PELO NOME

Tradução de Thaís Pereira Gomes

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2023

Todos os direitos reservados. Copyright © 2023 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na *web* e outros), sem permissão expressa da Editora.

Título do original em inglês: *The Chosen – I Have Called You by Name*
Um livro da Focus on the Family publicado pela BroadStreet Publishing, Colorado Springs, EUA.
Primeira edição em inglês: 2021
Tradução: Thaís Pereira Gomes

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Revisão: Daniele Pereira
Capa: Joab Santos
Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes
Conversão para Ebook: Cumbuca Studio

CDD: 242 – Literatura devocional
e-ISBN: 978-65-5968-351-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso *site*: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2023
Impresso no Brasil
Tiragem: 3.000

Para a Irmã Pam,
que irradia o amor de Deus

Baseado em *The Chosen*, a série de TV criada e dirigida por Dallas Jenkins e escrita por Ryan M. Swanson, Dallas Jenkins e Tyler Thompson.

"Há poucas dúvidas de que *The Chosen* será uma das obras mais famosas e aclamadas da mídia cristã na história."
MOVIEGUIDE® Magazine

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Página de Créditos
SUMÁRIO
NOTA
PARTE 1
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3

PARTE 2
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18

PARTE 3
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
PARTE 4
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
PARTE 5
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
PARTE 6
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
PARTE 7
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61

Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
PARTE 8
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
PARTE 9
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
AGRADECIMENTOS
POSFÁCIO
O FENÔMENO QUE NASCEU DO FRACASSO

NOTA

The Chosen foi criada por pessoas que amam e creem na Bíblia como a inerrante Palavra de Deus. Embora tenhamos imaginado algumas histórias secundárias para os relatos bíblicos de Jesus Cristo, levamos a sério a advertência quanto a acrescentar ou diminuir algo do evangelho.

Combinamos ou condensamos alguns locais e linhas do tempo e inventamos alguns personagens e diálogos a fim de dar corpo à maneira como devem ter acontecido as histórias de Jesus e os seus seguidores.

Nossa intenção é que todo conteúdo bíblico e histórico, bem como imaginação artística, dê pleno apoio à verdade e ao propósito das Escrituras. Nosso desejo mais profundo é que você mergulhe por si mesmo nos Evangelhos do Novo Testamento e descubra Jesus.

"Não tema, pois eu o resgatei;
eu o chamei pelo nome, você é meu."

ISAÍAS 43.1 (NVI)

PARTE 1

O PASTOR

No momento em que Augusto César tornou-se imperador de Roma, a Judeia foi transformada numa província romana.

Os profetas de Israel já estavam em silêncio há 400 anos. Sacerdotes liam as Escrituras em voz alta nas sinagogas, enquanto oficiais romanos patrulhavam as ruas, cobrando pesados impostos dos hebreus.

As profecias falavam da vinda de um Messias que salvaria o povo de Deus.

Capítulo 1

PAIXÃO

Cedrom, Israel

Baixo, porém musculoso, com uma mecha de cachos balançando na testa, Simão tinha vinte anos, mas sabia que aparentava ter menos. Apesar disso, assim que herdasse a terra e as ovelhas do seu pai, ele seria responsável pelas suas três irmãs mais novas. E isso poderia acontecer naquele mesmo dia, caso fosse esse o motivo de os seus pais terem-no chamado numa hora em que ele deveria estar nas pastagens.

Seu pai estava doente há quase dois anos, incapaz de ajudá-lo no campo. Simão sentia falta da sua ajuda e orientação, mas foi forçado a aprender muito. No dia anterior, oficiais de Cedrom haviam visitado os seus pais. Simão queria ter sido incluído na conversa, porém supôs que hoje seria informado dos detalhes.

Os três reuniram-se no quarto dos seus pais, onde o pai estava deitado.

— Eu falhei — começou a dizer o homem idoso.

— Não diga isso — disse Simão. — Você fez tudo o que podia.

— Deixe-o falar — disse a mãe. — Ele está tentando pedir desculpas.

— Mas ele não tem por que pedir desculpas! Sei que ele estaria comigo lá fora se não fosse...

O pai levantou a mão:

— Perdemos tudo. Não tenho nada para deixar a você.

— Mas...

— Deixe-me falar! — irritou-se o pai. — Eu me sinto péssimo. Falhei com todos vocês.

— O que você quer dizer?

— Não precisa voltar para o campo. Os novos proprietários já estão aqui.

Simão hesitou.

— Mas e as ovelhas, minhas irmãs, nosso futu...

— É minha culpa — disse o pai. — Sinto muito! Não tenho mais o que dizer.

Chocado, porém querendo consolar o pai, Simão quis agradecer por tudo o que ele havia-lhe ensinado, pela maneira como nutrira a sua paixão pelas Escrituras, pelas profecias e pelo Messias prometido. O que ele faria agora? O que seria de todo aquele estudo?

— Você terá de sair e encontrar trabalho — disse a mãe. — Ficamos com esta casa, mas sem terra e sem rebanho. E com cinco bocas para alimentar.

— É claro que vou fazer tudo o que for preciso — disse Simão. — Mas para onde eu vou? O que devo fazer?

Seu pai ergueu-se, apoiando-se no cotovelo.

— Você sempre quis ir a Belém. Os rebanhos de lá abastecem o Templo de Jerusalém com animais para os sacrifícios. Os pastores de ovelhas daquela cidade sempre precisam de ajuda.

Belém! Mais de trinta quilômetros a leste, mas citada nas profecias! Simão mal conseguia imaginar como seria visitar a sinagoga de lá. Mas será que ele teria tempo para isso? Ele precisava ser contratado se quisesse manter vivos os seus pais e irmãs.

Todo o futuro de Simão mudou num instante, só que a perspectiva de mudar-se para Belém já amortecera o golpe.

•••

Uma semana depois

Desesperado para acompanhar o passo dos demais , Simão puxou o cordeiro branco com uma corda e forçou-se a prosseguir, apoiado na muleta áspera que ele fizera com um galho de árvore. Mais à frente, os três pastores mais velhos a quem ele servia — cada um conduzindo o seu próprio cordeiro a

Belém — pararam e viraram-se para alfinetá-lo. Arão, cuja pele cor de ébano contrastava com a sua túnica branca de algodão, imitou Simão mancando, fingindo que seu cajado era uma muleta.

— Venham! — gritou Jorão, o mais velho, com a sua cabeça calva, cercada de cabelos brancos, brilhando com o sol forte. — Vamos embora!

A ansiedade de Simão por provar que se importava com as ovelhas tanto quanto os seus patrões fez com que se machucasse. Durante uma tempestade, ele levou o rebanho para uma caverna de calcário e, quando uma das ovelhas escapou, ele foi atrás dela, caindo num barranco e torcendo gravemente o tornozelo esquerdo. Um pouco de simpatia — ou gratidão — seria bem-vinda, mas Simão só obteve desprezo. E nenhuma ajuda, exceto por uma áspera sugestão de Natã com a sua barba negra: "Amarre firme". Natã era o único que pelo menos olhava para o jovem quando ele falava.

Simão esperava alcançar os três homens quando parassem no poço no caminho para a cidade, então se forçou a avançar. Ele estremecia a cada passo, com o suor pingando do seu rosto sujo.

A uma curta distância, Simão viu os outros pastores chegarem ao poço. Cinco mulheres carregando odres de barro e vasilhas de couro ocupavam-se ali até que os pastores aproximaram-se. Simão percebeu que as mulheres nem tentaram esconder a sua aversão: quatro delas imediatamente se afastaram, segurando o nariz.

— Lindo dia, não? — Natã disse em voz alta a uma delas, balançando a cabeça e sorrindo, mas a mulher cobriu o rosto e afastou-se rapidamente. — Volte aqui! — ele a chamou.

Quando Simão alcançou o poço, os outros pastores já haviam enchido de água os seus odres de pele de bode e começavam a partir. A única mulher que ficara foi embora quando Simão chegou. Ele encheu o seu odre e apressou-se, tentando não deixar os outros ficarem muito à frente. Ao cruzar com uma placa apontando para Belém, ele lembrou-se das Escrituras que tanto amava. Seu pai havia-o criado para estudar a Torá. Embora Arão e os outros zombassem da sua paixão, Simão memorizara longas passagens, especialmente as que falavam de Belém, a sua nova cidade. Forçando-se a prosseguir, com o cordeiro balindo, Simão declamou em voz alta: "Mas tu, Belém-Efrata, embora pequena entre os clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos. Por isso os israelitas serão abandonados até que

aquela que está em trabalho de parto dê à luz. Então o restante dos irmãos do governante voltará para unir-se aos israelitas. Ele se estabelecerá e os pastoreará na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor, o seu Deus. E eles viverão em segurança, pois a grandeza dele alcançará os confins da terra. Ele será a sua paz".

Seria possível? O Messias poderia vir daqui? Parecia bom demais para ser verdade, mas Simão cria nos profetas de todo o coração. Ele imaginava o Escolhido defendendo os judeus e acertando as contas entre eles e os romanos.

Capítulo 2

UM SINAL

Crianças corriam e brincavam no mercado lotado de Belém, enquanto os homens pechinchavam em voz alta. Comerciantes compravam, enchendo as suas gaiolas de animais a serem vendidos para os peregrinos, que iriam sacrificá-los no Templo em Jerusalém, a menos de dez quilômetros de distância dali. Simão e os seus superiores selecionaram somente o melhor dos seus rebanhos, ansiosos por conseguirem preços mais altos.

Os comerciantes persuadiam os pastores e fazendeiros a baixarem os seus preços, enquanto estes exaltavam a qualidade do seu rebanho e produção. Jorão gesticulava furiosamente ao brigar com um mercador. Perto dele, uma criança alisava a lã de uma ovelha recém-tosquiada. Arão curvava-se numa barraca para sentir o aroma de especiarias frescas. E Simão abria caminho cuidadosamente em meio à multidão, ouvindo o barulho de ovelhas balindo por toda parte e sendo surpreendido pelo fedor de excrementos.

Um fariseu saiu da sinagoga local para avaliar animais que pudessem ser usados nos sacrifícios, e Simão viu ali a sua oportunidade. O homem santo segurou o cordeiro negro de Arão, virando-o de um lado para o outro, enquanto Arão dizia.

— Perfeito! Nada, nenhuma mancha; nada, nada de errado. Está vendo?

— Está imaculado! — disse o fariseu. — Esse aqui serve.

Agora era a vez de Simão, e ele levantou o seu cordeiro branco para o fariseu, tentando falar mais alto do que os balidos do animal.

— Professor, tenho uma pergunta sobre o Messias. Venho estudando a Torá todos os dias e...

O fariseu respirou fundo, sem desviar o olhar da sua inspeção.

— Um *pastor* quer aprender...

— É! — disse Simão, sorrindo, mas logo ficando sério novamente. — O senhor acredita que o Messias irá nos libertar da ocupação?

— Sim — disse o fariseu de forma monótona, evidentemente entediado. — Ele vai ser um grande líder militar.

— Tem certeza? — disse Simão, com pressa de continuar. — Porque no último Shabbat o sacerdote leu profecias de Ezequiel, e ele não disse...

— Como ousa?! — disse o fariseu.

Arão acudiu.

— Desculpe, mestre. O Simão está obcecado...

— Vocês trouxeram esse animal?

Simão e Arão fizeram que sim com a cabeça.

— Eu disse "imaculado"! — falou o fariseu.

— Imaculado, sim! — disse Arão.

O fariseu virou o animal para que eles pudessem ver um ferimento nas suas costas.

— Isso é para homens justos, para um *perfeito* sacrifício — e colocou o animal no chão. — Não posso mandar isso para Jerusalém!

Arão pegou a corda e começou a afastar-se com o cordeiro, curvando-se.

— Sinto muito. Desculpe. Sinto muito.

Quando Jorão e Natã aproximavam-se, o fariseu sacudiu o dedo no rosto de Simão.

— E você ainda pergunta por que o Messias não chegou? Pessoas como vocês o mantêm afastado com as suas falhas! Se voltarem aqui sem um cordeiro que seja *perfeito*, vou banir todos vocês deste mercado.

O fariseu cuspiu no chão diante dos pastores, e Simão hesitou, como que querendo desculpar-se. Mas Natã sussurrou.

— Vem, vamos embora. Vem.

Simão começou a segui-los, porém Jorão parou na frente dele.

Eu o avisei, Simão! Além de coxo, você é surdo?

— Desculpe!

— Não vamos diminuir o passo por sua causa! Leve o cordeiro de volta para a colina. E tente nos acompanhar ou então vai voltar sozinho.

Simão olhou para o chão. Quando os outros se foram, Natã parou e tocou a sua bochecha de forma gentil.

Humilhado, mas sem querer voltar para o rebanho sozinho, Simão tentou abrir caminho pela multidão a fim de alcançar os outros três. Mas seu tornozelo e o cordeiro deixavam-no mais lento, e a sua muleta deslizou na lama. Simão caiu com tudo em cima do cotovelo direito e cortou o antebraço. De joelhos, procurou os outros na multidão, mas eles tinham desaparecido.

Simão esforçou-se para ficar de pé e ouviu uma voz estrondosa. Logo percebeu que estava bem ao lado da pequena sinagoga. Orando para que ninguém o notasse, ele deslizou pela cortina de uma porta lateral e deparou-se com um santuário elegante.

Na bimá, o sacerdote lia um rolo: "O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz. Fizeste crescer a nação e aumentaste a sua alegria; eles se alegram diante de ti como os que se regozijam na colheita, como os que exultam quando dividem os bens tomados na batalha".

No fundo da sinagoga, um homem encarou Simão, que estava no vão da porta com o seu cordeiro. O homem levantou-se e apressadamente foi em direção a ele, franzindo a testa ao ver seu cotovelo pingando sangue no limiar. E, então, empurrou Simão.

— Precisa sair!

— Mas... eu não posso ouvir?

— Não! Esse é um lugar santo!

— Por favor!

— Vai embora! Vai!

O homem empurrou Simão de volta pela cortina e limpou o chão, enquanto o sacerdote continuava a falar. Simão ouviu do lado de fora.

"Pois tu destruíste o jugo que os oprimia, a canga que estava sobre os seus ombros e a vara de castigo do seu opressor, como no dia da derrota de Midiã. Pois toda bota de guerreiro usada em combate e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, como lenha no fogo."

Simão foi mancando de volta para o alvoroço do mercado, encantado com o que ouvira sobre o Messias. Desviou os olhos do fariseu que o repreendera e evitou um guarda romano. Ao abrir caminho entre a multidão, um viajante enlameado e de feições marcantes aproximou-se dele,

com o rosto sujo riscado de suor. Ele conduzia um jumento carregando uma jovem grávida.

— Com licença, amigo — disse o homem. — Pode me indicar um poço nessa cidade? Minha esposa não bebe nada há muitas horas.

Simão assentiu.

— Ali, do outro lado da praça.

— Obrigado, irmão.

No momento em que o homem puxou o jumento, Simão conseguiu enxergar melhor a mulher, com a barriga enorme por causa da criança e visivelmente sofrendo.

— Espere, espere um pouco. Aqui, pegue. — Simão entregou ao homem o seu próprio odre de água.

— Obrigado pela gentileza — disse o homem, entregando o odre para a mulher. Ela bebeu com avidez.

— Vocês estão vindo de onde? — disse Simão.

— De Nazaré, na Galileia.

Simão olhou ao redor e sussurrou:

— Não diga isso em voz alta aqui. Dizem que nada de bom pode vir de...

— Sei o que eles dizem de Nazaré — disse o homem, sorrindo.

— Não se preocupe, não vou dizer a ninguém. Seu segredo está a salvo.

— Obrigado pela gentileza — disse o nazareno, e sua esposa sorriu timidamente.

Simão estendeu a mão para cumprimentar o homem e apresentou-se.

Contudo, antes que o homem pudesse responder, o fariseu aproximou-se, gritando:

— Saiam do caminho!

— Temos que ir — disse o homem, e sua mulher devolveu o odre de água assim que partiram.

Levando o cordeiro para fora do mercado, Simão ainda podia ouvir a voz fraca do sacerdote: "Fortaleçam as mãos cansadas, firmem os joelhos vacilantes; digam aos desanimados de coração: 'Sejam fortes, não temam! Seu Deus virá, virá com vingança; com divina retribuição virá para salvá-los'".

O sol pairava baixo no horizonte quando Simão iniciou a longa caminhada de volta para a colina onde estava o resto das ovelhas, na esperança de que os seus patrões perdoassem-no. Já estaria escuro quando

ele chegasse, e o seu estômago doía de fome. Apesar disso, Simão tinha ficado animado com o que o sacerdote lera. Conduzindo o cordeiro defeituoso, ele recordava o restante da passagem do profeta Isaías, recitando: "Então os olhos dos cegos se abrirão e os ouvidos dos surdos se destaparão. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria. Águas irromperão no ermo e riachos no deserto. A areia abrasadora se tornará um lago; a terra seca, fontes borbulhantes. Nos antros onde outrora havia chacais, crescerão a relva, o junco e o papiro".

•••

Em meio à densa escuridão, Simão chegou à colina onde as ovelhas passavam a noite. Jorão, Natã e Arão estavam sentados em volta de uma pequena fogueira, desfrutando a refeição noturna. Eles riam, relembrando o encontro no mercado. Arão disse:

— Ele vai ver só. Da próxima vez, vou limpar minhas mãos na túnica dele, e ele não vai nem perceber!

Natã gesticulou com um pedaço de pão.

— O fariseu é tão avarento que escreve o testamento e se nomeia como herdeiro!

— E depois ainda reclama que ganhou pouco! — disse Arão.

Jorão virou-se quando Simão apareceu na luz da fogueira. O local também estava iluminado por lampiões que pendiam da tenda.

— Uhul! Finalmente, ele voltou!

— Oi, Simão — disse Natã.

— Fique aí com as ovelhas! — gritou Jorão.

— Ele é inútil — disse Arão. — Por que o mantém por aqui?

— Ele é um bom garoto — Jorão encolheu os ombros. — Deve estar com fome.

— Arão fez a comida hoje — disse Natã. — Então não há nada para comer!

Vendo Jorão rir, Arão respondeu:

— A comida está boa. É receita da minha avó, então me deixem em paz!

— Talvez seu avô tenha morrido disso — disse Jorão. Natã riu.

Exausto, Simão devolveu o cordeiro à sua mãe e ficou observando os dois acomodarem-se na grama. Quando começou a subir a colina de novo em direção aos demais, percebeu que o seu tornozelo estava ainda pior. Mal conseguia andar. Os três mais velhos ainda estavam relembrando os acontecimentos do dia.

— Queria que aquela mulher não tivesse ido embora do poço — disse Natã.

Arão concordou, meio distante:

— Ela era linda.

— Linda, muito linda — disse Jorão.

Simão apoiou-se na muleta.

— Posso jantar agora?

— Não com a gente — Arão balançou a cabeça. — Leve seu prato para lá — e apontou de volta para o rebanho.

— Depois do que aconteceu hoje de manhã — disse Jorão —, vai ser você que vai dormir com as ovelhas essa noite.

— E presta atenção dessa vez — disse Arão.

Jorão apontou para Simão.

— Tenha cuidado com os lobos.

Natã sacudiu um pedaço de pão na palma da mão.

— E cuidado com o fariseu. Ele pode ir atrás de você.

Simão pegou uma tocha e segurou-a no fogo até ela acender-se.

— Um romano levou outra ovelha ontem — Arão contou aos demais.

Simão saiu discretamente com o seu prato, mas Natã gritou:

— Simão! Eles estão falando sobre os romanos de novo.

— Ele cozinhou a ovelha bem na minha frente! — disse Arão. — Os romanos pegam tudo o que querem!

Jorão balançou a cabeça.

— Vamos falar de outro assunto.

Simão seguiu com dificuldade por uma encosta coberta de grama alta em direção a um riacho. Agora ele estava ofegante, e cada passo exigia mais esforço dele. Simão nunca se sentira tão solitário. Colocou seu prato em cima de uma pedra e caminhou dolorosamente pela margem enlameada do riacho, fincando a sua tocha na lama e inclinando-se lentamente a fim de mergulhar seu braço ferido na corrente, lavando-o com cuidado. Lá em

cima, os outros três ficaram em silêncio, e tudo o que ele ouvia era o som que faziam ao mexer no fogo com os seus cajados.

Simão colocou a sua muleta de lado e escorregou para baixo a fim de sentar-se perto do seu prato. Cansado, ele esforçava-se para não chorar. A sua ferida fazia-o sentir-se impuro, e ele estava cansado demais para comer. Com a sua tocha iluminando a água, Simão ficou surpreso em ver que ela estava escura. À luz do dia, o riacho costumava ficar claro.

De repente, o vento parou, e as ovelhas, pássaros e insetos ficaram em silêncio. Quando o vento voltou a soprar, as ovelhas estavam em pé. Árvores balançavam, folhas agitavam-se, e a tocha de Simão apagou-se. Ele olhou de relance para a colina onde Jorão, Natã e Arão colocavam-se de pé, cobrindo-se com as suas túnicas por causa do vento. A fogueira e os lampiões apagaram-se, e os três sumiram de vista... até que o céu encheu-se de uma luz mais forte do que o sol do meio-dia. Os homens caíram de joelhos, Jorão colocou o rosto no chão sujo, e Natã e Arão olharam boquiabertos e com olhos arregalados.

Um anjo apareceu no meio deles, cercado de uma luz que Simão só podia descrever como sendo a própria glória de Deus. Ele não conseguia mexer-se. O anjo disse: "Não tenham medo. Estou trazendo boas-novas de grande alegria para vocês, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor".

"Estou sonhando", Simão disse consigo mesmo. "Estou sonhando. Não pode ser! Hoje? Na minha época!"

O anjo continuou: "Isto servirá de sinal para vocês: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura".

De repente, uma grande multidão do exército celestial apareceu com o anjo, louvando a Deus e dizendo: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens, a quem ele concede o seu favor".

Tão rápido quanto apareceram, os anjos foram embora. Simão colocou-se de pé e ouviu os seus companheiros rindo como crianças. Simão entendeu que, assim como ele, eles iriam correr de volta para Belém o mais rápido que pudessem.

Simão fincou a muleta no chão, deu um impulso para subir do riacho até a colina e começou a correr. Ele parecia ter esquecido o seu tornozelo ferido, correndo como teria feito se estivesse bom. E, quanto mais ele corria, mais os pedaços do seu curativo esfarrapado caíam, até que o seu pé esquerdo

estava descalço. Pouco tempo depois, ele largou a muleta e sentiu como se estivesse voando para a cidade.

O que os outros deviam estar pensando? Ele certamente os incomodara há dias com a sua fascinação pelas profecias antigas e as suas perguntas aos fariseus. E mais do que isso, o que eles iriam dizer do fato de serem incapazes de acompanhá-lo? Simão atrasara-os por tanto tempo.

Seria verdade? O que o anjo quis dizer com "deitado numa manjedoura"? O Messias? O rei?

Simão olhou para trás, onde Jorão, Natã e Arão corriam, mas estavam bem atrás dele. Tal como ele, eles ficaram paralisados de medo, mas agora gritavam, berravam e riam. Se aquilo era pura imaginação de Simão, então eles faziam parte da sua fantasia. Será que ele desejara e esperara por isso por tantos anos que agora estava inventando todas essas coisas na sua mente? Os profetas não falavam há centenas de anos, e agora anjos apareciam com essas notícias?

Simão não sentia dor, nem cansaço, nem mesmo estava ofegante de correr pelo caminho, dos campos para a estrada e passando pelo poço, com versículos da Escritura vindo à sua mente, provenientes de incontáveis horas de leitura, estudo e memorização. "Por isso o Senhor mesmo dará a vocês um sinal: a virgem ficará grávida, dará à luz um filho."

Mas numa manjedoura? Onde? Em que lugar?

Simão desacelerou e parou à vista de um pequeno estábulo, onde animais pastavam do lado de dentro e de fora. Com certeza, não podia ser ali.

Mas, mesmo assim, o lugar brilhava lá de dentro enquanto tudo ao redor estava na escuridão.

Capítulo 3

TODOS PRECISAM SABER

Olhando pela porta do estábulo, Simão viu um homem lá dentro erguendo um bebê chorando. Era o viajante, aquele a quem Simão dera água no mercado! Simão ficou paralisado, enquanto o homem, com o rosto radiante, envolvia o bebê em panos, assim como o anjo dissera.

A mulher que bebeu do seu odre de água estava carregando o Messias!

Jorão passou por Simão e empurrou-o para o lado, e Arão e Natã vinham logo atrás dele. Simão fora o primeiro a chegar, mas agora seria o último a entrar. Jorão abriu a porta, e, quando os quatro pastores entraram, o homem entregou o bebê para a mãe e olhou para eles, com as mãos para cima, aterrorizado. A esposa parecia exausta, com o cabelo embaraçado de tanto suar, porém aliviada.

Jorão logo contou a história do anúncio do anjo e do exército celestial. Quando o homem viu Simão atrás dos outros, seu rosto suavizou-se, e ele deu as boas-vindas a todos. Sua esposa saudou-os com um sorriso, e os pastores lentamente se ajoelharam diante da nova família.

O homem pegou novamente o bebê, que agora dormia, e mostrou-o aos pastores. Jorão estendeu as mãos para pegá-lo, mas o homem olhou para Simão e entregou o bebê a ele. Os demais olharam maravilhados, de olhos arregalados.

Simão ficou sem palavras. O bebê era leve como uma pluma comparado a um cordeiro. Será que ele estava realmente segurando o Cristo, o Senhor?

Era muito para absorver. Os seus olhos ficaram arregalados.

— Ele é lindo! — disse Jorão.

O tempo parecia ter parado. Olhando para o bebê, Simão mal notou que os seus companheiros conversavam com os pais, que se apresentaram como José e Maria, de Nazaré. Os pastores ofereceram ajuda, dizendo que poderiam encontrar um alojamento mais apropriado para eles. Mas o viajante e a sua mulher hesitaram, insistindo que estavam bem.

Se permitissem, Simão poderia segurar o Cristo por horas. Quem iria acreditar? Ele nem conseguiria convencer a sua própria família! Mas queria contar ao mundo inteiro.

Ainda de joelhos, os outros olharam para ele como que dizendo que era hora de compartilhar o privilégio com eles, mas Simão só entregaria o bebê se os pais insistissem.

Por fim, Arão disse:

— Bem, precisamos contar a alguém.

Natã levantou-se.

— Precisamos contar a *todos*!

— Sim, a todo o mundo! — disse Jorão.

— Sim, sim, obrigado! — disse Simão.

Eles saíram correndo, deixando Simão embalar o bebê com ternura. Esse pequeno e precioso embrulho iria libertar Israel dos seus opressores. Simão sussurrou para José:

— Nós esperamos há muito tempo! Há muito!

Simão devolveu aos pais o bebê, que logo começou a agitar-se novamente. José entregou-o a Maria, e ela percebeu o ferimento no braço de Simão:

— Está ferido — ela disse.

— Ah, sim, eu vou ficar bem.

Maria desembrulhou um pedaço dos panos do bebê e entregou-o a José, que o deu a Simão. Ele segurou uma ponta nos dentes e logo cobriu o ferimento.

— E qual vai ser o nome dele? — perguntou Simão.

Maria olhou para José e disse:

— Jesus.

— Vamos chamá-lo de Jesus — disse José.

— Eu preciso ir — disse Simão. — As pessoas têm que saber. Elas têm que saber.

José concordou:

— Sim, elas têm que saber.

•••

Simão foi correndo para o mercado, com mais escrituras ecoando na sua mente. *Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão desde agora e para sempre.*

Ao chegar ao mercado, Jorão, Natã e Arão já haviam causado tamanho tumulto que as pessoas da cidade estavam à porta das suas casas. Os pastores agarravam todos que viam — romanos, líderes religiosos, qualquer pessoa — e narravam a sua história sobre o anjo, o exército celestial e o encontro com o bebê, o Messias.

— O bebê, o menino Cristo, está deitado numa manjedoura! — gritou Arão.

— Em um estábulo! — disse Natã. — Os anjos nos disseram onde iríamos encontrá-lo, e nós o encontramos!

Os pastores não conseguiam conter-se e nem esperar respostas. Um deles chegou a abordar o homem que expulsou Simão da sinagoga, mas o homem afastou-se, claramente convicto de que aqueles homens estavam loucos.

— Eu disse que é o Messias! — Jorão gritou.

Simão foi para o meio da praça. Natã afastou-se de uma pessoa e, com um grande sorriso, abraçou-o, puxando-o para perto.

— Você tinha razão! — ele disse. — Você tinha razão o tempo todo!

Natã soltou-o para contar a história a outras pessoas, e Simão viu-se cara a cara com o fariseu que encontrara de manhã:

— Você! — disse o líder, apontando o dedo para o rosto de Simão. — Eu lhe disse que não voltasse aqui! E então, onde está? Já encontrou o cordeiro imaculado para o meu sacrifício?

Simão parou com os olhos brilhando. A verdade mudou o seu semblante. E ele começou a sorrir lentamente.

PARTE 2

EU TE CHAMEI PELO NOME

Quando você atravessar as águas, eu estarei com você; quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão.

Quando você andar através do fogo, não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas. Pois eu sou o Senhor, o seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador [...].

Sou eu, eu mesmo, aquele que apaga suas transgressões, por amor de mim, e que não se lembra mais de seus pecados.
ISAÍAS 43.2-3,25 (NVI)

Capítulo 4

POSSUÍDA

Dois anos depois

Acampamento dos beduínos

Fora da pequena cidade de Magdala, iluminada à luz de tochas e aninhada entre os montes, Anouk, um homem forte e moreno, estava sentado em frente à tenda da sua família nas primeiras horas da manhã. Murmurando um pouco, ele acendeu uma pequena fogueira.

No entanto, o seu murmúrio logo se tornou uma tosse e, quanto mais ele tentava contê-la por causa da sua família que dormia, pior ela ficava. A sua filha de cinco anos, Maria, apareceu na entrada da tenda, descalça e segurando uma boneca rústica que ele fizera para ela.

— Aba?[1]

— Você devia estar dormindo — disse Anouk, lamentando que a sua tosse a despertara.

— Não consigo dormir — disse ela, de um jeito que ele teve pena.

Anouk estendeu a mão para ela.

— Sente-se. Sente-se — e puxou-a para o seu colo. — Está com dor de cabeça de novo?

— Não.

— Já sei, está pensando na estrela grande e nova? Olhe, ela está ali! Está vendo? — ele apontou.

— Não.
— Por que não consegue dormir?
— Estou com medo.
— Do quê?
— Eu não sei.

•••

Era verdade. A pequena Maria não sabia. Ela amava o frescor da noite, quando a temperatura caía abaixo de trinta e sete graus, e ela não ficava com a roupa encharcada de suor. Acontece que Maria era uma criança que tinha medo: medo de leões, lobos, chacais, guepardos e até de hienas listradas. Ela nunca tinha encontrado nenhum desses animais, mas tinha ouvido sobre eles e visto-os à distância, e ela sabia que eles estavam lá fora.

Maria também se sentia ameaçada por algo que ela não conhecia. Algo dentro dela causava-lhe dor de cabeça, não a deixando dormir. Mas essa noite não era isso. Essa noite ela estava preocupada com a tosse do seu pai.

•••

Anouk puxou Maria mais para perto e segurou-a firme. Ela era muito nova para estar tão preocupada. Talvez ele e os outros homens do acampamento devessem prestar mais atenção a quem estava ao alcance da sua voz quando discutiam a ameaça dos animais selvagens naquela região.

— Diga-me, o que nós fazemos quando estamos com medo?
— Dizemos as palavras.
Anouk fez que sim:
— As palavras de Adonai. Do profeta...
— Isaías — ela respondeu.
— Do profeta Isaías, isso — ele assentiu. — "Mas agora, assim diz o Senhor, aquEle que o criou, ó Jacó, aquEle que o formou, ó Israel: Não tema." — Anouk acariciou a mão da filha. — Vamos lá, quero ouvir você dizer. Quero ouvir sua linda voz.
— "Não tema, pois eu o resgatei; eu o chamei pelo nome, você é meu."
— "Você é meu." Isso mesmo — e gentilmente beijou a sua bochecha.

•••

Cidade de Cafarnaum, vinte e oito anos depois

Uma mulher já nos seus trinta e poucos anos sentou-se na cama de repente, olhando ao seu redor conforme a forte luz do sol da manhã invadia o quarto. Ela respirou profundamente, como se tivesse emergido do fundo do mar. Seus olhos moveram-se rapidamente, e ela levantou-se para olhar um espelho na parede. Seu rosto tingido estava coberto de uma espessa camada de suor.

Será que tinha sido só um sonho ela ver seu pai confortando-a tantos anos atrás? Ela tocou a sua bochecha no local em que ele há muito tempo a beijara e só então percebeu que a palma da sua mão estava suja de sangue. As unhas das suas mãos estavam quebradas.

"O que aconteceu comigo?" Ela examinou a sua túnica rasgada e encharcada de sangue e ouviu um homem gritar do lado de fora:

— Socorro! Alguém me ajude!

Ela olhou pela cortina para o mercado, barraca após barraca, onde multidões de todas as etnias barganhavam em línguas estrangeiras.

O homem abriu caminho, derrubando mercadorias e apontando para a sua casa:

— Ela tentou me matar! Alguém... alguém... alguém!

O mercado parou, e todos ficaram olhando. Para onde quer que olhassem, as pessoas afastavam-se daquele homem louco. Uma mãe levou o filho embora. Clientes e comerciantes xingavam-no.

Um grande soldado romano pegou o homem pelo ombro, mas logo recuou com a mão cheia de sangue:

— Seu cachorro imundo!

O homem agarrou o guarda e olhou no fundo dos seus olhos:

— Demônios! E eles vivem dentro dela.

Confusa e envergonhada, a mulher voltou para o seu quarto sujo na taverna de Rivka, sem lembrar-se de nada do que acontecera. Ela já fora acusada disso antes, apesar de nunca ter sido uma mulher da noite. Ela sabia por que a confundiam com uma delas: porque elas eram comuns no Distrito Vermelho. E as pessoas falavam dos seus momentos de crise. Ela não era

mais a pequena Maria do acampamento do deserto, próximo de Magdala; já fazia anos que se escondera atrás do nome Lilith.

Ela sempre fora boa em cuidar do cabelo de outras mulheres. Agora, no entanto, se sentia suja, doente, incapaz de ser contratada. Ela conseguia um pequeno sustento mendigando e recolhendo restos. Ela arrumava o cabelo de Rivka em troca daquele pequeno lugar entre os habitantes locais. O que quer que ela tivesse feito ao homem — ou que os demônios tentaram fazer por meio dela —, não tinha a menor dúvida de que era verdade.

---

[1] **N. do T.:** "Aba" significa "pai" em hebraico.

Capítulo 5

PROFESSOR DOS PROFESSORES

À fraca luz antes do amanhecer, escravos conduziam uma luxuosa carruagem por um caminho esburacado da Judeia para Cafarnaum. Dentro dela, Nicodemos orava em silêncio com a sua bela esposa, Zohara, sentada à sua frente. Adornado com dezoito vestes ostentosas, ele tinha a barba aparada e salpicada de pó de ouro, o que o identificava como um dos principais fariseus do Sinédrio de Jerusalém. Recentemente, ele começara a ficar cansado de todos os adereços da sua posição. Na verdade, era por causa disso que ele estava orando, silenciosamente pedindo perdão pelas vezes em que se alegrara com a bajulação dos fariseus mais jovens e com o respeito das multidões.

Nicodemos tinha de confessar que, no passado, aquela mesma viagem — a sua estadia anual em Cafarnaum, a fim de ensinar na sinagoga e na escola rabínica — tinha-se revelado uma pedra de tropeço para a sua humildade. E ele não queria que isso acontecesse de novo. Ele sabia que os seus anfitriões ali iriam adulá-lo e oferecer a ele e a Zohara acomodações suntuosas. Nicodemos não queria ser arrogante nem desprezar tudo aquilo, pois esse tratamento era apropriado para alguém da sua posição. Mesmo assim, ele desejava ser piedoso como era quando jovem, anos atrás, quando fora eleito pela própria grande assembleia para fazer parte do Sinédrio. Muitos dos seus

colegas relaxavam com as suas disciplinas espirituais uma vez que alcançavam aquele ápice, deixando a sua posição e a sua reputação substituírem o verdadeiro relacionamento com o divino. "Senhor, livre-me desse orgulho", orou ele em silêncio.

— Parem! — um escravo gritou, e logo apareceu na janela de Nicodemos. — Perdoe-me, rabino...

Zohara repreendeu o escravo por não perceber que Nicodemos estava orando; no entanto, ao voltar a sua atenção para ela, ele rapidamente desviou o olhar, como se a tivesse visto no banho. Zohara imediatamente cobriu a cabeça.

— Mulher... em frente!

Cinco legionários romanos a cavalo aproximaram-se a todo galope. O cavalo à frente levava um homem jovem numa túnica imaculada, com um elmo imperial que contrastava fortemente com as vestimentas dos demais soldados. Os escravos ficaram parados com a cabeça curvada, enquanto o homem desceu do cavalo e os outros quatro legionários apareceram para manter a guarda.

— Por que nos parou, senhor? — perguntou Nicodemos ao jovem oficial.

— Talvez para cumprimentá-lo.

— Estou em missão oficial — disse o fariseu.

— Somente as missões romanas são missões oficiais — disse o homem, visivelmente satisfeito consigo mesmo. — Meu nome é Quintus. Sou o pretor de Cafarnaum.

— E eu sou...

— Você é o grande Nicodemos. As notícias se espalham rápido.

— O senhor vai me prender?

Quintus riu:

— Não, meu amigo. Eu sou um magistrado, não sou um militar. Eu sirvo à vontade do povo. E de Pilatos.

— E eu somente a Deus.

— Sim, sim. Assim como seus inimigos, os saduceus. Os essênios. Os zelotes. Pregadores desgarrados no nada, delirando sobre a vinda de um messias. Todos disputando o amor do povo.

Nicodemos já ouvira o bastante:

— O que quer, senhor Quintus?

— Acredito que os impostos não estão sendo pagos. Se você me ajudar, eu ajudarei os fariseus a continuar... prosperando.

— Como eu poderia? As pessoas já estão se afundando em impostos.

— Diga-me, Nicodemos, o que é que pode ficar debaixo d'água e nunca se afogar?

Que tipo de pergunta era aquela? Nicodemos franziu a testa:

— Um peixe?

Capítulo 7

O DISTRITO VERMELHO

Estudantes rabínicos vestidos de branco animadamente cercavam Nicodemos, o respeitado convidado da escola hebraica, que viera diretamente do Sinédrio em Jerusalém e seria o orador de destaque daquele dia. Atrás deles, vestidos de preto, estavam os seus professores e, entre eles, o rabino chefe da escola, um protegido de longa data de Nicodemos, Shemuel. Com a tranquilidade e confiança pertinentes à sua posição, Nicodemos começou a dizer:

— Pois bem, falando honestamente, estou sempre ansioso pela minha visita anual a Cafarnaum e ao seu lindo mar da Galileia. Ele realmente causa inveja no reino.

Os alunos e professores aplaudiram, como que enfeitiçados.

— Até meus filhos eram apaixonados por ele. Eles nadavam o dia todo, brincavam na areia e observavam as pessoas. Até que um dia eu disse: "Vocês gostam tanto desse lugar, então por que nunca entram no mar quando visitamos seus avós em nossa cidade?". Meu filho respondeu: "Pai, nunca tem ninguém lá. O mar está morto!".

Ao ver seu amado público rindo, Nicodemos inclinou-se e mudou o tom de voz:

— E o mar de vocês possui os peixes mais deliciosos! Mas que pena que os que praticam a pesca de verdade são profanos, sórdidos, dados a jogar em locais secretos e pescam até no Shabbat — então fez uma pausa. — Será que

podemos comer os peixes sem sermos manchados pelos pecados do pescador?

— Não se enganem. É pecado comer um peixe pescado no Shabbat. O que entra no corpo de um homem o contamina. Por que os nossos irmãos judeus colocam o barco na água no Shabbat?

Nicodemos deixou os jovens paralisados e em silêncio:

— Eu lhes garanto que o Messias não virá até que essa perversidade seja purgada de nosso meio — Nicodemos olhou para eles, mas a maioria desviou o olhar. — Suas ações estão sendo observadas e estudadas. Deus confiou a vocês a tarefa de serem exemplares em tudo. Agora, se a sua posição é um fardo pesado demais para vocês, então não merecem carregar o nome de Israel.

O fariseu sempre ficara encantado com a sua capacidade de falar ao mesmo tempo em que pensava em outras coisas. Parecia que a sua mente sempre girava em torno de pensamentos sobre a vinda do Messias. Fazia anos que Nicodemos perguntava-se por que os seus colegas do Sinédrio falavam cada vez menos dessa tão sagrada e — a seu ver — emocionante de todas as profecias. Será que eles não deviam vigiar e esperar pelo Messias? Talvez os anos de silêncio celestial tivessem tornado os seus colegas insensíveis a essa expectativa. Tudo o que eles faziam era exaltar a si mesmos.

•••

Quando Nicodemos terminou o seu discurso, Shemuel e seu aluno Yusef correram para uma câmara ornamentada, que era a próxima parada do seu convidado de honra. Dois escravos estavam ocupados em lustrar objetos de ouro e de couro, além de uma magnífica mesa de bronze que estava diante de algo que parecia mais um trono do que uma simples cadeira.

— Eu quero ver o meu reflexo nisso claro como o dia — disse Shemuel aos escravos. — Esse professor viajou todo o caminho da Judeia até aqui. Ele é membro do Grande Sinédrio de Jerusalém, e eu não quero que ele se sente em uma mesa opaca.

Ao ver seu aluno encher um cálice de vinho, Shemuel disse:

— Yusef, arrume o seu talit.

O jovem rapidamente ajustou o seu xale de oração e, em seguida, viu a agitação no corredor:

— Aí vem ele!

Shemuel disse aos escravos:

— Saiam! Vão e chamem os outros! — eles apressaram-se, e Shemuel arrumou a sua túnica, saindo para dar as boas-vindas a Nicodemos, que estava cercado de uma multidão de alunos e professores.

Shemuel inclinou-se, radiante:

— Professor! O senhor tocou a todos nós!

Nicodemos saudou-o sem maiores distinções:

— Shemuel.

Desapontado, Shemuel apontou para a sala da Torá com outra reverência.

— O senhor nos daria a honra, rabino?

— Se for aí que você guarda as sardinhas brancas...

Shemuel ficou chocado e voltou-se para Yusef:

— Bem, eu... nós... com certeza nós poderíamos conseguir...

— Era só uma brincadeira, Shemuel — disse Nicodemos.

Shemuel sorriu como um prisioneiro culpado sendo inocentado.

O servo de Nicodemos avançou para a cortina e segurou-a aberta para que entrasse. No lugar dos escravos, apareceram mais estudantes rigorosamente alinhados, como se esperassem uma inspeção:

— Uma boa sala da Torá é o coração de uma sinagoga digna, Shemuel — disse Nicodemos.

— Obrigado, professor de Israel. O senhor nos concede uma grande honra.

O servo dirigiu-se para trás do assento de honra, e Nicodemos sentou-se:

— A honra é minha. Não apenas por seus alunos brilhantes, mas também pela alma desta cidade. Você ouviu meu discurso?

— É claro — disse Shemuel. — Suas palavras irão ecoar por gerações.

— O senhor foi brilhante — disse Yusef.

— Que eu me lembre, perguntei para fins retóricos: "Por que os judeus estão levando seus barcos para o mar no Shabbat?". Essa pergunta era para você, rabino Shemuel. Os relatos estão ficando frequentes demais para ser ignorados.

Pálido, Shemuel assentiu:

— É claro, rabino. Nós... *eu* irei controlar melhor esse assunto. Os romanos acreditam que não trabalhamos no Sabbath, então não fazem a patrulha. Creio que os pescadores foram tomados de ganânc...

— Ou só estão tentando alimentar as suas famílias — disse Yusef.

Shemuel encarou Yusef com um olhar ácido, como se ele tivesse blasfemado. Contudo, eles foram interrompidos por outro fariseu que apareceu à porta:

— Com seu perdão, rabino. Tem um centurião aqui. Ele exige falar com o senhor.

— Por favor, diga a ele que temos um convidado de honra — disse Shemuel —, e não podemos ser interrompidos!

O guarda romano empurrou o fariseu:

— Eu não posso esperar — disse ele.

Shemuel olhou para o céu:

— Ah, Messias, venha rápido.

O guarda retirou o seu elmo e deu uma olhada ao redor, assobiando:

— Impressionante. Parece que não somos os únicos a cobrar impostos do povo.

— O que o senhor quer, comandante? — disse Nicodemos.

— Não sou comandante, mas pelo menos você sabe o seu lugar.

— Este é Nicodemos — disse Shemuel. — Professor dos professores! Mostre o devido respeito!

— Aah! É exatamente o homem que eu queria ver. Estou aqui por causa de uma mulher judia no Distrito Vermelho. Vamos dizer apenas que ela vem causando problemas.

— O senhor tem uma legião romana inteira à sua disposição! — disse Shemuel.

— Obrigado por me lembrar, judeu. Mas o que ela precisa é de um homem santo.

— Nós somos homens de Deus — disse Nicodemos. — Não é nosso costume frequentar o Distrito Vermelho.

— Talvez eu não tenha sido claro, professor dos professores. Ou você me acompanha até o Distrito Vermelho ou iremos queimá-lo com nosso fogo dos fogos.

Capítulo 8

O POSTO DE COLETA DE IMPOSTOS

O condutor de Mateus parou:

— Psiu. É aqui que você desce.

Mateus levantou a lona, e o seu semblante descaiu:

— Espere aí, estamos do lado mais distante do mercado!

— Saia!

— Não.

— Não?

— Esse é o seu trabalho! Você me leva para que eu não tenha que atravessar o mercado!

— O mercado está lotado! Saia!

— Eu posso pagar o dobro.

— O dinheiro não vai tirar a mancha que eu e minha família vamos ter se eu for visto com você. Saia!

Mateus levantou-se e sacudiu o pó da sua roupa:

— Isso não é nada profissional.

— Então me demita — disse o homem, indo embora apressadamente.

Mateus passou rapidamente pelo meio do mercado, de cabeça baixa e contando os passos que dava:

— Cobrador de impostos! — alguém gritou.

— Lá está ele!

— Estou vendo!

Alguém cuspiu.

— Traidor!

— Você devia ter vergonha!

Mateus sentiu todos os olhares voltarem-se para ele, mas não parou de andar. Alguém puxou a sua túnica, e ele quase caiu — era um mendigo cego e estava segurando com força:

— Por favor, solte — disse Mateus.

— Você é o Messias? Você é o Messias?

— Não! Não sou.

— Por favor, me diga quando Ele vem! Por favor!

Mateus conseguiu soltar a sua túnica e rapidamente deu a volta numa esquina, suspirando aliviado. Uma fila de umas doze pessoas separava-o do seu posto de coleta. O grupo heterogêneo olhava para ele atentamente, com manchas escuras nos olhos. Alguns seguravam crianças descalças pela mão. Vestidos de roupas esfarrapadas, eles exalavam pobreza e opressão.

Sentindo que estava no centro das atenções, Mateus ficou parado, esperando o seu guarda romano. Quando o guarda finalmente chegou, Mateus disse:

— Está atrasado, Gaius.

Calvo e de feições aguçadas, Gaius sorriu, e Mateus pôde ver que ele deliciava-se com a ideia de vê-lo parado ali fora, sozinho e exposto:

— Você percebeu? — disse Gaius.

— Percebi o quê?

— O mercado está pegando fogo. Todos estão no limite. Só é preciso que uma pessoa perca a cabeça, e você será...

— Apenas faça o seu trabalho.

— Vá esperando — disse Gaius, rindo baixinho.

Ele pegou uma chave e destrancou o posto de coleta, deixando Mateus entrar e trancando a porta de novo, para a própria segurança do cobrador de impostos.

•••

Enquanto isso, outro guarda romano guiava Nicodemos, Shemuel e Yusef na descida de uma viela apertada, atrás de uma taverna de tijolos, de dois andares, que parecia já ter visto dias melhores. O guarda sorriu maldosamente ao ver a evidente repugnância de Nicodemos. O líder fariseu só conhecia esse distrito de ouvir falar e tinha de admitir que a sua imaginação não chegava nem aos pés da triste realidade.

Vendedores ambulantes ofereciam as suas mercadorias em ruas cobertas de lixo, o que fazia Nicodemos desejar ter perdido o olfato. Prostitutas sinistras — tanto mulheres como homens jovens — acenavam nas sombras para os que passavam por ali. Outro guarda tentava esfregar com toda a força um muro onde estava escrito: "O MESSIAS VAI DESTRUIR OS ROMANOS".

"Isso não seria bom?", pensou Nicodemos. "Se ao menos ele estivesse aqui agora para me poupar disso...".

O romano parou do lado de fora de uma taverna:

— É ali, subindo a escada — ele apontou. — Ao lado da taverna de Rivka.

O fariseu fez uma careta só de pensar em ter de entrar em tal profundeza do inferno.

O guarda falou:

— Não se preocupe, rabino. Já colocamos para fora todos os outros imorais a fim de proteger sua sensibilidade delicada.

Nicodemos deu um pulo ao ouvir um grito não humano, vindo de uma janela lá em cima:

— Não! Não!

— O que *é* aquilo? — disse Shemuel, horrorizado.

Nicodemos pensava aceleradamente. Se aquele som não era de uma possessão demoníaca, então ele não sabia o que era. Ele havia visto um exorcismo no passado e, embora tivessem-lhe ensinado as particularidades, Nicodemos esperara que aquilo fosse o mais perto que ele chegaria de tal espetáculo.

"Como é possível que eu possa combater esse mal?"

Mas os olhares de todos pareciam estar concentrados nele.

— Eu preciso de materiais. Shemuel! Enxofre, urtigas... hum... hissopo e absinto. Vá!

— Sim, professor — ele disse e desapareceu com Yusef.

— Pois bem — disse o guarda —, faça o seu trabalho.

Nicodemos preparou-se e encarou o guarda. Era tudo o que ele podia fazer para não gritar.

— Preste bastante atenção: eu concordei com o que Quintus *pediu* em relação a parar com a pesca no Shabbat, algo que já fazia parte de nossa lei e não seria uma violação da minha prática. Aquilo não foi uma *exigência*, porque ele não deveria exigir nada de mim. E vou tentar ajudar essa mulher, mesmo que isso esteja além da minha alçada. Mas não pense que eu sou uma ferramenta para resolver os problemas de Roma. Eu *não* vou continuar a usar minha posição de influência religiosa em benefício de pessoas que desprezam o meu povo, seja você ou até mesmo alguém como Quintus! Então, eu *vou* executar essa tarefa, mas quero que isso fique bem claro para os seus superiores: Essa é uma exceção!

O guarda olhou distraidamente:

— Podemos subir agora?

— Sim! — disse Nicodemos, juntando cada pingo de coragem fingida que conseguia encontrar.

Capítulo 9

O PESCADOR LUTADOR

Arredores de Cafarnaum

Um jovem robusto contorcia-se no chão cercado por outros vinte, que torciam ou vaiavam conforme o seu dinheiro trocava de mão. Em cima dele, estava um homem mais alto do que ele.

— Fique aí mesmo, Simão! — disse o homem. — Coma poeira se sabe o que é bom para você!

Tentando sair do seu estado zonzo, Simão rolou para o lado a fim de conseguir ver seu irmão, André, que assistia junto com os outros. Os dois eram inseparáveis desde bem pequenos. Nessa época, seu falecido pai, Jonas, levava-os para pescar até serem grandes o suficiente para conseguir ajudá-lo. Eles aprenderam o ofício do seu pai observando tudo o que ele fazia e moravam à beira do mar da Galileia desde aquela época.

Os dois conseguiam comunicar-se sem palavras, como muitos irmãos próximos aprendem a fazer. André discretamente apontou para o oponente de Simão, que avançava. Com um enorme esforço, Simão pôs-se de joelhos, mas recebeu um soco e foi lançado novamente no chão, caindo com estrondo. Seu oponente gemeu e sacudiu o punho dolorido. Metade dos espectadores animou-se, e mais dinheiro passou de mão em mão, para lá e para cá.

— Já chega, Jeosafá — Simão desconversou. — Você é muito forte.

— É isso mesmo! — rugiu Jeosafá. — É o que eu digo toda vez que o vejo — e virou-se para a multidão. — É o que eu digo para a minha *irmã*!

Os demais riam animados.

Simão olhou para o seu irmão de novo:

— Eu juro, eu só aguento talvez dois...

André balançou a cabeça.

— Um?

Seu irmão fez que sim.

— Eu só aguento mais um soco! Mais um e já chega.

A multidão entrou em polvorosa. Alguém gritou:

— Ele disse que não aguenta mais!

Outros gritaram:

— Não!

E mais apostas mudaram para Jeosafá, que deu as costas para Simão a fim de animar a multidão.

Habilmente, Simão levantou-se com um pulo.

— Jeosa...?

O homem virou-se, mas, antes de conseguir levantar as mãos, Simão deu um forte soco de direita no seu rosto. E depois um de esquerda.

— O que é que você estava dizendo? Era algo sobre a sua irmã? — e continuou dando dois socos no estômago de Jeosafá. — Você acha que, se bater com força o bastante em mim, não vou ficar casado com a Éden? — e colocou a mão esquerda na cintura de Jeosafá, fazendo-o cair. — É por isso que me chamam de "Mãos de Vinho", por causa do que eu faço com o seu fígado.

Ao ver o seu cunhado tentando levantar-se, Simão agachou-se e sussurrou no seu ouvido:

— Não quero fazer isso, Jeosafá. Podemos parar de brigar toda semana, por favor? Sei que você nunca confiou em mim, mas amo a sua irmã mais do que tudo.

Apoiado nas mãos e nos joelhos, ofegante, Jeosafá disse:

— Vou parar de brigar com você.

— Vai mesmo?

— Mas meu irmão não.

— Seu irmão? — Simão virou-se e levou um soco de esquerda no nariz, que pôs fim à luta. Ao cair de costas, ele viu André entregando o dinheiro

que tinham.

•••

Meia hora depois, Simão e André estavam na praia do mar da Galileia, com o seu barco ancorado ali perto. Simão andava para lá e para cá, olhando para o céu e segurando um pano no seu nariz sangrando. André sentou-se na areia, parecendo deprimido.

— Vamos, diga-me onde é que está escrita essa regra, André? Hein? Responda.

André balançou a cabeça e murmurou:

— Eu sou tão idiota.

— Como é que um duplo nocaute vale se foi dois contra um? Foi uma regra inventada.

— Inventada ou escrita em pedra, quem se importa? O fato é que nós dois perdemos. E eu sabia que não devia ter feito isso.

— Não, não — disse Simão, sentando-se ao lado de André. — A culpa foi minha. Eu convenci você a fazer isso.

Eles ficaram em silêncio, ouvindo o barulho suave das ondas.

Por fim, André disse:

— Mãos de Vinho?

Simão encolheu os ombros.

— Na minha cabeça, parecia algo inteligente a se dizer — e então mudou de assunto. — Está chegando o dia de pagar o imposto.

— Uhum.

— Será daqui a dois dias: tem o Shabbat e depois...

— Eu já entendi, Simão. Obrigado. Mas nós podemos perder o barco.

— O que você vai fazer? — disse Simão.

— Eu não sei. Não há o que fazer.

De repente, Simão ficou de pé. Ele iria salvar o barco.

— Aonde você vai? — perguntou André.

— Trabalhar.

— Trabalhar? Daqui a uma hora é o Shabbat.

— Os fariseus abrem uma exceção se a vida de uma pessoa estiver em jogo — disse Simão, desamarrando o barco.

— Não tem ninguém com a vida em jogo!

— Não agora, mas em breve vai ter — ele olhou para André. — O que foi? Vai contar isso para o seu amigo comedor de insetos? — André havia ficado encantado com um pregador maluco no deserto, que falava com convicção sobre a vinda do Messias. O homem era motivo de piada, vestido de pele de animais e sobrevivendo à base de mel e gafanhotos.

André respirou fundo e jogou as mãos para cima. Ele foi ajudar Simão com o barco, mas foi impedido por Simão.

— Eu vou sozinho. Não vou forçar você a fazer isso.

— E a Éden?

— Essa noite ela vai ficar na casa da *ima* dela.[1]

— Você é louco, sabia? — disse André.

— Sou nada. Só estou desesperado.

---

[1] **N. do T.:** "Ima" é o mesmo que "mãe" em hebraico.

Capítulo 10

UM ENCONTRO PROFANO

— Há quanto tempo ela está assim? — Nicodemos perguntou a Rivka, cujo rosto trazia as marcas de uma vida difícil.

Visivelmente incomodada com toda aquela atenção por parte dos romanos e agora de um fariseu, ela respondeu:

— Assim como?

Nicodemos mal conseguia controlar a sua fúria.

— Eu estou tentando ajudá-la, Rivka.

— Tudo o que vai fazer é bagunçar esse lugar. E depois? Você vai ficar e ajudar a limpar a bagunça, rabino?

— Os demônios que atormentam a alma dela transformarão esse lugar em pó! Se você não se importa com a alma dela, pelo menos...

— Lilith nunca machucou ninguém que não a machucou primeiro... na maioria das vezes — Rivka pareceu triste. — Ela tem esses ataques. Mas nós a deixamos em paz e logo ela volta a ser um anjo de candura... — Rivka virou-se ao ouvir mais barulhos animalescos escada acima. E, então, algo se quebrou. — Mas que droga, Lili! — Rivka amoleceu e olhou para Nicodemos. — Você consegue pôr um fim nisso?

O fariseu gostaria muito de poder garantir que sim, mas a verdade é que ele não tinha certeza e preferia estar em qualquer lugar, menos ali. Mas agora aquilo era a sua responsabilidade.

Centuriões usaram um aríete para arrombar a porta e rapidamente recuaram para deixar Nicodemos entrar. Ele aproximou-se lentamente, balançando um recipiente de onde saía fumaça de incenso. Shemuel e Yusef ficaram na porta, olhando intensamente para dentro.

Nicodemos arriscou-se a entrar, sentindo que estava sendo engolido pelo quarto, cuja única luz era a dos raios de sol. O local estava arruinado, com as paredes manchadas e a cama revirada, e tudo que podia ser quebrado estava espalhado em pedaços. Como foi que o exorcismo tornou-se parte dos seus deveres? Geralmente, quando usava aquelas roupas refinadas, ele era bem recebido, respeitado, reverenciado, adorado. Mas agora parecia que ele havia entrado no Inferno.

Nicodemos sabia que a mulher possuída, Lilith, estava ali em algum lugar. Ele podia sentir. Chacoalhando a corrente do incensário, ele reunia forças para tentar produzir um tom de autoridade, mas a sua voz saía monótona, mal disfarçando o seu pavor.

— Eu te esconjuro pelos benditos anjos Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel e Raziel! Eu te esconjuro, ó dragão amaldiçoado e legiões diabólicas! Sai agora!

A mulher ofegou, e Nicodemos viu alguma coisa mexer-se numa pilha de roupa de cama. Ali estava Lilith, em posição fetal, frágil, porém ameaçadora, contorcendo-se e suando, com o seu longo cabelo desgrenhado.

Tudo o que Nicodemos podia fazer era prosseguir:

— Eu te esconjuro, cria de Belzebu, Abadom e Sheol! Pela declaração dos observadores e dos sagrados...

Os gemidos de Lilith eram roucos e baixos.

Nicodemos falou em voz alta:

— ... pelo nome de Adonai, Deus dos céus, pare de enganar esta criatura humana! — ele avançou com cuidado, e agora a fumaça estava no rosto dela. — Eu te ordeno, em aliança com Abraão e com os nomes de Jacó, Isaque, Moisés e o todo-poderoso El Shaddai...

Lilith contorceu-se, murmurando e gemendo.

Persistente e encorajado, ele terminou com um grito:

— Saia dessa alma inocente!

Lilith urrou de forma sobrenatural e desumana e sacudiu-se. Por fim, ficou parada.

Nicodemos avançou com cuidado, estendendo a mão, até que ela virou-se e encarou-o com um olhar frio e consciente. Os seus olhos de superioridade não paravam de encará-lo. Ela parecia estar se divertindo, como se estivesse brincando com ele. No seu rosto torturado, havia uma estranha beleza exótica, mas a sua voz parecia a de muitos homens falando ao mesmo tempo:

— Nós não temos medo de você.

Nicodemos ficou paralisado:

— Você não tem poder aqui, professor.

No fundo do seu ser, Nicodemos sabia que aquilo era verdade. Ele não tinha mais nada a oferecer e apressou-se a voltar para a porta:

— Nós terminamos aqui — ele disse e cambaleou, passando por Shemuel e Yusef.

Os olhares horrorizados dos dois ao ver a mulher possuída tornaram-se penosos olhares de surpresa e decepção.

Capítulo 11

ESTOICO

Na manhã do Shabbat, Simão caminhava exausto e com dificuldade, atravessando o gueto da classe operária no extremo leste de Cafarnaum. Sentindo que estava chamando a atenção por estar carregando um balde de madeira, ele cumprimentou timidamente os vizinhos vestidos com roupas de ir à sinagoga.

Quando finalmente chegou a sua casa, entrou o mais silenciosamente possível e lavou os pés, imaginando se era possível que Éden ainda estivesse dormindo. Mas não teve essa sorte. Ela apareceu do nada, com o rosto fechado:

— Simão!

— Ah! — disse ele sorridente. — Olá, meu amor.

Parada, com os braços cruzados, ela disse:

— Não me venha com "olá, meu amor". Por que você bateu no Jeosafá?

— O quê?

— Meu próprio irmão!

— Foi ele que *me* atacou! De novo!

— Ele precisa saber que o marido da esposa é forte. Mas o André não tinha o direito de atacar o Ibraim pelas costas!

— De onde você tirou tudo isso?

Éden gargalhou.

— Dos meus irmãos. Eles são contadores de histórias fantásticos.

— Contadores de histórias fantásticas. Sim, eles são.

— Eles deram tantos detalhes. Você deve ter dado uma surra mesmo neles.

— Bom, eu estava indo bem... até o Ibraim surgir do nada. O André e eu perdemos muito dinheiro.

— Ah, não! Eles não deviam ter trapaceado assim quando você também estava trapaceando!

— Tudo bem, tudo bem — disse Simão, sentando-se numa mesa baixa. — Perdão por dizer isso, mas a sua família...

— Não!

— O quê?

— Não, não diga que minha família tem problemas na cabeça, Simão.

— Tá bom — ele disse, sorrindo.

— Somos animados — ela disse, indo em direção a ele. — E divertidos. — Ela segurou o seu rosto. — Você é estoico e determinado — E sentou-se no colo dele.

— Acha que eu sou estoico?

— Bom, comparado a mim, sim... Juntos, somos a perfeição.

Isso Simão não tinha como discutir. Ele a beijou.

— Estoico, é? Nunca ouvi isso, mas gostei. Você e eu. Fogo e água.

— Uhum — ela disse. — Gosto disso.

— E então, como foi o jantar de Shabbat na casa da sua *ima*?

— O jantar foi ótimo. E a sua pescaria?

— O quê?

— A pescaria de ontem. Boas notícias?

— Ah, até que sim — disse ele. — Consegui pegar alguns peixes. Mas podiam ter sido maiores.

— Ótimo! Vamos à sinagoga. E, por favor, troque-se... ainda está cheirando mal.

A cabeça de Simão estava em outro lugar. Bem que ele podia ter conseguido pegar peixes maiores.

Capítulo 12

A BONECA DE MADEIRA

Distrito Vermelho

Lilith estava deitada, dormindo como uma pedra numa viela próxima à taverna de Rivka.

No seu sonho, ela era criança em Magdala de novo, aconchegada no colo do pai:

— O que nós fazemos quando estamos com medo? — ele disse.

— Dizemos as palavras.

— As palavras de Adonai. "Mas agora assim diz o Senhor, aquEle que o criou, ó Jacó, aquEle que o formou, ó Israel: 'Não tema...'"

Ela podia ficar ali para sempre, no calor do seu abraço. Amada. Segura.

Mas aí Lilith acordou com um susto, totalmente desanimada. Como as coisas haviam chegado ao ponto de hoje? Ela estava coberta de sujeira e de sangue da cabeça aos pés, e mesmo assim as pessoas que passavam por ali nem sequer olhavam para ela. Elas sabiam quem ela era. Elas achavam que sabiam *o que* ela era. Fazendo um esforço para sentar-se, ela encostou-se numa parede. Será que tinha tido outro dos seus ataques? Como ela podia aguentar mais um dia daquele jeito?

Lilith ficou em pé e esperou a tontura passar. Cambaleou lentamente em meio à multidão, só chamando a atenção ao chegar perto demais da barraca de um vendedor.

— Vai para lá! — ele gritou.

Ela finalmente chegou à taverna de Rivka e começou a subir lentamente até o seu quarto. Ela parou ao ver a porta do seu quarto arrombada. Ficou com um suspiro preso na garganta. Essa era a sua vida. Aonde mais ela podia ir? Lilith abriu a porta. Ela não se lembrava do que causara aquele caos. Abriu caminho entre os escombros até a bacia, que ficava embaixo do espelho na parede, porém mal conseguia suportar olhar para si mesma. Mergulhou um pano na água e passou no rosto. Ela precisaria fazer bem mais do que isso.

Lilith esfregou e esfregou o rosto até que o sangue e a sujeira saíssem, deixando aparecer a sua pele cor de azeite. Lá embaixo, na entrada, alguém tossiu com força, transportando-a de volta à sua infância e ao problema do seu pai. Ela estava no quarto dele, segurando a boneca que ele fizera para ela, e sua mãe estava atrás dela, com as mãos nos seus ombros.

Anouk parou de tossir. A pequena Maria sussurrou:

— Aba?

E, então, alguém puxou o lençol do seu pai, cobrindo o rosto dele.

Lilith rompeu em lágrimas e virou-se a fim de encontrar o que sobrara da boneca. Ela ajoelhou-se para pegá-la — a madeira ficara desgastada e lisa com o passar do tempo — e abriu a cabeça dela, dentro da qual estava um pequeno pedaço de pergaminho enrolado. Chorando, ela rapidamente desenrolou o pequeno pedaço de pergaminho e leu pausadamente o que estava escrito em voz alta:

— "Assim diz o Senhor, aquEle que o criou, ó Jacó, aquEle que o formou, ó Israel: 'Não tema...'"

Não tema? Foi isso que disse o Senhor, que me criou? O mesmo que levou meu pai! E minha mãe!"

No entanto, outra memória veio à mente de Lilith. O seu pai tinha estado doente e fraco por tanto tempo que, quando morreu, Maria — como ela era conhecida naquela época — e sua mãe perderam as suas terras. Apesar de mais tarde ela ter descoberto que as terras ocupavam menos de dez quilômetros, para uma menina pequena, aquelas terras pareciam ser um caminho interminável, que ia das planícies de Magdala até a vila de pescadores em Cafarnaum. Maria carregava apenas a sua boneca e, por mais que quisesse ser carregada no colo da sua mãe, a mulher já estava

sobrecarregada com uma trouxa com as suas roupas, alguns itens domésticos e uns poucos pertences pessoais.

Mas o que mais aterrorizava Maria era o fato de que a sua mãe estava doente. Aparentemente, ela desgastara-se, ficando magra e fraca por ter tido que assumir as responsabilidades do seu marido, além das suas. A caminhada até Cafarnaum fez com que ela ficasse mancando por vários dias, inclusive enquanto procurava um alojamento e um emprego na vila dos pescadores. Tudo que ela conseguiu encontrar foi um serviço doméstico no distrito rico, onde deram a ela e a Maria uma pequena cabana para servos, pagando a elas umas poucas moedas de baixo valor e um pouco da comida que sobrava das refeições do seu senhor.

Quando Maria chegou à adolescência, sua mãe estava bem mais envelhecida do que devia estar na sua idade, além de estar incapaz de trabalhar. Maria assumiu as tarefas dela a fim de que elas não perdessem o seu alojamento, mas o senhor pagava-lhe menos ainda, apesar de Maria já ser maior de idade. Ela agora era uma bela jovem e descobriu que os homens olhavam-na de um jeito diferente, de um jeito que nunca tinham olhado antes.

Um dia, quando fazia compras no mercado para o seu senhor, Maria teve de suportar um soldado romano olhando para ela com malícia. Assustada, ela saiu correndo. No entanto, quando teve de ir ao mercado de novo, ela não conseguiu escapar das investidas dele. Até hoje, muitos anos depois, ela ainda era atormentada pela lembrança do soldado romano empurrando-a para dentro de um pequeno quarto longe da viela e forçando-a. A roupa e o elmo vermelhos dele passavam rapidamente pela sua mente.

Ela não teve coragem de contar o que tinha acontecido nem mesmo para a sua mãe, até que a mulher morreu poucos meses depois. Maria tinha bons motivos para evitar ir ao mercado, o que fez com que ela fosse demitida. Verdade ou não, ela sentia como se todos a olhassem e soubessem que ela fora violentada. Se um dia ela sonhara em casar-se e ter uma família, o sonho agora se fora. Forçando-se a procurar trabalho e um lugar para morar, por fim ela chegou ao Distrito Vermelho e à taverna de Rivka.

Desesperada para recomeçar a sua vida, ela apresentou-se à proprietária africana como Lilith e ofereceu-se para aceitar qualquer trabalho em troca de abrigo:

— Sabe o que a maioria das mulheres que vivem aqui faz em troca de dinheiro, não sabe, Lilith? — disse Rivka.

— Não faço ideia.

— Não mesmo. Minha clientela ia adorar poder escolhê-la, mas eu não faria isso com você. Você não passa de uma criança. E o fogo em seus olhos me assusta.

Os seus olhos também a assustavam, tanto que "Lilith" não se olhava mais no espelho, se pudesse evitar. E, além disso, ela não podia contar a Rivka sobre os seus ataques, quando algo ou alguém dentro dela fazia-a gritar e convulsionar:

— Não tem por que ter medo de mim — disse Lilith a Rivka.

— Espero que não. Quem arruma seu cabelo?

— Eu mesma.

— Você consegue fazer isso no meu cabelo?

— Posso tentar.

— Há muitas mulheres aqui que também precisam desse serviço — disse Rivka. — Isso deve valer um quarto pequeno e alguma comida, mas não muita.

Lilith mostrou ser tão boa com o cabelo de outras mulheres como era com o seu próprio, mas logo percebeu que os clientes — homens — achavam que ela era igual às outras. Então, ela começou a passar a maior parte do tempo evitando e fugindo deles. O tempo todo ela desejava estar trabalhando num dos estabelecimentos cabeleireiros fora do Distrito Vermelho, em vez de trabalhar num quarto sujo próximo do seu quarto insignificante.

Felizmente, Lilith ficou amiga de Rivka e da maioria das mulheres da taverna antes que elas testemunhassem o seu primeiro ataque. Com muita frequência, sentia-se dominada — pelo quê, ela não sabia dizer. Começava com uma leve sensação de angústia, depois vinha uma escuridão, e geralmente ela apagava. Só depois lhe contavam que ela havia gritado e quebrado coisas, às vezes rosnando e falando com uma voz masculina. Às vezes mais de uma voz ao mesmo tempo.

•••

Lilith começou a soluçar novamente, desesperada para tirar da sua cabeça as imagens do passado. Mas não adiantava nada. Como era possível que o Deus que a formara, que a criara e que lhe dissera para não temer tivesse permitido tudo o que acontecera com ela? Desesperada, ela tentou ler o pergaminho de novo: "Não tema, pois eu o resgatei... resgatei...".

Aquelas palavras não serviam de consolo algum. Lilith sentia-se tudo, menos resgatada. Ela gritou, rasgando o pergaminho em pedaços. Exausta, já não aguentava mais ficar no quarto. Depois de limpar-se, vestiu uma roupa um pouco menos suja, enfiou a boneca de madeira numa bolsa e saiu. Ao chegar a uma porta escondida numa rua sem saída, ela silenciosamente bateu algumas vezes, como se fosse um código. Quando a porta abriu-se um pouco, ela sussurrou uma senha e entrou.

Pouco iluminado, o local secreto funcionava como taverna e farmácia, e era conhecido pelos seus frequentadores — na sua maioria, trabalhadores homens — como "O Martelo", por causa de Judas, "O Martelo", Macabeu, um lendário zelote que liderou uma revolta famosa.

Os clientes curvavam-se sobre as suas bebidas e sobre jogos de dados e ossos, em mesas lotadas no andar principal. Tonéis de bebidas, frascos de poções e taças de ervas enchiam uma das paredes.

Solomon, o eunuco africano que estava atrás do balcão, correu até ela. Só de vê-lo, ela percebeu no seu olhar que ele estava chocado com a sua aparência.

— Lili! Você está viva! — e abraçou-a. — Ficamos sabendo que você teve problemas. Venha, sente-se.

— Não posso ficar por muito tempo.

— Eu sei. Por favor, sente-se — ele apontou para um caldeirão borbulhante. — Acabou de chegar do barco de Chipre.

O cheiro era forte. Lilith disse:

— Não, eu não tenho forças para isso.

— Agora venha. É como dizem: "é bem melhor prevenir..." — e encheu um copo de bebida para ela, misturando algumas ervas.

— Não tem como impedir isso, Sol. Não tem cura.

— Vamos lá, Lili...

— Está ficando pior. Ontem eles trouxeram um homem santo, um homem importante... ele veio de Jerusalém. Eu só lembro um pouco, algumas partes e algumas imagens rápidas.

— Um fariseu?

— Um líder dos fariseus. E ele fugiu apavorado.

— Um figurão religioso é tão tolo quanto qualquer outro.

— Não! Eu estou no inferno! — Lilith gritou, fazendo os outros ficarem em silêncio e olharem para ela. Ela encolheu-se.

— Eu sinto muito — disse Sol baixinho, colocando o copo na frente dela. — Por favor... só prove.

Lilith inclinou a cabeça, agradecida, mas ignorou a bebida. Então se lembrou:

— Trouxe uma coisa para você — e entregou a ele a boneca que estava na sua bolsa.

— Você não precisava fazer isso.

— É para o seu sobrinho. Um dos seus sobrinhos.

— Obrigado. Parece que ela foi amada por muito tempo.

— Ela guardava algo valioso. Eu não preciso mais dela.

— Você está começando a me assustar — ele disse.

— Você e todos os outros — ela tomou um gole do copo e fez uma careta. — Ai, é horrível! — Sol riu, e ela abriu um sorriso, mas o seu sorriso logo se transformou em choro quando ela foi agradecer.

Ele analisou-a, enquanto uma lágrima escorria no rosto dela. Será que ela teria coragem de dizer-lhe que chegara ao fim de si mesma? Ela não conseguia mais continuar assim.

— Eu preciso fazer uma coisa — ela mudou de assunto.

Alguém gritou, irritado:

— Eunuco!

Antes de sair para atender o seu cliente, Sol disse a Lilith:

— Agora me escute: você vai beber esse, e o próximo, e vai beber o próximo. E vai ficar aqui até se sentir melhor ou até o inferno chegar. E se chegar, nós o enfrentaremos juntos.

Lilith agradeceu sorrindo e lançou-lhe um olhar longo e afetuoso — um adeus.

— Nem se você fosse meu pior inimigo.

— Eunuco, nós estamos com sede aqui!

— Já vai!

Quando Sol foi embora, Lilith esvaziou o seu copo e saiu apressadamente.

Capítulo 13

SOMENTE O PRÓPRIO DEUS

Casa de convidados de Cafarnaum, fim da tarde

Nicodemos estava sentado, preocupado e assolado por causa do seu fracasso no Distrito Vermelho.

Zohara abriu o guarda-roupa:

— Vamos nos atrasar para o jantar.

Ele respirou fundo, com a mão na testa:

— Eu sei.

— Você fez tudo o que pôde por ela. Agora tente esquecer isso — ela fazia as coisas parecerem ser tão fáceis.

— Nunca poderei esquecer o que vi.

Zohara aproximou-se dele com uma túnica especial e colocou-a nas suas costas.

— Esta noite, você é um convidado de honra. Os líderes esperam que você se apresente e esteja afiado como sempre.

— Por quê? — ele quis saber. — Por que eu devo me apresentar? Primeiro me apresento para Quintus...

— Você ensinou a Lei de Deus...

— ... depois para os soldados! Para os moradores de rua! O que é isso! Que apresentação é essa? Quando foi que o Shabbat virou um teatro?

Zohara voltou para o guarda-roupa:

— Você é um professor de Israel — ela apontou para ele. — Você não tem perguntas, você tem respostas. Você tem autoridade. Você traz clareza, não confusão.

Nicodemos relaxou e olhou para a única pessoa no mundo que ele permitia falar com ele dessa maneira: repreensiva, porém amorosa.

— Venha — ele disse. Ela parou e piscou os olhos. — Venha. — Ela aproximou-se lentamente, e ele apontou para a parede. — Diga-me: o que vê no espelho?

Ela olhou para o espelho, evidentemente só para entretê-lo.

— É um espelho barato. Mal vejo meu reflexo nele.

Nicodemos estava perdido em pensamentos.

— Às vezes, eu me pergunto se o que sabemos sobre Adonai e sobre a Lei é igualmente obscuro. E se não estivermos vendo a imagem completa? E se for mais bonito e... mais estranho... do que podemos imaginar?

O rosto dela anuviou-se enquanto tentava analisá-lo.

— Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi. Pode até ser blasfêmia.

Isso o machucou.

— É só um pensamento — ele disse.

— Um pensamento que você nunca vai falar em público.

Agora ela tinha ido longe demais. Indignado, ele disse:

— Um homem é livre para fazer perguntas no seu coração, Zohara.

— Então guarde isso no seu coração! — os olhos dela suplicavam. — Esse é um compromisso sério. Eles esperam um professor erudito, não esperam um tolo duvidoso e blasfemo.

Nicodemos ocupou-se em colocar um anel. Por fim, ele falou em voz baixa:

— Outras pessoas viram o que aconteceu no Distrito Vermelho.

— O que foi que eles viram? Você chegou à sua posição por mérito. Você tem dedicado sua vida inteira a servir a Deus... não a se tornar Deus.

Ele sabia que aquilo era verdade, mas não conseguia fugir da verdade maior.

— Eu fracassei — ele sussurrou.

— Pare com isso! Em primeiro lugar, ir até lá foi um erro. De agora em diante, atenha-se à academia. Deixe o exorcismo para os exorcistas.

Quanta sabedoria! Foi por isso que ele casara-se com ela tempos atrás.

— Você tem toda a razão. Eu nunca devia ter ido lá.

— Você falou as palavras, o demônio não respondeu.
— *Demônios.* Eram muitos. Somente o próprio Deus poderia tirá-los.
Ela estava à porta, pronta para ir.
— Nico!
— Eu já vou. — E disse para si mesmo — Somente o próprio Deus!

Capítulo 14

DEFESA

Na manhã seguinte

Parado ao lado do seu condutor, Mateus partiu relutante em direção ao seu posto de coleta de impostos. Sozinho, exposto.

Enquanto isso, André enfiou uma pequena bolsa de dinheiro na túnica e foi para o mesmo lugar.

Não muito longe dali, Simão deu uma olhada na sua esposa adormecida antes de sair para acompanhar André.

•••

De volta à escola hebraica, Nicodemos podia ver que os alunos — e os professores — olhavam-no com outros olhos. Eles não se inclinavam mais para a frente, ansiosos por ouvir a sua sabedoria; não, eles pareciam encará-lo com cuidado. Havia, no entanto, uma razão para Nicodemos possuir o título e a posição que tinha: ele era extremamente rigoroso, bem-preparado e enfrentava as controvérsias.

Sem demora, ele disse:

— A primeira coisa que vocês devem estar pensando é que eu nunca deveria ter pisado no Distrito Vermelho. E eu diria que provavelmente vocês estão corretos. Muitas vezes, nós tomamos decisões com pressa em nosso

desejo de corrigir uma alma perdida. Mas... como explicar o que aconteceu quando eu estive lá? Irmãos, quando nós seguimos a Lei de Deus à risca, Deus está vivo através de nós. Concordam, pupilos?

— Sim, rabino.

— E Ele vive através de você, de você e de você... — ele disse isso apontando para os alunos — ... *se* vocês seguirem as leis dEle. Agora, imaginem... se puderem... alguém que seguiu apenas a maldade a vida toda — ele fez uma pausa a fim de deixá-los refletir sobre algo em que não tinham pensado. — Os demônios enraízam-se em almas perversas, como porcos na sujeira. Uma possessão como essa é fatal. E almas como a dela, infelizmente, estão além de toda ajuda humana.

Nicodemos exprimiu um ar de pena e compaixão e logo percebeu que ganhou de volta tanto os alunos como os professores. Eles apoiavam-no mais uma vez e, talvez, até com mais ardor do que antes.

Capítulo 15

O ABISMO

Lilith acordou em meio à imundícia do seu quarto na taverna de Rivka, indisposta — ou melhor, incapaz — de sequer pensar em enfrentar mais um dia. Sem saber quando outro ataque poderia acontecer, ela mal conseguiu olhar-se no espelho. Não tomou banho e nem trocou de roupa. Em vez disso, juntou os pedaços rasgados da Escritura que estava na sua boneca de madeira por tantos anos — a suposta verdade em que o seu pai acreditava de todo o coração.

O que ele iria pensar dela agora? O que ele iria pensar de quem ela era, daquilo que se tornara? Ele sequer iria reconhecê-la. Será que era verdade o que diziam: que, no fundo, ela estava possuída por demônios? Sem dúvida ela era capaz de ser violenta, e as suas vítimas acusavam-na de cortá-las. Será que eram os demônios que causavam as suas dores de cabeça excruciantes?

Quando foi que eles dominaram-na e ficaram bem piores do que os demônios da sua infância? Será que havia sido quando ela amaldiçoou a Deus por causa da morte do seu pai? Ou foi quando a saúde da sua mãe piorou tanto que, mesmo nova, ela teve de cuidar dela? Ou foi quando Maria foi forçada pelo soldado romano? Será que, de alguma forma, ela teve o que merecia? E como era possível que, mesmo antes de ir morar no Distrito Vermelho, todos pareciam saber que ela não era mais uma candidata ao casamento?

Quantas vezes ela havia tentado arrepender-se, mas a única coisa que sentiu foi como se Deus tivesse nojo dela? Como ela queria voltar àquele encanto que tinha na infância ao ouvir as palavras tranquilizadoras do Livro Sagrado!

Mas não. Tudo estava perdido. Lilith não conseguia imaginar um futuro que tivesse um mínimo raio de esperança. Será que ela estava triste? É claro que estava. Triste. Confusa. Atormentada. Sem opções.

— Eu me arrependo! Eu me arrependo! — ela gritou, mas, como sempre, nada mudou. O que mais ela podia dizer ou fazer? Ela podia arrumar o seu quarto e limpar-se, mas para quê? Ela era o que era, e isso era tudo que ela sempre seria.

Ela chorou até ficar exausta e, então, ajoelhou-se, segurando os pedaços da Escritura na mão. Qual seria o jeito mais rápido de acabar com isso, de acabar consigo, de fazer um favor a Sol e a Rivka e aos outros na taverna? Sol poderia preparar uma mistura para conseguir o que ela queria, mas Lilith sabia que ele nunca faria isso. Que ironia um eunuco ser o seu único amigo homem de verdade! Ela devia ser um incômodo para ele.

O que faltava fazer? Que assuntos ela precisava resolver? Ela entregara a Sol a última ligação que tinha com a sua vida antiga, e a única coisa que podia esperar era que aquilo fosse entreter um pouco algum dos seus sobrinhos. Ela tentava imaginar alguma maneira de enfrentar mais um dia, mas não era capaz de suportar nem mesmo aquele quarto, quanto mais de olhar para si mesma. O que tinha de ser feito precisava ser feito agora.

Lilith sabia o que fazer e como fazer. A sua última experiência agradável naquela cidade abandonada por Deus acontecera quando ela tinha metade da sua idade atual, quando havia acabado de chegar ali. Ela ouvira falar sobre a visão espetacular que se podia ter do mar da Galileia olhando de um precipício que ficava quinze metros acima das rochas da enseada. Ela empolgara-se até com a subida, tamanha era a sua vontade de ver aquela grandiosidade — e não se decepcionou.

Daquela vez, o ar estava revigorante, o céu sem nuvens reluzia, e o mar, de um azul profundo, era de tirar o fôlego. Desta vez, ela não iria desfrutar disso tudo como antes, pois não era mais a mesma pessoa. Ela sequer tinha o mesmo nome. Agora, o que a atraía para aquele precipício eram as rochas escarpadas lá embaixo. Elas prometiam um alívio tão bom...

Lilith parou à porta da sua casa. Como era possível que ela tivesse suportado esse inferno na terra sequer por um instante, quanto mais por anos? Quão perto ela — e os seus visitantes — estiveram da morte ali? Como ela odiava cada centímetro daquele lugar! E quanta satisfação ela teria em fechar aquela porta para sempre!

•••

A subida mostrou-se mais traiçoeira e mais difícil do que havia sido quando ela era adolescente. A vida havia cobrado um alto preço do seu corpo, mas Lilith achava isso justo. Além disso, ela achava estranhamente gratificante que o clima também estivesse diferente. Com nuvens encobrindo o horizonte, com certeza a vista não seria nada comparada à da primeira vez.

Quando mais nova, Maria tivera o cuidado de ficar a, pelo menos, quatro metros de distância do precipício. Mas não hoje. Lilith caminhou intencionalmente até o limite do precipício, torcendo para que uma lufada de vento jogasse-a de lá. Ela olhou uma última vez para os pedaços de papel na sua mão e soltou-os. Eles voaram e dançaram na brisa em direção à água.

Embora estivesse chorando e soluçando agora, saber que ela logo iria acompanhá-los proporcionava um senso de conclusão. Ela lamentava a sua vida. Não iria lamentar a sua morte. Lilith fechou os olhos e respirou fundo.

Metade das suas sandálias pendia para fora do precipício, e ela balançava ao vento. Só mais um passo e tudo estaria acabado. Ela inclinou-se para a frente, só que uma sombra cobriu o seu rosto, e ela olhou para ver o que era. Uma pomba bateu as asas acima dela, descendo e subindo. Algo a moveu a acompanhar a pomba com os olhos. A ave voou tranquilamente para trás dela, atraindo-a para longe do precipício, para longe do mar e para longe das rochas.

Capítulo 16

ARRUINADOS

Ao andarem pela cidade em direção ao posto de coleta de impostos, Simão ficou surpreso ao ver o semblante sombrio de André e disse:

— Quanto você confia em mim?

André olhou para ele.

— Eu confiaria minha vida a você.

— Então deixe que *eu* fale com o coletor de impostos.

— Falar com Mateus? Não confio em você tanto assim.

— E se eu dissesse que posso salvar o barco e nos colocar de volta em uma situação boa?

— Sem chance.

— Você nem sabe o que eu vou dizer!

— Não importa — disse André. — É alguma bobagem. E finalmente eu estou pronto para enfrentar isso.

— Você sabe que isso me afeta também. A mim e a Éden.

— Talvez você devesse pensar nisso da próxima vez que quiser folgar por uma semana...

Simão parou e encarou André.

— Isso é bem a sua cara.

— ... ou jogar ossos no Martelo, ou trapacear os seus cunhados em troca de algumas moedas fáceis!

Simão inclinou-se e sussurrou no seu ouvido:

— Eu conheci um homem.

— É mesmo? Uau! Peguem um papiro: o Simão conheceu um homem! — André falou tão alto que atraiu olhares.

Simão fechou a cara e apontou para a praça.

— Está bem, vamos lá entregar nosso sustento. Eu cansei.

— Cansou?

— Até parece — os dois irmãos entraram numa longa fila de pessoas que esperavam para pagar os seus impostos; a maioria parecia nervosa, conferindo os seus documentos ou contando moedas.

Por trás das grades do seu posto, o coletor de impostos inclinava-se sobre o seu livro fiscal. Gaius, o guarda romano, estava bem ali do lado de fora, observando a fila cuidadosamente. Simão ficou em silêncio, determinado a deixar André cuidar de si mesmo, enquanto andavam lentamente em direção a Mateus. Por fim, chegou a vez de André, e Simão foi com ele.

André entregou o seu documento a Mateus, que cuidadosamente o desdobrou e analisou.

— A última vez que você pagou os impostos foi no primeiro mês do verão?

André fez que sim:

— Portanto, sua conta está vencida há... — ele apertou o polegar com os dedos, contando — ... quarenta dias. Com uma multa de dez por cento por semana...

— Seis semanas! — André disse.

Mateus olhava para o documento e para o seu livro fiscal.

— Isso mesmo. Você tem sorte de não estar na cadeia.

André parecia arrasado e virou-se para Simão, sussurrando:

— Ele disse que são sessenta por cento de multa.

— Quanto é que sobra?

— Simão, eu só trouxe sessenta por cento do que devo! Não dá nem para pagar a... estamos arruinados.

Simão sorriu e assentiu com a cabeça:

— Ah, agora somos *nós*?

— É um valor alto — disse Mateus, finalmente olhando para cima. — Digo isso com base no seu histórico de pagamentos e... — ele olhou para Simão, como quem sabe de alguma coisa — ... perspectivas futuras. Como você prefere acertar sua dívida?

André entregou-lhe o seu saco de dinheiro, que pareceu causar repulsa em Mateus. Ele cobriu o nariz com um lenço de pano antes de erguer o objeto.

— Tem joias aqui?

— Apenas prata.

— Ouro?

André inclinou a cabeça. Simão não conseguia aguentar vê-lo daquele jeito. Ele resmungou com Mateus:

— Só abra a bolsa.

— Isso cobre cerca de metade da sua multa — disse Mateus.

— Metade da multa? — disse André.

— Meus registros indicam que você solicitou uma prorrogação não uma vez nem duas...

Então, Simão entrou na conversa:

— Ele só precisava de mais alguns dias.

André sussurrou:

— Estou arruinado.

Mateus prosseguiu:

— Os juros em caso de prorrogação são de quinze por cento — ele correu o dedo pelas entradas do seu livro fiscal. — Como garantia, você listou um barco de pesca e uma propriedade na...

Simão empurrou André para o lado:

— Tudo bem, tudo bem. Desculpe, irmão — e então se dirigiu a Mateus, que ainda estava com o nariz enfiado nos livros. — O que meu irmão não mencionou foi nosso acordo com Quintus.

Aquilo chamou a atenção do guarda e a de Mateus também. Ele finalmente levantou os olhos do livro, como se estivesse vendo Simão pela primeira vez.

— Você tem negócios com Quintus?

Simão assentiu.

— Sim, a dívida do meu irmão e um ano de isenção. Para nós dois.

Mateus pareceu aturdido e cético ao mesmo tempo.

— Isso será verificado diretamente com Quintus. Se houver alguma inconsistência...

— Não vai haver — os dois ficaram cara a cara. — Agora, posso pegar de volta o dinheiro do meu irmão, que não é ouro, cobrador de impostos?

— Isso será verificado com Quintus. Se você estiver mentindo...

— Eu sei, eu sei. Você vai ver.

Mateus usou o lenço de novo para devolver a bolsa. Quando os irmãos afastaram-se do posto, André disse:

— O que foi que aconteceu?

— Não fale nada, apenas ande.

Capítulo 17

O ACORDO

Simão e André estavam sentados, sussurrando em meio à confusão de vozes de pessoas que se divertiam no lotado Martelo. André exigira saber que diabos Simão estava falando na coletoria de impostos.

— A pescaria não foi exatamente como eu tinha planejado naquela noite — disse Simão.

— O que isso tem a ver com...?

— Eu não peguei nada. Rede após rede após rede: todas vazias. Mas fiquei sabendo de uma coisa que explicou por que as redes estavam vazias: uma frota mercante. Com seis barcos. Pescando tudo.

— E o que você fez?

Simão inclinou-se mais para perto e diminuiu a voz:

— Eu os segui. Achei que, talvez, eu fosse conseguir encontrá-los dormindo e pegar uma rede durante a limpeza, mas... não deu certo.

— É claro que não deu certo!

— Estamos vivendo tempos desesperados, sabia? Eu até ancorei o barco e nadei até lá, pensando que, talvez, conseguisse pegar uns restos, mas eles subiram a carga bem na hora. Tudo sincronizado. E tinham carroças puxadas por mulas prontas para partir. Então eu levei o barco para a orla, atraquei e sabe o que aconteceu? Tinha um romano ranhento em pé na praia. Eu mal pude acreditar. Eles nunca se deram ao trabalho de fazer patrulha no Shabbat.

— Não, não, não.

— Sim, sim, sim. Eu nem tentei fugir.

— Fez bem, considerando como você corre.

— Enfim... quando chegou perto de mim, tentei imaginar por que ele estava ali. Eles não se importam com nenhuma das nossas regras. Então eu entendi: eles não recebem impostos porque não reportamos nenhuma pesca no Shabbat. Então, eu disse a ele que, se me levasse até Quintus, eu contaria a eles quem é que estava pescando mais em uma noite do que o homem que eles estavam prendendo pescava em uma semana.

André levantou a mão:

— Espera, espera, espera, espera! Então... você se ofereceu para delatar outros pescadores?

— Não. Pescadores, não... mercadores. E adivinha quem apareceu atrás de mim... adivinha!

André encarou-o, evidentemente não querendo morder a isca:

— Quintus! — disse Simão. — Achei ele bem cuidadoso. Então, sim, nós conversamos, e o que eu disse para o Mateus era verdade.

André balançou a cabeça claramente indignado.

— Eu não gosto disso. É perigoso.

— Sim, dormir sem um teto também é. Além disso, alguma vez um mercador fez alguma coisa por você?

— Isso não importa. Eles são... — e baixou a voz. — Eles são o nosso povo.

— Nós estamos dando chance para os pescadores menores...

— *Nós?*

— ... estamos colocando todos no mesmo nível. Sim, *nós*!

— *Você* vai ser amaldiçoado se delatá-los. *Nós* não vamos fazer nada.

Simão cansou-se daquilo.

— André — disse ele com ironia —, tudo bem. Mas é bom nós irmos andando se você quiser alcançar o coletor de impostos. Ainda deve dar tempo de sairmos de casa antes que eles a tomem de nós. — Simão ficou em pé abruptamente e saiu pisando com força.

André bateu na mesa e foi atrás dele.

Capítulo 18

RESGATADA

Do lado de fora do Martelo

Mesmo depois de anos de uma existência degradante, Lilith nunca se sentira tão imunda. Seu cabelo formava tufos, e o rosto parecia encrustado de sujeira. Sua túnica de lã já devia ter sido queimada há semanas, quanto mais lavada.

A verdade é que ela estava numa situação pior do que quando estivera no precipício. Ela continuava incomodada com o fato de não ter conseguido ir até o fim com aquele plano e estava determinada a voltar ao penhasco — dessa vez sem hesitar. Nada de memórias, nada de contemplação. Era só correr até a extremidade do precipício e pronto.

Mas os olhos dela estavam fixos no céu. Lilith continuava vendo aquela pomba — aquela que parecia tê-la distraído do seu plano e afastado-a dali. Ou será que era apenas a imaginação dela? A pomba — ou alguma outra coisa — parecia guiá-la até agora. Mas guiá-la até O Martelo? Por quê? Um dos poucos rostos simpáticos da sua vida estava ali, mas ela já tinha dado adeus a Sol.

Ela hesitou diante da porta, e um homem saiu dali com pressa. O seu rosto estava fechado, rangendo os dentes. Depois dele, veio outro homem tão parecido com ele que Lilith achou que deviam ser irmãos. O segundo homem trombou com ela e, sem dizer nada, continuou andando. Será que

aqueles homens conseguiam ver o que ela via no céu? Provavelmente não. Lilith temia que, no lugar de inútil, ela tivesse agora se transformado numa louca. Mesmo que encontrasse alguma diversão no Martelo, nada a impediria naquela noite de ir até o penhasco — e até as rochas.

Depois de bater à porta e dizer a senha, ela entrou e foi diretamente ao balcão, onde se sentou e abaixou a cabeça. Sol aproximou-se dela, perguntando se a sua mistura da vez passada trouxera-lhe algum alívio. Ela balançou a cabeça com um choro preso na garganta.

— Eu sinto muito, Lilith.

Um comerciante moreno cambaleou até ela com um copo na mão e olhou-a com malícia:

— Lilith?

Ela olhou para ele. De novo, não.

— O que foi?

— Que tal nós... conversarmos, hein?

Mesmo se ela fosse o que ele achava que ela era, por que raios ele iria querê-la, ainda mais no óbvio estado em que ela estava? Lilith fez uma careta e virou-se para o outro lado.

— Deixe-me em paz.

— E se eu não deixar? Você vai fazer o que, hein? — disse ele, tocando nela. — Vai me cortar também?

Sol falou:

— Vamos, agora não.

— Sol, ela é...

— Agora... não.

O homem hesitou, e Lilith ficou com medo de que ele fosse causar uma confusão, mas ele esvaziou o copo de uma só vez e disse:

— Tudo bem. Ela está fedendo mesmo.

O homem foi embora, andando sem muito equilíbrio. Sol olhou para Lilith com tristeza no olhar e sussurrou:

— Não sei mais o que posso fazer para ajudar você.

Lilith inclinou a cabeça em direção a um jarro de bebida.

— Dê-me aquilo. Um monte daquilo.

— Aquilo não vai resolver seus problemas. Só serve para distrair você deles.

Ela olhou para ele.

— Já chega de sermão. Dê-me e pronto.

— Lilith, por favor. Ouça o que eu estou dizend...

Com lágrimas rolando pelo rosto, ela disse:

— Por favor.

Sol balançou a cabeça com um olhar de pena. Ele respirou fundo, encheu um copo e colocou-o na frente dela. No entanto, antes que ela pudesse pegar o copo, uma mão masculina segurou a dela. Aquele bêbado de novo?

— Eu já disse para me deixar em pa... — mas, quando se virou para ele, ela percebeu que era outra pessoa. Um homem com barba, com uma expressão bondosa e sábia.

Balançando levemente a cabeça, Ele disse:

— Isso não é para você.

Lilith sacudiu a sua mão da dele:

— Não me toque! — então ela contorceu o rosto, segurando a testa com força. — Ah! — Que tormenta! O que... ou quem... dentro dela sentia-se tão repelido por esse homem?

— Lili? — disse Sol. — Lili? Você está bem?

Embora estivesse longe de estar bem, ela massageou a cabeça e disse:

— Sim, eu... — ela ficou em pé e pegou o seu copo. — Eu preciso ir — ela olhou para o estranho, com a mente aturdida. Dessa vez, disse com calma — Deixe-me em paz.

Ela saiu aos tropeços, bebendo um bom gole do seu copo e ainda segurando a cabeça. Na saída, olhou de relance para trás. O homem estava seguindo-a. Esses homens!

— Deixe-me em paz! — Lilith correu para a rua deserta.

Ele a chamou:

— Maria!

Maria? Ela parou, chocada, de costas para Ele, incapaz de mover-se. Como era possível que Ele...? Ninguém em Cafarnaum conhecia o seu verdadeiro nome:

— Maria de Magdala — Ele disse.

Ela parou de respirar e derrubou o copo, que se quebrou em pedaços no chão. Ela lentamente se virou e olhou para Ele. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo. Ele estava olhando para ela de uma forma que ela não via desde a infância: com compaixão.

— Quem é você? — ela disse. — Como sabe meu nome?

Ele calmamente a olhou, como quem sabe de algo. O que era aquilo? *Quem* era Ele? Quem teria contado a Ele sobre ela? Ele disse:

— "Assim diz o Senhor, aquele que a criou..."

Ele sabia até mesmo da passagem que ela havia memorizado quando criança! Será que aquilo era feitiçaria? A cabeça dela parecia prestes a explodir. Se alguma vez ela sentira-se invadida...

— "... Aquele que a formou..."

Aquilo tinha que parar! Ela não conseguia entender o que era e já estava sentindo o começo de um ataque. Será que aquele homem, quem quer que fosse, sabia que poderia ser a sua próxima vítima? Ou vítima do que quer que habitasse dentro dela?

Ele avançou devagar. Ela não conseguia mexer-se. Sua cabeça latejava. Tudo o que havia nela opunha-se àquele homem:

— "... Não tema, pois eu a resgatei..."

Ela ficou cara a cara com Ele, surpresa. Será que Ele estava alegando ser aquEle que a criara? Aquilo era blasfêmia, não era? O que quer que estivesse dentro dela queria atacá-lo, e, apesar disso, apesar de si mesma, ela sentia-se mergulhada em amor:

— "... Eu a chamei pelo nome..."

Sim, Ele certamente a *tinha* chamado pelo nome! Mas como?

Ele estendeu a mão para ela, parecendo enxergar dentro da sua alma:

— "... Você é minha."

Mesmo com fúria na alma, ela não conseguia correr, nem gritar, nem lutar. Era assim que ela costumava sentir-se antes de os seus ataques começarem! Mas ela também ansiava por pertencer a alguém, ansiava por tornar-se "minha" para alguém.

Ele tomou o seu rosto nas mãos, e ela ofegou, quase desmaiando. A revolta que se avultava dentro dela ameaçava-a, como se ele... eles... quisessem destrui-la, como se quisessem matar a ela... e a Ele. Contudo, o estranho gentilmente a puxou para o seu peito e envolveu-a, tornando-a sua. E sussurrou uma ordem para tudo e todos que a haviam possuído:

— Vão embora!

Tudo o que a havia atormentado por tanto tempo saiu jorrando enquanto ela chorava, ficando vazia e exausta... e livre da dor. Os seus joelhos cederam. Flutuando nos braços do seu libertador, ela não era mais Lilith. Nunca fora de verdade. Nunca seria de novo. Apesar da sua sujeira, do seu

mau cheiro e dos seus defeitos, ela sentia-se nova. Totalmente nova. Ela era Maria de novo — amada, perdoada, liberta e resgatada.

PARTE 3

SHABBAT

Capítulo 19

A CADA SETE DIAS

Cerca de mil anos atrás

A cidade fortificada de Quinerete ficava ao sul de Cafarnaum, na orla noroeste do mar da Galileia, na época conhecido como mar de Quinerete. Num acampamento beduíno no vale ali perto, quando o sol começou a pôr-se em uma sexta-feira, uma grande família preparou mesas para o jantar do lado de fora das suas tendas — assim como os seus vizinhos que moravam em tendas de cima a baixo do desfiladeiro. Doze homens — jovens, adultos e idosos — circulavam por ali, enquanto as mulheres ocupavam-se dos últimos preparativos. Duas mesas estavam repletas de pão chalá[1] e vinho. Assim como os demais judeus em toda parte, essas famílias guardariam o Shabbat desde o aparecimento da primeira estrela até que três estrelas aparecessem na noite seguinte.

Uma rebbetzin[2] acendeu lamparinas perto do seu neto de oito anos e do seu marido. O menino apontou para o céu.

— Eu estou vendo uma estrela!

A avó dele sorriu, mas não olhou para cima.

— Eli, você acha que eu nasci ontem para cair em uma dessas?

— Quando você era pequena já existia o Shabbat? — disse Eli.

— Mas é claro! Ele existe desde os tempos da Aliança.

— A cada sete dias? Por que tantos dias, savta?[3]

— O Shabbat é um tempo para descansar — ela lhe disse. — E é um tempo para honrar três coisas: nossa família, nosso povo e Deus.

— Nossa família são a savta e o saba?[4]

Ela virou-se para ele.

— Sim, e você, a sua ima e o seu aba, é claro. Os amigos próximos são como uma família também.

— E quem mais?

— No Shabbat, nós honramos os demais cidadãos como nós.

— Estranhos, savta?

— Somos todos o povo de Deus, inclusive os amigos que ainda não conhecemos. Porém, acima de tudo, nós honramos a Deus e a todas as suas obras. Descansamos porque Ele descansou no sétimo dia. Descansamos para renovar nossas almas a fim de conhecê-lo melhor.

De trás dela, veio uma voz bem conhecida:

— "Uma mulher de valor!" — disse o seu marido, o rabino. — "Quem a pode encontrar?"

O trabalho parou, e a família inteira passou a escutar. A rebbetzin sussurrou para Eli:

— Esse é o Eshet Chayil. Um hino a mulheres de valor.

Seu marido prosseguiu:

— O seu valor excede muito o das joias. O coração do seu esposo confia nela, e benefício não lhe há de faltar.

Eli arregalou os olhos e apontou para o céu de novo:

— Ali!

Enquanto os outros olhavam e murmuravam, a rebbetzin colocou a mão sobre Eli:

— Que Deus o faça como Efraim e Manassés.

Um jovem colocou a mão sobre a cabeça da sua filha:

— Que Deus a faça como Sara, Rebeca, Raquel e Lia.

Todos os homens que estavam ali pronunciaram essas mesmas bênçãos sobre os seus filhos, e os avôs sobre os seus filhos e filhas adultos.

Quando todos se assentaram, o rabino ficou em pé e encheu o seu copo de vinho, passando a jarra para outra pessoa. Assim que a jarra passou pela mão de todos ao redor da mesa, ele citou as Escrituras falando sobre a criação dos céus e da terra ter-se completado no sexto dia e sobre Deus ter

descansado no sétimo dia — abençoando-o e tornando-o santo. Então ele concluiu as suas palavras dizendo:

— Bendito és tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que criou o fruto da videira. Amém.

---

[1] **N. do T.:** O "chalá" é um pão trançado especial que é consumido no Shabbat e nas festas judaicas, exceto na Páscoa.

[2] **N. do T.:** "Rebbetzin" ou "rabbanit" é o título dado à "esposa de um rabino" ou a uma "estudiosa, professora da Torá".

[3] **N. do T.**: "Savta" é o mesmo que "avó" em hebraico.

[4] **N. do T.**: "Saba" significa "avô" em hebraico.

Capítulo 20

RANÚNCULO

Cafarnaum, cerca de 30 d.C.

Mesmo se escondendo por trás do seu falso nome, Lilith, Maria sempre gostara de Rivka — ela via em Rivka um espírito de integridade e de compaixão. É verdade que ela podia ser dura como os Tribulus[1] que os romanos usavam nas batalhas. E era verdade também que as autoridades faziam-lhe vistas grossas, especialmente por quererem manter em segredo as suas idas à taverna. Contudo, Rivka também era ferozmente leal às suas inquilinas e cuidava delas — apesar dos serviços que ofereciam aos seus clientes. Ela sempre procurava saber como Lilith estava e nunca a pressionara a fazer mais do que cuidar de cabelos em troca da sua precária moradia e alguns siclos[2] suficientes para que ela sobrevivesse.

Na manhã seguinte ao seu encontro com o estranho, Maria bateu gentilmente à porta de Rivka:

— Espero que seja uma emergência! — Rivka berrou.

— Ah, não, me desculpe! — disse Maria. — Sou só eu. Posso voltar depois.

— Lilith! — Rivka chamou-a de volta, rapidamente suavizando o tom de voz e escancarando a porta. — Você sabe que é sempre bem-vinda aqui. Eu só estava afastando os intrusos.

Rivka apontou para uma cadeira:

— Bebida? — disse ela.

— Não, obrigada. Não vou ocupar muito o seu tempo. Eu só queria conversar.

Rivka analisou o rosto de Lilith:

— O que aconteceu com você? De alguma forma, você parece estar diferente. Não diria que ficou mais jovem, mas...

— Era sobre isso que eu queria falar com você.

Rivka sentou-se de frente para ela:

— Conte-me...

Maria contou rapidamente a sua história, desde a sua triste infância até a morte dos seus pais, o estupro e tudo o mais.

— Eu já sabia de várias dessas coisas — disse Rivka. — mas não de tudo.

— Você foi tão bondosa em me deixar ficar aqui, mesmo depois que meus ataques começaram a assustar todo o mundo e a afetar seu... negócio.

— Você e eu nunca fomos muito populares — disse Rivka. — Mas não teria sido certo abandonar você nas ruas.

— Eu teria entendido se você tivesse feito isso. E aposto que algumas pessoas teriam gostado.

— Isso eu não posso negar. Mas, a essa altura, você já deve saber que eu raramente faço o que me dizem para fazer. Agora vamos para a parte boa: o que aconteceu com você, Lilith?

— Antes de mais nada, preciso que você me chame pelo meu nome verdadeiro — disse Maria.

Então, ela contou a Rivka toda a história até a noite anterior.

Rivka franziu a testa:

— Você sabe que eu não acredito em possessão demoníaca e tudo o mais. Aquele fariseu que eles fizeram desfilar aqui é uma prova de que tudo isso é um monte de...

— Eu mesma não sabia o que pensar — disse Maria. — Mas a noite passada foi diferente. Se estivesse no meu lugar, você se sentiria diferente em relação a tudo isso.

— Bem, o estranho no Martelo teve algum tipo de impacto sobre você, isso está claro.

— Estranho é mesmo a palavra certa, Rivka. Eu nem sei o nome dEle.

— Isso não é bom, Lil... Maria. Como você vai saber se Ele não é algum tipo de...

— Eu estava tão desconfiada quanto você, mas Ele sabia quem eu era! Ele me chamou pelo nome.

— Mas alguém poderia ter dito isso a Ele...

— Rivka, ninguém sabia meu verdadeiro nome. Ninguém. Se eu fosse contar para alguém, esse alguém teria sido você. Mas Ele fez muito mais do que chamar minha atenção por saber meu nome. Ele me libertou. Eu não me senti apenas limpa, mas também perdoada!

— Cuidado aí. Eu sou a última pessoa que poderiam chamar de religiosa, mas até eu sei que um homem não pode perdoar...

— Estou lhe dizendo como eu me sinto, o que aconteceu comigo. O que quer que estava dentro de mim se foi. Minhas dores de cabeça, aquela agitação, tudo se foi!

Rivka parecia duvidar:

— Não faz nem um dia inteiro desde que isso aconteceu. Deixe-me observar voc...

— Você mesma disse que viu diferença em mim.

— Eu vi, mas...

— Eu imploro, Rivka, não diminua isso.

— Eu não quis fazer isso. Eu só me importo com você e...

— Eu sei.

— Posso pelo menos conhecer esse homem?

— Eu o apresentaria a todos que conheço, mas não faço a menor ideia se vou voltar a vê-lo. Mas, sim, é claro, se eu o vir...

Maria pôs-se em pé para ir embora, e Rivka abraçou-a.

— Você precisa de roupas que combinem com seu novo eu — ela tirou algumas moedas de um copo.

— Ah, não, você...

— Vamos lá, deixe-me fazer isso — disse Rivka, apertando as moedas na mão dela. — Limpe-se. Deixe seu cabelo tão bonito quanto você deixa o de todas as outras. E compre uma túnica e uma capa novas. Quero que você esteja em seu melhor estado quando eu a recomendar para os cabeleireiros perto do mercado.

— Está falando sério?

Rivka riu.

— Eu sempre falo sério.

•••

Três semanas depois

Maria de Magdala atendia as clientes de um salão de beleza bem ao lado do mercado de Cafarnaum, servindo-lhes vinho. A proprietária contratara-a por recomendação de Rivka, certa de que a sua aparência nova e sorridente tornava-a valiosa. E quem sabe um dia ela pudesse ser promovida de ajudante a cabeleireira. Ela ganhara o suficiente para pagar por um pequeno cômodo só dela, fora do Distrito Vermelho.

Maria ficou observando uma aprendiz trançar o cabelo de uma cliente e sussurrou:

— Você é muito boa nisso.

— Maria! — disse a moça, com um sorriso. — Tente você.

— Ah, não! Não, eu não posso...

— Sim! Eu vi você trançar o cabelo da Lia. Você é maravilhosa. Vá em frente.

Maria sorriu timidamente e assumiu a tarefa, muito feliz por dentro. Quando terminou, ela perguntou à aprendiz:

— Como eu me saí?

A aprendiz disse à cliente:

— Eu lhe disse que ela era excelente! É uma pena que apenas o Ananias vai ver. — Maria recolocou o véu cinza claro da mulher, e a aprendiz disse — Sabe o que ia ficar ótimo? Será que temos algumas flores?

Maria gostou muito da ideia.

— Eu vou pegar um ranúnculo. Não se mexa — disse rapidamente à cliente.

Ela saiu correndo em direção ao barulho do mercado alvoroçado, onde mercadores e clientes interrompiam-se uns aos outros, falando em diversas línguas. Na pressa, Maria trombou com algumas pessoas da multidão, pedindo desculpas e continuando a correr. Ela vasculhou a praça em busca da flor de Davi, o resistente ranúnculo que florescia até mesmo naquele clima. Uma flor como aquela ficaria perfeita no cabelo da mulher.

•••

Yusef, aluno de Shemuel — o rabino-chefe da escola hebraica —, entrou no mercado com a sua veste farisaica, andando com firmeza, de cabeça erguida. Tendo de mostrar submissão na presença do seu superior, ele não podia negar que gostava da atenção que recebia no mercado. Assim que o viam, as pessoas ficavam em silêncio e abriam caminho para ele, com as cabeças curvadas. Ele fingia nem perceber.

Mas, naquela hora, outro alguém distraíra as pessoas. Era uma bela mulher que parecia estar com pressa. Ela colheu uma flor amarela e segurou-a por um instante próxima ao nariz, sorrindo. Quando ela voltou para o meio da multidão, ele não conseguiu tirar os olhos dela.

Não era possível, era? Aquela mulher parecia tão familiar! Por fim, Yusef conseguiu vê-la com clareza. Paralisado, ele só conseguia olhar. Era ela! A mulher da taverna, aquela que causara tantos problemas que o próprio Nicodemos fora enviado para tentar libertá-la.

No entanto, ela agora estava reluzente! Parecia anos mais nova. E, apesar de a sua túnica ser simples, o tecido estava branco como a neve. Ela brilhava da cabeça aos pés.

Ele queria falar com ela e perguntar o que acontecera. Ela, no entanto, entrou no salão de beleza, onde as clientes estavam com a cabeça descoberta. Mesmo assim, não havia dúvidas na sua mente. Era Lilith. Yusef saiu apressadamente, incapaz de conter aquela novidade.

---

[1] **N. do T.**: "Tribulus" era o equivalente romano de nosso atual "estrepe", aquela pequena estrela de quatro pontas que os policiais jogam em grande quantidade nas estradas para furar os pneus dos carros de criminosos e impedir a sua fuga.

[2] **N. do T.**: O "siclo" (*shekel*, no hebraico) é uma das antigas unidades de peso e moeda corrente do povo israelita.

Capítulo 21

DOMINUS

Quartel-general da Autoridade Romana, o pretor de Cafarnaum

Como sempre fazia no fim de cada dia de coleta de impostos, Gaius escoltou Mateus — carregado com a sua bolsa, o seu livro fiscal, os documentos e o dinheiro dos impostos — até os degraus cheios de gente que levavam à tesouraria; lá o pequeno detalhista entregava o que coletara. Excepcionalmente naquele dia, Mateus insistiu que Gaius conseguisse para ele uma audiência com o próprio pretor.

— Eu só quero saber se Quintus confirma a história deles! — disse Mateus.

Mais do que preocupado, Gaius estava com medo. Com o elmo enfiado debaixo do braço e a mão oposta no punho da espada, ele estava determinado a tirar aquela ideia absurda da cabeça de Mateus.

— Se aqueles hebreus ratos do mar estiverem mentindo, Quintus irá matá-los e cobrará o imposto deles *de você*!

No entanto, estava claro que Mateus não iria mudar de ideia. Ele continuou insistindo até que ambos chegaram à ornamentada antessala do lado de fora do átrio. Gaius disse a Mateus para esperar enquanto ele abordava um capitão dos centuriões.

— Precisamos falar com Quintus imediatamente — sussurrou Gaius. — É urgente, uma questão de vida ou morte.

Mateus estava inquieto, tentando evitar os outros guardas romanos que o empurravam de maneira bruta ao passar por ele. O capitão lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Cuide do seu cachorro — ele disse a Gaius.

Quando Gaius voltou, Mateus lhe perguntou o que o capitão dissera:

— Ele detesta você tanto quanto eu.

— E...?

Gaius balançou a cabeça:

— Foi uma péssima ideia.

— Gaius, nós precisamos falar com Quintus!

— Ou o quê? Ele não precisa esclarecer nada para você. Aliás, você tem ideia de quem... não, é óbvio que não tem. Que pergunta boba.

— Não tenho ideia do quê?

— De com quem você está lidando!

— Tenho, sim!

— É sério.

— Sim — disse Mateus. — Ele é o supervisor romano da ocupação dessa região, e as suas principais responsabilidades são fazer cumprir a Lei e garantir estabilidade financeira.

— Eu sei quais são as responsabilidades dele! Só não acho que você sabe o que ele é capaz de...

— E se ele tiver feito um acordo com esse tal Simão, então eu tenho informações valiosas para o trabalho dele.

— Por acaso você já viu alguém tomar decisões com base num palpite? — disse Gaius, suando e olhando ao redor como um animal enjaulado.

— Se ele tiver, então eu preciso contar a ele — disse Mateus.

Incrível. Como era possível que aquele rapaz pudesse ser tão ingênuo? Ele teria de aprender do jeito difícil.

— Sim, você precisa contar a ele. Mas preste bem atenção: eu não quero ter que carregar o seu cadáver daqui, então vou esperar do lado de fora pelo seu substituto. Boa sorte!

— Eu não entendi.

— Você é um tolo!

Seis metros abaixo, na entrada, Gaius ouviu Quintus e lentamente se virou para encarar o pretor:

— Um publicano solicita uma audiência? — resplendente no seu uniforme e mastigando uvas bem em frente à sua sala suntuosa, Quintus olhou para Mateus:

— Publicano?

— Sim, dominus — disse Mateus.

— E você é a escolta dele, centurião?

Pego de surpresa, Gaius mal conseguia falar. Ele sussurrou:

— Sim.

Com um sorriso arrogante, Quintus estendeu as mãos.

— Se é assim, aonde você está indo?

Desesperado para inventar alguma desculpa, qualquer que fosse, Gaius tentou dizer hesitante:

— Proteger... a passagem, pretor.

— Aah — disse Quintus, destilando sarcasmo. — Muito bem!

E convidou-os a entrar.

Convencido de que Mateus não iria sobreviver àquilo, Gaius temeu pelo seu próprio futuro quando ambos pisaram no escritório iluminado por velas. Uma das paredes estava coberta por um mural que retratava todo o Império Romano. O capitão com quem Gaius conversara estava parado em pé, atrás de Quintus.

Sentado à sua mesa, Quintus disse:

— Então, um coletor de impostos judeu e a sua escolta exigem falar com o pretor da Judeia. Eles dizem que é urgente, que é uma questão de vida ou morte.

Gaius lamentou ter exagerado o caso para o capitão. A sua carreira estava por um fio.

Quintus prosseguiu:

— Noite passada, eu estava muito agitado e hoje eu estou cansado, então vou direto ao ponto: Por que eu não devo matar vocês dois?

Gaius sabia que aquilo iria acontecer. Suportar aquela situação iria exigir tudo o que ele tinha, quanto mais sair dali vivo. Mateus parecia não perceber nada. Foi então que Quintus apontou para ele.

— Você primeiro.

Gaius suplicou que Mateus fosse inteligente o bastante para apenas pedir perdão ao pretor e sair dali discretamente, mas não. Era evidente que ele pensava que aquela era a sua chance.

— Dominus — ele começou a dizer —, recentemente eu fui abordado por um homem quando estava em meu posto de coleta de impost...

— Mais rápido! — disse Quintus, distraidamente abrindo um pequeno rolo.

— Ele estava inadimplente há vários meses. Para abater aquela dívida significativa...

— Pule para o fim!

— O senhor contratou um homem para espionar os barcos mercantes judeus que pescam no Shabbat a fim de evitar pagar impostos?

Quintus olhou lentamente para cima.

— Sim. Simão. Ele é do seu distrito?

— É, sim.

— As dívidas dele estão perdoadas. Surpresa!

Gaius respirou aliviado e virou-se para ir embora, implorando aos deuses que Mateus fosse sábio o suficiente para fazer o mesmo. Ele queria uma confirmação da alegação de Simão e agora já a tinha. Mas é claro que Mateus queria mais do que aquilo:

— E as dívidas do irmão dele também?

Obviamente, Quintus não podia acreditar que aqueles dois ainda estavam ali:

— O irm...? Sim. Perdoadas. Adeus!

Ninguém iria ignorar aquela dispensa. Gaius curvou-se.

— Obrigado pelo seu tempo, pretor.

— Eu não acho que Simão é confiável! — Mateus disse impensadamente, e Gaius fechou os olhos. Eles quase tinham escapado! Mateus, porém, continuou rapidamente. — Uma vez ele estava inadimplente nos seus impostos e, quando eu tentei resolver a situação, descobri que ele havia gastado uma quantia enorme em jogos de azar na taverna local — Quintus olhou para ele, visivelmente surpreso com a sua audácia. Todavia, Mateus ainda não tinha terminado. — Além disso, com base na sua situação financeira, questiono as ligações de Simão com a classe mercante. Apesar das suas atuais intenções, não acredito que o senhor tenha um entendimento acurado do que ele pode oferecer.

O capitão dos centuriões desembainhou a sua espada e avançou em direção a Mateus, enquanto Gaius caía de joelhos.

— Sinto muito por essa desonra, pretor!

— Faça sua última oração, judeu! — bradou o capitão.

— Espere um instante, capitão — disse Quintus, ainda com os olhos em Mateus. — Está me dizendo que eu fiz um mau negócio?

Ainda de joelhos, Gaius suplicou que Mateus o visse balançar a cabeça. *Não* critique as ações desse homem!

— Sim — disse Mateus.

O silêncio parecia eterno, e Gaius imaginou o seu corpo e o de Mateus sendo esquartejados e lançados para fora do edifício.

Quintus, contudo, explodiu em altas gargalhadas olhando para Mateus. Então, olhou de relance para o capitão.

— De onde foi que ele saiu?

Gaius quis saber o mesmo. Quem é que falava com uma autoridade daquela maneira?

— Daqui — respondeu Mateus. — De Cafarnaum, dominus.

Quintus pareceu estudar Mateus. Por fim, ele disse:

— Meus irmãos em todo o mundo procuram por homens valentes para poupar e recrutar. Contudo, nosso poder impede esses esforços; afinal, que pessoa sã enfrentaria o Império Romano?

— Eu sou são — disse Mateus.

— Sim — disse Quintus, ainda claramente se divertindo. — Mas um tipo muito diferente de são.

— Desculpe, mas não entendo...

Quintus sentou-se atrás da sua mesa. O capitão recuou, colocando a sua espada de volta na bainha, e Gaius pôs-se em pé.

— Então você está dizendo que esse Simão não está no mesmo nível da classe mercante no mar, mas alega que todos eles divertem-se nos mesmos estabelecimentos. É mentira? — perguntou o pretor.

Gaius não podia acreditar que Quintus conversava com Mateus como se este não fosse um lunático.

Mateus disse:

— Receio não estar ciente das interações sociais deles. Mas, mesmo que isso fosse verdade, seria muito incomum que um judeu traísse outro.

— É o que diz um judeu que coleta impostos de outros judeus — disse Quintus.

— Minhas circunstâncias são diferentes, eu...

— Pare, eu admiro isso. Bem, então você não iria se surpreender em saber que, até o momento, Simão não cumpriu o seu dever de descobrir os sonegadores de impostos.

— Ele violou o contrato?

— Ainda não. Mas o tempo pode provar que você está certo, hã... qual é o seu nome?

— Mateus, dominus.

— Pode ser que eu ainda precise dos seus acurados poderes de observação, Mateus... para uma tarefa especial.

— Eu iria ficar encantado com a oportunidade, dominus.

— É claro que iria — disse Quintus, com um sorriso aberto. — Entrarei em contato com você, Mateus de Cafarnaum.

— Obrigado, dominus.

— *Eu* é que agradeço.

Mateus parecia querer dizer mais alguma coisa, mas Gaius agarrou-o e levou-o para fora antes que ele pudesse emitir mais um único som.

Capítulo 22

UM ALÍVIO TEMPORÁRIO

O Martelo

Simão virou-se de costas para o balcão com duas bebidas numa mão e uma na outra e disse a um grupo de mercadores que se divertia com um jogo de ossos:

— Tudo bem, uma rodada para essa mesa! — eles riram e provocaram-no, enquanto ele os divertia. — Tudo o que vocês precisam é se divertir!

— O que você quer com isso? — gritou um homem.

— Será que eu não posso me alegrar com meus irmãos... — ele encolheu os ombros e apontou para um homem de cabelo comprido. — ... e irmãs? Sol, dê uma cidra para o Amós. Ele não aguenta as bebidas boas! Tobias, Jasão, vocês vão precisar disso para afogar as mágoas depois que perderem esse jogo. E você, não sei seu nome, você é novo... mas, uau, hein? Não tenho medo de que você roube nossos peixes, tenho medo de que você roube nossas mulheres! Olha só essa juba... ele parece Absalão, não parece?

Simão tentou a sorte.

— Espero que ele tenha um fim melhor do que o de Absalão! — alguém gritou.

— Fique longe de galhos baixos, meu rapaz — disse Simão.

Jasão riu.

— Fique longe de escadas íngremes, velho.

— Já chega, Sol, nada para o Jasão!

Baruque disse:

— Ah, o que foi que ele fez dessa vez?

— Pergunte à sua esposa! — respondeu Jasão, e o resto gargalhou.

Simão pegou dois copos com Sol e virou-se para ir embora.

— Bebendo sozinho de novo, Simão? — disse alguém.

Simão sorriu e ergueu os copos.

— Vocês, mercadores, precisam do dobro de ajuda no mar, e eu preciso do dobro de ajuda na terra.

Logo entraram os filhos de Zebedeu, um pescador veterano. Um era alto, e o outro, baixo.

— João! — Simão falou cordialmente. — Estou vendo que O Martelo mudou as regras, permitindo a entrada de crianças!

— Vá cair numa rede — João disparou de volta.

— Mas você está aqui com um adulto responsável! Sol, dê uma bebida para o Tiago e o João também!

Simão passou por eles e sentou-se com André numa mesa no canto.

O olhar revoltado de André fuzilou o de Simão.

— O que significa isso?

— O que você quer dizer, irmão?

— A sua cara. Você está feliz?

— Não — disse Simão. — Eu sou bonito. Por um acaso, estou com uma cara feliz.

— Comprando bebidas para os mercadores... você está engordando os seus cordeiros antes do abate?

Simão balançou a cabeça e fingiu estar deprimido.

— Melhor assim?

— Não quero que você fique infeliz — disse André.

— Você está infeliz, então eu também tenho que ficar, não tenho?

André inclinou-se para a frente.

— Quero que você fique sério. Isso não é um jogo.

— Não há nada de errado em desfrutar um pouco de liberdade financeira, um alívio temporário da desgraça.

Um pescador robusto deu uma palmadinha nas costas de Simão:

— Foi uma pena aquele nocaute duplo.

— Obrigado, Hori — disse Simão, tentando diverti-lo.

— Acerte o movimento dos pés, e da próxima vez você vai ver...

— Sim, eu vou treinar. Obrigado, Hori, obrigado.

O pescador finalmente se foi.

André acenou.

— Será um alívio *temporário*.

Simão ficou sério, sussurrando com tenacidade:

— Acredite ou não, eu também não gosto disso. Mas esses homens não são da minha família. Você e a Éden são minha responsabilidade; eles, não. Vocês dois me mantêm acordado à noite; eles, não.

André ficou olhando firmemente para ele.

— E você quer ser rico.

— É. Eu até pensei em tentar a rota sentimental, mas talvez ela não combine muito comigo.

Capítulo 23

AUDIÊNCIA NO SINÉDRIO

Sala da Torá, escola hebraica de Cafarnaum

Nicodemos estava sentado num canto, banhado à luz de seis velas, lendo e fazendo anotações sobre demônios e exorcismo. De repente, o rabino-chefe gritou o seu nome, e ele levou um susto:

— Misericórdia! — disse Nicodemos, rapidamente empilhando os seus documentos, enquanto o homem entrava correndo. — Eu estou estudando! Quer dizer, estava!

— Peço desculpas, rabino!

— O que foi que é tão urgente, Shemuel?

— Os juízes de nosso Sinédrio me mandaram buscar o senhor.

Ah, não! Será que alguém havia-lhes contado sobre o seu fracasso com aquela mulher, Lilith?

— O próprio Av Beit Din solicita sua presença — disse Shemuel, com os olhos arregalados.

Nicodemos tentou absorver as notícias. Av Beit Din! O chefe da corte, segundo principal membro do Sinédrio, atrás apenas do Nasi? A sua mente voltou ao passado. Depois de décadas de serviço, construindo uma reputação cristalina — será que tudo poderia terminar ali, naquela pequena cidade? O que o Sinédrio de Cafarnaum poderia dizer ao Grande Sinédrio de Jerusalém?

— Deus é bom! — acrescentou Shemuel.

Como ele poderia considerar aquilo uma boa notícia?

— O que aconteceu? — perguntou Nicodemos, mas Shemuel parecia abalado demais para responder.

Temendo o que pudesse acontecer, Nicodemos decidiu enfrentar aquilo de cabeça erguida. Ele saiu apressadamente e pegou um atalho no quarteirão até o local onde se reunia o conselho de juízes de Cafarnaum. Shemuel seguia-o de perto, acompanhado de outros dois rabinos. Nicodemos não conseguia entender por que eles pareciam tão animados.

Ele entrou no conselho e deparou-se com seis juízes sentados em meia-lua com Yusef — o aluno rabínico de Shemuel — ajoelhado diante do líder. Será que ele havia reportado o fiasco de Nicodemos?

— Rabino Nicodemos do Grande Sinédrio, estamos imensamente honrados com sua presença.

— A honra é minha, Av Beit Din — disse Nicodemos, olhando-o rapidamente e tentando entender o que estava acontecendo. — Tenho a impressão de que se trata de uma questão de certa... urgência?

— Estamos considerando um inquérito formal...

Então era isso, ele fora descoberto. Todavia, Nicodemos não iria renunciar a uma vida inteira de serviço a Deus tão facilmente.

— Quais são as acusações?

O Av Beit Din pareceu perplexo.

— O qu...? Um milagre, rabino dos rabinos! — ele apontou para Yusef. — O testemunho deste homem é claro, o seu relato é miraculoso. A mulher do Distrito Vermelho em quem você realizou os ritos — ele ergueu as mãos. — Ela está restaurada!

Quase sem fala, Nicodemos olhou para Shemuel, depois para Yusef:

— Você a viu?

— Sim, professor — disse Yusef, claramente emocionado. — Ela estava perfeitamente restaurada e radiante...

— Espere!

— ... no salão de beleza, no mercado.

Aquela era a última coisa que Nicodemos esperava, e ele estava convencido de que não era verdade. Ele passou do medo à fúria.

— Homens não são permitidos em salões de beleza!

— Sim, é claro; eu não entrei, ela tinha saído de lá para buscar alguma coisa. Eu achei que meus olhos estavam me enganando, então a segui até ter certeza. E não há dúvida!

— Professor — disse Shemuel —, foi um sucesso! Eu disse ao senhor...

— Silêncio! — disse o Av Beit Din. — Essa é uma revelação incomparável. Você mesmo ressaltou que a gravidade da opressão demoníaca dela estava além da ajuda humana. Queremos enviar uma mensagem para Jerusalém agora mesmo.

Ah, ainda não! E se aquilo fosse mentira, ou pior: e se fosse algo temporário? Nicodemos temia parecer um tolo.

— Av Beit Din — ele disse, tentando impedir que a sua voz soasse trêmula —, com a sua permissão, eu gostaria de investigar essa observação por mim mesmo... antes que o senhor dê início a um inquérito formal sobre isso ou que essa notícia se espalhe.

Outro juiz tentou sussurrar algo para o Av Beit Din, mas o juiz-chefe dispensou-o.

— Certamente, nós iremos conceder o seu pedido; mas podemos saber qual é o motivo de sua reticência?

Nicodemos hesitou, sabendo que deveria dizer qualquer coisa, exceto aquilo que ele lembrava do incidente, pois isso indicaria que, se algo acontecera, esse algo não fora *por causa* dele, e sim *apesar* dele. Então, falou deliberadamente, como se estivesse avaliando com cuidado o todo daquilo, quando, na verdade, estava tentando mascarar as coisas enquanto falava.

— Assim como esse exorcismo demorou certo tempo para se provar eficaz, pode ser um estado temporário. Seria um choque para uma jovem da posição dela ser analisada por seus juízes doutos, ao passo que o meu rosto lhe é familiar.

O Av Beit Din estudou Nicodemos e assentiu:

— Está decidido. Conduza sua investigação, mas, por favor, seja eficiente. Notícias desse tipo... voam.

Capítulo 24

ESCOLHAS

Beira do Mar da Galileia, três da madrugada

Simão estava sentado na areia ao lado de André, debaixo de um céu extremamente limpo e cheio de estrelas, usando um xale para proteger a cabeça do frio. Contudo, uma espessa neblina estendera-se sobre a água, e ele estava tentando enxergar através dela. Seu irmão abaixou a cabeça e caiu no sono, inclinando-se sobre o ombro de Simão:

— André! André, você pode me ajudar, por favor?

— Ajudar você com *o quê*? Eu mal consigo enxergar alguma coisa.

Isso Simão não podia discutir.

— É claro, essa é a noite mais nublada que temos em semanas — ele respirou fundo e olhou para o mar. — Muito bem, nós vimos Hori, Haim e Baruque voltando, descarregando e lavando as suas coisas — o contorno fantasmagórico de um barco lentamente deslizou até as docas.

— É claro! — disse André. — Amanhã é Shabbat.

— Bem, ainda tem uma frota no mar. Eles estão pescando até tarde porque não vão limpar as coisas essa noite. Com certeza eles vão pescar amanhã. Aposto que é o Amós.

— Mesmo que seja, isso é tudo uma perda de tempo.

— O que você quer dizer? — disse Simão.

— O que eu quis dizer é que Gideão e Tobias pescam com o Amós.

Aquilo quase fez Simão calar-se. Evidentemente, André estava dizendo que eles eram amigos, então Simão nunca iria traí-los, entregando-os para os romanos. “Eu não tenho que gostar”, disse Simão consigo mesmo. “Mas eu consigo fazer isso.”

— Eu não estou dizendo que tenho certeza de que é o Amós. Quem quer que seja, eles definitivamente vão pescar amanhã. Nós os pegamos.

Pelo olhar de André, ele sabia que o seu irmão não podia acreditar no que acabara de ouvir. E foi o que ele disse:

— Nós os pegamos? Eles são nossos irmãos! O Tobias tem mais consideração por você do que pelo próprio pai!

Simão sabia que aquilo era verdade, mas ele estava além do favoritismo: ele não tinha escolha. Precisava manter a sua decisão.

— E daí? A culpa é minha que um menino bobo não sabe o que é bom para ele?

André fuzilou Simão, que não conseguiu levantar o olhar.

— Eu continuo esperando você me dizer que tudo isso é um plano para enganar os romanos.

— André! Tem um barco lá no mar. Aquele barco está roubando a comida da boca da Éden! Eles vão levar nosso barco, talvez até mesmo nossas vidas!

— Talvez. Mas nós também fizemos escolhas.

Simão recusou-se a ouvir mais.

— Você acha que eu tive escolha? — ele tirou o xale da cabeça e saiu contrariado.

Capítulo 25

SÓ UM IDIOMA

Casa de convidados de Cafarnaum, manhã de sexta-feira

Nicodemos encontrou Zohara tingindo os lábios ao entrar no quarto de vestir:

— Você não vai ensinar hoje? — ela disse.

— Tenho que pesquisar.

— Então, não demore muito. Nossos convidados vão chegar cedo.

Ele grunhiu, incapaz de esconder a sua impaciência.

— Nico! Eles são colegas queridos que admiram você. Faz semanas que eles estão esperando o professor dos professores dirigir o Shabbat. Será como partir o pão com o próprio Deus.

Será que ela disse aquilo mesmo? Partir o pão com o próprio Deus? Ele respirou fundo, indignado.

— Será que fui o único que ouviu isso?

— É uma reunião pequena — ela disse. — Você vai resolver isso rapidamente.

Ah, sim, acelerar o ritual. Aquilo fazia muito sentido.

— Eu vou tentar não gastar muito tempo honrando a Deus e a nossa tradição.

Zohara aparentemente não percebeu o sarcasmo, aplicando pó de ouro no cabelo. Nicodemos foi para a escola hebraica, onde planejava estudar na

sala da Torá.

•••

Gaius, o guarda romano, caminhava pelo mercado lotado, comendo uma fruta que roubara bem debaixo do nariz de um mercador. O que aquele judeu poderia fazer?

Ele viu outro centurião tentando apartar uma briga conversando com os combatentes, que o ignoraram. Gaius avançou em direção a eles, quase tropeçando quando o mendigo cego agarrou a sua bota e gritou:

— Você é o Messias?

Gaius arrancou seu pé das mãos dele e colocou-se atrás de um dos combatentes, sacando a sua espada, erguendo-a e batendo com o cabo dela na cabeça do homem, fazendo-o cair como uma pedra. O outro combatente pareceu querer agir. Gaius apontou a lâmina para o rosto dele.

— Você quer perder esse seu nariz feioso?

O homem saiu correndo, e o outro centurião falou:

— Obrigado.

— Só existe um idioma que mantém a paz dessa gente, Marcus — disse Gaius, embainhando a sua espada. — Aprenda a falá-lo.

Pouco depois, ele chegou ao posto de coleta de impostos para cumprir o seu dever, mas encontrou o cobrador de impostos cuidando de um machucado no rosto:

— Mateus! — ele o chamou. — Outro cidadão descontente mostrou sua desaprovação?

— Eu vou ficar bem — disse o outro, e Gaius sabia que Mateus queria colocar nele a culpa pelo ataque, já que ele estava atrasado... como sempre. Mateus tentou limpar as fezes que alguém jogara na borda da sua túnica.

O mau cheiro chegou até Gaius.

— Ah! Você está nojento! Vá para casa!

— Tenho um trabalho a fazer. Meu pai nunca me deixou fugir das responsabilidades.

— Ele o criou bem. Deve ter sangue romano.

— Nós não nos falamos.

Gaius esperou ouvir mais, só que Mateus parecia perdido em pensamentos.

— Os judeus são estranhos — disse Gaius.

— As pessoas são estranhas — disse Mateus.

— Como é que você não tem um relacionamento com seu próprio pai?

— Ele diz que não tem filho — disse Mateus, levantando-se para atender os cidadãos que esperavam em fila. — Próximo!

Capítulo 26

ENCONTRANDO O FARISEU

Maria de Magdala entrou no salão de beleza carregando uma caixa. A proprietária, Lia, e a sua aprendiz estavam arrumando o lugar para o dia de trabalho. Maria disse a Lia:

— Consegui. Pelo menos, acho que essas servem. Era o que todo o mundo estava levando.

— O que foi que você conseguiu, Maria? — disse a aprendiz.

— Velas para o Shabbat.

— Certo, eu nunca teria adivinhado.

Lia disse:

— É o primeiro jantar de Shabbat da Maria já faz algum tempo.

— Um *longo* tempo — disse Maria. — Eu mal me lembro de como fazer.

Lia sorriu para ela.

— Você se sairá bem.

— Eu sei fazer o pão — disse a aprendiz, que logo encolheu os ombros. — Apenas uma parte.

Lia riu.

— Como você consegue fazer apenas uma parte do pão?

— Se você vai ser a anfitriã de um Shabbat, querida, então é melhor se apressar. Os preparativos podem levar a tarde toda — disse a aprendiz a Maria.

— É mesmo?

— Só por precaução — disse Lia.

— Eu ainda nem varri — disse Maria.

— Vá logo embora — a aprendiz sorriu.

— A primeira coisa é acender o fogo — disse Lia.

— Estou animada. E um pouco assustada — disse Maria.

— Depois de sovar o pão, deixe a massa descansar! — disse a aprendiz.

— Com esse tipo de conselho, o que poderia dar errado? — provocou Lia.

Maria desejou *Shabbat shalom* a elas e voltou à rua.

Um homem a parou:

— É você! É verdade! — ele estava vestido com roupas religiosas e olhou-a de cima a baixo. — Lilith!

Maria ficou pálida. Aquilo de novo, não! Ela virou-se para o outro lado.

— Não, não, por favor! Não se assuste. Meu nome é Nicodemos. Eu... eu ministrei a você, Lilith.

Ela olhou para ele.

— Eu não atendo por esse nome. Eu sou Maria. Eu nasci Maria.

— Mas você era chamada de Lilith, certo?

Será que esse era o homem santo de Jerusalém, aquele que tinha fugido? A última coisa que ela queria era ser lembrada daquele dia horrível:

— Por favor, eu preciso ir.

— Não, não, por favor! Estou desesperado pela sua ajuda, Maria — ele deu um passo atrás, tentando parecer menos ameaçador. — Eu sou um fariseu. Vim de Jerusalém em visita. Sou um homem de Deus. E acredito que aconteceu um milagre com você, Maria.

Ele parecia sincero.

— Você é mesmo um fariseu?

Ele moveu a sua capa a fim de revelar o seu talit. Maria rapidamente cobriu a cabeça. Ele pediu desculpas e garantiu a ela que não estava ali para fazer cumprir a lei judaica.

— E como você sabe quem eu sou? — ela disse.

— Você não se lembra mesmo de mim — ele disse, com voz surpresa. — Eu queimei incenso...

— Eu não me lembro. É tudo um borrão. Não posso me lembrar daquilo.

Ela foi andando, e ele a seguiu, parecendo o mais sincero possível.

— Não, não, não quero que você se lembre. Não consigo nem imaginar. Mas você está curada — aquilo a parou. — Isso está claro. Eu só queria entender como foi que aconteceu.

— Então somos dois — disse ela sorrindo.

— Quanto tempo depois da minha visita você sentiu alguma mudança?

Maria hesitou. Ela não queria ferir os sentimentos dele, mas precisava ser honesta.

— Não foi nada que você fez. Foi outra pessoa.

O homem santo pareceu totalmente perplexo.

— Outra pessoa?

Disso ela gostava de lembrar-se, e os seus olhos foram abertos.

— Ele me chamou de Maria. Ele disse que eu era dEle. Eu fui resgatada.

Nicodemos olhou para ela.

— E foi só isso?

Sem palavras, Maria pôde apenas fazer que sim.

— Quem fez isso?

— Não sei o nome dEle — ela disse. — E, mesmo se eu soubesse, eu não poderia dizer a você.

— Por que não?

Maria queria lembrar-se do que o homem dissera, do jeito que Ele dissera. Ela recitou:

— O seu tempo de ser conhecido ainda não chegou.

Aquilo obviamente desconcertou o fariseu.

— "O seu tempo de ser conhecido..."? — ele repetiu. — Ele faz milagres e não quer o crédito? — e começou a disparar perguntas. — Qual é a aparência dEle? É um membro do Sinédrio? Você pelo menos o reconheceria se o visse outra vez?

Aquilo a fez rir.

— Eu nem sei por que estou compartilhando isso com você. Eu mesma não entendo. Mas posso lhe dizer o seguinte: eu era de uma forma, e agora sou completamente diferente. E o que aconteceu entre uma coisa e outra foi Ele. Então, sim, eu o reconhecerei pelo resto da minha vida.

Nicodemos olhou-a com os olhos bem abertos.

— Eu preciso ir para casa preparar o Shabbat e tenho certeza de que você também — ela disse.

Ele assentiu com a cabeça.

— Você está tão restaurada que até está dando um jantar de Shabbat!

— Não vai ser nada comparado ao seu, disso eu tenho certeza. Mas vou tentar — ela percebeu que havia deixado o homem impactado, e então sorriu. — Shabbat shalom, Nicodemos.

Ao partir, ela ouviu baixinho:

— Shabbat shalom, Maria.

Capítulo 27

ATACANDO

Simão entrou silenciosamente na cozinha, onde Éden cortava legumes, com a faca batendo com força na tábua a cada corte. Ele tinha certeza de que ela sabia que ele estava ali, mas não queria dar-lhe atenção. Ele aproximou-se lentamente dela, colocou o queixo no seu ombro e beijou o seu rosto.

— Bom dia, amor — ele sussurrou.

— Não é de manhã — ela disse, continuando a cortar.

— Então, boa primeira-vez-que-vejo-você — disse ele, passando por ela e estendendo a mão para pegar um pedaço de pão e enfiar na boca. — Hum, o seu pão está ótimo.

— Eu sei — ela disse, ainda de costas para ele. — Como foi a pescaria?

— Foi boa.

— É mesmo?

— Você está surpresa? — ele disse, colocando as sandálias.

— Por que eu estaria surpresa? — ela disse.

— Não sei. Diga você.

— Você não leva peixe para o mercado há dias.

Ele assentiu, apontando para a mesa cheia de comida.

— E, apesar disso, você tem farinha e legumes. Dormiu numa cama quente essa noite?

— Virando de um lado para o outro — ela disse.

Aquilo era o bastante para ele.

— Por que você está me atacando?

Ela virou-se e ficou frente a frente com ele.

— Eu não entendo o que está acontecendo.

— Não está acontecendo nada.

— Você não vende nada para o mercado, os seus horários estão bagunçados, e o seu rosto está cheio de preocupação. Não me diga que não está acontecendo nada!

— Nós estamos... numa época complicada agora. Eu só preciso trabalhar duro para passar por isso. Essa noite eu tenho que cuidar de algumas coisas e volto direto para...

— Essa noite? O que você quer dizer?

— Também não estou feliz com isso. Preciso trabalhar essa noite para...

— Você precisa trabalhar no Shabbat?!

— É um caso especial. Não posso falar sobre isso agora. André vai vir jantar aqui como sempre, e eu só vou ficar fora por algumas horas.

— Ah! — disse ela. — Então você quer que eu monte o seu prato de Shabbat para você levar? — As palavras dela destilavam sarcasmo.

— Ouça, meu amor, sei que isso não é o ideal...

— Não me venha com "ouça, meu amor"! Eu não sou criança.

— Só preciso que você confie em mim. Pode ser? — ela parecia inabalada. Simão foi em direção a ela, suplicando com as mãos. — Olha, eu... eu resolvo isso, Éden.

Éden fuzilou Simão com o olhar e falou no mesmo tom:

— Você responde a Deus, não a mim. Mas, da próxima vez, vai responder a mim e a Ele. Porque, seja o que for, não tenho força para aguentar de novo.

Capítulo 28

CONVIDADO SURPRESA

Pouco antes de o sol se pôr, Mateus descia por uma rua estreita, carregando cuidadosamente o prato que levaria para o jantar de Shabbat da sua família , usando panos para proteger os dedos. Ele estava malvestido, parecido com as pessoas que ele via pagar impostos todos os dias. Estava perdido em pensamentos. E, além disso, estava ansioso. Será que os seus pais e a sua irmã lhe dariam as boas-vindas para o jantar de Shabbat? Ele queria ter esperança.

Seus pais haviam lhe dado o nome hebraico Levi, sem dúvida pretendendo que ele crescesse e tornasse-se um sacerdote respeitado. Mas ele sabia que não fora feito para aquilo. E estava cansado de ser pobre. Infelizmente, as profissões mais bem pagas envolviam mais interação social do que Levi achava confortável. Contudo, números e análises eram fáceis para ele, e ele percebeu que podia forçar-se a lidar com pessoas caso se concentrasse nas finanças delas e nas regras do governo. Mateus focava nos detalhes e raramente tinha de olhar as pessoas nos olhos.

Levi achava que tinha feito um favor à sua família, poupando-os do ridículo ao usar o seu nome grego, Mateus, quando se tornou um cobrador de impostos. Mas ele nem precisava ter-se incomodado. Todos sabiam quem ele era e o que ele era, e a sua família sofria o mesmo desprezo que ele suportava todos os dias.

No entanto, será que eles não podiam perdoá-lo? Será que ele não continuava sendo a sua carne e o seu sangue? Será que eles não o amavam mais como ele também os amava? Mateus continuava sendo judeu e até mesmo era praticante. Mas aquilo não era o bastante. Não estava nem perto de ser o bastante. Seu pai havia deixado bem claro.

— Virar as costas para nós, extorquir seu próprio povo...

— Não é extorsão! É...

Porém, o homem interrompeu-o com a mão levantada:

— Não fale comigo como se eu fosse seu pai. Eu não tenho mais filho.

O tempo não curara aquela ferida, mas Mateus não podia negar que a sua nova posição — e renda — quase compensavam o desdém. Quase. Ele odiava a zombaria, mas, pelo menos, podia suportá-la. Agora, perder a sua família era algo totalmente diferente. E, assim, naquela véspera de Shabbat, tal como fazia todas as semanas há anos, ele arriscou-se a ir à humilde moradia onde fora criado. Mateus já havia deixado de lado a ilusão de que o seu pai mudaria de ideia, mas e a sua mãe? E a sua irmã? Será que elas não superariam Alfeu?

Mateus não iria forçar a sua entrada, invadir a celebração deles, muito menos bater à porta. Mas iria ficar visível do lado de fora, segurando o seu prato para dividir com eles. Aquilo deveria significar alguma coisa ou, pelo menos, servir como um gesto. Apesar de nunca ter funcionado — na verdade, na maioria das noites de Shabbat, ninguém sequer olhava pela janela —, ele não iria desistir de tentar.

Quase no fim da sua vizinhança exclusiva no distrito norte, Mateus ouviu um gemido atrás dele e rapidamente se virou para trás. Era o seu cachorro, grande e preto, olhando para o seu prato de comida. Mateus ficou imóvel, imaginando como o cachorro teria escapado de casa. Ele estendeu a mão com a palma virada para cima, e o cachorro parou.

Mateus optou por uma aproximação racional, que costumava funcionar com cidadãos irritados — apesar de não ter funcionado naquela manhã. Falando com calma e gentileza, ele disse:

— Se sobrar alguma coisa quando eu voltar, eu dou para você — o cachorro inclinou a cabeça, e Mateus achou que, de alguma forma, ele havia entendido. Mateus retomou o seu caminho, e o cachorro ficou parado ali.

Quando finalmente chegou à casa da sua família, Mateus observou pela janela sua mãe colocar uma vasilha fumegante sobre a mesa iluminada a

velas, e viu sua irmã colocar sobre ela dois pães chalá. Imediatamente, ele foi transportado de volta aos jantares de Shabbat da sua infância — celebrações que o entediavam e que ele não apreciava muito por estar acostumado com elas, mas que agora o atraíam como uma mariposa era atraída pela luz. O que ele não daria para ser recebido de volta nessa celebração semanal?

Seu pai tomou o seu lugar na outra ponta da mesa, virada para a janela. Bastava um olhar de relance para que ele visse o filho, mas ele nunca olhava para cima. E a sua mãe e a sua irmã nunca se viravam para a janela. Mateus sentia-se tão frustrado e rejeitado como se um deles tivesse fechado a cortina na frente dele.

E arrastou-se de volta para casa.

•••

Enquanto isso, na casa de convidados do outro lado da cidade, Nicodemos e Zohara estavam vestidos esplendidamente. Os servos colocavam a refeição de Shabbat sobre a mesa, enquanto Zohara contava aos convidados a história de vários artefatos da sala.

Nicodemos estava afastado deles, estudando uma tapeçaria pendurada na parede. Ele ainda estava abalado por causa da sua conversa com Zohara naquela manhã. O Shabbat deveria ser totalmente centrado em Deus, e não em luxo, muito menos em impressionar convidados. Zohara disse:

— ... é de um artesão. Essa é a última peça de uma grande linha de obras tradicionais que sua família fez — ela apontou para os candelabros. — Ouro puro dos melhores ourives — depois apontou para a louça na mesa. — Espero que apreciem comer nestes belos pratos.

Ela pediu licença e foi até Nicodemos.

— No que está pensando, amor?

Ele apontou com a cabeça para a tapeçaria.

— Você sabe a importância dela?

— Conte-me — disse ela.

— Há duzentos anos, fomos governados pelo rei grego Antíoco IV. Ele impediu nossas práticas religiosas. Nossa adoração só foi restaurada quando os Macabeus revoltaram-se e introduziram a dinastia hasmoneana.

Ela olhou para ele com um sorriso.

— Você é tão inteligente quanto bonito.

Ele olhou além dela para a mesa, onde convidados de todos os tempos haviam-se assentado.

— Quem é responsável por impedir nossa adoração hoje? Receio que sei a resposta.

— Bem, é uma bela tapeçaria — disse Zohara. — Será que o artista deveria tê-la feito menos bela?

Boa pergunta.

— Para qual propósito? — continuou ela. — Tristeza? Um povo conquistado?

Ele sabia que ela era perfeita para ele, enchendo-se de ternura.

— Você é tão sábia quanto bonita.

Uma batida na porta desviou a atenção de Zohara. Um casal de meia idade cumprimentou-a:

— Shabbat shalom, rabbanit.

Zohara retribuiu a saudação, e Nicodemos também:

— Ah! Honrado rabino! — disse o homem. — Estamos humildemente honrados com sua presença em Cafarnaum. O senhor nos torna completos.

Mais uma vez, Nicodemos via mais reverência pelo homem de Deus do que pelo próprio Deus. E fez uma observação severa:

— Somente Deus pode nos tornar completos.

Zohara os interrompeu, visivelmente ansiosa por amenizar a tensão:

— Vamos nos unir aos demais?

— Obrigada — disse a mulher.

O marido sussurrou para ela:

— Tente conseguir um lugar na ponta da mesa.

Nicodemos balançou a cabeça, agradecido por ser hora de começar.

— Uma mulher de valor, quem a pode encontrar?

•••

A pobre e pequena casa de Maria — algo novo para ela — era totalmente diferente do degradante quarto que fora seu durante anos na taverna de Rivka. Maria havia passado a tarde inteira limpando-a e arrumando-a. Ela havia acendido o fogo na velha lareira e agora terminava de colocar na mesa

alguns pratos de argila lascados e copos de madeira que não combinavam uns com os outros. No centro da mesa, ela colocou uma rosa branca num pequeno vaso de cerâmica. Tudo estava pronto, ela pensou, mas com certeza não seria algo elegante.

O som de madeira batendo em madeira a fez adivinhar quem era o seu primeiro convidado.

— Ah, Barnabé! — ela ficou alegre ao ver o mendigo de uma perna só, que usara a sua muleta para bater à porta.

— Maria!

— Entre! Estou muito feliz que você veio.

— Ah, obrigado, senhorita Maria. Esse lugar está elegante!

— Já chegamos? Ainda dá tempo? — disse uma mulher lá fora, tateando o caminho até a porta com a sua bengala.

— Sim! Shula! — disse Maria, estendendo os braços para ela. — Como conseguiu nos encontrar?

— Eu segui o asno do Barnabé. Não que ele tenha me esperado. Você está tão bonito como sempre, Barnabé.

— Como você adivinhou, Shula? — ele disse, dando uma risadinha quando ela encontrou o seu ombro e fez um carinho nele.

Maria ouviu um jovem falar do lado de fora:

— É aqui o lugar?

— Se Maria está aqui, então é aqui — disse outro jovem.

Ela chegou perto e disse:

— Eu conheço vocês?

— Perdão — disse o jovem mais baixo. — Eu sou Tiago. E este é Tadeu. Disseram-nos que esse era um bom lugar para ir. Podemos ir embora se isso parecer estranho para você.

— Ah, não, por favor, entrem. Vocês são muito bem-vindos aqui — disse ela.

— Então... podemos ajudar? — disse Tiago.

— Ah, não. Quer dizer, sim. Não sei o que estou fazendo.

— Estou vendo comida — disse Tadeu. — Já é uma vitória.

— Se houver algo que eu não fiz ou que fiz errado, por favor, digam.

— Mas que bobagem — disse Tiago. — Já está ótimo.

Shula falou:

— Não consigo me lembrar da última vez que fui convidada para um jantar de Shabbat.

— Eu nunca fui — disse Barnabé, enquanto todos se sentavam, exceto Maria.

— Você nunca foi a um jantar de Shabbat? — disse Shula.

— É claro que fui. Fui a vários. Só que nunca fui convidado! — todos riram, e Barnabé acrescentou — Para quem é esse lugar vazio?

— Ah, sim, é para Elias! — respondeu Maria. — Estou certa? Eu me lembro de que minha mãe sempre deixava um lugar vazio para Elias.

Tiago sussurrou:

— Isso é só na Páscoa.

— É só uma vez ao ano, no Seder[1] — Tadeu lhe disse.

Totalmente constrangida, Maria disse:

— Ah! Quando o Seder chegar, vou me preparar com bastante antecedência.

Ela pegou alguns pedaços amassados de pergaminho.

— Eu vou só dar uma olhada nas minhas anotações. Vamos ver...

Barnabé disse:

— Posso ler para você, Maria?

— Pare com isso, Barnabé — disse Shula. — Até *eu* leio melhor do que você.

— O meu pai me ensinou — Maria lhe disse.

— Estou impressionado.

Ela ergueu os olhos das anotações.

— Bem, a primeira estrela já surgiu?

— Sim! — disse Barnabé. — Vamos comer!

Eles ouviram uma batida à porta. Barnabé sorriu.

— Você é muito popular.

— Ou! — disse Shula, cutucando-o. — É um fariseu que veio aqui cancelar nosso jantar por deixarmos *você* ficar aqui.

Maria abriu a porta e ficou paralisada.

— Olá, Maria.

Era ele. O homem que a curara.

— Olá — ela tentou responder.

— É bom ver você — Ele disse.

— Sim — ela disse, olhando para Ele. — Sim — ela sorriu, sem saber o que dizer ou o que fazer depois.

— Não quero ser mal-educado, mas tudo bem se eu...? — Ele disse.

— Ah! Sim, é claro! Por favor, entre.

Ao chegarem à mesa, ela acrescentou:

— É que eu nunca pensei que você... eu tenho convidados aqui, é a primeira vez que faço isso, e não sei o que estou fazendo.

Tiago e Tadeu imediatamente ficaram de pé e cumprimentaram-no, chamando-o de mestre.

— Você já conhece esses homens? — disse Maria.

— Eles são meus alunos. Espero que tenham sido educados — disse Ele.

— É claro.

Houve outra pausa estranha, e eles ficaram olhando uns para os outros. Shula quebrou o gelo:

— Seu convidado pode se sentar no lugar vazio, não é mesmo, Maria?

— É claro! Sim, é claro, por favor, sente-se. Eu fico dizendo "é claro" o tempo todo. Bem... amigos, esse é o homem de quem eu falei a vocês, aquEle... — Maria fez uma pausa — aquEle que me ajudou.

— Ah, sim! — disse Shula. — Maria nos falou muito sobre você.

— Espero que não tenha sido demais — Ele disse com um sorriso.

— Eu sou Barnabé. E esta é Shula — então, ele acrescentou, sussurrando —, ela é cega.

— Aah.

— Caso você não tenha percebido — disse Shula, cutucando Barnabé com o cotovelo.

— Desculpe, mas eu não sei o seu nome — disse Maria.

— Eu sou Jesus — disse Ele. — De Nazaré.

— Bem — disse Barnabé —, parece que algo bom *pode* vir de Nazaré — ele riu bem alto.

Mas ninguém mais riu. Tiago e Tadeu pareceram chocados, e Maria balançou a cabeça para Barnabé.

— O que foi?

Jesus piscou um olho para ele e disse a Maria:

— É uma honra estar aqui. Por que você não começa?

— Ah, não, eu não conseguiria. Agora que está aqui, é você quem deveria fazer isso.

— Obrigado, mas esta é sua casa, e eu ficaria muito feliz se você fizesse isso.

Algo na maneira como Ele falava, com tanta compaixão e compreensão — e autoridade — encheu-a de paz.

— Está bem — ela disse. Então, sentou-se e pegou as suas anotações de novo. — Eu vou só... bem... eu vou só ler isso: "Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há. No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara...".

•••

Na casa de convidados em Cafarnaum, Nicodemos terminou de ler a mesma passagem, assim como André na casa de Simão — enquanto Simão estava sentado, inquieto, ansioso para sair. O pai de Mateus leu a mesma coisa na sua casa: "... e nesse dia descansou de toda obra que realizara. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação". Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que criou o fruto da videira. Com amor e agrado nos deste o teu Shabbat como herança e memória da criação, pois esse é o primeiro dia de nossas santas reuniões em memória do Êxodo do Egito. Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que tira o pão da terra. Amém".

•••

Simão levantou-se e deu um rápido beijo no rosto de Éden, o qual ela não retribuiu. E então se foi.

•••

E, como Mateus já esperava, o cachorro estava esperando por ele na rua próxima à sua casa. Mateus encostou-se numa parede e deslizou até se sentar no chão. "Que apropriado", ele pensou. O homem que o seu povo chamava de cachorro estava ali, partilhando o jantar de Shabbat com a sua própria espécie.

[1] **N. do T.:** O “Seder de Pessach (Páscoa)” é o jantar cerimonial judaico celebrado no primeiro dia de Páscoa, no qual se recorda a história do Êxodo e da libertação do povo de Israel. O jantar segue várias etapas rituais, envolvendo beber vinho, lavar as mãos, recitar a história de Israel e comer pães sem fermento com raízes amargas.

PARTE 4

JESUS AMA AS CRIANCINHAS

Capítulo 29

ABIGAIL

O homem que se identificou a Maria e aos outros no seu jantar de Shabbat como Jesus de Nazaré informou aos seus amigos que Ele estaria fora, sozinho, por vários dias. Ele sentia que Deus, o seu Pai, estava conduzindo-o a um tempo de solitude e oração em preparação para a próxima fase do seu chamado — um ministério público. Jesus encontrou o local perfeito: uma clareira nos arredores de Cafarnaum, com muita madeira e perto de uma fonte de água. Ali ele poderia sustentar-se e buscar a vontade do seu Pai para tudo o que estava por vir.

Ele trouxe as suas ferramentas de carpintaria, algumas roupas e uma tenda. Enquanto se ocupava de montar acampamento, seu coração estava pesado, sobrecarregado com o tamanho imenso da tarefa que estava diante dEle. Ele mantinha a sua mente ocupada montando a tenda e fazendo um fogo crepitante, mas também ansiava por simplesmente conversar com o seu Pai celestial. Quando tudo estava no seu devido lugar, Ele fez uma vara de pescar e foi em direção ao riacho. Depois de um jantar de peixe frito e frutinhas silvestres ao pôr do sol, Ele começou a chorar. Ele tinha visto a tamanha necessidade de tantas pessoas, que mal podia conter o seu amor.

— Pai — Ele clamou, erguendo os olhos para as estrelas, — glorifique-me com o Senhor. Fale através de mim — ao agradecer a Deus tanto pelo privilégio como pela responsabilidade da missão a que fora chamado, a

natureza terrível dessa missão fez com que Ele estremecesse e se apoiasse numa estaca da tenda.

Ao anoitecer, Ele ficou cansado e reclinou-se na sua tenda. A reclusão e isolamento daquele lugar aumentavam a sua solidão, e Ele pegou no sono.

•••

Na manhã seguinte

Abigail, uma menina de nove anos, saiu correndo pela porta da casa dos seus pais, uma cabana que estava caindo aos pedaços. Ela levava uma boneca feita de corda pelo quintal, passando por um galo e um bode amarrado. Ela gritou para trás:

— Vou estar no riacho!

— Não vá nadar! — disse a sua mãe.

— Está bem!

Abigail correu e saltou e pulou pela grama, que era da altura da sua coxa e ficava atrás da sua casa, com o longo cabelo esvoaçando ao vento. Ela atravessou o território familiar até ouvir o riacho calmo e escorregou até lá, mas parou. Entre ela e a água, havia um acampamento bem arrumado, que não estava lá no dia anterior — era feito de tocos de árvore, galhos, peles de animais e pedras organizadamente reunidas. Os restos de uma fogueira ainda fumegavam num buraco perto de uma tenda, mas foi uma área de trabalho que chamou a atenção de Abigail. Ela olhou em volta, chegou perto e ajoelhou-se em frente a um estojo de couro contendo ferramentas de carpintaria. Havia raspas de madeira e serragem por toda parte.

Ela brincou com algumas ferramentas, depois as colocou no lugar e usou uma colher de madeira para brincar de alimentar a sua boneca. Perto da fogueira, Abigail encontrou um pequeno barco de brinquedo e colocou a sua boneca dentro dele, imaginando o barco velejando. Um saco de pano continha frutinhas silvestres, e ela brincou de oferecê-las à sua boneca. Ficou tentada a comer uma, mas mudou de ideia.

Ao ouvir o barulho de passos e um cantarolar aproximando-se da tenda, Abigail levantou-se com um pulo e correu para esconder-se atrás de uma formação rochosa. Um homem de aparência agradável, que devia ter a idade do seu pai, chegou ali carregando uma mochila. Ele tirou frutas de dentro

dela e colocou-as em cima de uma das mesas improvisadas, parando de cantarolar e olhando para Abigail.

A menina assustou-se e saiu correndo.

•••

Naquela tarde

A fogueira de Jesus apagou-se enquanto Ele trabalhava durante o dia, e agora Ele precisava acendê-la de novo para preparar a sua refeição. Com habilidade, Ele girou um bastão de madeira em cima de um pequeno buraco e soprou suavemente a fagulha sobre um pouco de palha até que pegasse fogo. Enquanto isso, Ele pensava na linda menininha que vira naquela manhã. Como teria sido bom ter a sua companhia, mesmo que tímida, por alguns minutos. Ele sentia um profundo afeto pelas crianças.

Enquanto cortava frutas, Jesus cozinhou uma sopa de grãos e legumes. Colocou uma pequena panela com pão diretamente no fogo. Ele gostaria de ter alguém com quem compartilhar aquela simples refeição.

•••

Abigail sentou-se para jantar com seus pais. Ela estava entretida com a sua mãe, que parecia nem notar que a sua elaborada história sobre uma amiga não estava chamando a atenção do seu marido.— ... e Joanna não está melhor — disse a mãe —, o que significa que ela vai ter que ver se eles vão dar espaço para ela vender os seus lenços de cabeça no mercado. E mesmo que eles deem, o que não parece provável, porque da última vez que fui ao mercado ele parecia lotado, ela precisa achar tempo para fazê-los. — Mas ela precisa dedicar o seu tempo a ajudar o marido a ficar melhor, para que ele possa voltar a trabalhar antes que eles deem o seu emprego para outra pessoa. Ah! Ela parecia tão assustada. Você acha que pode passar por lá amanhã para ver se ela precisa de ajuda com alguma coisa?

Como Abigail pensara, parecia que o seu pai não tinha prestado muita atenção:

— Hã? — ele disse, enquanto mastigava.

Sua mãe olhou para ele e repetiu devagar:

— Você pode passar por lá amanhã para ver se ela precisa de ajuda com alguma coisa?

— Na Joanna?

— Uhum.

— Vou estar fora até tarde — ele respondeu. — Não tenho tempo para... — ele respirou fundo. — Eu vou ver.

— Obrigada. Isso vai significar muito para ela. Você sabe como ela fica — e então se virou para a filha. — Abigail, como foi o seu dia?

Abigail não teve coragem de mencionar o homem acampado perto do riacho. Ele não parecia muito ameaçador, mas...

— Foi bom. Posso brincar com o Josué amanhã?

Ela queria muito mostrar o homem a ele.

— Só depois que você terminar as suas tarefas...

— Eu sei. Vou terminar tudo primeiro.

— Não interrompa sua mãe — seu pai lhe disse.

— Desculpe. Depois da segunda refeição, posso ir?

— Vou perguntar para a mãe dele — disse a sua mãe. — E aonde vocês vão?

— Hum... só no campo. Talvez no riacho.

— Não vá nadar.

— Eu sei. E vou fazer as tarefas de casa primeiro.

Capítulo 30

JOSUÉ

Abigail e o seu amigo foram pelo mesmo caminho que ela havia tomado no dia anterior, mas agora Abigail estava com bastante pressa e falando sem parar:

— E lá tinha uma ferramenta que eu nunca tinha visto antes. Não sei para que ela serve. Acho que Ele estava construindo alguma coisa. Eu não sei. E também tinha um pouco de comida, mas, apesar de estar com fome, eu não peguei nada porque isso seria errado, mas talvez a gente possa pegar um pouquinho dessa vez, o que você acha? Ainda bem que eu não peguei nada, porque foi bem nessa hora que o homem apareceu. Vamos, ande mais rápido!

— Estou tentando, Abi — disse Josué, ofegando. — mas as suas pernas estão indo rápido demais.

— Se Ele aparecer dessa vez, será que devemos falar alguma coisa para Ele? Com você comigo está tudo bem, é o que eu acho. Não vi uma espada ou coisa do tipo, então não acho que Ele vá nos matar, e Ele pareceu bonzinho. Você tem uma espada, só para garantir? Ah, estamos quase lá! É bem ali!

Eles ficaram agachados atrás da formação rochosa e espiaram ao redor. O homem estava sentado perto de uma das suas mesinhas, com um pão nas mãos.

— Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que tira o pão da terra — Ele partiu o pão no seu colo. — E eu oro para que, se houver duas crianças que vieram visitar minha casa...

Josué cutucou o braço de Abigail e sussurrou:

— Vamos embora!

— Não! — ela sussurrou. — Fique aí!

— ... que o Senhor dê a eles coragem para dizer "Shalom", e assim eles saibam que não precisam ficar escondidos. Amém.

Abigail sussurrou:

— Ele é um homem bom!

O homem grunhiu em voz alta. As crianças tentaram disfarçar as suas risadas, mas Ele rapidamente continuou, soprando algumas frutinhas e fazendo-os rir em voz alta.

Ele ficou em pé e disse:

— Que som é esse? Ovelhas não fazem esse barulho! — e continuou a fazer mais barulhos, e as crianças riram mais ainda. — Não, com certeza não são ovelhas. Será que é um galo?

Ele foi em direção às rochas, e finalmente Abigail ficou em pé, sorrindo. Josué continuou escondido.

— Saudações, crianças! — Jesus sorriu para Abigail. — Vocês sabem que não é seguro uma criança andar longe de casa. Nunca se sabe se vai haver homens maus por aí. Você foi sábia de trazer o seu amigo desta vez.

— Josué — Abigail disse a ele.

— Shalom, Josué! — disse o homem. Josué apareceu, em pé, porém não respondeu. — Admiro a sua coragem de vir até aqui. Você é um bom amigo. Mas não se preocupe, eu não sou um homem mau.

— Está vendo? — disse Abigail. — Eu sabia.

— Vocês podem ficar por aqui um pouquinho, mas eu tenho trabalho a fazer.

— Tudo bem — disse Abigail.

— E obrigado por não pegar a comida ontem — Ele ofereceu uma tigela de frutas aos dois.

— Viu só? — disse ela com um sorriso. — Eu sabia!

Josué saiu de trás das rochas, mas ficou atrás de Abigail:

— E então — disse ela, mastigando. — O que você faz aqui?

— Eu estou de passagem.

— De onde você é?

— De Nazaré.

— Para que serve essa madeira?

— Eu estou construindo uma coisa.

— Você é um carpinteiro?

— Às vezes, mas eu sou um artesão. Eu construo todo tipo de coisa.

— Então por que você não mora numa casa?

— Eu viajo muito.

— Como você ganha dinheiro?

— Abi! — Josué sussurrou.

Ela deu de ombros.

— Eu só estava perguntando como ele ganha dinheiro.

— Eu sei, mas você não deveria fazer isso!

— Está tudo bem — disse o homem. — Eu não ganho dinheiro quando viajo. Por isso, construo coisas agora e depois as troco por comida e roupas.

Abigail apontou para a peça que estava na mão do homem:

— O que é isso?

— Isso vai ser uma fechadura com chave.

— Josué, pergunte alguma coisa para Ele. Ele é bonzinho.

— Não, obrigado.

— O que mais você vai fazer? — ela disse.

— As pessoas ricas gostam muito de decorações e de brinquedos para os seus filhos.

— Minha família não é rica — ela disse a Ele.

— Muitas vezes isso é melhor.

— Isso eu não sei.

O homem riu.

— Um dia você vai saber.

Ela lhe mostrou sua boneca:

— Minha mãe fez isso para mim.

— Ah! Como é o nome dela?

— Sara.

— Ela é muito bonita.

— Certo — disse Abigail, devolvendo as frutas a Ele. — É hora de ir para casa. Tchau!

Abigail e Josué saíram correndo, e o homem ficou rindo.

Capítulo 31

MAIS PERGUNTAS

Na manhã seguinte

Depois de uma boa noite de sono, Jesus acordou ao som de sussurros:

— Deixe-o em paz!

— Ele está morto?

— Shiu!

Ele abriu os olhos e viu meia dúzia de crianças olhando-o de cima — dois meninos e duas meninas eram novos para ele. Ele ainda estava sonolento, mas estava alegre.

— Vocês não podiam ter esperado mais uma meia hora?

— Podemos ficar por aqui hoje? — disse Abigail. — Esses são os meus outros amigos. E Josué, de novo.

Jesus sentou-se:

— Shalom, amigos da Abigail. E Josué, de novo.

— Shalom — eles disseram juntos.

— *Podemos* ficar por aqui hoje?

A verdade é que Ele gostaria muito da companhia deles. Mas fingiu estar pensando a respeito:

— Acho que sim. Mas tenho trabalho a fazer. Vocês teriam que ajudar.

Todos concordaram.

— Ótimo — disse Ele.

Jesus foi para perto do riacho, com as crianças uns poucos metros atrás, enchendo-o de perguntas enquanto Ele escovava os dentes com um pano áspero e lavava o rosto.

Uma delas disse:

— Quanto tempo você vai ficar aqui?

— Até chegar a hora de eu ir embora.

— E quando vai ser isso?

— Bem, eu tenho um trabalho a fazer aqui e tenho algumas pessoas para conhecer, aí eu vou saber a hora certa.

— Você parece bonzinho. Você é perigoso?

— Hum, talvez para alguns. Mas não, não para vocês. E eu não vou machucar ninguém.

— Você tem amigos?

— Alguns. E vou ter mais.

Jesus começou a construir algo e deu pequenas tarefas às crianças:

— A Abi disse que você viaja bastante. Você tem uma casa?

— Meu Pai me dá tudo de que eu preciso.

— Seu pai é rico?

"Se ao menos eles soubessem..." Ele pensou e riu.

— Foi a Abigail que lhe disse para me fazer essa pergunta?

— Não.

— Essa é uma pergunta para outra hora.

— Qual é a sua comida preferida?

— Ah, Josué, o Corajoso, fala! — disse Jesus. — Eu gosto de muitas comidas, mas gosto especialmente de pão. Por vários motivos. Como estão indo esses carretéis, meninas? Estão bons? O barbante está firme?

Ele teve que sorrir. Elas não pareciam ter muita certeza.

— Quase? — Ele brincou.

— Quase.

— Pois bem. Então, me digam: vocês todos sabem orar o Shemá?

— Sim.

— Ah, eu adoraria ouvir — Ele apontou para um dos meninos novos. — Você começa.

Quando o menino começou a recitar, e os demais o acompanharam, de repente Jesus ficou encantado com as suas pequenas e preciosas vozes, e murmurou as palavras junto com eles, com os lábios tremendo:

— "Ouve, Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é um. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. E acontecerá, se ouvirdes diligentemente os mandamentos que eu hoje te ordeno, que colherás o teu grão, o teu vinho e o teu azeite, e comerás, e te saciarás. Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou da terra do Egito para ser o teu Deus. Eu sou o Senhor, o teu Deus. Amém."

Jesus mal conseguia falar:

— Lindo — sussurrou Ele. — Muito bom.

Enquanto eles continuavam trabalhando nos seus projetos, Abigail disse:

— Por que você não tem uma casa?

— Minha casa fica em vários lugares.

— Por quê?

— Porque eu tenho um trabalho muito maior a fazer do que simplesmente ser um artesão ou um professor.

— Você também é professor?

— Eu vou ser, em breve.

— Que outro trabalho?

— Todos têm um trabalho muito maior do que apenas o seu ofício. E vocês são mais do que simples alunos. Vocês estão na escola para mostrar amor uns pelos outros e para aprender a Palavra de Deus e compartilhá-la. E estão em casa para honrar o seu pai e a sua mãe. E o mais importante, que diz na Lei de Moisés, é amar a quem?

— O Senhor, seu Deus — disse Josué. — Com todo o seu coração.

— Muito bem, Josué, o Corajoso! Vou fazer meu trabalho em muitos lugares.

•••

No fim da tarde

Enquanto Abigail levava as duas meninas mais novas e Josué e os outros dois meninos pelos campos até as suas casas, eles conversavam em voz alta, tentando entender o homem gentil que estavam conhecendo:

— Talvez Ele seja o melhor construtor que já existiu! — disse um deles.

— Ou, talvez, Ele seja mais forte do que Sansão!

Abigail disse aos meninos:

— Talvez Ele vá ser o seu novo professor na escola da sinagoga.

A menina mais nova disse de repente:

— Eu acho que Ele deve ser um novo profeta e vai nos mostrar a Palavra de Deus.

— Não — Josué balançou a cabeça. — Não existem novos profetas. Foi o que disse o rabino Josias.

— Mas, talvez, Ele seja um assassino — disse um dos meninos.

Abigail virou-se para encará-lo:

— Ele não é um assassino!

— Mas talvez seja por isso que Ele está sozinho! Ele está fugindo e se escondendo e...

— É, e provavelmente Ele esteja fingindo ser um artesão para que ninguém descubra!

— Isso não é verdade! — disse Abigail. — Ele estava construindo coisas *com* a gente! Nós o vimos fazer isso!

— É, Ele é inteligente — disse a menina mais nova. — Devíamos ouvi-lo.

— Mas, talvez, a gente até o esteja ajudando a construir armas — disse um dos meninos — e nós nem sabemos.

— Não! — disse Abigail. — Ele é um homem bom.

— Eu também acho.

— Eu gosto dEle — disse o menino, encolhendo os ombros. — Só estou dizendo que, talvez, Ele seja um criminoso.

Abigail virou-se, e os outros pararam atrás dela.

— Mas, não importa o que aconteça, todos nós concordamos que não vamos contar a ninguém sobre Ele, certo?

Capítulo 32

"MEU MOTIVO"

Nos vários dias que se seguiram, as crianças foram até Jesus todos os dias. Ele trabalhou com elas, ensinou-as, pescou com elas, comeu com elas, orou com elas e até ensinou canções a elas. Quando lhes contava histórias das Escrituras, especialmente sobre outras crianças, Jesus encenava dramaticamente cada parte, rugindo como um leão ou ficando de pé e andando lentamente como um urso. A alegria e as risadas delas animavam-no, e elas enchiam-no de perguntas por horas a fio. Como era gratificante ter esse tempo de preparação para falar a pessoas de todas as idades. Se Ele conseguia fazer crianças entenderem, então os adultos também iriam entender.

Por volta do meio-dia, em torno de uma fogueira, Jesus ensinou-lhes uma nova oração, que elas repetiam depois dEle:

— Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome...

Toda tarde, Ele sentia-se triste quando as crianças voltavam às suas casas. Enquanto iam embora, Ele ouvia as crianças contarem umas às outras o que tinham aprendido e o que achavam de tudo aquilo. Como elas tornaram-se queridas para Ele! Ele amava o coração aberto delas, a sua disposição para ouvir, a sua falta de malícia. Ele sorria ao pensar que, com crianças, você sempre sabe o que se passa na mente delas.

Eles passaram a maior parte do dia juntando todos os itens que Jesus fabricara e colocando-os num carrinho de madeira que Ele fizera — o qual

Ele usaria para puxar as suas mercadorias até a cidade na manhã seguinte, a fim de trocá-las por comida e roupas. Isso levou o dia inteiro, e Ele sentiu falta dos seus pequenos companheiros.

Quando finalmente voltou, depois de escurecer, Jesus sentou-se sozinho, acompanhado apenas pelo som do vento, da água e do fogo. Ele enrolou um pano em torno de um ferimento no seu antebraço. As suas costas e ombros doíam por causa de todo aquele trabalho; então, Ele alongou-se enquanto orava pelas crianças. Jesus mal podia esperar que amanhecesse e elas chegassem. Ele também orou pelas multidões a quem iria falar muito em breve, e aí pegou no sono.

•••

Na manhã seguinte, a incontrolável Abigail — seguida dos seus cinco amiguinhos — perguntou a Ele no que iriam trabalhar naquele dia:

— Não vamos trabalhar em absolutamente nada! — Ele anunciou, com um brilho nos olhos.

Eles gemeram.

— Por quê? O que nós vamos fazer?

— Hoje é dia de ensinar e aprender. Quem vai ensinar?

— Você! Você!

— Ah, muito bem! E quem vai aprender?

— Nós!

— Juntem-se aqui. Acomodem-se e preparem-se para ouvir com atenção.

— Podemos fazer perguntas? — disse Josué.

— Você acabou de fazer uma! — todos riram. — Mas é claro, pode, sim! É assim que funciona o bom aprendizado. Apenas levante a mão quando quiser me perguntar alguma coisa.

Enquanto Ele ensinava sobre os mandamentos, um dos meninos levantou a mão e contou sobre uma briga recente pela qual ele fora castigado. O menino estava empolgado, contando a eles como aquilo tinha sido injusto, porque o outro menino tinha sido mau com ele.

— E então, o que você fez? — disse Jesus.

— Eu tentei ir embora, mas ele não parou de me empurrar, então eu o empurrei de volta com tanta força que ele caiu.

— E foi por isso que você foi castigado — disse Jesus. — Você esperava alguma coisa diferente?

— Mas até a Torá diz "olho por olho". Por que eu tinha que ser castigado também?

— Sim, mas isso é para um juiz! Você nem estava num tribunal. E vocês... todos vocês... devem ser especiais. Vocês devem agir de forma diferente dos outros.

Josué levantou a mão:

— Você nos diz para sermos gentis, mas o rabino Josias disse que o Messias vai nos liderar contra os romanos e que ele vai ser um grande líder militar.

Jesus respirou fundo e continuou com delicadeza:

— É importante que vocês respeitem seus professores e honrem seus pais. E o rabino Josias é um homem inteligente — Jesus fez uma pausa para que eles absorvessem aquela informação. — Porém, muitas vezes falta sabedoria a homens inteligentes. Por acaso existe algo na Escritura dizendo que o Messias será um grande líder militar? — as crianças ficaram visivelmente confusas. — Há muitas coisas na Escritura que vocês ainda não conseguem entender, e não há problema com isso. Vocês têm muitos anos pela frente, e Deus não revela todas as coisas de uma vez só. Contudo, crianças, o que aconteceria se algumas coisas em que nosso povo acredita, sobre como devemos nos comportar e como devemos tratar uns aos outros, estiverem erradas?

Jesus apontou para o menino que contou a história:

— Você quer que as coisas sejam justas. Quando alguém faz mal a você, você quer que esse alguém seja corrigido. Vocês sabem quem mais ama a justiça? — ele apontou para o céu. — Mas o que o Senhor diz na Lei de Moisés sobre justiça e vingança?

Abigail levantou a mão:

— A vingança é minha.

— Sim! Muito bem! Muito bem. Meninos, prestem atenção. Ela nem vai às aulas da Torá! — ele riu. — O Senhor ama a justiça. Mas, talvez, não caiba a nós administrá-la. Vocês se lembram de quando Davi teve a chance de matar o rei Saul, que era mau com ele? Mas ele não fez isso. Saul era o ungido de Deus, e aquela não era a hora certa para a justiça. Deus disse que terá compaixão do seu povo quando... o quê?

Abigail levantou a mão, mas Jesus deu uma piscadinha para ela:

— Vamos ver se alguém que estuda isso na escola está aprendendo, certo?

— Quando a força do seu povo acabar — respondeu Josué.

— Sim! Muito bem! Então, talvez devamos deixar Deus prover a justiça, não? É possível resolver essas coisas de um jeito diferente, sem tentarmos ser os mais fortes o tempo todo.

— Até o Messias? — disse uma das meninas.

Jesus encolheu os ombros:

— Isso você vai ter que ver. Mas não espere que o Messias chegue a Jerusalém num cavalo alto, carregando armas. Ele ficará mais feliz com aqueles de vocês que forem pacificadores.

— Onde você estava ontem?

— Tive que ficar na cidade até mais tarde. Havia uma mulher que precisava da minha ajuda.

— Você construiu alguma coisa para ela?

— Não. Vocês se lembram de quando eu disse que tenho um trabalho maior do que meu ofício? Essa mulher passou por muito sofrimento na vida dela e estava com problemas, então eu a ajudei.

— Ela é sua amiga? — disse Josué.

— Agora ela é. Eu a escolhi, e a outros também, e a mais outros em breve, para viajar comigo.

— Eles conhecem você? — disse Abigail.

— Ainda não.

— Mas e se eles não gostarem de você?

Jesus riu. Quando Ele deveria contar às crianças?

— Muitos não irão gostar de mim. Esse é o meu motivo de estar aqui.

Abigail respirou fundo:

— Eu ainda não entendo. Qual *é* o seu motivo de estar aqui?

Bem, aqui estava ela, a pergunta do dia, e feita por uma criança. Na verdade, Jesus sabia que aquela era a pergunta de todos os tempos. Ele fez uma pausa, orando para que eles compreendessem a importância da sua resposta. E abaixou a voz para fazer com que se inclinassem e ouvissem bem.

— Eu estou lhes dizendo isso porque, mesmo vocês sendo crianças e os mais velhos que vocês conhecem terem vivido por mais tempo, muitas vezes os adultos precisam ter a fé das crianças. E, se vocês se agarrarem a essa fé,

com bastante força, muito em breve irão entender tudo o que eu estou dizendo a vocês. Mas você fez uma pergunta importante, Abigail. Qual é o meu motivo de estar aqui? A resposta é para todos vocês — Ele fez uma nova pausa. E então, sussurrou bem baixinho, mas com convicção, dizendo — "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor".

— Isaías — disse Josué.

Jesus assentiu.

— Isaías — Ele apertou bem os lábios e olhou para os seis rostinhos, com um nó na garganta. — Gostei muito de passar esse tempo com vocês. Todos vocês são muito especiais. Espero que meus próximos alunos façam as mesmas perguntas que vocês e que eles ouçam minhas respostas — Ele sorriu. — Mas desconfio que eles não têm o mesmo entendimento que vocês — Ele olhou bem nos olhos de Abigail. — E eu espero que, quando a hora chegar, eles também falem a outros sobre mim, assim como você fez.

As crianças foram para casa juntas, em silêncio.

Jesus trabalhou até tarde da noite, sabendo o quanto iria sentir falta daqueles pequeninos. Quando finalmente se recolheu, Ele incluiu na sua oração:

— Se alguém os fizer pecar, que seja amarrada no seu pescoço uma grande pedra de moinho e esse alguém se afogue nas profundezas do mar.

•••

No amanhecer do dia seguinte

Abigail correu sozinha com a sua boneca, contornando a formação rochosa, mas encontrou o acampamento de Jesus vazio. Não muito longe da fogueira apagada, ela encontrou uma bela casa de boneca, feita de madeira, pedra e corda. A casa continha pequenos animais esculpidos em madeira, uma escadinha e uma mesa coberta com um pedacinho de pano. Em cima da casa, escrita com carvão em um pedaço de madeira, estava uma mensagem:

Abigail, sei que você sabe ler. Você é muito especial. Isso é para você. Eu não vim apenas para os ricos.

PARTE 5

A ROCHA

Capítulo 33

O ACIDENTE

Mar da Galileia, primeiras horas do Shabbat

Simão estava sentado na proa do barco que pertencia a ele e André, a fonte do seu sustento. Ele estava enojado de estar acompanhado por cinco soldados romanos, vestidos de um vermelho brilhante, quatro deles remando. O outro, um criado de Quintus, estava postado bem atrás dele. Já fazia tempo que o pretor de Cafarnaum havia perdido a paciência com Simão, esperando que ele cumprisse a sua parte do acordo. Simão e o seu irmão foram perdoados de uma dívida considerável em impostos e receberam um ano de isenção em troca da promessa de Simão. Então, ele iria levá-los até os verdadeiros criminosos: os mercadores que violavam o Shabbat para evitar pagar o devido imposto.

Simão sabia que Roma não dava a mínima para o Shabbat. Já para a sonegação de impostos por parte dos judeus...

O barco deslizava rapidamente com a força dos musculosos braços dos soldados. Simão daria tudo para ter esse tipo de ajuda na pescaria, mas nunca imaginara ter um único romano a bordo do seu barco. Era como se ele tivesse convidado cobras venenosas para entrar na sua casa. Só que a culpa era toda dele. Fora ele quem adiara a sua promessa a Quintus com desculpa atrás de desculpa, até que o pretor mandou-lhe aquela tripulação.

— É hora de entregar alguma coisa, Simão — disse o homem a ele. — Ou você e seu irmão vão dividir um lugar na prisão... ou numa cova.

Aquilo não tinha sido ideia de André, embora ele fosse ser beneficiado pelo acordo. Simão, porém, nunca havia pensado em envolvê-lo numa missão como aquela, então ele iria satisfazer as autoridades sozinho. Mas será que ele realmente conseguiria fazer aquilo, entregar os seus irmãos hebreus por causa de uma coisa que ele mesmo havia feito mais de uma vez? Será que ele não era melhor do que um cobrador de impostos, pisando no pescoço dos seus irmãos judeus, homens com quem ele trabalhava há anos?

Desde criança, Simão passara a vida naquelas águas. Ele percebia coisas e sentia o cheiro delas bem antes de ser visto por pessoas experientes. Naquele momento, ele percebeu que havia barcos por perto. Ele também viu algo na água que ninguém mais percebeu. Por que aquela noite tinha que estar tão clara e silenciosa?

— Ei, ei, ei! — ele disse. — Mais devagar!

Os soldados pararam de remar, e o barco deslizou até um pedaço de cortiça com uma corda cortada. Se ao menos os seus companheiros de pesca soubessem o que ele — e os romanos — estavam fazendo, eles teriam sido mais cautelosos. Eles haviam deixado provas em plena vista. Simão inclinou-se e pegou o objeto.

— O que é isso? — disse o guarda.

— É uma boia de pesca.

— E...?

— E isso significa que estamos perto.

— Bom trabalho.

O cumprimento revirou o estômago de Simão. A última coisa que ele queria era estar associado com aquelas víboras. Ele não era melhor do que eles. A sua única vantagem era que eles estavam bem longe das áreas em que eram especialistas. Os remadores haviam assimilado a sua tarefa com muita rapidez, e a força deles era impressionante, mas eles não sabiam nada sobre aquele trabalho.

À luz da lamparina a óleo do guarda, Simão olhou discretamente para a boia e virou-a. Ele e os seus colegas gravavam as suas iniciais naquelas boias e combinavam de devolver as que encontrassem. O coração dele parou quando ele viu um Z naquela boia. Era o velho Zebedeu com os seus filhos,

Tiago e João; a sua frota — ou parte dela — devia estar próxima, com dezenas de homens.

"É sério que eu estou fazendo isso?", Simão perguntou a si mesmo. "Será que é tarde demais para continuar a distrair o inimigo?". Com os olhos bem atentos vasculhando o horizonte escuro, ele viu o contorno turvo de três barcos. Tudo o que ele tinha de fazer era contar ao guarda, e o seu futuro estaria seguro — o seu, o de Éden e o de André.

Mas ele não podia fazer aquilo. Ele simplesmente não podia.

O que seria de Zebedeu, Tiago e João, sem contar todos os seus homens? E o que seria da sua própria reputação? Ele precisaria daquela isenção de impostos pelo resto da vida, porque o seu nome ia tornar-se maldito naquele mar. Ninguém iria trabalhar com ele, comprar dele ou vender para ele. Muitos até iriam sabotar a ele e a André — apesar da culpa daquela traição ser apenas de Simão.

— Virar a bombordo e para perto de perigosas águas rasas! — ele gritou, apontando para longe do lugar onde havia visto os barcos.

O guarda olhou para os remadores atrás dele, como se eles soubessem o que fazer, mas eles pareciam tão confusos quanto ele. Simão apontou para a esquerda, indignado.

— Para lá!

Como eles podiam fingir que dominavam as águas se nem mesmo sabiam termos náuticos simples?

— Romanos — ele murmurou.

Obviamente acreditando que estavam atrás de alguma coisa agora, os soldados aceleraram o ritmo juntos, correndo pela água. Simão sabia o que iria acontecer e segurou firme no barco.

Crash!

Os remadores foram lançados para fora dos seus assentos, e o guarda bateu em Simão:

— Seu rato do mar estúpido!

— Vocês bateram num banco de areia! — disse Simão. — Por que não estão me ouvindo? Eu disse para irem para *esse* lado!

O guarda não se deixou enganar. Ele ordenou que os seus homens saíssem do barco, com a água pelos joelhos, tirassem o barco dali e fossem em direção à praia. Minutos depois, eles arrastaram Simão para cima das rochas da praia.

— Acidentes acontecem, rapazes — ele disse gentilmente. — Não têm do que se envergonhar.

O guarda virou-se para ele.

— Aquilo não foi um acidente. Você conhece esse mar melhor do que ninguém. É por isso que você fede como ele — ele sacou a sua espada e apertou-a contra a lateral da cabeça de Simão. — Quero que se lembre disso, Simão, filho de Jonas: isso é bondade — ele deslizou a lâmina e fez um corte na orelha de Simão, que gritou e soltou uma mão para estancar o sangue que jorrou.

— Quintus, por outro lado, é capaz de violências brutais contra aqueles que o traem — disse o guarda, agora com o seu nariz grudado no de Simão —. Eu consigo segurá-lo por uma semana, talvez — ele sorriu. — Pense na Éden.

Simão estreitou os olhos. Ele iria morrer antes de deixar alguma coisa acontecer com ela:

— Se você tocar um dedo nela...

O guarda socou o estômago de Simão, fazendo-o dobrar-se.

— Cumpra direito as suas promessas, cachorro.

Capítulo 34

CONFRONTAÇÃO

O Martelo

Simão convidou Zebedeu e os seus filhos para beberem com ele. Os três juntaram-se a Simão e André na única mesa em que não havia um jogo de ossos ou de dados. Simão agradeceu ao homem grisalho por vir até lá.

— Ah, os rapazes nem precisaram insistir muito para me convencer a vir tomar uma bebida — Zebedeu apontou para a orelha machucada de Simão. —Isso foi trabalho ou diversão?

— Ah, isso? Não, eu fiquei sem isca. Achei que devia tentar usar minha orelha.

João, o mais novo, e Tiago, o mais velho, riram até que o seu pai fez com que se calassem com um olhar.

— Talvez alguém não tenha gostado do senso de humor de vocês. Por que estamos aqui, Simão?

"Então era assim que ia ser." Simão sempre apreciara a impaciência de Zebedeu com conversa fiada. Talvez ele também devesse ir direto para a verdade.

— Fiz um acordo com os romanos.

— Com os romanos? — Tiago repetiu. — Simão...

João o interrompeu:

— Ele não disse nada sobre um acordo para nós, aba.

Zebedeu mandou-o ficar calado:

— Você está vendo aquele corte? Não parece que Simão deu a eles o que eles queriam, não é mesmo? Usem a cabeça! — ele voltou-se para Simão. — Continue.

— Eu devo impostos.

— Todos nós devemos.

— Eu devo muito. Eles estavam prestes a levar o barco, nossas casas...

— Ou?

Simão hesitou. Contudo, aquele encontro fora ideia dele e não havia como amenizar as coisas.

— Ou delatar uma frota pescando no Shabbat.

João virou-se para encarar André.

— Você sabia disso?

André abaixou a cabeça, mas Zebedeu disse:

— Obrigado pela sua honestidade, Simão. Se eu puder retribuir o favor, estou surpreso que você tenha dado as caras aqui, quanto mais que tenha me pedido para ajudá-lo.

Simão tentou evitar o olhar do velho Zebedeu.

— Não vou discutir isso. Estou encurralado, mas... — o seu olhar brilhou. — ... isso me coloca numa posição valiosa.

Zebedeu riu:

— É mesmo? Então me diga: quanto vale um traidor morto?

Simão inclinou-se para a frente, insistindo:

— Não sou um traidor!

João disse:

— Você está acabado nas docas, Simão.

— Deixe-o aí — disse Tiago, ficando em pé. — Vamos, aba.

— Eu sei os planos deles, Zebedeu — disse Simão. — Eles estão atrás de você.

Zebedeu balançou a cabeça:

— Eles estão brincando com você, garoto — ele olhou para André e de volta para Simão. — Desculpe. Não posso ajudar vocês — e levantou-se com os seus filhos.

— Vocês pescaram na costa de Gergesa ontem à noite — disse Simão.

Aquilo fez o velho Zebedeu parar. Ele, Tiago e João entreolharam-se. Zebedeu fez um sinal para que se sentassem de novo.

— Talvez sim, talvez não. Você atraca seis barcos, e logo todo mundo no Martelo sabe onde você estava. O que eles não podem lhe dizer é onde eu vou estar da próxima vez.

— Eram só três barcos, Zebedeu — Simão tirou do colo a boia que encontrara no mar. — Eu estava na sua cola com alguns soldados. E havia muitos outros na praia esperando você descarregar.

Os três entreolharam-se perplexos. João disse:

— Como foi que escapamos de lá então?

— Eu fiz com que o barco sofresse um infeliz acidente. E aí perdi parte da orelha preferida da minha esposa.

Tiago sorriu:

— Obrigado, amigo!

— Não, não agradeça a ele! — disse Zebedeu. — Ele escolheu fazer um acordo com Roma! E então, qual vai ser a sua estratégia, hein? Você estava andando por aí atrás de um aliado, alguém para ajudar em troca de entregar os concorrentes *dele*?

— Não — disse André. — É bem mais idiota do que isso.

— Quero que vocês entreguem o que pescarem — disse Simão.

Zebedeu olhou para Tiago e João:

— O que foi que ele disse?

— Espera aí — disse João. — Entregar nossa carga para quem?

— Para mim! Então vocês ficam fora do mar no Shabbat... só por um tempo. E aí eu posso dizer a Quintus que o problema está resolvido.

Os três caíram na risada, e André resmungou:

— Isso é inútil.

— Ele tem razão — disse Zebedeu.

— É só uma noite de trabalho... — disse Simão.

— *Quarenta* noites! — disse Zebedeu. — Uma para cada homem que fez o sacrifício de ficar longe da sua família.

— E todos esses quarenta foram para casa de manhã por minha causa!

— Sim, Simão, mas isso porque você não pôde suportar a ideia de nos arruinar tanto quanto a ideia de arruinar a si mesmo! — o homem fixou o olhar nos olhos de Simão, como se estivesse vasculhando a sua alma. — Nós temos uma grande dívida com você por causa disso — Simão pensou que talvez tivesse resolvido aquela confusão, de alguma forma. No entanto,

Zebedeu não tinha terminado. — Mas não posso retribuir seu favor tirando comida da boca dos meus homens. Eu sinto muito.

•••

Quartel-general da Autoridade Romana

Um capitão introduziu Mateus no escritório de Quintus e anunciou-o ao pretor.

Quintus estava de costas para Mateus, olhando por uma grande janela:

— As frutas daqui são ótimas — ele disse. — Romãs, tâmaras, figos, frutas silvestres. Azeitonas. Tudo que cresce aqui é perfeito.

Mateus mexeu-se de forma desajeitada. Por fim, Quintus virou-se para encará-lo, de braços cruzados, sorrindo.

— Exceto as pessoas. Vocês são um bando de miseráveis. Adoram um único Deus e, mesmo assim, estão todos divididos. Sabe, as pessoas reclamam que nós, romanos, governamos o mundo, mas eu sei de um segredinho: vocês *querem* ser governados. Vocês *querem* uma desculpa para reclamar. Faz parte da natureza de vocês. Compreende isso, Mateus?

— Eu não sei.

Quintus estava se divertindo muito:

— Não, você não iria entender. Você é uma máquina que faz uma coisa só. Essas coisas estão abaixo de você — ele olhou para trás de Mateus. — Onde está a sua escolta?

Mateus hesitou:

— Ele não quis entrar. Ele acha que minha falta de habilidade social...

— Ele acha que vai acabar morto por sua causa.

"Exatamente", pensou Mateus.

— Sim.

Quintus riu.

— Hoje, não, Mateus, não. Hoje eu preciso de uma coisa... e você ouviu bem. Preciso da sua máquina.

— Minha máquina?

— A sua mente, Mateus. Preste atenção — ele abriu um documento. — Você provavelmente tinha razão em relação a Simão. Ele me enganou.

Talvez. Provavelmente. O fato é que eu não tenho aqui muitas tropas experientes no mar. Pode ter sido um acidente.

— Dominus?

— Siga, Simão. Eu quero saber para onde ele vai, quem ele encontra. Conte-me o que eles estão falando, o que ele está bebendo. Tudo.

— Essa última parte pode ser difícil. Na verdade, tudo o que pediu, dominus, pode ser difícil.

— Mas você é um homem habilidoso. Focado...

— Eu não sou aceito.

— Onde?

— Em lugar nenhum. Eu sou um cobrador de impostos.

— É visto com inveja?

— Odiado. Todos odeiam os cobradores de impostos. Somos piores do que os romanos — Mateus deu-se conta do que havia dito. — O senhor nasceu romano. Eu fiz uma escolha.

Quintus olhou para Mateus e deu de ombros:

— Então vá disfarçado. Pouco me importa — ele entregou a Mateus uma tabuinha de cera. — Você sabe escrever, não sabe?

— Sim.

— Escreva tudo. Cada detalhe. Seu posto de coleta está protegido?

— Sim, dominus. Meu cachorro o protege quando eu estou fora.

Quintus gargalhou.

— Ah, Mateus, você é um tesouro inestimável! É claro que você tem um cachorro!

Capítulo 35

O SELVAGEM

Escola hebraica de Cafarnaum

Nicodemos convocou uma breve reunião com Shemuel, o seu protegido Yusef e outros dois líderes fariseus. Eles estavam em pé formando um pequeno círculo no saguão, e Shemuel, perplexo, dizia-lhes:

— Eu vi com meus próprios olhos. A fila se estendia da beira do rio Jordão até o bosque de acácias, a perder de vista. Todos eles estavam esperando para serem imersos no rio por um homem barulhento, vestido de pele de camelo.

— E não era para purificação? — disse um deles.

Shemuel balançou a cabeça:

— Ele chamou aquilo de "batismo de arrependimento", perdão de pecados!

— O que foi que ele disse exatamente? Você já o tinha visto antes?

— Não. Foi isso o que ele disse — ele voltou-se para Nicodemos. — Rabino, há precedentes disso?

Nicodemos estava perdido em pensamentos. Será que era esse o homem de quem Lilith... Maria... falara? Mas ela não havia dito nada sobre Ele ser barulhento ou vestir peles de animais. Talvez fosse outro homem de quem Nicodemos tinha ouvido falar.

— Qual era o discurso dele?

Shemuel parecia confuso.

— Rabino?

— As suas palavras... a mensagem! Ele defendia a lei rabínica? Queria uma revolução? Violência?

— Violência, não. Mas eu ainda não contei ao senhor a pior parte: um dos nossos se aproximou dele, e ele chamou todos nós de serpentes.

— Nós? — disse outro.

— Sim! Líderes religiosos.

— Serpentes?

— Ele falava veementemente como um louco, dizendo que nós somos imprestáveis.

— E o que mais? — disse Nicodemos.

— O que mais? O que pode ser pior do que isso?

— Depende... de quem ele é.

— Ele disse aos soldados e cobradores de impostos para não extorquirem dinheiro ou cobrarem acima do permitido.

— Eles estavam presentes quando ele disse isso?

— Sim! E disse aos plebeus para dividirem comida e roupas com quem não tivesse.

— Aah, ele está pregando uma mensagem populista — disse um fariseu.

Nicodemos fez os outros se calarem com um gesto.

— Em Jerusalém, eu ouvi falar de um selvagem que entrou na corte do rei com uma lista dos males praticados por Herodes Antipas e a sua família.

— O que devemos fazer, rabino? — disse Yusef. — Podemos trazê-lo para ser interrogado pelo Sinédrio?

Nicodemos balançou a cabeça.

— Se for a mesma pessoa, ele não responde ao Sinédrio. De qualquer forma, nós não somos os seus únicos alvos. Ele parece gostar de rejeitar tudo que tenha a ver com tradição e todos que tenham influência — ele voltou-se para Shemuel. — Eles dizem que ele faz milagres?

— Eu não sei.

Os outros pareciam esperar algo mais de Nicodemos, mas ele simplesmente disse:

— Esta reunião está encerrada.

E saiu dali.

Capítulo 36

A CONFISSÃO

Simão chegou em casa e encontrou os seus cunhados reunidos com Éden na cozinha, sussurrando:

— O que é isso? — ele disse.

Surpresos, os homens viraram-se com um sorriso — um sorriso exagerado, especialmente em se tratando de homens com quem ele vinha brigando quase toda semana há muito tempo.

— Aha! Aí está ele! — disse o mais velho, que dessa vez parecia tudo, menos alguém querendo brigar.

Com cuidado, Simão simplesmente respondeu:

— Jeosafá. Ibraim.

— Simão! — disse Jeosafá. — O que aconteceu com a sua orelha?

— Tem um corte nela — disse Éden, quase chorando. — O que aconteceu?

— Simão — disse Jeosafá, ainda parecendo forçar um sorriso. — Somos todos irmãos aqui...

— Sim! — disse Ibraim. — Se um dia você precisar de alguma coisa, *qualquer coisa*...

Cansado daquilo, Simão foi direto ao ponto:

— Olha, se isso é por causa do que está acontecendo nas docas, eu não sei o que vocês ouviram. Mas foi só um desentendimento, está bem? São negócios.

Éden ficou espantada com o que ouviu.

— O que tem de errado nas docas?

Então, aquilo não tinha a ver com seu problema com os romanos. O que era? Simão gaguejou, falando devagar até alguma ideia vir à mente:

— Eu... hã, perdi uma isca. O que aconteceu?

— Ima está doente — disse Éden.

— Dasha? O que aconteceu?

— Ela está se contorcendo de tosse — disse Jeosafá. — Não tem força para fazer nada.

— E, além disso, ela não tem dormido — acrescentou Ibraim.

— Ela está cuspindo sangue.

— Eu não entendo — disse Simão. — Acabamos de vê-la no último...

— Mês! — disse Éden. — Simão, já faz um mês que você visitou Dasha.

Será possível? Ele esforçou-se para disfarçar.

— Você sabe como tem sido... o trabalho e... eu sei. Não tenho sido um bom... — de repente, ele caiu em si e apontou para os irmãos de Éden. — Espera, por que eles estão aqui?

Quando os três entreolharam-se de forma estranha, Simão ouviu alguém tossir no quarto ao lado. Então era isso. Eles haviam trazido a sua sogra para lá!

— Não, não, não, não, não. Olha, eu amo sua ima como se ela fosse a minha, mas...

— Ela ama *você*! — disse Jeosafá.

— ... mas não podemos ficar com ela.

— Ibraim e a família dele já estão todos na minha casa — disse Jeosafá.

— Essa não é uma boa hora — disse Simão.

— E quando é uma boa hora para ficar doente, Simão? — disse Ibraim.

— Rapazes, a resposta é não — sussurrou Simão.

Os três irmãos entreolharam-se com os olhos bem abertos, e então os homens aproximaram-se dele, reclamando:

— Que tipo de homem é você?

— Você não tem honra, filho de Jonas!

— Eu peguei leve demais quando soquei sua cabeça...

— Pelas costas, você quis dizer! — grunhiu Simão. — É, onde é que está a honra nisso, hein?

— Parem! — Éden gritou. Eles ficaram calados. — Jeosafá, Ibraim — ela disse com calma —, se Simão disse que não é uma boa hora, ele tem um bom motivo para dizer isso. Não é uma boa hora.

— Obrigado, Éden — disse Simão.

— Não é uma boa hora para você — ela disse. — Não para mim.

— Querida...

— Não! Se eu não posso ajudar minha própria ima quando ela está doente, o que é que eu sou? Eu não sou nada. Não sou uma filha. Não sou uma irmã. Nada!

— Você sempre vai ser...

— Nada!

Ela não se deixaria levar.

— Ibraim, Jeo — disse Simão, tentando manter o tom de voz. — Por favor: fiquem com a sua ima no quarto ou vão lá para fora. Precisamos de um pouco de privacidade.

Eles entreolharam-se, depois olharam para Éden, e não se moveram.

— Éden? — disse Ibraim.

Já era o bastante para Simão. Ele ficou encarando os dois muito sério.

— Eu não estou falando com a irmã de vocês. Estou falando com a minha esposa na minha casa, e se vocês não saírem dessa cozinha em três segundos, vou acabar com vocês com as minhas próprias mãos!

Eles saíram. Então ele virou-se para Éden. Lágrimas corriam pelo rosto dela.

— Eu não posso mais fazer isso — Simão disse. — Por favor. Por favor me escute. Eu não tenho sido sincero com você — ela arregalou os olhos. — Não tem outra mulher, não foi jogo... — ele conseguiu a atenção dela. — Escuta, faz alguns dias que eu olhei você nos olhos e disse: "Eu resolvo isso". Mas eu menti.

— O que você quer dizer?

— Eu venho pescando no Shabbat porque não tive escolha. André deve impostos. Eu devo impostos. Não estamos conseguindo resolver isso. Tentando solucionar esse problema, eu fiz coisas de que não me orgulho, e agora ficou pior e... nós estamos com problemas.

— Nós? O que significa isso?

— *Eu*. *Eu* estou com problemas, mas eu disse *nós* porque preciso de um milagre ou vou estar com *sérios* problemas.

— Eu não sou criança. Pare de falar em enigmas. Diga-me o que está acontecendo.

— Eu posso acabar na prisão. Podemos perder a casa — ele murmurou.

— O quê? — ela recuou.

— O corte na minha orelha... foi um romano que fez.

— Simão! — ela ficou engasgada.

— Se eu não pescar uma tonelada de peixes ou conseguir alguma ajuda sei lá como, eles vão me prender.

— Ou vão matar você! — ela disse. — Eles são romanos.

— Sim, por isso eu preciso ir agora.

— Ir para onde?

— Pescar. Tenho que passar o resto da semana sem fazer nada a não ser pescar cada peixe que eu puder e torcer para resolver isso de alguma forma — ela virou de costas, mas ele continuou. — É por isso que não podemos ficar com a sua ima. Simplesmente não podemos ago...

Ela virou-se de volta e ficou encarando Simão.

— Não! Ela não tem nada a ver com isso! Eu não vou deixar que você a puna por causa dos seus pecados!

— Éden, você não pode fazer isso sozinha.

— Você não pode me dizer o que eu posso ou não posso fazer. Você esteve de olhos fechados por aqui! E Deus está comigo, mesmo se você não estiver.

Isso o feriu profundamente:

— Eu sinto muito.

Ela pareceu estudá-lo.

— Onde está a sua fé? Hein?

— O quê?

Não era possível que ela estivesse acusando-o...

— Você me ouviu.

— Fé não vai me ajudar a conseguir mais peixes.

— Eu não estou falando sobre hoje à noite. Estou falando sobre um bom tempo atrás. Você está diferente. Antes era o jogo, e agora é trabalhar e tentar fazer tudo sozinho. Simão, o popular, resolvendo tudo e encantando a todos, sozinho! E pescando em dias santos sem sequer pensar sobre isso, sem nenhum respeito pelo nosso Deus.

— E o *pikuach nefesh*? Ele diz que podemos quebrar um mandamento a fim de salvar uma vida. As nossas vidas estão em perigo.

— Você não sabe disso porque não tem buscado o Senhor ultimamente. Você não é o homem que eu conheci e com quem me casei — ele ficou paralisado, mas ela ainda não havia terminado. — É por *isso* que você está enrascado e desesperado, e agora está saindo para tentar resolver as coisas sozinho de novo.

Ele não tinha o que dizer. Sabia que Éden tinha razão. Como ele queria reconciliar-se com ela!

— Então, pode ir — ela disse, agora chorando. — Não quero você aqui hoje à noite mesmo.

— Eu sinto muito — ele sussurrou.

Ela não conseguiu esconder o seu amor por ele.

— Eu sei que você sente muito. Eu sei. E estou feliz que, pelo menos, foi sincero comigo. Mas chega de conversa. Talvez Deus consiga sua atenção agora.

•••

Simão saiu dali com pesar, mais deprimido do que nunca. Ele tinha puxado tudo para si, é verdade, e acabara ferindo a mulher que amava mais do que tudo no mundo. Ele socou uma das mesas em que consertava os equipamentos de pesca, querendo ferir-se tanto quanto merecia. Mas a pele da sua mão era grossa como couro, e ele nem sentiu nada.

— Simão!

Era a voz de André, e ele parecia empolgado. Que hora. Simão preferia afundar-se na sua vergonha do que ter de falar com alguém, mesmo que esse alguém fosse o seu irmão. Ele queria transformar a sua culpa em determinação a fim de fazer o que fosse preciso para recuperar a confiança de Éden, pagar as suas dívidas, ficar com a sua sogra de boa vontade, ganhar de volta a sua reputação com os outros pescadores e renovar a confiança de André — tudo isso.

André pulou para dentro do quintal, sorrindo como um louco. O pobre homem vinha tão atribulado há tanto tempo que esse era um lado dele que

Simão não via há décadas. E era tudo sua culpa, por causa dos seus esquemas malucos e a sua prontidão em fugir das leis.

— Simão! — André gritou, sem fôlego, apoiando-se numa cerca de madeira — Aconteceu! Aconteceu, Simão!

Simão mal podia esperar para ouvir o que era.

Capítulo 37

INDO PESCAR

André arfava e ofegava, tentando recompor-se. O seu sorriso enorme dava a aparência de que ele estava bêbado, mas Simão sabia que não era esse o caso.

— Do que você está falando? Veio correndo lá de Jerusalém?

— Estamos salvos! — André finalmente falou.

Ah, irmão! Simão não fazia ideia do que ele estava falando.

— Como assim "estamos salvos"?

André fez que sim com a cabeça, com lágrimas nos olhos, cheio de alegria. Era como se o peso do mundo inteiro tivesse sido tirado dos seus ombros. Simão não tinha tempo para aquilo. Será que André não percebia o terrível aperto em que eles estavam?

— Eu o vi! Com meus próprios olhos, Simão!

— Quem?

— Foi incrível!

— André! Quem você viu?

Seu irmão fez uma pausa, parecendo mais sério do que nunca. Simão tinha de admitir: era melhor ver André entusiasmado com alguma coisa — qualquer coisa — do que perturbado como estava há semanas. Mas o que era aquilo?

— O Cordeiro de Deus! — disse André.

"Ótimo", Simão pensou, "é bem aquilo de que precisamos agora: meu irmãozinho teve um êxtase religioso". Os dois eram devotos desde que nasceram, mas os profetas estavam em silêncio há quatrocentos anos. E agora André estava convencido de que tinha encontrado o próprio Cordeiro de Deus?

Acontece que André estava apenas começando. Já que Simão parecia não reconhecer a linguagem da Escritura ou não entender que ele estava se referindo ao Messias prometido há tanto tempo, André disse com a voz ainda cheia de emoção:

— Aquele que tira o pecado do mundo!

Simão balançou a cabeça e deu as costas a André. O que ou quem quer que fosse, não mudava em nada a situação deles. Simão ainda tinha de ir, colocar o barco, e os remos, e as redes na água e começar a produzir a sua única esperança real de ficar fora da prisão — e vivo.

Desmotivado pela resposta nada entusiasmada do seu irmão, André disse:

— Simão! Nós estávamos à beira do rio Jordão, e João Batista apontou para um homem que estava andando e... Simão! Você está me ouvindo?

Simão foi até uma mesa onde habilmente começou a remendar as redes. A vida que ele conhecia, bem como a vida de Éden e André, estavam balançando em cima de um abismo terrível.

— Sim! Mas você não estava falando nada.

André aproximou-se dele, com voz de quem está prestes a chorar.

— Hoje eu vi o Messias, o homem pelo qual todos nós, inclusive você, temos orado a vida inteira! Você não se importa?

Simão não sabia se ria ou se chorava. Ele nem desviou o olhar do que estava fazendo.

— Ele era um homem forte?

— Forte? — disse André. — Não.

— Rico?

— Não.

— Ele parecia ser capaz de pagar nossa dívida com Roma? — Simão finalmente ergueu os olhos para André — Ou talvez... talvez ele seja médico. Não? Bom, então ele não pode nos ajudar com a ima da Éden, que agora está morando com a gente, André!

André ficou chocado:

— Dasha?

— Então, desculpe se não estou pulando de alegria porque aquele João esquisito apontou para alguém!

André aproximou-se dele, parecendo analisar o seu rosto:

— Você está com medo — ele disse mansamente.

Medo não é nem a metade da história.

— Eu perdi tudo. Não tenho como voltar à nossa vida de antes.

André agarrou os ombros de Simão e sussurrou com uma voz rouca:

— Isso não importa! Os romanos não importam agora que o Messias chegou! — ele segurou o rosto de Simão. — Agora tudo é possível! Não está vendo?

Simão não podia negar que André realmente acreditava naquilo. Ele sorriu com superioridade e deu um tapinha no ombro do seu irmão:

— Isso seria ótimo.

Ele afastou-se e foi para o depósito.

André parecia não acreditar:

— Para onde você vai?

Simão apontou para casa:

— Vá ajudar a Éden. Os irmãos dela estão tentando cozinhar, dá para sentir o cheiro.

•••

André não tinha o que fazer a não ser tentar entender o que estava acontecendo. Simão tinha de saber que ele estava falando sério, que ele não havia inventado tudo aquilo. André só precisava apresentá-lo ao Messias.

Mas o que era aquilo? Meio quarteirão abaixo, o cobrador de impostos observava-o por cima da sua tabuinha de escrever. Sem esconder-se. À vista de todos.

André fingiu não perceber e deu uns passos para um lado e depois para o outro. O cobrador de impostos continuou a observá-lo. Ele era um péssimo espião.

•••

Simão saiu do depósito com tudo de que precisava para uma noite de pesca. A menos que tivesse sucesso, aquilo podia ser a última coisa que ele iria ver da sua casa. Ele foi apressadamente em direção ao mar e acabou indo direto ao encontro do cobrador de impostos.

— Agora você está me seguindo, é?

— É uma questão de prestação de contas — Mateus sorriu.

— Você está aqui para garantir que Quintus saiba aonde ir quando chegar a hora de me fazer mal.

O homenzinho parecia orgulhoso de si mesmo.

— A hora de quitar a sua dívida. Eu registro coisas. Eu sou bom nisso. Quintus sabe que eu sou bom nisso.

Aquilo fez Simão sorrir.

— Você não está... de bom humor, está?

Mateus pareceu desconfortável, como se tivesse sido pego — não espionando, mas sendo estranho.

— Você devia se entregar. Nós podemos acompanhá-lo.

— Não — disse Simão. — Vou continuar tentando todas as possibilidades — ele virou-se para ir embora.

— Não há nenhuma possibilidade — Mateus falou atrás dele. — Ou você fornece informações sobre os pescadores culpados ou paga as suas dívidas. De alguma forma.

Simão parou e colocou os seus equipamentos no chão, voltando até Mateus para encará-lo:

— André disse que tudo é possível.

— Não matematicamente.

— É, mas... e daí?

— Você só vai submeter a sua família e os seus amigos a uma angústia desnecessária, prolongando o inevitável.

— Você fala muito complicado.

Mateus pareceu sentir-se parabenizado.

— Mas ninguém me ouve. Não como ouvem você. Você tem um talento único.

Surpreso, Simão concordou:

— Pelo menos isso significa alguma coisa — e pegou os seus equipamentos de volta.

— Posso deduzir que você não está indo até as autoridades? — disse Mateus.

— Eu vou pescar.

— Ah! Variáveis. As pessoas estão sempre adicionando variáveis.

Simão não ligou para o que Mateus disse e já estava pronto para partir. Mateus pareceu tentar uma nova abordagem:

— Mudaria alguma coisa você saber que seu prazo é só até o nascer do sol?

Simão sentiu seu rosto empalidecer.

— Até o nascer do sol? Mas o Shabbat é só daqui a três dias!

— Quintus está convencido de que você o enganou. Ele está a caminho.

Simão desabou. Não havia como ele pescar o suficiente numa noite, mesmo trabalhando até o amanhecer a fim de amenizar a dívida dele e de André. No entanto, ele não tinha escolha.

— Eu vou pescar mesmo assim.

— Entregue-se! Você não tem um plano viável.

— Eu já lhe disse qual é o meu plano. Se eu fracassar, vai ser fazendo aquilo que Deus me criou para fazer. Diga a seu chefe que ele pode vir me tirar da água.

Capítulo 38

UMA OPORTUNIDADE BATE À PORTA

Casa de convidados em Cafarnaum

Nicodemos estava sentado em frente a Zohara no jantar, enquanto os servos agitavam-se de um lado para o outro, tentando antecipar-se a todas as necessidades deles. O velho fariseu ainda apreciava observar a mulher da sua juventude, sua companheira há décadas.

— Devíamos estar contando nossas bênçãos — ela disse.

"Era exatamente o que eu estava fazendo", ele pensou.

— Adonai é mesmo grandioso.

— Essa viagem não poderia ter sido melhor, mesmo que tivéssemos planejado cada momento — disse Zohara, levando a colher aos lábios.

Na verdade, Nicodemos estava cansado da constante bajulação, reverências e adulação quando as pessoas percebiam quem ele era por causa das suas roupas. No entanto, ele também sabia que era a sua responsabilidade não aceitar louvor que pertencesse a Deus.

— Meus olhos sempre se abrem de forma nova nesta terra.

— Isso sem contar as novas oportunidades que nosso sucesso aqui, sem dúvida, irá criar.

Obviamente, ela quis dizer que isso aconteceria quando estivessem de volta a Jerusalém. Porém, secretamente, Nicodemos lamentava a ideia de um retorno triunfal, especialmente depois de ter fracassado com Lilith... Maria. Era melhor diminuir as expectativas de Zohara.

— Vamos continuar aqui por mais duas semanas ou até eu concluir minha pesquisa.

Ele podia ver no seu rosto que não era aquilo que ela queria ouvir.

— Mas, Nico — ela disse, passando o pão para ele. — Você com certeza pode concluir sua pesquisa em Jerusalém. E os acervos estão lá...

— Essa questão já está decidida.

Uma batida à porta interrompeu os dois. Zohara pareceu confusa.

— Eu não estava esperando ninguém.

Era Yusef, dizendo a um servo:

— É importante. Eu preciso falar com ele.

Nicodemos aproximou-se.

— Perdão por interrompê-lo a essa hora, rabino — disse Yusef. — Eu lhe trago notícias sobre o herege chamado João.

— O Batista?

— Os romanos o levaram sob custódia.

— Como ficou sabendo disso?

— Shemuel, rabino.

Nicodemos perguntou-se por que o próprio Shemuel não lhe trouxera essa informação.

— Acredito que Shemuel possa ter informado aos romanos onde ele estava — acrescentou Yusef.

Tomara que não fosse verdade.

— Nós não entregamos judeus aos romanos por qualquer motivo — disse Nicodemos. — Foi o Sinédrio que ordenou isso?

— Não, professor.

De repente, Nicodemos deu-se conta de que essa poderia ser uma oportunidade de aproveitar a sua posição para obter acesso a alguém que ele queria desesperadamente conhecer.

— Eu mesmo quero interrogar o Batista. Vou fazer uma investigação. Obrigado, Yusef.

— Sim, rabino.

— E eu irei discutir esse assunto pessoalmente com Shemuel, está bem?

•••

Mar da Galileia

Apesar dos anos de opressão e impostos exorbitantes nas mãos dos romanos, Simão sempre amara o seu trabalho. Ele vivia na água desde criança e amava trabalhar com seu pai e seu irmão, isso sem contar os vários amigos que se tornaram como que uma família para ele. Simão amava ficar a céu aberto e amava a água e o sol — principalmente o sol. Gostava até de ser conhecido como pescador.

Ele também era bom nisso — podia citar de cor mais de trinta espécies que enchiam aquelas águas. O trabalho duro tinha sido a sua vida há tanto tempo que as suas mãos, os seus pés e até mesmo os seus dedos foram condicionados a lidar habilmente com cada tarefa. Apesar de não ser alto e robusto, seus músculos eram fortes e definidos, e ele orgulhava-se de ser especialista em todas as tarefas do mar.

Simão, contudo, não gostava de pescar à noite, principalmente sozinho. Afinal, até as redes vazias ficavam pesadas por causa da água, e lançá-las vez após vez no mar e puxá-las de volta para o barco tornavam a noite longa. Mas ele amava ver a lua na água, as ondas batendo no barco suavemente e aquele silêncio.

Simão era otimista, apesar de também ser realista e saber que mesmo uma pesca bem-sucedida naquela noite não chegaria nem perto de ser o bastante para quitar a sua dívida. Apesar disso, com o seu dom de usar a lábia para escapar de grandes problemas, ele acreditava que uma pesca razoável pelo menos daria a ele um pouco mais de tempo. Se ele conseguisse um barco cheio até de manhã, imagine o que ele faria em mais alguns dias. Até Quintus ficaria impressionado, não?

No entanto, conforme a noite avançava e ele não puxava nada — nem uma sardinha sequer —, a sua confiança foi embora. Ele já tivera pescas ruins antes, mas nada? Como era possível? Aquele mar — que alimentava não apenas a cidade de Cafarnaum inteira, como também toda a área ao redor dela desde tempos imemoriais — estava completamente sem peixes naquela noite? Impossível.

O seu desespero transformou-se em ira, e ele grunhia e gemia com o esforço solitário. Simão tentou dos dois lados do barco, inclusive à frente e

atrás. Ele tentou pescar em enseadas e angras, locais preferidos e até mesmo em áreas que ele havia deixado para os outros pescadores nos últimos anos. Ele colocou os remos no lugar e impulsionou o barco por um quilômetro até uma posição em que sempre conseguira algo. Mas nada. A única coisa que ele conseguiu com o seu esforço foi mais cansaço.

Tudo o que Simão sabia fazer era lançar, e lançar, e lançar a sua rede ao mar e puxá-la de volta. Aos poucos, ele começou a esquentar. E agora estava fervendo: jogava os equipamentos, pisava com força no barco e rasgava furiosamente as redes enroscadas e com nós. Por fim, ele gritou, berrando de raiva. Conforme as horas passavam, ele desgastava-se. A certa altura, ele simplesmente se sentou com as costas curvadas. Quem olhasse pensaria que ele estava apenas fazendo uma pausa, mas ele estava mesmo era prestes a explodir.

O que seria de todo o seu esforço se ele fracassasse? O que aconteceria com Éden? A ima dela? André? A sua casa? O seu futuro? Os seus sonhos? Parecia que tudo isso estava afundando na imensidão negra daquele mar que ele amara a vida toda. Será que ele estava sendo castigado? Será que Éden estava certa ao acusá-lo de não buscar mais o Senhor? Agora Simão estava disposto a tentar qualquer coisa.

•••

Na praia, Mateus estava sentado com o seu cachorro, que se assustou com um grito vindo do mar. Ele acalmou o animal, falando suavemente:

— Às vezes as pessoas também latem.

Mateus estivera observando o barco de Simão há horas, imaginando se ele estava fazendo algum progresso. Lá longe, no horizonte, ele vislumbrou a pequena luz de uma chama. Seria outro barco? Quem mais estaria ali àquela hora?

O barco moveu-se lentamente em direção a Simão.

•••

Simão estava sentado no seu barco frustrado, exausto e analisando as suas mãos: fazia anos que ele não machucava os seus calos e criava bolhas.

Mas ele podia tolerar aquilo e trabalhar mesmo assim, se ao menos conseguisse encontrar o lugar certo — qualquer lugar onde houvesse peixes.

As suas redes encharcadas estavam a seus pés, mas naquele momento ele não conseguia forçar-se a ficar em pé e lançá-las mais uma vez. O barco estava à deriva, com a madeira rangendo suavemente.

— Rede após rede — ele murmurou e olhou para o céu.

Que noite bonita e sem nuvens! Em qualquer outra circunstância, ele estaria maravilhado com uma vista daquelas. O que foi que Deus prometera a Abraão?

— "Tornarei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu." Mas e depois, hein? — ele disse em voz alta.

Simão esforçou-se para ficar em pé e agarrou a rede.

— Fazer os escolhidos serem tantos quanto as estrelas só para nos deixar ser escravizados pelo Egito por gerações? — com um grunhido, ele jogou a rede na água mais uma vez. — Tirar-nos do Egito e abrir o mar Vermelho só para nos deixar vagando pelo deserto por quarenta anos? Dar-nos a terra, só para nos deixar ser levados cativos para a Babilônia? Trazer-nos de volta, só para sermos massacrados por Roma? *Esse* é o Deus que tenho servido com tanta fidelidade a vida inteira! Você é o Deus a quem eu deveria agradecer! Sabe que, se eu não estiver enganado, eu diria que você gosta de nos puxar de um lado para o outro como bodes, e não consegue decidir se somos escolhidos ou não! O que nós somos? Hein?!

— Simão!

Ele virou-se e encontrou um barco chegando cada vez mais perto.

— André?

— Com quem você estava falando?

Simão balançou a cabeça.

— Aparentemente com ninguém.

— Você não devia brincar assim, meu amigo — disse outro homem.

— É — disse outro. — Os seus amigos poderiam pensar que você perdeu a fé.

— Tiago e João, eu suponho — disse Simão. Apesar da sua fúria, ele ficou profundamente tocado por eles estarem ali. Quando o barco deles emparelhou-se com o seu, Simão viu o pai deles também — Quem foi que trouxe o velho?

— Eu ouvi dizer que você precisava de um pescador de verdade — disse Zebedeu.

Simão estendeu um remo para o barco de Zebedeu e puxou André para o seu barco — Como você sabia que eu estava aqui?

— A Éden pode estar brava, mas ela não é orgulhosa a ponto de não pedir ajuda — disse André.

— Ah, então você contou a história toda para ela, hein? — disse João.

Tiago riu:

— E como ela reagiu?

— Digamos que essa é minha última noite como um homem livre, e eu estou pescando — Simão disse a eles.

— Sua última noite? — um olhar de preocupação inundou André.

— Quintus — disse Simão, sem precisar dizer mais nada.

Os outros se entreolharam. Zebedeu levantou-se, lançando uma corda do seu barco para o de Simão:

— Bem, a noite não dura para sempre, não é mesmo? Vamos pescar!

Simão já não estava otimista, porém estava imensamente grato pela companhia e comovido pela forma como o seu irmão e os seus amigos — os mesmos amigos que ele quase entregara às autoridades — entraram em ação. Com precisão militar, os cinco colocaram os seus anos de experiência para trabalhar. Eles amarraram os dois barcos, juntaram as suas redes à de Simão e prepararam-se para lançá-las num grande círculo em volta dos dois barcos. Mesmo que não tivessem sucesso, Simão estava feliz de poder trabalhar com homens que sabiam como trabalhar e como pescar.

•••

Uma hora depois, a alegria de Simão desapareceu, e, aparentemente, a energia do seu irmão e dos outros também. Ao puxarem rede após rede vazia, a coordenação foi embora. A tripulação inteira começou a ficar lenta e cansada, e o ânimo deles ia ficando que nem o de Simão. Nenhum barco conseguira um único peixe, nem mesmo peixes pequenos a serem devolvidos ao mar. Sem uma única palavra, eles moveram os barcos para outro lugar e reorganizaram as redes para outra tentativa.

Depois de vários minutos inúteis, eles sentaram-se cabisbaixos, puxando e arrumando as redes silenciosamente. João disse:

— Se não pescarmos nada, de manhã talvez você possa se esconder nas caravanas mercantes. Fuja para o Egito.

— Pesque no rio Nilo — Tiago concordou.

— Lá tem peixes do tamanho de uma criança — disse Zebedeu.

— O Egito é uma província romana agora — acrescentou André.

— Não — disse Simão. — Éden odeia o Egito.

— É mesmo? — disse Zebedeu. — Então ela pode esperar você mandar dinheiro.

Todos sorriram, exceto Simão.

— Espero que, se eu deixar Quintus e os seus homens descarregarem as suas frustrações em mim, alguma hora ele me deixe receber visitas — as redes estavam prontas de novo. — Podem jogar — ele disse, e eles lançaram as redes mais uma vez.

As ondas batiam no casco dos barcos, e uma brisa leve refrescava os cabelos suados de Simão. Enquanto estavam sentados, parados, esperando que alguma coisa se mexesse no mar, André virou-se para Simão:

— Então, sobre as notícias que eu estava tentando contar a você, eu estava andando com João, aquele a quem chamam de Batista...

Simão não queria ouvir aquilo.

— André...

— Do que ele está falando? — disse Zebedeu.

— ... e ele apontou para um homem... — continuou André.

— Já chega!

— ... e disse: "Eis o Cordeiro..."

— André! Eu já disse... por favor. Nem mais uma palavra sobre esse seu Cordeiro. Nós não precisamos de um cordeiro. Precisamos de peixes.

Capítulo 39

É ELE!

O céu ficou azul acinzentado à medida que uma fraca luz iluminou o horizonte a leste. Os homens haviam pescado em silêncio há horas. Zebedeu lentamente enrolou uma corda, e Simão podia ver que ele estava acabado. Os outros estavam parados, prestes a cair no sono.

Simão começou a desamarrar o seu barco do barco de Zebedeu. André sentou-se perto dele e sussurrou:

— Talvez João tenha razão. Você tem uma chance: poderia se esconder em uma caravana mercante e fugir.

— Eu não vou abandonar a terra de nosso pai. E eles acabariam me encontrando, eu tenho certeza disso — o jogo acabara. — Talvez o Batista possa me fazer um disfarce com uma velha pele de camelo.

Sem achar graça, André levantou-se a fim de puxar a última rede da água, e todos o ajudaram, exceto Tiago, que estava dormindo. Simão e João ralharam com ele para que os ajudasse, e ele acordou. Quando o céu clareou, a única coisa que enchia os barcos eram as redes. A uns cem metros da praia, os homens estavam sentados deprimidos, e Simão conseguia ver no seus rostos resignados aquilo que ele mesmo sentia no fundo da sua alma.

Ele não estava apenas arrasado. Ele estava furioso. Derrotado.

— Zeb! Venha cá — disse ele.

O velho homem habilmente colocou o seu barco a postos ao lado do barco de Simão.

— Às vezes, o mar vence a todos nós. Não foi a sua noite.

Simão apreciou a tentativa de Zebedeu, mas não conseguiu pensar em uma resposta.

— Tudo bem — ele disse, por fim. — Chega por hoje.

Tiago e João pegaram nos remos do barco do seu pai. André e Simão fizeram o mesmo no seu barco. Contudo, quando eles olharam para a praia, Zebedeu gritou:

— Rapazes!

Tiago gritou ao ver um pequeno grupo na areia, à beira da água:

— Os malditos romanos não puderam nem esperar!

"É isso", Simão decidiu. Nada de correr, nada de esconder-se, nada de fugir. Ele já havia esgotado todas as suas possibilidades:

— Nós estamos com você! — Zebedeu encorajou-o.

Simão gostaria de persuadir Zebedeu, os seus filhos e André a fugirem para o outro lado do mar. Os romanos queriam Simão, não eles.

— Cuide para que a Éden fique segura — ele sussurrou. — Está me ouvindo, André?

— Ei! — disse João, olhando para a praia. — Não são soldados.

Simão piscou os olhos. E não eram mesmo! Não usavam uniformes. Um homem andando na praia de costas para o mar parecia estar falando a um pequeno amontoado de pessoas.

— Talvez ainda dê tempo de eu ver a Éden.

— Não precisa lavar as redes — disse Zebedeu. — Vamos ficar por perto para garantir que você consiga ir embora.

Enquanto remavam em direção à praia, Simão viu Mateus lá, sentado ao lado de um cachorro preto. O cobrador de impostos parecia levar aquilo muito a sério, observando a multidão e depois os barcos.

Ao chegarem a terra, Zebedeu saltou a fim de amarrar o seu barco, e Simão e André prepararam-se para fazer o mesmo, quando, de repente, o homem que falava com a multidão virou-se e olhou para eles:

— Simão! — disse André, agarrando o seu ombro — É Ele!

— Com licença — disse o homem.

— Simão, é Ele!

— Não temos tempo para isso, André.

— É Ele, Simão, é o homem de quem João falou! Ele está aqui, neste exato momento!

Capítulo 40

A PESCA

— Posso pedir um favor? — disse o homem. — Estou ensinando essas pessoas e parece que elas estão com problemas para me ouvir. Se eu pudesse ficar no barco de vocês, isso iria ajudar.

— Com problemas para ouvir você, é? — Simão bufou.

— Sim! Sim, é claro! — André falou. — Por favor! Por favor, fique em nosso barco, obrigado.

Era esse o homem que fizera André ficar tão empolgado? Ele parecia não ter nada de especial.

— Eu preciso ir — disse Simão. — Sinto muito, eu não tenho tempo para isso hoje.

— Fique só mais um pouco — disse o homem, que subiu no barco.

Simão ficou perplexo. "Esse estranho acha que pode simplesmente me dizer..."

O homem olhou nos olhos de Simão.

— Tenho uma coisa para você.

— Para mim? Hã... eu estou com pressa.

— Sim, eu sei.

"Ele sabe? O que é que ele podia saber?"

— Só preciso de alguns minutos, por favor.

— Simão — sussurrou André. — Confie em mim assim como eu confiei em você. Esse homem é o Messias.

“Isso eu ainda estou para ver.”

O homem voltou-se para o irmão de Simão.

— É bom ver você de novo, André.

— Sim — disse André, com o rosto ficando vermelho. Ele não conseguia parar de sorrir.

O irmão de Simão chamou-o de Messias, e aquEle homem nem o corrigiu. Por causa de André, Simão assentiu e deu-lhe a mão.

— Eu sou Jesus. Obrigado por isso.

— Simão.

Jesus voltou os olhos para a multidão.

— Em meus últimos instantes com vocês, quero compartilhar outra história. Todos conseguem me ouvir? — eles disseram que sim, e Ele falou — Bem, vamos agradecer nossos amigos por esse barco forte?

A multidão aplaudiu.

— Sei que minha voz gritando não é nada agradável de se ouvir. Por estar nesse barco, minha última parábola será sobre pesca, sim? Simão, por favor, me dê aquela rede. Quando essa rede é lançada ao mar, o que acontece, Simão?

“Rapaz, ele escolheu o dia errado para perguntar isso!”

— Bem...

— Na maioria das vezes, eu quis dizer.

— Ela ajunta...

— Um pouco mais alto.

Simão olhou para trás de Jesus, para a multidão:

— Ela ajunta peixes!

— Sim, esta rede ajunta peixes — Ele virou-se de novo para Simão. — Todos os tipos de peixe, certo?

— Sim, todos os tipos de peixe.

— E o Reino do céu é exatamente como o que acontece em seguida. Depois que a rede está cheia, Simão e os outros a puxam para a praia, sentam-se e separam os peixes. Os peixes bons vão para os barris, os peixes ruins... — ele soltou a rede — ... são lançados fora. Assim vai acontecer no fim dos tempos. Os anjos virão e separarão os ímpios dos justos e os lançarão em uma fornalha ardente. Vocês entenderam? Por isso, todo escriba que é versado no Reino do céu, assim como todos vocês são agora, é como o dono de uma casa pegando os seus tesouros, tanto novos como

velhos. Vocês devem fazer a mesma coisa com esse conhecimento. Essas parábolas que eu lhes contei fazem sentido para uns, mas não para outros. Sejam pacientes. Isso é tudo por hoje. Tenho assuntos a tratar com meu novo amigo.

Conforme se dispersava a multidão, Jesus devolveu a rede a Simão e saiu do barco, pulando na água:

— Lance essa rede para pescar. Um pouco mais para o fundo — Ele disse.

André logo se pôs a trabalhar, indo para a parte de trás do barco. Mas Simão estava farto de pescar.

— Escute — ele disse. — Eu não tenho nada contra você, professor, mas fizemos isso a noite toda e nada.

Jesus apenas olhou para Simão. Aparentemente, ele não ia mudar de ideia.

— Tudo bem — disse Simão, por fim. — Só porque você está dizendo.

Ele e André remaram para um pouco longe da praia e lançaram a rede. Simão inclinou a cabeça para Jesus. E agora? Jesus também inclinou a cabeça e sorriu. De repente, o barco quase virou, e Simão agarrou um lado do barco para não ser jogado no mar. Então começou a esforçar-se que nem um louco, esticando e puxando a rede com o peso dos peixes que a encheram até transbordar.

— Segure! — Simão berrou. — Segure a rede! Segure! Segure mais firme! — ele olhou para Jesus, que ria com prazer.

André lutava para segurar a sua ponta da rede.

— Ajudem! Ajudem!

Simão gritou para Zebedeu e os seus filhos, que estavam a uns cinquenta metros dali:

— Ajudem! Ajudem! Vamos!

Surpreendentemente, Zebedeu disparou pela água à frente de Tiago e João, que gritou:

— Vamos logo!

Eles alcançaram Simão e André, e todos lutaram para não deixar as redes romperem-se, enquanto Simão gritava instruções. Com um puxão gigantesco, eles finalmente conseguiram trazer para o barco a grande quantidade de peixes que se chacoalhavam e pulavam pelas bordas da rede, caindo como água para dentro do barco e enchendo todos os cantos da embarcação. Todos riram, urraram e gritaram. André sorriu para Simão.

— Eu disse! Eu disse! Eu disse!

— O barco está afundando! — gritou Zebedeu. — Saiam!

Simão e André pularam na água, e o barco subiu. Com a ajuda de Zebedeu e os seus filhos, eles puxaram a embarcação para a praia. Exausto e eufórico, sabendo que os seus problemas com Quintus logo seriam coisa do passado, Simão olhou para Jesus. Ele caiu de joelhos, chorando:

— O meu irmão e o Batista... eles... você é o Cordeiro de Deus, não é?

— Eu sou.

— Afaste-se de mim! Eu sou um homem pecador! Você não sabe quem eu sou e as coisas que eu tenho feito!

— Não tenha medo, Simão.

— Perdão! Nós esperamos você por tanto tempo! Nós acreditávamos, mas minha fé... eu sinto muito!

— Levante a cabeça, pescador.

Simão só conseguia fazer o que o homem dizia. Ele olhou para o rosto mais bondoso que já tinha visto e disse:

— O que você quer de mim? Qualquer coisa que você pedir eu vou fazer!

Jesus olhou para baixo e então se agachou para olhar no fundo dos olhos de Simão. E apenas disse:

— Siga-me.

Simão estava paralisado, e todas as dúvidas apagaram-se.

— Eu o seguirei.

— Mestre — André aproximou-se.

Jesus chamou os filhos de Zebedeu:

— Vocês também! Sim, vocês, Tiago e João! Venham, sigam-me!

João foi com tudo para a frente, mas Tiago parou o irmão e olhou para o seu pai, como que pedindo permissão.

— Vou levar os peixes para o mercado e quitar a dívida de Simão — disse Zebedeu. — E vou buscar ajuda para encher esses dois barcos.

— Tem certeza? — João falou.

— Sim! Vão!

— O que você vai dizer à ima? — disse Tiago.

Zebedeu riu.

— Vocês acabaram de ser chamados pelo homem por quem oramos a vida inteira, e você ainda me pergunta o que eu vou dizer quando vocês não aparecerem para jantar? Vão! Agora!

•••

Maria de Magdala estava com a multidão na praia, junto com o outro Tiago e Tadeu, que estiveram no jantar de Shabbat na sua casa. Os três já seguiam Jesus. Ela ficou intrigada com aqueles novos seguidores, os quatro pescadores. Simão e André caminhavam ao lado de Jesus. Tiago e João correram para alcançá-los.

— E então — disse Simão. — Tem certeza de que você não quer fazer isso só mais algumas vezes? Nós seríamos um ótimo time em um barco.

Jesus riu, mas André repreendeu-o:

— Simão!

— Era só uma brincadeira!

Jesus parou a fim de que todos se reunissem ao redor dEle e colocou a mão no ombro de Simão.

— Peixes não são nada. Vocês têm coisas muito maiores pela frente, Simão, filho de Jonas. Vocês entenderam a parábola que eu contei agora há pouco? De agora em diante, eu os farei pescadores de homens. Vocês devem ajuntar tantas pessoas quanto for possível, de todos os tipos. Eu as separarei depois.

Maria mal podia esperar.

Capítulo 41

IMPOSSÍVEL

Mateus ficou com o seu cachorro na praia a noite inteira. Durante horas, ele ficou de olho em Simão: Simão, o apostador. Simão, o falador. Simão, o inadimplente. Quando o cachorro dormiu, Mateus dormiu também. No entanto, ele viu o suficiente. Ele conhecia o velho e os seus filhos, aqueles que trouxeram o irmão de Simão para ajudar. Como devia ser bom ter amigos e família que se importassem tanto assim com você.

Apesar disso, Mateus não podia negar que ele secretamente se alegrara com o fracasso inicial daqueles pescadores, que faziam promessas que não podiam cumprir, tentavam usar a lábia para escapar de perigos e conseguiam acordos paralelos com o próprio pretor.

Mateus estava perto o suficiente para ouvir os ensinamentos do homem conhecido como Jesus. Que coisas estranhas e confusas Ele disse! Quem era Ele para parecer tão cheio de autoridade e de conhecimento, tão convincente e persuasivo? E, mesmo assim, tão misterioso? Ele era atraente e envolvente — não de ser visto, mas de ser ouvido. Mateus teria de ficar de olho nEle também. Ficou imaginando se aquEle homem pagava os seus impostos.

Como Ele sabia onde os peixes estavam? Mateus sabia que aquilo era mais do que simplesmente saber onde os peixes estavam. O tal Jesus havia feito aqueles peixes aparecerem. Mateus desceu pela praia até o lugar onde o velho Zebedeu cuidava de dois barcos, um afundado na água com o peso de peixes prateados chacoalhando-se.

— Olá — disse Zebedeu a Mateus.
— Essa carga vale muito.
Zebedeu fez que sim e riu.
— É incrível.
— É impossível.

•••

Na manhã seguinte

Desde que estivera no Distrito Vermelho, Nicodemos não se sentia tão desconfortável de estar num lugar. Legionários levaram-no até um úmido calabouço subterrâneo onde ele pisava na ponta dos pés, passando por homens que chafurdavam na sua própria imundícia. A posição privilegiada do fariseu não o tornava mais corajoso ali, naquele lugar onde ele prendia a respiração o máximo que podia. Será que eles estavam chegando perto do lugar onde estava o homem que ele procurava?

Ele aproximou-se lentamente das grades de uma cela e viu uma silhueta em meio à escuridão. A silhueta falou primeiro:

— Você devia ser o poderoso, mas está mais assustado aqui do que eu.

— É você que eles chamam de João Batista?

A silhueta surgiu das sombras e aproximou-se das grades. O cabelo e a barba dele estavam longos e desgrenhados, e ele estava vestido de pele de camelo.

— Sim.

— Tenho algumas perguntas para você sobre milagres.

PARTE 6

O PRESENTE DE CASAMENTO

Capítulo 42

DESAPARECIDO

Jerusalém, duas décadas atrás

Maria tinha certeza de que Jesus estava com outras pessoas da caravana. Pelo menos, ela tinha certeza até o dia em que, na sua viagem de volta da festa da Páscoa, ela não conseguia encontrá-lo em lugar algum. Agora ela havia voltado para a cidade de Davi há dois dias inteiros e mal havia dormido. A fim de procurá-lo, o seu marido, José, tinha ido para um lado e ela para o outro, e ela estava a ponto de desmaiar.

Sem fôlego e pingando suor, Maria correu pelas ruas estreitas, procurando algum sinal do seu filho, suplicando notícias a quem quer que visse. Como era possível que lhe fora confiado o próprio Filho de Deus e ela havia-o perdido?

— Pai, por favor! — ela gemeu. Com certeza, o seu Pai celestial não deixaria que nada acontecesse com Ele.

Maria sabia que devia estar parecendo uma louca, com o rosto empoeirado marcado de lágrimas e um olhar desesperado. Ela entrou numa pequena praça e agarrou o primeiro mercador que viu.

— Por favor! Você viu meu filho?

O homem afastou-se.

— Por que você está sozinha, mulher?

— Meu filho! Ele só tem doze anos!

O mercador riu.

— Há crianças por toda parte! Aqui é Jerusalém! Você é daqui?

— Não, nós viemos para a festa da Páscoa. Pensamos que Ele estava na caravana.

— A festa foi há três dias!

Ela passou correndo por ele, gritando:

— Jesus!

De repente, apareceu José, com o seu filho atrás dele.

— Ima!

Maria correu até o menino e puxou-o para si como se nunca mais fosse soltá-lo. Ela afastou-se um pouco e segurou o rosto dEle nas suas mãos.

— Procuramos você por toda parte, dia e noite! Estávamos com tanto medo!

— Eu disse a Ele — falou José. — Está tudo bem com Ele.

— Por que todos estão tão preocupados? — disse Jesus.

— Maria — José inclinou a cabeça em direção à sinagoga. — Ele estava lá dentro.

— Você devia estar na caravana junto com o tio Abias! — disse Maria.

— Eu devia estar com meu Pai.

— Então por que você não estava com ele?

— Eu estava.

Ela olhou para José. Ele inclinou a cabeça de novo:

— Você estava no Templo?

— Foi incrível, Maria! — disse José. — Você devia ter visto: Ele estava ensinando sobre os profetas. Os rabinos, escribas e estudiosos não conseguiam acreditar no que estavam ouvindo. Eles realmente prestaram atenção!

— Você não sabia que eu precisava estar na casa do meu Pai?

"Ah, não", ela pensou. "Mas já?"

— Ainda é cedo demais para tudo... isso.

Jesus colocou a mão no ombro dela, e ela ficou paralisada ao ver a seriedade no seu rostinho.

— Se não agora, quando?

Ela assentiu com a cabeça e sussurrou:

— Só nos ajude a passar por tudo isso. Junto com você. Por favor.

Jesus fez que sim, e José disse:

— Talvez devamos ir, antes que comecem a fazer uma investigação formal, certo? Jesus, por favor, não faça mais isso, está bem?

— Sim, aba. Posso ler?

— Veremos. Agora venha. Temos uma longa jornada pela frente.

Ao voltarem para a caravana, José brincou com Ele:

— O que você vai fazer para compensar sua mãe por essa transgressão? Vou fazer você massagear os pés dela.

— Aba!

Capítulo 43

PREPARATIVOS

Caná, 30 d.C.

Uma mulher pulando de alegria entrou no pátio da sinagoga e observou radiante todo aquele movimento dos servos preparando o grande evento. Ela ficou surpresa ao ouvir alguém gritar "Diná!" e virou-se para trás. Era uma velha amiga.

— Maria! — ela riu e correu para abraçá-la. — O que você está fazendo aqui?

— Ouvi dizer que alguém está celebrando um casamento.

— Quis dizer o que você está fazendo aqui tão cedo!

— Vim aqui para ajudar — Maria sorriu.

— Você veio lá de Nazaré? Deve ter viajado à noite no escuro! — Diná tapou a boca com as mãos, chocada.

— Se sua melhor amiga fosse a mãe do noivo, você também chegaria cedo para a festa. Agora, vamos, dê-me uma vassoura ou alguma coisa — disse Maria.

Capítulo 44

NO CALABOUÇO

Nicodemos deixou o seu pedido no ar enquanto olhava para o homem na cela:

— Milagres? — disse João Batista, com o cabelo emaranhado e o corpo coberto de uma pele de animal.

— Sim, João. Sinais e maravilhas.

— Feitos por quem?

— Por você — disse o líder fariseu.

João sorriu, mostrando os seus dentes descoloridos.

— Você está acrescentando isso à minha lista de infrações? Só mesmo um fariseu... Vocês teriam chamado Moisés de lunático por falar com um arbusto.

Será que aquele homem era tão louco quanto parecia?

— Você se considera semelhante a Moisés?

João revirou os olhos, e Nicodemos respirou fundo, pegando um banquinho de madeira. Ele também devia estar sendo motivo de piada para João. Afastando as suas vestes macias e sentando-se em frente a ele, Nicodemos lentamente removeu o manto da cabeça.

— Conte-me sobre seu ministério.

João hesitou, estudando o seu visitante.

— Você se lembra de quando César viajou pela Judeia?

— Sim.

— Ele enviou todos aqueles homens para remover troncos e sujeira para a chegada do rei. "Endireitem o caminho para o rei", eles gritavam. "Preparem o caminho!"

— As estradas de Jerusalém não têm esse tipo de problema, mas eu me lembro da visita — disse Nicodemos.

— Eu tive que me mudar. Os romanos não são gentis com os desabrigados. Perdi tudo o que tinha.

— Muitas pessoas em Jerusalém também ficaram amedrontadas.

Aquilo pareceu divertir João.

— Ah, e elas tiveram a sorte de ter você para confortá-las... por um preço, é claro.

— Será que nós deveríamos preparar o caminho para você, João? — disse Nicodemos, bufando. — É esse o objetivo dessa história?

— Não gosto das suas roupas! Só o custo dessas roupas bastaria para alimentar três crianças de Nazaré por um mês.

— Você vem de Nazaré?

— Uhum. E de Jericó. E de Belém. De Jope. De Hebrom.

— Entendo — disse Nicodemos com arrogância, olhando ao redor para aquele lugar sórdido. — Bem, agora você tem uma casa nova. Qualquer que seja sua missão, espero que a tenha completado — ele levantou-se.

— Mas você está aqui para perguntar sobre milagres.

Lentamente, Nicodemos sentou-se de novo.

— Primeiro, queria contar a você sobre um milagre que vi, mas não compreendi.

— E *depois* fazer acusações.

— Isso é uma perda de tempo — ele levantou-se abruptamente. — Você pode não ser um louco espumando pela boca, mas é igualmente irracional.

— Você me prende e depois me acusa de ser mal-humorado?

— Eu não sou o seu captor! Será que você não entende? Esta é uma cela *romana*! Eu vim aqui para falar ao supervisor em *seu* favor!

— Em meu favor — João zombou. — Qual é o verdadeiro motivo de você estar aqui, velho?

— O motivo oficial? Você é um cidadão judeu. Se tivesse quebrado a lei judaica, isso seria um perigoso precedente para permitir a Roma julgar o caso.

João desconsiderou-o.

— E o verdadeiro motivo?

Nicodemos sentou-se mais uma vez.

— A verdade? Eu estou longe de casa. Estou procurando em lugares aos quais eu nunca iria, pois estou em busca de uma explicação para algo que eu não consigo esquecer.

Aquilo pareceu tocar João de alguma forma.

— Ninguém mais sabe que você está aqui?

Nicodemos assentiu.

Agora João parecia vê-lo com outros olhos e lentamente balançou a cabeça.

— Conte-me desde o começo.

Capítulo 45

CONTANDO A ÉDEN

Cafarnaum

Do lado da sua casa onde batia o vento, à sombra fresca, a esposa de Simão, descalça, pisava uvas que tirara de um saco pendurado acima dela. A fim de manter o equilíbrio, ela segurava uma alça de corda que pendia do teto. Os seus pés eram sensíveis e maleáveis o suficiente para esmagar as uvas e liberar o seu suco, que ela iria armazenar a fim de fermentá-lo, mas sem esmagar as sementes — o que tornaria o vinho melhor. Aquele aroma doce era agradável a ela, assim como a sensação de frescor debaixo dos seus pés.

O som das uvas esmagadas tirava a sua atenção do vento e do canto dos pássaros, mas ela ouviu uma voz familiar atrás dela.

— Éden.

Então ele estava em casa. Finalmente. Ela virou-se para olhar Simão.

Ele estava ali parado, parecendo triste.

— Precisamos conversar — disse ele.

— Foi o que eu ouvi — ela soltou a corda, com as uvas cobrindo os seus tornozelos.

— O que você ouviu?

Ela estendeu as mãos e balançou a cabeça:

— Nada que faça sentido.

Simão sorriu pesaroso e abaixou a cabeça. Éden colocou as mãos na cintura e respirou fundo.

— Ontem à noite você me contou a verdade — disse ela. — Vamos continuar assim.

Ele aproximou-se e sentou-se num banquinho de frente para ela, começando devagar:

— Eu trabalhei horas a fio na noite passada e não consegui pegar um único peixe a noite inteira. André e os rapazes apareceram... aliás, obrigado por isso... mas *nenhum* de nós conseguiu nem mesmo um peixe a noite inteira também. Foi horrível. Hoje de manhã, nós finalmente desistimos e voltamos para a praia. Mas havia um professor lá... e André sabia quem Ele era, mas eu falo sobre isso depois. Ele me disse para lançar as redes mais uma vez, o que não fazia sentido, mas eu fiz de qualquer maneira, por causa do jeito como Ele olhou para mim! E aí apareceram tantos peixes que eles estavam caindo dentro do barco. Continuaram aparecendo tantos que Zebedeu acabou enchendo nossos dois barcos... o suficiente para quitar a dívida toda.

Éden mal sabia o que dizer. Ela olhou para Simão com os olhos arregalados.

— O quê? — se aquilo fosse verdade, Simão deveria estar pulando de alegria. — Então por que você não parece estar feliz?

Ele continuou ali sentado, olhando para baixo.

— Isso é difícil de explicar.

— Mais do que aquilo que você acabou de me contar?

— Não. Parece com a história de Elias e Eliseu.

Obviamente ela conhecia a história.

— Sim?

— Eliseu estava arando o campo com doze pares de bois quando, de repente, o profeta Elias apareceu e lançou o seu manto sobre ele, certo? Era um chamado para segui-lo.

— E, sem demora — ela disse, como que recitando. — Eliseu abateu os bois, queimou o arado e deixou tudo para trás.

— Isso! — então Simão ficou olhando para Éden com os olhos brilhando. — O professor... André me disse, mas eu não acreditei nele no começo... Ele é o Messias.

Éden olhou para ele, sem palavras. Simão levantou-se.

— Sei que isso parece impossível, mas eu vi com meus próprios olhos! Ele fez aparecer dois barcos cheios de peixe do nada! E as palavras que Ele falou! Aquele que João disse a André que era o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, é Ele! E aí Ele me chamou para segui-lo. Eu, André, Tiago e João. Ele nos chamou para ir aonde Ele for e aprender com Ele. Ele disse que eu não vou ser mais um pescador de peixes, e sim um pescador de homens!

O marido de Éden sorriu e disse:

— Eu nem sei o que isso significa! — e então ficou sério. — Mas tenho certeza do que eu vi. Ele é o homem que esperamos a vida inteira, e eu quero parar de pescar, deixar o mar para trás e ir...

Éden rapidamente virou de costas para ele, cobrindo o rosto com as mãos:

— Eu sei! Eu sei! — disse Simão. — Eu sei que não faz sentido, e eu sabia que isso iria chatear você. Tudo que eu posso lhe dizer é que isso é...

— Eu não estou chateada! — ela disse, virando-se a fim de olhar para ele. — Ah, por que eu ficaria chateada? Venha aqui! Venha aqui! — paralisado, ele aproximou-se da plataforma de pisar uvas. Éden puxou o rosto dele para junto do seu, sussurrando — Esse é o homem com quem me casei.

— Você acredita em mim?

— Você não podia ter inventado tudo isso — e agora ela estava chorando. — É claro que Ele escolheu você.

— Eu nem sei por que Ele me escolheu. Tentei dizer a Ele que sou um pecador.

— Todos são pecadores.

— Não sei o que isso quer dizer. E ainda não sei como vou sustentar você.

— Ah, eu não me importo com isso — disse Éden, sabendo que aquilo era real e que o próprio Deus iria cuidar deles.

— Então por que você está chorando? — ele perguntou.

— Porque finalmente alguém viu em você o que eu sempre vi. Você é mais do que um pescador.

— Você sabe que vou viajar algumas vezes. Não quero que se sinta abandonada.

— Você tem que ir com Ele. Como eu poderia me sentir abandonada? Eu me sinto salva!

— Não vai ser fácil — disse Simão.

— E quando foi que tivemos algo fácil? Nosso povo não é assim — Eles riram. Ela estendeu a mão para a corda de novo. — E então, você ia me ajudar?

— Na verdade, eu poderia assistir você fazer isso o dia inteiro.

Ela sorriu.

— Lave os pés.

Enquanto tirava as sandálias, ele disse:

— Vamos para Caná hoje.

— O que tem em Caná?

— Um casamento.

— O que um casamento tem a ver com a libertação de Israel?

— Eu estou prestes a descobrir. — Ao subir na prensa de uvas, ele acrescentou — Vamos, você não acha que nosso casamento foi um tipo de libertação?

— Do seu medo de que eu fosse careca?

— Bem, meu pai é praticamente cego.

Ela riu.

— Você se lembra de como estava frio?

— Não.

— Lembra do brinde de André?

Simão parecia confuso, fazendo que sim com a cabeça. Ela sabia que ele estava brincando.

— Lembra que o rabino se perdeu? — ela disse.

Ele começou a fazer que sim, mas depois fez que não.

— Não.

— O quê? Ele fez todos ficarem de pé, depois disse: "Por favor, sentem-se", duas vezes seguidas. Você não se lembra?

— O que eu vou lembrar pelo resto da minha vida é de ter levantado o seu véu. Eu lutaria com tigres por essa lembrança — A voz dele diminuiu, e ele inclinou-se para perto dela, colocando o braço na sua cintura e trazendo-a para perto:

— Você lutaria com tigres? — ela disse, levantando as sobrancelhas.

— Bem, a menos que estivesse tão frio como estava no dia de nosso casamento, pouco antes de o sol nascer e você ficar presa no toldo da cerimônia.

— Você se lembra! — ela sorriu.

Capítulo 46

EXPECTATIVA

Fora de Caná

Tomé, um jovem fornecedor de alimentos para festas de casamento, e Ramá, a sua viticultora, ainda mais jovem do que ele, abasteciam uma carroça puxada por um jumento com todo tipo de queijos, legumes, verduras e temperos saborosos da loja de suprimentos do seu irmão gêmeo.

— A carne de cordeiro vai estar lá antes ou depois que chegarmos? — Tomé perguntou a Ramá.

— Depois. Eles não têm um bom lugar para armazená-la, então eu não quis que chegasse lá muito cedo.

— Mas será que eles vão aparecer?

Ramá revirou os olhos.

— Com tempo suficiente para você assá-la como quiser. Sim.

Tomé não ficou convencido; no entanto, ele queria — ou melhor, precisava — parecer confiar nela. O seu irmão apresentara-a a ele como uma possível funcionária, disfarçando um sorriso ao dizer a ela:

— Tomé é um bom homem de negócios, mas talvez você fique cansada de ouvir as reclamações dele.

— Eu não fico reclamando! — insistiu Tomé.

— Chame isso como quiser — brincou o seu irmão —, mas é por isso que estamos procurando alguém para preparar banquetes com você, para que eu

possa ficar aqui.

Ramá foi a solução perfeita: filha de um renomado dono de vinhas, ansiosa por ser reconhecida profissionalmente. Desde o dia em que fora contratada, Tomé não conseguia tirar os olhos dela. Ele gostou dela de tal forma que decidira se controlar, a fim de não lhe mostrar aquele seu lado que atraía tanta zombaria — e, às vezes, um verdadeiro desprezo — por parte da sua família.

Desde pequeno, Tomé era alguém que questionava as coisas. Ele não entendia por que era assim. Seu irmão não era assim. Criado na Galileia por judeus devotos, Tomé parecia não acreditar em nada sem questionar — nem mesmo no ensino da Torá. Não que ele gostasse de brigas; ele só queria evidências, provas, respostas. Ele perguntava-se com sinceridade se as antigas profecias, especialmente as relacionadas ao Messias, deveriam ser vistas de forma menos literal e mais alegórica, principalmente considerando que Yahweh parecia ter parado de comunicar-se diretamente com o seu povo.

Apesar da determinação de Tomé em esconder esse seu lado negativo, ele não conseguia evitá-lo, nem mesmo hoje, quando ele e Ramá haviam conseguido um acordo de trabalho lucrativo. A oportunidade aparecera através do pai de Ramá: um amigo seu de longa data estava dando uma festa de casamento para o seu filho e nora em Caná.

— Espere aí — disse Tomé, analisando a carga de vinho. — Aqui só tem três talhas.

— Sim! Foi o que eles pediram.

— Ramá, estou muito preocupado que não vamos conseguir levar essas três talhas intactas até Caná! Eu disse a você, precisamos de uma quarta talha da sua vinha para garantir.

— E eu *lhe* disse que a família que está dando a festa não tem como pagar por isso.

— Eu teria pago você do meu próprio bolso.

— Tomé! Isso acabaria com a sua margem de lucro. Por que você faria isso?

Ele ficou feliz com a sua preocupação, apesar de ela ter-se expressado na forma de uma bronca gentil. Tomé ficou olhando os belos olhos dela:

— Eu... eu quero dizer, somos uma equipe — disse ele, apontando para si e para ela. — Não somos?

Ela ficou em silêncio, e ele viu nos olhos dela que ele havia exagerado e feito suposições. Irritado e constrangido, ele tratou de reorganizar as coisas e acabou derrubando uma cesta, forçando Ramá a pegá-la.

— Bem — disse ela, por fim —, acho que tudo vai chegar intacto. — Ela sorriu, e ele entendeu aquilo como um sorriso de desculpas. — Principalmente por causa da forma cuidadosa como você conduz a carroça.

— Eu só quero ter certeza de que tud...

— Tomé! Vai ficar tudo bem — ela olhou para ele por um tempo, e ambos sorriram.

•••

Pátio da sinagoga, Caná

Diná abraçou uma mulher que lhe trouxera um vaso e voltou para a mesa onde Maria amarrava ramalhetes de flores do campo.

— Ah, Tirza ? Ela é uma vizinha nossa. Não conseguimos pagar por mais ninguém, então ela se ofereceu. Era o único dia de folga dela.

— E aqui estava eu, pensando em como você foi sortuda de eu estar aqui.

Diná sorriu.

— Meu filho acabou de se casar com a mulher que ama, e eu estou cercada de amigos. Eu não poderia ter mais sorte do que isso.

Maria apertou as mãos.

— E como ela é?

— Ah, Sara é adorável. E respeitosa. E simplesmente... maravilhosa! — ela fez uma pausa. — Os pais dela, Aelá e Abner, não têm tanta certeza.

— Sobre Aser?

— Sobre Rafi e eu, como sogros. Principalmente Abner. Contudo, ele é muito bem-sucedido e influente, então talvez isso vá ser bom para o futuro das crianças.

— Você não tem que se humilhar na frente de ninguém, Diná. Eles vão mudar de ideia.

Diná forçou um sorriso, como que torcendo para Maria estar certa.

— Eu vou procurar Rafi.

O sorriso de Maria desvaneceu, abalado pela solidão.

Capítulo 47

PRIMEIRA VIAGEM

Arredores de Cafarnaum, perto do meio-dia

Simão e André deram adeus a Éden, que se despediu entregando a eles o almoço em marmitas de pano. André parecia desconfortável.

— Você podia ter mostrado um pouco de gratidão — disse Simão.

— Eu *estou* grato. Você me ouviu dizer a Éden o quanto eu estou grato.

— Eu ouvi as suas palavras. Mas também vi a sua cara.

André trocou a marmita de uma mão para a outra:

— É que eu não sei o que fazer com isso! Eu não faço viagens longas. Eu seguro assim? Se tivesse um graveto, eu podia pendurar essa coisa no meu ombro.

Simão parou e ajudou-o a pendurar a marmita nas costas ; então deu de ombros.

— Vamos ver o que os outros fazem.

— E se eles não tiverem trazido almoço? Será que vamos parecer idiotas? — ele parou. — E daí se isso parecer ingratidão?

Simão o fez continuar a andar.

— Eu não sei, talvez o que vá parecer é que nós nunca viajamos com o Messias e não sabemos o que estamos fazendo!

Eles prosseguiram, com o peso dessa nova vida passando pela cabeça de Simão como uma onda. No topo de uma colina verdejante, André falou:

— Eu estou um pouco nervoso.

— Ora, não fique nervoso. Se você ficar nervoso, eu vou chamar atenção demais.

— Não me diga que *você* não está nervoso — disse André.

— Eu disse que estava.

— Não, você disse que se *eu* ficasse nervoso, você...

— Eu sei o que eu disse! — Simão balançou a cabeça e olhou para outro lado. — Eu não quero decepcioná-lo.

— E eu não quero fazer nada de errado.

— Vamos lá, provavelmente nós dois iremos errar. É como pescar. Você se lembra de quando o aba nos ensinou?

— Nosso pai não nos ensinou nada — disse André. — Nós só ficamos sentados ali...

— E observamos! E depois foi nossa vez, e nós cometemos os nossos próprios erros.

Simão segurou André pelos ombros e gargalhou.

— Consegue acreditar nisso?

André balançou a cabeça. Do outro lado da estrada, Tadeu gritou:

— Olha, vocês são ótimos!

Ele estava parado ali com Maria de Magdala, Tiago e João. Os quatro sorriram ao ver os irmãos, e Simão ficou vermelho. Ele separou-se de André e cumprimentou-os:

— Faz tempo que vocês estão aqui?

Eles concordaram, e Tiago disse:

— Ah, sim.

— Dia perfeito para um casamento, não? — disse Jesus, aproximando-se deles.

— Mestre — disse Simão.

— Simão, André, Maria, Tiago, João e Tadeu. Mas onde está...

Algumas frutas caíram da árvore, e eles olharam para cima, onde estava Tiago, irmão de João.

— Ops — disse Jesus.

— Figos! — disse Tiago, pendurado num galho. — Para a viagem!

— Ah! — disse Jesus, sorrindo. — Agora nem precisamos parar para almoçar.

Simão olhou para André com a impressão de que todos estavam olhando para as marmitas deles. Tiago saltou da árvore, e Jesus disse:

— Obrigado, Tiago.

O outro Tiago olhou para cima.

— Sim, mestre?

— Aah — disse Jesus. — Dois Tiagos. Como vamos resolver esse dilema?

O irmão de João era mais alto do que o outro Tiago.

— Bom, que tal me chamarem de Tiagão?

— Isso é aceitável para você, Tiaguinho? — disse Jesus.

— Sim, eu acho que é justo, mestre.

— Um senso de justiça também, é? Então, está resolvido. Agora: para a estrada, meus amigos. A noiva e o noivo nos esperam.

Capítulo 48

CONSTRANGIDA

Caná

Em pé ao lado de Diná, Maria franziu a testa, enquanto ambas observavam a estrutura de troncos de árvore que formaria a rupá.[1]

— Hum... Eu acho... acho que está um pouco espaçoso desse lado...

— Perfeito! — disse Diná.

— Não? — disse Maria.

— Sim, não. Está perfeito — Diná testou a firmeza de um dos troncos. — E está firme! — Contudo, a estrutura balançou quando ela a tocou.

Maria sabia que Diná estava fazendo o melhor com o que tinha e não queria ter mais despesas.

— Deixe que eu falo com os carpinteiros. Eu sei como falar com eles.

— Vai ficar bom! Você me ajuda a decorar?

— Diná, por favor! Deixe-me fazer isso por você.

— Maria, eu amo você, mas Rafi e eu recebemos aquilo pelo que pagamos. Estou constrangida por só termos conseguido pagar por esses poucos troncos.

— Isso não é motivo para ter que se conformar.

— Quem é que está se conformando? Vai ficar perfeito. Há muitas outras coisas para fazer hoje, Maria. — Diná sorriu de novo. — Você mesma disse.

— Você sempre vê as coisas pelo lado bom.

— Alguém tem que fazer isso — Diná parecia distraída quando uma mulher elegantemente vestida apareceu. — Você pode começar a pegar mais flores? — Diná pediu a Maria rapidamente.

— Claro.

•••

Quando Maria afastou-se, Diná disse:

— Shalom, Aelá — e moveu-se para abraçá-la.

No entanto, a outra mulher apenas fez uma reverência e disse:

— Diná.

Diná recuou e retribuiu a reverência.

— Que prazer compartilhar esse dia especial com vocês. Abner está aqui? Eu adoraria dizer a Rafi que temos tempo para uma oração especial hoj...

— Abner me mandou vir primeiro. Ele virá com amigos antes da cerimônia e me pediu para escolher a mesa dele.

— Ah! Bem, nós já escolhemos os lugares onde todos irão se sentar.

— Abner gosta das coisas à sua maneira. Eu estou aqui para garantir que seja assim.

O sorriso de Diná murchou.

— Até na festa de casamento de nossos filhos?

— Diná, Abner não gosta de mudar de ideia. Não é pessoal.

— Bem, deveria ser! — Diná arrependeu-se daquelas palavras assim que elas saíram dos seus lábios, mas Aelá surpreendeu-a com um olhar de empatia:

— Em certas ocasiões importantes, eu costumo conseguir mudar as opiniões dele.

— Espero que isso seja importante o bastante — disse Diná. Ela estava indo embora quando foi interrompida por Aelá:

— Diná, Sara tem um amor inabalável pela sua família.

Diná fez que sim, ansiosa por amenizar a tensão.

— Nós amamos Sara. E todos vocês. Muito.

— Sara sabe que sim.

Então, Aelá notou pela primeira vez a precária estrutura de madeira.

— A rupá está torta — disse ela.

[1] **N do T.**: Rupá é a tenda sob a qual se realiza o casamento judaico. É um símbolo da moradia a ser dividida pelo casal, aberta por todos os lados, representando a hospitalidade aos amigos e parentes e montada geralmente ao ar livre como sinal da bênção divina.

Capítulo 49

COMITIVA

Na longa caminhada até Caná, Jesus ia à frente de Simão e André, seguidos de Tadeu, Maria, os dois Tiagos e João. Simão mastigava com força uma maçã, quando teve uma ideia de repente.

— Eu conheço essa cara — disse André, quando Simão entregou a maçã a ele e correu para o lado de Jesus.

— Mestre!

— Sim, Simão?

— Eu estava pensando... Se esse casamento compensa a viagem de alguém como você, que tem tanta coisa para fazer, talvez também compense a viagem de muitos judeus ricos.

Jesus lançou-lhe um olhar.

— Você acha que hebreus importantes e poderosos estarão lá?

— Possivelmente.

— Você é muito observador, Simão. A pessoa mais importante e poderosa que eu conheço vai estar lá.

— É mesmo?

— A minha mãe.

— A sua mãe não é de Nazaré? — André gritou atrás deles. Mas ninguém riu da piada.

— Você devia se apresentar aos convidados — disse Simão. — Estou certo? Não haverá romanos lá. Parece ser o lugar perfeito para reunir mais

seguidores e fazer as coisas funcionarem.

— Esse não é o meu dia especial, Simão — Jesus disse a ele. — É o dia especial do casal, Aser e Sara.

— Eles são muito abençoados de terem você no casamento deles! — disse André. — Será que eles sabem como isso é incrível?

— Hum... considerando que eu fui o adolescente desajeitado que rachou a cabeça na casa do Aser quando ele era pequeno, eu não acho que ele me considera incrível — Jesus olhou para André. — Você considera seus amigos de infância incríveis?

— Ele não teve amigos de infância — Simão respondeu. Jesus riu.

— Isso não é verdade! — disse André.

— Tem razão — Simão ergueu as mãos. — Ele teve a mim. Serviço compulsório.

— Eu não me lembro de ter uma fila de crianças dando a volta no quarteirão para...

— Maria! — disse Jesus. — Você achou que ter irmãos seria assim?

— Ah! Eu sempre quis ter irmãos quando era pequena.

— Diga-me o que achar quando tiver doze.

— Doze? — disse André.

— Você vai ver. Ah! Estamos chegando. Caná fica na próxima subida.

Capítulo 50

NA HORA CERTA

Maria e Diná enfeitaram a rupá com grinaldas de folhas e flores. Enquanto trabalhavam, Diná perguntou por que Maria e José não haviam celebrado o casamento deles.

— Nós fizemos um casamento — disse Maria. — Ele só não foi como o de todo mundo.

— Por que não?

— Você sabe o porquê — disse ela, desenhando uma barriga com as mãos.

— Eu teria ido — disse Diná.

— Eu sei. Se José estivesse aqui, ele estaria muito orgulhoso de você e Rafi. Ele estaria muito feliz por vocês.

— Você não acha que eu estou exagerando?

— Eu diria que sim.

— É que a rupá de Aelá para a festa de casamento do filho deles foi tão elegante e extravagante...

— Isso não importa — disse Maria. — Sara e Aser vão adorar.

— Teve notícias do seu convidado especial?

— Ele está a caminho! — disse Maria, com um grande sorriso. — É possível que Ele traga bastantes pessoas. Tudo bem?

— Ele pode trazer quantas pessoas quiser. Eu não o vejo há séculos. Como Ele está?

— Ele está bem. Ele sempre está bem.

— Estou tão feliz por você. Imagino que Ele seja um ótimo artesão.

Maria fez que sim.

— Bem, Ele não está trabalhando — Diná pareceu confusa. Maria acrescentou — Ele tem um chamado. Por causa disso, eu raramente sei aonde Ele vai. Ele está trazendo alunos.

— Aposto que Ele está bonito.

Maria hesitou.

— Aposto que está, *sim* — disse Diná.

— Diná! — gritou Rafi, do outro lado do pátio. — Diná, eles chegaram!

— Agora é a hora da verdade — ela sussurrou para Maria. — Eu fiz Rafi gastar tudo o que sobrou com um bom vinho, então me deseje sorte.

•••

— Você deve ser Tomé. Eu sou Rafi, e esta é minha esposa Diná.

Tomé fez uma reverência.

— Muitas bênçãos para vocês neste dia feliz. Quero apresentar-lhes a melhor e mais bela viticultora de toda a Galileia: Ramá bat Kafni, do Vinhedo Kafni, na planície de Sarom.

— É uma honra finalmente conhecê-la — Rafi lhe disse. — Mande meus cumprimentos àquele velho malandro quando voltar — ele virou-se para a sua esposa. — Ramá é filha do meu velho amigo Kaf.

— O vinho chegou na hora certa — disse Diná. — Um bom começo para um dia feliz!

— Naturalmente — disse Ramá. — Tomé nunca se atrasa. Meu pai envia calorosas saudações... com isso — ela tirou a rolha de um vasilhame de barro. Rafi e Diná inclinaram-se para sentir o aroma. — Prensado no ano da morte de César Augusto. Feito com água do mar, mel do monte Hermom, pimenta-do-reino e pinho de Tiro.

— Divino! — disse Rafi.

Ramá encheu um copo, e Tomé entregou-o a Diná.

— Eu não vou recusar isso de maneira alguma — ela disse. — Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da videira — ela tomou um gole e pareceu extasiada. — Céus! Graças a Deus, no dia de Aser

— ela virou-se para Rafi. — Abner e Aelá vão gostar — e acrescentou, sussurrando — e talvez até fiquem com um pouco de inveja.

Ramá sorriu, mas Rafi balançou a cabeça.

— Abner e Aelá. Agora estou com dívidas por causa de vinho para Abner e Aelá.

Diná silenciou-o e perguntou a Ramá:

— Quanto temos aí?

— Temos duas talhas da safra especial e uma talha de uma safra inferior. É claro que pretendemos servir o melhor vinho primeiro, quando os convidados estão sóbrios.

— Mais tarde, quando todos estiverem satisfeitos e com os sentidos confusos, serviremos a talha restante. Vocês entenderam? — disse Tomé.

— Sim, filho — disse Rafi. — É o truque mais antigo que existe. Nós estamos em boas mãos!

— E eu suponho que a quantidade de convidados ainda é a mesma: umas quarenta pessoas quando servirmos o vinho mais fraco?

— É isso? — disse Rafi.

— Eu estou perguntando — disse Tomé.

— Tenho certeza de que sim — disse Diná.

— Perfeito. Onde vocês querem que fiquemos?

— Por aqui — disse Rafi, apontando — O mestre de cerimônias irá lhes mostrar tudo.

•••

Rafi afastou-se com Tomé e Ramá, e Diná virou-se ao ouvir a voz de Jesus:

— Toc-toc — disse Ele, rindo. — Podemos entrar?

Ela sorriu ao ver Maria correr até Ele, deixando um ramo de flores de lado. Eles abraçaram-se, e Jesus levantou a sua mãe do chão, fazendo barulho.

— Olá, ima! Ah, como você está? Senti saudades!

— Eu também! — Ele colocou a sua mãe no chão, e Maria tomou o seu rosto nas mãos — Olhe só para você! Faz tanto tempo que não nos vemos. Tem se alimentado bem?

— *Sim*. E essas pessoas têm me ajudado com isso — Ele apontou para os amigos que trouxera, e a sua mãe saudou-os com carinho.

Capítulo 51

"QUAL É O NOME DELE?"

Calabouço

Nicodemos contou todo o caso torturante daquele seu horrível encontro no Distrito Vermelho, e João Batista mostrou-se um ouvinte extraordinariamente empolgado. A sua intimidação, que tanto incomodara o fariseu, agora parecia uma memória distante. João estava imóvel, e a cor esvaíra-se do seu rosto.

— Vários demônios? — ele disse.

— Eu mesmo vi. De dentro da boca dela, eles zombaram de mim. Não havia nada que pudesse ser feito em favor dela, exceto um milagre.

— E ela não quis contar quem a curou?

— Ele não revelou o seu nome a ela.

João começou a andar de um lado para o outro, com a respiração curta e ofegante:

— O quê? — disse Nicodemos. — O que foi?

— Começou!

— *O que* começou?

— Se Ele está curando em segredo agora, então os sinais públicos não devem demorar!

— Sinais públicos? O quê? Você o *conhece*?

João parou e segurou as grades, sorrindo para o fariseu.

— Pode-se dizer que sim!

— Qual é o nome dEle?

— "Quem subiu ao céu e desceu?" — João apontou para o céu, sorrindo.

— Eu perguntei o *nome* dEle!

— "Quem ajuntou nas mãos os ventos?" — prosseguiu João, empolgado.

— Não cite Salomão para mim, seu vira-lata selvagem! — Nicodemos contra-atacou.

— "Quem embrulhou as águas em sua capa?..." Termine!

— Não! Responda você primeiro.

— Professor de Israel! Termine o oráculo de Agur, filho de Jaque! "Quem fixou todos os limites da terra?"

Então, Nicodemos terminou de recitar:

— "Qual é o seu nome, e o nome do seu filho?"

Sem fôlego, João fez que sim com a cabeça, sorrindo.

— Com certeza você sabe!

— Você é descuidado com a Torá! — disse Nicodemos. — Deus não tem filho, exceto Israel! *Israel* é seu único filho! — furioso com o sorriso de superioridade de João, ele acrescentou — Todos nós!

— Pense o que quiser — disse João Batista, parecendo arrogante, como se soubesse de algo que ninguém mais soubesse.

— Você sabe que podem condenar um homem à morte por blasfêmias como essa!

— E quem vai fazer isso? Você? Seria um terrível precedente para Roma julgar.

Nicodemos empurrou o seu banquinho para o lado e virou-se para a porta:

— Eu nunca deveria ter vindo até aqui!

— Você esteve dormindo sua vida inteira — disse João. — "Endireitem o caminho para o rei! Ele está aqui... para despertar o mundo! Mas alguns não irão querer ser despertados. Eles amam as trevas." Eu me pergunto de que lado você vai estar.

Nicodemos fuzilou-o com o olhar.

— Se esse homem é como você imagina, ou se Ele ao menos existe, então você deveria deixar essa região. Só o fato de você estar presente já o coloca em perigo.

— Se você acha que Ele precisa da minha ajuda, você não ouviu nada.

Conforme Nicodemos ia embora, João parecia estar em êxtase, ofegando. O que tanto o emocionava?

Capítulo 52

FICANDO SEM ESTOQUE

Caná

Na sala de preparação da comida, Tomé estava ocupado dando ordens aos servos, quando uma tradicional música de casamento chegou até ali vinda do pátio, onde os convidados cantavam e dançavam.

— Quando a música acabar, levem as azeitonas e os queijos e os coloquem na mesa comprida, entre os pães e os pepinos.

•••

Do lado de fora, Ramá tentava contar a multidão, enquanto as pessoas dançavam ao redor das mesas, com os braços nos ombros uns dos outros. Em pânico, ela correu para dentro, onde Tomé estava temperando o cordeiro:

— Eu estou ficando louca ou estávamos trabalhando com quarenta até agora?

— Quarenta convidados? — disse ele. — Por quê? Vieram mais? As pessoas sempre fazem isso. Eu tenho comida suficiente para mais gente — ele voltou-se para o cordeiro novamente.

— A última contagem foi de oitenta pessoas!

Tomé virou-se com tudo:

— Você cometeu algum erro.

— Talvez eu tenha errado por pouco, mas mesmo que tenha errado por cinco pessoas, o vinho...

— Eu falei para trazermos uma quarta talha — disse ele, mas Ramá fuzilou-o com os olhos, como se dissesse que ele não estava ajudando. — Mas três ainda é o bastante para sessenta pessoas — ele acrescentou com timidez.

•••

Lá fora, a música terminou com aplausos e risadas, e o mestre de cerimônia ergueu um copo de vinho:

— Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da videira.

Todos disseram "amém" e beberam ao mesmo tempo. Um copo atrás do outro, atrás do outro.

•••

Tomé fez uma demonstração para os servos com um jarro:

— Diminuam a quantidade colocada em cada copo — disse a eles. — Assim: apenas três quartos. Se eles pedirem mais, digam que vocês já voltam. Mas, adivinhem? Vocês não voltam. Entendido? Vão!

Quando os servos saíram, o mestre de cerimônias entrou:

— Pois bem! — disse ele, e Tomé endireitou-se rapidamente. — Os convidados parecem estar bastante alegres. Mas os servos não. Como estamos indo?

Desmaiando por dentro, Tomé encolheu os ombros.

— Não tem com que se preocupar. E você é um dos melhores mestres de cerimônia que nós já vimos. Continue com o bom trabalho.

Ramá concordou, sorrindo. O sorriso de autossatisfação do homem mostrou a Tomé que a sua bajulação funcionara. Com as mãos fechadas, o mestre murmurou "Hum!" e saiu.

O sorriso de Tomé murchou, e ele suspirou:

— E agora?

— Eu tenho uma ideia — disse Ramá.

•••

Na rupá, Diná e Rafi agradeciam aos convidados que os parabenizavam e conversavam sobre assuntos comuns. A multidão abriu caminho ao ver os pais do noivo aproximarem-se em belas vestes de seda. Diná temeu o que poderia acontecer:

— Rafi! Diná! — Abner chamou os dois com a sua voz de baixo profundo. Eles o saudaram, e ele ficou olhando firme para eles, com um copo de vinho na mão. — Bem — ele disse e fez uma pausa tão longa que até Aelá fez uma cara estranha. Por fim, ele anunciou — Essa é a melhor festa em que eu estive há muito tempo!

A princípio Diná ficou aliviada, mas depois Abner gargalhou, agarrou o pescoço de Rafi e puxou-o para perto, dando um beijo em cada lado do seu rosto e mais um para ser generoso, gritando "Muá!" a cada beijo.

— Você nos honra, Abner — Diná falou com cuidado. — Nós somos abençoados por ter filhos tão apaixonados.

— Aah, eu também estou feliz — disse Abner. — Vou ser sincero: nem sempre estive feliz em relação a isso. Talvez vocês nem soubessem.

— Sim — disse Rafi. — Nós sabemos.

Diná só queria que Abner mantivesse a voz baixa, mas não teve essa sorte.

— Você nasceu em *Nazaré*, Diná — acrescentou o homem, como se lhe doesse ter que falar desse assunto tão desagradável. — Rafi, o seu povo é *nômade*, e o seu comércio, Rafi, não lhe trouxe muito sucesso. E, embora Aser pareça um bom rapaz, ele não tem...

— Sim, Abner — disse Rafi. — Nós entendemos.

— Aah, eu não quis ofender.

"Tarde demais", pensou Diná.

— Minha família é de comerciantes poderosos nessa região há anos! — continuou Abner. — Creio que o sucesso tornou minha geração arrogante.

"Sinto muito, de verdade." Será que ele estava sendo sincero? Abner olhou para o céu do fim da tarde com a testa franzida, e Diná esperou o que mais estivesse por vir.

— Perdi minha linha de pensamento — ele disse afinal. Abner gesticulou em direção à rupá e virou-se para Aelá — Pensei que você tivesse dito que a rupá estava torta. Para mim parece boa.

Diná não conseguiu evitar lançar um olhar triunfante para Aelá. Abner e ela levantaram os seus copos de vinho e deram as costas, mas aí Abner virou-se de volta e anunciou:

— E este vinho é delicioso! Preciso conhecer o produtor.

Tudo o que Diná e Rafi podiam fazer era disfarçar as suas risadas.

•••

Ramá levou Tomé a um cavernoso armazém onde havia seis talhas de pedra:

— Água para purificação — ela disse a Tomé. — Ainda tem um pouco nelas.

— Diluir o vinho — ele disse, compreendendo. — As pessoas vão notar. E os boatos vão se espalhar.

— Se isso acontecer, acho que essa família iria morrer de vergonha.

"Essa família?", pensou Tomé.

— E nós? Vamos estar arruinados.

— Essa não é uma boa opção, eu concordo — disse Ramá. — Então me ajude a pensar!

— Poderíamos servir aos convidados mais bolos de tâmaras — ele disse. — Ou aumentar o sal da comida? Fazê-los querer água? — ele suspirou. — Eu não sei. Isso é humilhante.

— Vamos continuar observando.

Capítulo 53

SURPRESA

Conforme o dia ia anoitecendo, os convidados da festa riam, comiam, bebiam e dançavam. Jesus sentou-se com um grupo de crianças, divertindo-as com um jogo de conchas. Elas gargalhavam e gritavam ao ver os seus truques.

Simão estava sentado junto com André, Maria Madalena, Tiaguinho e Tadeu, comendo e assistindo às festividades. Ele inclinou a cabeça em direção a Jesus e às crianças e disse:

— Elas não fazem ideia de quem está sentado diante delas.

O mestre empilhou copos diante dos meninos e meninas, e, quando os copos caíram, as crianças riram. Tadeu disse:

— Ser criança de novo, é?

— Eu acho que nós é que temos sorte — disse Maria. — As crianças têm que ir para casa com os seus pais à noite, mas nós vamos ficar com Ele e a sua mãe.

— Onde? — disse André.

Maria ergueu o seu copo.

— Eu não sei. Com Ele eu aprendi a parar de me preocupar com essas coisas.

— Eu não — disse André. — É frio nessa região.

— Acha que Ele deixaria você congelar? — disse Tiaguinho.

— Meu irmão tem muitas preocupações — disse Simão. — Estou sempre lembrando André de quando nosso aba nos ensinou a pescar. Nós ficamos sentados ali e observamos até que nos tornamos pescadores.

— Nós vamos observar Jesus — disse Maria. — E observar, e observar, e observar. Para sempre, eu acho.

Eles ficaram em silêncio até André dizer:

— Eu vou buscar mais vinho.

— Pegue dois copos — Simão ergueu o seu copo vazio, mas, brincando, puxou-o de volta quando André tentou pegá-lo. Por fim, ele entregou o copo a André e disse aos demais — Eu nem sei por que estou aqui. Geralmente são os alunos que escolhem o rabino, não o contrário. E eu nem sou um aluno.

— Eu também não era — Tiaguinho disse a eles. — Foi Tadeu que me apresentou a Ele.

— Como vocês se conheceram? — Maria perguntou a Tadeu.

O jovem pareceu constrangido:

— Foi em um... hã... em um trabalho numa construção. Em Betsaida. Ele não estava exatamente escolhendo os alunos melhores e mais brilhantes.

Os outros riram, mas Simão ficou confuso.

— Espere aí. Ele trabalha?

— Até pouco tempo atrás, sim — disse Maria. — Ele não é um rabino profissional.

— Sim, mas eu achava que Ele não tinha casa nem trabalho.

— Casa permanente, não — ela disse.

"Aha!", pensou Simão.

— Ele é pedreiro — e olhou para Tadeu. — Como você.

— Ele é um artesão — disse Tadeu. — Ele também ensinava. E me disse para segui-lo. Disse que estava construindo um reino, uma fortaleza mais forte do que uma rocha. Eu acreditei nEle.

— O que vocês estavam construindo em Betsaida? — disse Simão.

— Hã... algo de utilidade pública.

— Um aqueduto?

— Não... hã... era algo... ah... mais humilde.

— Então o que, homem?

— Não é apropriado dizer isso na frente de uma mulher — disse Tadeu.

Maria pareceu séria.

— Eu já vi e ouvi coisas que fariam seu sangue virar gelo.

— Uma latrina? — disse Simão. — Espere — ele acrescentou, olhando para Maria. — Gelo?

Ela assentiu. E Tadeu disse sim:

— Nosso mestre construindo um sanitário! — disse Simão.

— Trabalho é trabalho — disse Tadeu. — Eu estava cortando pedras para a parede de contenção. Ele estava construindo uma rampa de tábuas de cedro para que os aleijados e os idosos pudessem chegar até lá sem ter de subir os degraus íngremes.

— Por que Ele não os curou para eles poderem subir os degraus sozinhos?

— Ele está sempre dizendo que o seu tempo ainda não chegou — falou Maria.

— Mas Ele chamou seu nome — disse Simão. — E houve aquela pesca. Por que Ele fez milagres nessas horas e em outras não?

— Porque esses milagres foram privados — disse Tiaguinho. — Ele ainda não mostrou os seus sinais aos outros publicamente.

— O que o impede de tornar o seu ministério público?

Maria deu de ombros.

— O vento sopra para o sul e para o leste, e não sabemos dizer por quê.

Aquilo silenciou Simão.

— Uma latrina — ele disse, e todos riram. — É melhor não espalharmos isso por aí.

— Ele não esconde de onde veio — disse Maria.

— Não contem ao André — disse Simão. — Isso vai... bem, ele vai ficar surpreso.

— E agora, amigos! — gritou o mestre de cerimônia. — A Dança de Miriã!

Os convidados alegraram-se e prepararam-se para dançar. Simão percebeu que Jesus saíra de perto das crianças. Assim, quando André voltou, eles foram procurá-lo.

•••

De joelhos na sala do vinho, Tomé estendeu uma concha para dentro de uma talha de vinho inclinada, e a concha voltou vazia. “Que diabos nós vamos fazer?”. Bem naquela hora, Diná entrou. Tomé congelou:

— Tomé — ela disse, com voz apavorada. — Fale comigo.

Capítulo 54

CRISE

A noite chegou. Tochas e caldeirões acesos iluminavam o pátio da festa. Seguido de André, Simão estava à procura de Jesus. Ele ouviu o mestre falar algo engraçado e rir:

— Cuidado com os sapos dessa vez!

Foi quando Simão apareceu numa esquina.

— Ah! — Jesus ficou contente em vê-lo. — Filhos de Jonas!

— Estávamos procurando você — disse Simão, e então acrescentou que a Dança de Miriã fora anunciada. — Achamos que não iria querer perdê-la.

— Mas é claro! Nós três vamos mostrar a eles como é que se faz, certo?

— Eu não acho que essa seja uma boa ideia — André hesitou.

— Por quê?

— É que o André tem quatro pés esquerdos — Simão respondeu.

— Quatro? — disse Jesus, achando graça. — Por que quatro?

— Quando tenta dançar, ele parece um jumento andando em cima de carvões em brasa.

Jesus gargalhou.

— Ah, André! Você nega isso?

— Eu nunca vi um jumento andando em cima de carvões em brasa — disse André, encarando Simão. — Na verdade, seria uma coisa horrível de se ver.

— Meu filho! — Maria correu até eles, com pânico estampado no rosto. Tomé e Ramá pararam vários metros atrás dela.

— Aah, André, está vendo? Até minha mãe vai se juntar a nós na Dança de Miriã!

— Eles estão sem vinho — Maria disse a Jesus.

Silêncio. Por fim, André disse:

— Mas ainda é o primeiro dia...

— Sim. E acabou tudo. Não sobrou nem uma gota.

— Por que está dizendo isso a *mim*? — Jesus perguntou a ela.

Maria sussurrou:

— Nós não podemos deixar a festa acabar assim, com a família de Aser humilhada.

Jesus olhou para ela e então se virou para Simão e André:

— Irmãos, juntem-se aos outros. Eu já vou.

•••

Jesus puxou Maria para um lugar a poucos passos de onde Tomé e Ramá observavam. Ele colocou a mão no ombro dela e sussurrou:

— Mãe, a minha hora ainda não chegou.

Ela envolveu a mão dEle com a sua e manteve os olhos nos dEle.

— Se não agora, quando? Por favor.

Ele enterneceu-se e respirou fundo, esboçando um leve sorriso. Maria sorriu e afastou-se, correndo até Tomé e Ramá.

— Façam tudo o que Ele lhes disser — ela falou.

•••

Tomé não fazia ideia do que pensar. Fazer tudo o que aquele estranho dissesse? Ele levou o homem até o armazém, onde estavam as seis talhas de pedra contendo água, e virou a palma das mãos para cima, mostrando que não sabia o que fazer.

O homem cruzou os braços e apoiou o queixo na mão. Ele parecia estar estudando os recipientes.

— Encham essas talhas com água.

Tomé então o fuzilou com o olhar.

— Eu não sei se você a ouviu bem. Nós estamos sem vinho, não sem água.

— O tamanho dessas talhas é parecido com o das suas.

"E daí?", pensou Tomé.

— Avaliando bem, sim. Se as enchermos até a borda, elas são iguais.

Ele notou que o homem observava-o.

— Você é uma pessoa muito responsável, não é?

"E o que isso tem a ver?"

— Estamos em crise. E me deram a entender que você tem uma solução — disse Tomé.

— Você sabe por que as talhas dos rituais de purificação são feitas de pedra?

— O quê? — Tomé riu.

— Foi isso mesmo que você ouviu — disse o estranho, sem desrespeitá-lo.

Tomé sentiu o seu sorriso murchar e olhou para Ramá atrás do homem. Ela fez que sim. Ele engoliu em seco e voltou o olhar para Jesus:

— Porque a pedra é pura — disse ele calmamente. — É menos provável que ela fique manchada ou se quebre. Não há como deixá-la impura.

— Isso. Encham essas talhas com água, até a borda.

Tomé ainda não estava entendendo.

— Por quê?

Ramá olhou para os servos que se amontoavam à porta, observando:

— Vocês ouviram o que Ele disse. Comecem a tirar água. Rápido. E digam a todos que encontrarem para parar o que estão fazendo e ajudar.

Tomé balançou a cabeça para ela, mas Ramá simplesmente assentiu e saiu com os demais. A sós com o homem, Tomé cobriu o rosto com as mãos.

— Com as ordens que você deu, eu não vejo uma solução lógica para o problema.

— Às vezes vai ser assim, Tomé.

Tomé não havia dito o seu nome para aquEle homem, nem tinha ouvido outra pessoa dizer a Ele. Então olhou para Ele, paralisado.

— O que você disse?

— Eu não o repreendo por isso. É bom fazer perguntas. Buscar entendimento.

O homem falava com uma autoridade tão tranquila. Contudo...

— Não temos tempo para isso — disse Tomé.

— Conheço um homem parecido com você em Cafarnaum. Sempre contando. Sempre medindo.

— Esse é o meu trabalho — Tomé lhe disse. — Um trabalho que as pessoas vão pensar que eu não fiz bem feito essa noite.

O homem aproximou-se dele.

— Siga-me, e eu lhe mostrarei uma nova forma de contar e medir. Uma forma diferente de ver o tempo — Ele disse.

O que será que Ele quis dizer?

— Seguir você até onde? Não estou entendendo.

O homem olhou para ele, como se visse a sua alma:

— Continue observando — disse Ele.

Capítulo 55

O MILAGRE

Abner mastigava as sementes salgadas que estavam no fundo do seu prato. Ele levou o seu copo de vinho aos lábios e olhou para Aelá. Estava vazio. Sem muito equilíbrio, ele tentou ficar em pé.

— Diná!

Ela veio correndo.

— Abner! Espero que esteja se divertindo.

— Onde estão os servos?

— Eu não sei, mas vou procurá-los agora mesmo.

O mestre de cerimônias aproximou-se deles.

— Já está mais do que na hora de servir outra rodada de vinho — ele disse a ela. — A última foi quase uma hora atrás.

— Sim! Bem...

— Com certeza vai vir mais, Diná — disse Abner.

Ela achou difícil responder e simplesmente concordou com a cabeça.

— Eu sinto muito — disse o mestre de cerimônias. — Por favor, não se preocupe. Isso será resolvido imediat...

A amiga íntima de Diná, a viúva chamada Maria, chegou perto dela e puxou-a pelo ombro.

— A próxima rodada de vinho já está a caminho — ela anunciou a Abner.

— Obrigada por nos lembrar. Está tudo sob controle.

•••

Maria Madalena estava sentada com Tadeu.

— Seu pai também era pedreiro?

— Não — ele disse. — Meu pai era ferreiro. Acho que partiu o coração dele o fato de eu ter me tornado aprendiz de pedreiro quando tinha nove anos... mas todo homem tem que deixar o seu pai.

— Ser pedreiro parece um trabalho mais pesado — ela sorriu.

— Não é mais pesado. Só é mais, digamos, definitivo. Se um ferreiro quer modificar uma ferradura, ou um arado, ou um gancho, ele só precisa colocar o ferro de volta no fogo e remoldá-lo até ficar como desejado.

Maria de Magdala ficou intrigada com a reflexão do jovem Tadeu, que continuou dizendo:

— Quando você faz o primeiro corte numa pedra, esse corte não pode ser desfeito. O primeiro corte desencadeia uma série de escolhas. O que costumava ser um bloco disforme de calcário ou granito começa uma longa jornada de transformação, e nunca mais será o mesmo que antes.

•••

Tomé continuava perplexo — e incrédulo — ao lado do estranho. Junto com dois servos, ele observava Ramá terminar de esvaziar a sua última jarra na sexta talha de água para purificação. Ramá virou-se para Tomé e o homem.

— As talhas estão cheias — disse ela, sem respirar, com os olhos arregalados.

Qual era o objetivo de tudo aquilo? Perguntava-se Tomé, enquanto o homem olhava para Ramá e os servos.

— Por favor, saiam todos — disse o homem mansamente. Ramá conduziu os servos para fora, mas Tomé ficou. — Só por um instante, Tomé — o homem acrescentou.

Com um último olhar desconfiado para as talhas de água e depois para o homem, Tomé foi em direção à porta.

•••

Jesus inclinou-se sobre a boca de uma das talhas, com o seu reflexo à luz de velas observando-o de dentro da água. Ele olhou para cima, como que atravessando o teto até os céus. Um grande peso caiu sobre Ele conforme se deu conta do passo que estava prestes a dar. Esse ato daria início a uma nova existência para Ele — pelo menos, aos olhos dos outros. O seu papel, o seu chamado e o seu destino certamente se tornariam conhecidos de todos. Não haveria volta.

Ele fechou os olhos, abaixou a cabeça e respirou fundo.

— Eu estou pronto, Pai.

Jesus colocou a mão esquerda na borda da talha e a mão direita dentro da água. Lentamente, Ele fez uma concha com a mão e ergueu-a, fechando o punho e deixando um líquido vermelho escuro pingar de volta na talha, com o seu aroma delicioso e profundo enchendo a sala.

•••

Tomé estava com Ramá e dois servos atrás deles, observando a porta. O que aquEle homem estava fazendo? Será que Ele pensava ser algum tipo de mágico? Ou será que Ele tinha um composto secreto, algo para adicionar à água e enganar os convidados bêbados? De repente, o homem saiu da sala com um olhar solene.

— Peguem um pouco — Ele disse. — e sirvam ao mestre de cerimônias.

O quê? Ele estava falando sério? Ramá olhou para Tomé, mas ele não conseguia mexer-se. Ela passou pelo homem, carregando a jarra vazia que usara para derramar o resto da água na talha. Os servos seguiram-na. Tomé só conseguia olhar para o homem, até que ouviu Ramá e os servos gritarem de alegria dentro da sala. O homem sorriu para Tomé e foi embora.

•••

Diná estava com a mãe de Jesus ouvindo a multidão murmurar mais alto que a música. Eles estavam sem vinho há tempo demais. Ela estava com o coração angustiado, apavorada só de pensar que a festa fosse acabar antes do fim da noite. No entanto, Maria havia dito a Abner que havia mais vinho a caminho, e ela parecia estar muito segura disso.

Segurando uma taça, Ramá foi até o mestre de cerimônias. De onde tinha vindo aquele vinho novo? Será que os anfitriões haviam reservado algo ou encontrado algum substituto? "Ah, tomara que, pelo menos, seja aceitável!".

Do outro lado do pátio, Diná ouviu Abner resmungar com Aelá:

— Já está na hora!

Ramá esvaziou a taça no copo do mestre de cerimônias.

— A última safra, senhor — ela sussurrou.

— Ótimo, vamos provar.

Ele levou o copo aos lábios e ficou chocado.

— Parem a música! Parem a música! Ouçam todos! Há algo que eu gostaria de dizer! Gostaria de falar com a família do noivo e da noiva. Em todos os casamentos que já supervisionei, serve-se o melhor vinho primeiro. Depois, quando as pessoas já beberam à vontade, no fim da festa, eles servem o vinho inferior... o mais barato!

As pessoas riram concordando, e Diná perguntou-se aonde aquilo iria levar. Será que aquele homem estava tentando dizer que não tinha relação com o desastre?

— Afinal, a essa altura... — ele continuou. — ... quem iria notar? — ele sorriu ao ver as pessoas rindo ainda mais. — Estou certo? No entanto, vocês... — ele disse, olhando para Rafi e depois para Diná — vocês escolheram servir agora o melhor vinho que eu já provei em toda a minha vida! Vamos agradecer a eles por esse gesto desnecessário, porém honrado!

Houve uma salva de palmas, e Abner apontou para Rafi com um grande sorriso. Os servos trouxeram bandejas com copos cheios e começaram a servir.

Contudo, o mestre de cerimônias ainda não tinha terminado.

— Que o casamento de Aser, filho de Rafi e Diná, com Sara, filha de Abner e Aelá, seja tão puro e frutífero como este vinho. Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, rei do Universo, que cria o fruto da videira. Um brinde a Aser e Sara!

A multidão ergueu os seus copos e gritou em uníssono:

— A Aser e Sara!

Diná sorriu, radiante de orgulho ao ver os convidados provarem o vinho e surpreenderem-se a ponto de ficarem em silêncio. Com exceção de Abner, é claro. Ele bebeu um pouco e ficou observando o seu copo, com uma expressão misteriosa.

— Há algo de errado? — perguntou sua esposa.

— Sim. Eu.

Diná viu Maria olhar para o seu filho do outro lado do pátio e mover os lábios, dizendo "obrigada".

•••

No armazém, Tomé estava parado como uma estátua, encarando as talhas cheias de vinho.

•••

No pátio, Simão olhou para Jesus e disse:

— Peixe. Vinho. O que vem depois?

Jesus deu de ombros.

— Alguma sugestão?

— Qualquer coisa. Tudo. Vamos nessa — ele aplaudiu. — Vou com você até os confins da terra.

Jesus deu um passo adiante, repentinamente solene.

— Eu espero que sim, Simão — e então o seu olhar reluziu. — Mas eu me lembro de que tínhamos um problema.

"Um problema?", Simão pensou. "Do que Ele está falando?"

— Alguma coisa nos pés do André.

— Os pés do André! — Simão sorriu.

Aparentemente, André ouviu e aproximou-se com os demais:

— Mas primeiro, precisamos avaliar, não? — disse Jesus.

— Não. Não, não, não. Eu não posso — André contestou.

— Você precisa.

André continuou hesitando, mas Simão e os demais entraram na dança:

— Vamos, André!

Eles cercaram-no, levantando os braços e puxando-o para dentro. Logo todos estavam gritando, cantando e dançando, e Jesus e os seus discípulos divertiam-se ao som da música. A família dos noivos uniu-se a eles; Abner puxou Rafi e dançou com ele.

As duas mães e as duas Marias dançaram com a noiva no meio de todos.

No círculo maior, Simão gritou para Jesus:

— E então, você vai ajudá-lo?

Jesus riu, olhando André pular de um lado para o outro.

— Ah, existem coisas que nem eu posso fazer! — disse Ele, fazendo com que os demais quase caíssem para trás.

•••

Quando a folia passou e as pessoas estavam dispersas conversando, Tomé começou a andar pelo pátio. Ele estava observando o homem chamado Jesus, que estava do outro lado, conversando com outras pessoas. Ramá foi para junto de Tomé.

— Foi uma noite e tanto — disse ela, tentando ver para onde ele estava olhando. — Quem é Ele? — Tomé não respondeu. Ela acrescentou — Nós não podemos fingir que não vimos um milagre. Ele nos deu até mais do que precisávamos.

— Ele me convidou para segui-lo. Ele quer que o encontremos em Samaria. Daqui a doze dias — Tomé lhe disse.

— Samaria — ela sussurrou. Tomé assentiu.

— Não sei o que pensar.

Ela fez uma pausa.

— Então não pense. — Quando ele finalmente olhou para ela, Ramá disse — Nem que seja a única vez na sua vida, Tomé, não pense.

PARTE 7

COMPAIXÃO INDESCRITÍVEL

Capítulo 56

DESCOBERTO

Um pedreiro com um terrível segredo aguardava há horas na fila do lado de fora de uma loja de penhores, num vilarejo disperso na área rural da Galileia. Contrariando as expectativas, ele esperava que, vindo a esse lugar miserável, fosse conseguir entrar e sair despercebido, talvez embolsando alguns siclos em troca dos tesouros que carregava. As outras pessoas na fila pareciam ser a escória da sociedade: mancos, aleijados, enfermos. Carregavam artigos variados, objetos aleatórios que, aparentemente, eles esperavam que rendessem algo para sobreviver mais uma semana. O pedreiro estava bem vestido comparado aos demais, apesar de que a sua túnica verde azulada anormalmente longa e o seu turbante amarelo faziam-no pingar suor como alguém que tivesse feito um serviço pesado debaixo dum sol escaldante.

A mulher que estava na loja antes dele saiu revoltada.

— Você é um mentiroso! — ela gritou, jogando um punhado de pedras no chão.

O pedreiro entrou na loja de forma tranquila, esforçando-se para manter a compostura e segurando um rolo de couro. O local estava repleto de itens usados, de valores muito variados.

— Ela é louca — disse o penhorista, como se alguém tivesse perguntado. — Só porque presto um serviço de caridade não significa que eu tenha que comprar pedras de toda velha que me aparece.

Mas que piada. O pedreiro tentava disfarçar o riso.

— Caridade?

Apoiado numa bengala belamente esculpida, o penhorista disse:

— Assim como tudo que é romano, isso faz parte dos negócios. Emprestamos para os pobres dinheiro confiscado de criminosos — ele olhou para o pedreiro da cabeça aos pés. — E para outras pessoas também. Você está de passagem por aqui. Eu não me lembro de tê-lo visto antes.

— Eu venho de Tiro — disse ele, abrindo o rolo de couro e revelando as suas ferramentas. — O martelo foi feito de madeira de bordo de Sidom. Os cinzéis são de bronze. A espátula é de estanho de minério fenício.

O penhorista parecia impressionado.

— Ora, ora — ele disse. — Por que alguém iria querer se desfazer disso?

— Eu estou de viagem para o mar Morto — disse o pedreiro, sabendo que aquilo não explicava muito.

— Shalom, peregrino! Que sorte a minha! Não costumo ver itens dessa qualidade — ele franziu a testa. — Se ao menos eles não tivessem sido trazidos por um estranho de passagem...

— As ferramentas não foram roubadas, se é isso que você quis dizer.

O penhorista levantou as sobrancelhas e pegou uma tigela com moedas, colocando algumas na tigela próxima do cliente.

— Isso vale vinte denários.

— Você só pode estar brincando! Isso é uma fração perto do que elas valem! — ele gesticulou em direção às ferramentas, o que repuxou a manga da sua túnica e expôs úlceras purulentas no seu braço.

O penhorista pulou para trás e cobriu a boca.

— Hades e Estige!

— Eu lhe imploro...

— Leproso! — ele cutucou o peito do pedreiro com a sua bengala, derrubando-o no chão. — Você está marcado! Não podia só morrer? Tinha que levar todos nós para o inferno?

O pedreiro pôs-se em pé.

— Você não pode se aproximar mais de dois metros! — gritou o proprietário.

O leproso pegou os denários na tigela.

— Pegue e vá embora!

— Eu não queria causar-lhe mal nenhum. Minhas ferramentas eram tudo o que me restava.

•••

Fora do posto de coleta de impostos de Mateus, Cafarnaum

O cobrador de impostos e o seu respectivo guarda, Gaius, olhavam para dentro de um enorme baú no chão, cheio de ouro, prata e outros tesouros — o pagamento de Simão e André. As outras pessoas na fila também olhavam. Desconfiado, Gaius fechou com tudo a tampa do baú e sussurrou:

— Eu não sabia que aqueles barquinhos podiam aguentar tantos peixes.

— E não aguentam mesmo — disse Mateus. — O peso da pesca e dos pescadores fez o barco afundar. Eles tiveram de pular do barco. No fim, eles encheram dois barcos. Seria bom colocarmos esse baú dentro do posto?

— Eles devem chegar a qualquer momento — disse Gaius, referindo-se aos seus compatriotas, que o acompanhariam com o baú até o quartel-general da Autoridade Romana.

— Pelo menos você tem sua espada — disse Mateus. — Será que eu deveria ter uma arma?

"Ah, pelo amor de... Isso é tudo de que precisamos: esse homem com uma arma." Gaius fuzilou Mateus com o olhar. — Essa não deve ter sido a primeira vez que você recebeu uma carga que vale alguns meses de...

— Dois anos e sete semanas.

— Dois *anos* e sete semanas? — disse Gaius, percebendo imediatamente que acabara de convidar Mateus a dar mais uma das suas explicações sem fim. E lá veio ela:

— Simão e André receberam um ano de isenção cada. Isso totaliza um ano e sete semanas, mais outro ano, menos o crédito conjugal de Simão...

Gaius tentou interrompê-lo com um gesto.

— Está bem, isso é...

— ... mais as multas.

— Está bem, isso é o bastante — Gaius deu uma olhada na multidão, sabendo que ele e Mateus... um membro do povo que se virara contra eles... eram odiados mais do que todos os outros. — Estamos totalmente indefesos

aqui — apoiado no baú com os dedos entrelaçados, Mateus não estava ajudando. — Só tente... tente parecer natural.

— Eu estou natural. Meu rosto mostra exatamente como me sinto.

Com razão, mas aquele homenzinho frustrante irritava Gaius.

— Tente agir como uma pessoa normal em circunstâncias normais! — ele disse. Mateus ficou confuso. Gaius completou — Esqueça que eu disse "normal".

Um colega de Gaius aproximou-se com outros dois legionários.

— Gaius! — disse ele.

— Sim, Marcus.

Marcus assobiou ao ver o baú.

— Pensei que era brincadeira.

— Pode-se dizer que foi cômico quando os homens pularam de seus barcos — disse Mateus, com a sua voz nada emotiva.

— Pularam de seus barcos?

— Os barcos estavam afundando com o peso dos peixes.

Marcus virou-se para Gaius.

— Eu lhe disse que era uma armação. É impossível pescar essa quantidade de peixes tão rápido...

— Capitão! — disse Gaius. — Podemos continuar a conversa no caminho?

— Ah, Gaius, não me diga que está nervoso por ter que proteger o imposto de alguns meses.

•••

Sinédrio de Cafarnaum, naquela mesma tarde

Em um lugar de destaque, Nicodemos dirigia-se ao líder e a uma galeria onde estavam Shemuel, Yusef e outros.

— Acabei de voltar de um interrogatório completo do homem conhecido como João Batista, que está sob custódia romana, Av Beit Din. Embora a sua aparência não seja convencional e seus ensinamentos sejam ignorantes, concluí que ele não representa uma ameaça real a Herodes e à paz da nação.

A fala dele causou uma agitação entre a assembleia. O Av Beit Din pediu ordem e, então, disse:

— Esse homem tem seguidores. Nós ouvimos isso no testemunho do irmão Shemuel. Isso não é preocupante?

Nicodemos sorriu.

— Acredito que esses seguidores estão apenas investigando... como qualquer um faria se ouvisse um barulho alto... e, ao investigar, eles irão descobrir que as suas palavras têm igual substância. Ele busca atenção. Esses seguidores não se ajuntaram no Jordão para serem imersos da maneira que entendemos uma purificação ritual. Eles estavam em fila porque outros estavam em fila — e olhou de relance para Shemuel, sabendo que a sua magnanimidade para com João servia de repreensão para a amargura de Shemuel. — Nós apenas o legitimamos ao ordenar a sua detenção. O próprio esforço para mantê-lo calado o coloca em um pedestal.

O Av Beit Din parecia perplexo, e os outros juízes também pareciam confusos. Exceto Shemuel. E Nicodemos sabia por que, é claro.

— Mas, Nicodemos, nós não demos essa ordem — disse o juiz chefe.

— Hã? Os soldados que o prenderam juraram que um fariseu ordenara a detenção dele. Talvez eles tenham se confundido.

— Fui eu! Eu o entreguei — Shemuel levantou-se.

— Irmão Shemuel! — o Av Beit Din franziu a testa.

— "Aquele que justifica o ímpio..." — Shemuel insistiu — "... e aquele que condena o justo são igualmente abomináveis diante do Senhor!"

— Citar os provérbios de Salomão não é uma explicação — o Av Beit Din pareceu furioso.

— Não vou fazer vistas grossas para os pecados dele, mesmo que todos os outros façam!

— Que pecados?

— Ele nos chamou de raça de víboras!

— Ele usa termos grosseiros para chamar atenção — Nicodemos riu.

— Você sabe como as víboras nascem? — Shemuel exigiu uma resposta. — Os seus ovos eclodem dentro de suas mães! A Lei de Moisés diz: "Não odiarás a teu irmão no teu coração! "

Nicodemos ficou sério e respondeu:

— Se ele fosse um membro da nossa congregação ou da nossa ordem, nós o admoestaríamos! Mas ele não é! Ele é um fora da lei que não responde a ninguém.

— Irmão Shemuel, as suas ações precipitadas aumentaram a importância de um estranho trivial e chamaram atenção indevida de Roma para nossa ordem — disse o Av Beit Din.

— Mas ele...

— E eu estou perplexo de que um aluno do grande e douto Nicodemos tenha sido temerário a ponto de agir sem sua aprovação.

Shemuel abaixou a cabeça, e Nicodemos disse:

— Eu irei conversar com ele, Av Beit Din.

— Você irá se submeter a seu professor — continuou o líder. — em todas as questões de lei e prática. Eu fui bem claro?

Shemuel respirou fundo e ergueu a cabeça:

— Sim, sua honra.

— Este concílio está encerrado.

Nicodemos curvou-se diante do Av Beit Din, porém Shemuel saiu enfurecido na frente do seu mentor.

Capítulo 57

A PROMOÇÃO

Fora de Caná, pela manhã

Os seguidores de Jesus estavam levantando acampamento. Acostumado a passar longos dias e noites pescando, Simão estava exausto com esse trabalho. Enquanto ele e Tiaguinho desarmavam uma tenda, Tiaguinho curvou-se, ofegando. Simão apoiou-se numa estaca da tenda para recuperar o fôlego, e disse:

— Estou feliz de não ser o único.

Tiaguinho sorriu.

— Pensei que estava preparado para viver na estrada. Cobras, fome, inundações.

— A Torá não cita as bolhas, cita?

— Como assim? Você nunca leu sobre as dores menores e constantes?

— O sermão sobre poeira no nariz? — disse Simão.

Eles continuaram a empacotar as coisas. Simão continuou dizendo:

— E então, o que você fazia antes de conhecê-lo?

— Eu... bem... estava me preparando para fazer parte dos duzentos e oitenta e oito.

Simão piscou os olhos:

— O Coro do Templo de Jerusalém?

Tiaguinho fez que sim.

"Muito engraçado", Simão pensou.

— Certo, certo. E eu era o gladiador preferido de César.

Tiaguinho riu e então começou a cantar:

— "A minha alma tem sede de ti, todo o meu ser anseia por ti, numa terra seca, exausta e sem água."

Os outros pararam o que estavam fazendo, maravilhados. Eles aplaudiram, e Simão concordou:

— Uau! É, eu estava errado.

— Obrigado.

— Está claro por que Jesus pediu que você o seguisse.

Tiaguinho coçou a cabeça, e eles voltaram a trabalhar.

— Não sei se tem algo claro. Sabe, pode ser que eu cante ou não. Ele é o único que sabe quem eu vou me tornar. Acima de tudo, Ele é o professor, e nós somos seus alunos.

Jesus aproximou-se deles:

— Bela voz — ele disse a Tiaguinho. — Simão?

— Mestre?

— Vou acompanhar minha mãe de volta a Nazaré. Depois irei encontrar os outros em nosso acampamento em Cafarnaum.

— Entendi. Vou garantir que todos cheguem em segurança.

— Quero que você vá na frente.

— Na frente dos outros?

— Sim — Jesus sussurrou. — Você tem alguns assuntos para resolver em casa.

— Mas, mestre, eu posso proteger os outros.

Jesus colocou as mãos nos ombros de Simão.

— Em breve você irá. Os outros não têm família; você, sim. Olhe para mim — Ele acrescentou. — Eu estou deixando toda essa diversão de lado para acompanhar minha ima.

•••

Quartel-general da Autoridade Romana, Cafarnaum

Enquanto Quintus avaliava um livro fiscal, Gaius esperava ofegante com Mateus e um centurião capitão. Gaius nunca se sentira confortável na

presença de Quintus.

— Impressionante — disse o pretor, sorrindo. — Pela primeira vez em um ano, a coleta trimestral terá excedido as projeções de Pilatos. E se os pescadores não estão mais pescando no Shabbat... — ele jogou uma azeitona e pegou-a com a boca, deslizando a tigela para o outro lado da sua mesa. — Pegue uma azeitona, Mateus. Você merece.

— Obrigado, dominus — Mateus fez uma careta e usou um lenço para pegar uma azeitona.

— Simão, o trapaceiro — disse Quintus. — Simão, a fraude. Simão, o homem que resolveu tudo quando mais importava. Eu me pergunto se existe alguma maneira de levá-lo a fazer isso de novo.

Gaius queria que Mateus simplesmente deixasse o pretor falar. Mas não. Era como se ele não conseguisse evitar.

— Não foi Simão, dominus — disse Mateus.

— E se eu dissesse a ele que não foi o bastante? — disse Quintus. — Obviamente ele trabalha bem sob pressão, e eu tenho um dom para criar desafios.

"Calado, Mateus", Gaius suplicou com um olhar. Mas, de novo, não teve sucesso.

— Simão não foi responsável por isso, dominus.

— Ah, eu não me importo com quem ele envolve em seus esquemas.

— Dominus, peço desculpas se meu relato não foi claro. Havia um homem...

— Sim! Você é um ótimo relator, Mateus. Mas também é um pouco ingênuo. Li seu relatório. Está claro que Simão e o seu cúmplice enganaram você.

— Mas havia outros...

— Cúmpli*ces*, certo.

"Esqueça isso, cobrador de impostos!", Gaius desejou.

Mas era evidente que os comentários do pretor não faziam sentido para Mateus.

— Para quê?

— Quem pode dizer? — disse Quintus. — Talvez Simão quisesse que os outros pescadores o deixassem em paz. Você mesmo disse que as notícias da deslealdade dele se espalharam. Ou talvez ele quisesse dar um susto em todos os que pescam no Shabbat. Ele é astuto.

— Os pescadores ficaram sabendo.

— Aah, não poderia ter funcionado melhor — ele fez uma pausa, aparentemente para estudar Mateus. — Não me diga que você ficou assustado.

— Não sou sofisticado nem discreto, dominus. Mas sou observador. Não detectei nenhum subterfúgio. Registrei tudo o que testemunhei, por mais impossível que pareça.

— Você fez bem, Mateus — disse Quintus, tranquilizando-o. — Felizmente você tem a mim para interpretar as coisas para você.

Um mensageiro entrou apressadamente na sala, abrindo caminho entre Gaius e Mateus.

— Desculpe, pretor! — disse ele. — É urgente!

— Sem dúvida — disse o pretor, como se o homem já devesse saber que poderia ser morto por tal intromissão.

— O enviado do rei Herodes se aproxima.

Aquilo fez Quintus ficar sério.

— Onde ele foi visto?

— Fora de Genesaré. Indo para o norte.

Quintus levantou-se parecendo zonzo.

— Capitão! — ele chamou atrás dele. — Silvius Gamalius, filho do senador Gamalius, deve chegar em uma hora.

— Sim, dominus.

— Prepare minha guarda para inspeção.

O capitão curvou-se e saiu, e Gaius perguntou-se se ele deveria levar Mateus embora também. Mas só quando fosse dispensado.

Quintus caminhou até o seu guarda-roupa e vasculhou as suas opções de vestimentas. Então se virou lentamente, visivelmente surpreso.

— Quanto tempo vocês teriam ficado aí?

"Provavelmente para sempre", decidiu Gaius, porém nem ele nem Mateus responderam.

— As coisas acabaram dando muito certo com Simão, e estou grato. Gaius! Revi seus registros de serviço. Você é germânico — disse o pretor.

— Meu povo *era* — disse Gaius, e pensou: "Certamente ele não irá usar isso contra mim".

— Guerreiros poderosos. Mesmo que tenham se rendido.

— Acredito que eles foram sensatos de se juntar ao time vencedor, dominus.

— Sensatos.

O que o pretor queria ouvir, o que ele precisava ouvir?

— Minha única lealdade é a Roma. Tenho treinado para lutar por ela desde que eu era um garoto.

— E agora você vai liderar.

Como assim? O que ele queria dizer?

— Com essa declaração, eu o promovo ao posto de *primi*.

Gaius apoiou-se no joelho e curvou a cabeça.

— Obrigado por essa honra, pretor!

— Não babe. E Mateus, você é tão maravilhosamente... estranho! Tem uma inteligência aguçada. Mas o que gosto em você são as suas reações ao mundo — Gaius levantou-se, imaginando como Mateus iria reagir a um elogio tão ofensivo. Quintus continuou — Como você fez agora! Levaremos muitas noites para entender o mistério de você não ser uma mancha na roda de um carro, meu novo amigo.

— Não vi nenhum truque ou armação na praia, dominus.

— É porque você não tem malícia. Diga-me qual é sua primeira reação a este cenário: Você está prestes a receber a visita de um rival de infância cujo pai deu tudo a ele, ao passo que seu pai não deu nada a você e, mesmo assim, você chegou a um posto mais alto — Gaius reconheceu que o pretor estava falando sobre o encontro que ele mesmo teria em breve, mas era impossível que Mateus conseguisse decifrar isso. Quintus acrescentou — Você quer deixar claro que você venceu, que esse encontro é seu, mesmo que ele tenha chegado sem ser anunciado.

Surpreendentemente, Mateus pareceu entender do que ele estava falando.

— Eu iria mostrar a ele meus planos de infraestrutura. Conquistar não é apenas conquistar nações, mas impor um modo de vida — disse ele.

Quintus ficou paralisado pela genialidade da resposta.

— Inacreditável. É tão simples — ele correu para a sua mesa e abriu um pergaminho de rascunhos técnicos. — Estão dispensados.

— Obrigado, pretor — disse Gaius, com uma reverência. Mateus parecia querer dizer algo mais, mas Gaius puxou-o para fora.

Capítulo 58

O LEPROSO

Maria de Magdala caminhava com Jesus e os seus outros discípulos, chegando aos limites de Cafarnaum. Ela não conseguia deixar de maravilhar-se com a sua nova vida e os seus novos amigos, homens que ela admirava e em quem ela confiava. É claro que ela estava aprendendo com Jesus — aparentemente o tempo todo —, mas aqueles a quem ele havia chamado também a impressionavam com a sua curiosidade, obediência e devoção a Ele. E, pela primeira vez em sabe-se lá quanto tempo, ela sentia-se honrada e respeitada. Aqueles homens mostravam que não tinham segundas intenções.

Eles conversavam enquanto cruzavam com outras pessoas na estrada e, ao chegarem a uma clareira, depararam-se com uma mulher de cor bem negra, que estava de joelhos, enchendo um cesto com flores.

— Olá! — Maria gritou, e a mulher levantou-se. Ela vestia um lenço na cabeça com vários pingentes metálicos e um grande colar de madeira polida.

— Olá — disse a mulher. — Shalom.

— É um lindo dia para colher flores — disse Maria. A mulher sorriu.

— Se você gosta de íris, tremoceiro e anêmona de Gilboa, eu vendo no mercado.

— É egípcio? — Jesus apontou para o colar da mulher.

— Sim, eu cresci lá. Meu pai era da Etiópia.

Jesus começou a falar numa língua estrangeira, e Maria ficou perplexa. A bela mulher respondeu da mesma forma. Após uma breve conversa, ela voltou a falar em aramaico:

— Shalom a todos vocês!

Quando ela partiu, João aproximou-se de Jesus.

— Vocês estavam falando egípcio?

— Sim. Contei a ela que também cresci no Egito e que o colar dela me lembra das coisas que vi em minha infância. Ela me disse que o seu nome é Tamar de Heliópolis, e eu lhe disse quem eu sou e lhe desejei paz. E ela me agradeceu.

Maria olhou para os demais. Ela sabia que eles estavam pensando o mesmo que ela: é claro que Ele fala egípcio.

— Por que você estava no Egito? — disse ela.

— Quando eu tinha dois anos, nós tivemos de sair de Belém por causa de Herodes.

— Você morava em Belém? — Tiagão pareceu surpreso. — Na época do massacre dos inocentes?

— Isso mesmo.

— Eu conheço a história — disse Tiagão. — Herodes mandou matar todos os meninos menores de dois anos na região.

— Sim. Foi muito triste — Jesus suspirou. — Mas não vamos estragar esse lindo dia, não é mesmo? Vamos embora.

No entanto, quando eles retomaram o caminho, Maria gritou, e os outros pararam. Um homem muito magro, vestido de uma túnica verde-azulada esfarrapada e um turbante amarelo imundo, cambaleava em direção a eles, respirando com chiados, com a pele desfigurada. João puxou uma faca.

— É um leproso! Para trás!

— Cubram a boca! — gritou Tiaguinho. — Não respirem esse ar!

— Não se aproxime nem mais um pouco! — disse João, ameaçando-o com a sua lâmina.

— Está tudo bem, João — disse Jesus, colocando a mão no seu braço. — Está tudo bem — Ele soltou a sua bolsa e aproximou-se do homem.

Os outros estenderam as mãos para Jesus, chamando:

— Mestre! Mestre! Não! A doença dele! — Jesus silenciou-os com um olhar e uma mão levantada.

Quando se virou novamente, o leproso gritou:

— Por favor! Por favor! — e caiu de joelhos. — Por favor, não se afaste de mim.

Jesus parou na frente dele.

— Eu não vou.

— Senhor! Se quiser, o senhor pode me purificar! Só se o senhor quiser. Eu me submeto ao senhor — e então Ele começou a chorar. — Minha irmã, ela estava trabalhando no casamento. Ela me contou o que o senhor conseguiu fazer. Sei que o senhor pode me curar, se quiser.

Jesus ajoelhou-se de frente para ele.

— Eu quero.

Ofegando, rindo e chorando, o homem tremeu quando Jesus colocou a mão no seu ombro. Maria e os outros perderam o fôlego ao ver a pele estragada do homem tornar-se nova. Ele estendeu as mãos para Jesus, e eles abraçaram-se, e o homem começou a gritar:

— Eu sabia! Eu sabia! Eu sabia! O que eu posso fazer para...?

Jesus balançou a cabeça e disse:

— Não conte nada a ninguém.

O homem ficou paralisado e perguntou:

— O senhor não busca sua própria honra?

— Por favor, só me faça isso.

— Mas o que eu vou dizer às pessoas?

Jesus ficou em pé, levantando o homem:

— Vá se mostrar ao sacerdote. Deixe que ele o avalie, a fim de que veja que você está purificado. Faça a oferta apropriada no Templo, como Moisés ordenou, e siga seu caminho.

O homem apenas fez que sim, com os olhos brilhando. Jesus virou-se para os seus discípulos:

— Quem tem uma túnica sobrando?

Maria observou os homens, que a poucos instantes temiam pelas suas vidas, começarem a procurar nas suas bolsas.

— Só um de vocês é o bastante — disse Jesus.

Tadeu correu e ajudou Jesus a vestir o homem com roupas novas. Jesus riu.

— Verde definitivamente é a sua cor. Não parece maltrapilho.

Quando o homem saiu correndo, Maria e os outros se reagruparam para continuar a jornada até a casa de Tiagão e João. E ela percebeu que Tamar

deixara a sua cesta e as suas flores no chão.

Capítulo 59

A PERGUNTA

Cafarnaum

Zebedeu preferia estar pescando, apesar de a sua profissão ter-se tornado solitária desde que os seus filhos, Tiago e João, abandonaram-na. Ele e a sua esposa, Salomé, haviam dado a sua bênção a Tiago e João em relação àquela decisão, mas, mesmo assim, ele sentia falta dos barulhentos dias que eles costumavam passar juntos no mar da Galileia.

No entanto, naquele dia, os seus filhos viriam para casa, junto com o homem que todos eles acreditavam ser o próprio Messias. Zebedeu prometera à sua esposa que a ajudaria nos preparativos. Ele estava no telhado junto à extremidade de uma polia, semelhante às que havia em cima da casa dos seus vizinhos do distrito pescador. Ela descia para dentro da casa passando por um alçapão, o que permitia que os pescadores puxassem para o telhado equipamentos, suprimentos e às vezes até peixes, sem ter de carregá-los para cima subindo as escadas do lado da casa.

Naquele dia, a sua esposa estava fazendo uso daquele dispositivo. Um puxão na corda sinalizou para Zebedeu que Salomé havia enchido outro cesto de alimentos, pronto para ser içado e secar ao sol antes que os rapazes e os seus convidados chegassem. Quando ele começou a puxar com cuidado, ela gritou para ele:

— Espalhe o linho! Ele seca mais rápido!

Será que ela não se dava conta de que ele já sabia daquilo?

— Está bem! — ele gritou.

— Zebedeu!

O que era agora?

— Sim?

— Pode dar uma olhada nas uvas, por favor?

— Aah! Eu esqueci! — Como ele aprendera a amar aquela mulher! Mas ele não precisava de constante orientação no mar. Ele pegou o cesto que balançava e então pensou consigo mesmo: "Não temos mais ninguém para cuidar das uvas passas". Tiago e João costumavam ajudar com tudo aquilo. Ele ouvira que Jesus carinhosamente os chamava de Filhos do Trovão. "Mas, se eles são Filhos do Trovão, o que é que eu sou?", ele pensou, sorrindo.

Salomé era uma ótima esposa e uma mãe devotada, mas não era muito boa como cozinheira. Ela só tinha nozes, sementes, frutas e um pequeno pão para os convidados que chegariam em breve. Pelo menos, ela finalmente iria conhecer o homem que os rapazes e ele encontraram na praia no dia do milagre dos peixes.

Zebedeu levantou o pano que cobria as uvas e provou uma delas:

— Azeda demais — ele murmurou, jogando as sementes por cima do muro. Ao olhar para o horizonte, ele sorriu. — Salomé! Eles estão chegando! — ele pulou para a ponta do telhado e desceu as escadas.

— Zeb! Cuidado!

Os seus filhos vinham à frente de um pequeno grupo, e Zebedeu correu até eles, gritando, rindo, puxando-os para perto e beijando-os.

•••

Salomé saiu de casa e deu de cara com o homem que Zebedeu descrevera como sendo Jesus.

— Olá — disse Jesus, e ela ficou olhando para Ele, sem saber o que dizer. Não que Ele fosse notável, nem mesmo bonito, no sentido comum da palavra. Mas havia algo de especial nEle. Ela não sabia se ria ou se chorava. Jesus pareceu divertir-se com a reação dela.

Ela viu que os seus filhos afastaram-se do seu marido e aproximaram-se dela. Havia uma mulher ali também. Mas os olhos de Salomé ainda estavam

fixos em Jesus.

— Tiago, João — ela conseguiu dizer.

— Sim, ima.

— Ouçam o que Ele disser. Por favor. E fiquem ao lado dEle.

— Nós iremos.

— É um prazer conhecer você também, Salomé — Jesus sorriu. — Eu sou Jesus de Nazaré.

— É claro que você é.

— E olá de novo, Zebedeu.

— É uma honra, mestre.

Salomé continuava olhando para Jesus.

— Ima — disse João, — Ima!

Ela finalmente se virou, rindo.

— Onde estão os meus modos? Por favor, entrem.

— Tem certeza? — disse Jesus. — Outras pessoas vão se juntar a nós.

— Eu insisto! Todos, por favor.

•••

Quando a sua esposa conduziu os demais para dentro, Zebedeu puxou os seus filhos de lado.

— Ei, onde está Simão?

Seria bem a cara dele já ter causado alguma confusão e perdido o seu lugar entre os seguidores de Jesus. Tiago apontou para a rua.

— Ele está cuidando de algumas coisas em casa. André acabou de ir buscá-lo.

— Hum. Ótimo. Pensei que talvez ele tivesse ficado com o pé atrás, ou que eu teria que ir tirá-lo do Martelo.

— Está brincando? — disse João, sorrindo. — Ele é o preferido do mestre.

— Você mal iria reconhecê-lo agora — acrescentou Tiago, e Zebedeu riu.

•••

Não muito longe dali, Simão estava sentado ao lado da cama da sua sogra, cantando uma canção de ninar enquanto passava um pano úmido e

fresco nos seus braços e mãos. Ele colocou o pano na sua testa e ajustou a sua coberta. Então saiu e encontrou André entretendo Éden com o que acontecera em Caná.

— O vinho! Ah! Ele nos apresentou todos os seus amigos. Foi... foi realmente diferente de tudo. Nós dançamos. Ele dançou!

— Ele dançou? — disse Éden.

— Sim!

Aquela história fez Simão lembrar-se do milagre. Mas ele estava com a mãe de Éden na cabeça.

— Ela está dormindo. A respiração está difícil, mas constante — ele disse.

— Certo — disse Éden. — Que bom.

André concordou com a cabeça. Em seguida, olhou para Simão com um olhar travesso, com o qual Simão estava bastante acostumado.

— Meu rapaz, que música comovente foi aquela.

Simão olhou para Éden, que claramente tentava reprimir um sorriso.

André contou a Simão que os outros estavam na casa de Zebedeu. Assim, despediram-se de Éden e saíram de casa. Eles divertiram-se falando da comida de Salomé, e Simão disse:

— Não conte a Éden que eu disse isso.

No quintal, Mateus girou nos calcanhares e desviou o olhar quando Simão aproximou-se e disse:

— Cobrador de impostos!

— Simão. André.

"Que descarado!", pensou Simão e disse:

— Acho que ninguém contou a você as boas notícias.

— Quitamos nossas dívidas com Quintus — André contou a Mateus.

— Isso não é ótimo? — disse Simão, chegando perto dele e sussurrando. — Então trate de voltar para a sua gaiola e pare de nos seguir.

Eles seguiram em frente, mas Mateus gritou atrás deles:

— Não são vocês! — eles pararam, de costas para ele. — Eu estou aqui por causa do homem.

Aquilo era o bastante para Simão. Era melhor que aquele cachorro não estivesse falando de...

— Que homem?

— O homem na praia, que fez os peixes aparecerem.

Simão nunca quisera tanto proteger alguém. Ele virou-se e encarou Mateus.

— O homem na praia... — avançando para cima do cobrador de impostos, ele agarrou a sua túnica com as duas mãos e puxou-o para perto. — Você não viu nenhum homem na praia! Está me ouvindo?

— Sim, eu vi! Eu estava lá! Eu vi!

— E a primeira coisa que você fez foi contar aos romanos, não foi?

— Eles não acreditaram em mim!

Então ele tinha contado a eles!

— Você é mesmo um traidor — Simão foi para trás para dar-lhe um soco.

— Simão! — gritou André, segurando-o com os braços.

— É bom você esquecer isso — Simão cuspiu, enquanto o seu irmão segurava-o.

— Vá para casa, Mateus — acrescentou André.

O homem acovardou-se, mas aí pareceu reunir coragem.

— Eles não acreditam no que vi. Mas eu acredito. Eu preciso saber. Será que estou enganado?

Simão estava irritado demais para responder. André falou:

— O que adianta respondermos se nem você dá ouvidos a si mesmo?

Capítulo 60

LOTADO

Nicodemos não deixou de notar que apenas Shemuel continuou sentado quando ele entrou na sinagoga de Cafarnaum para discursar aos estudantes farisaicos. Ele tratara aquele jovem como o seu protegido durante anos. Contudo, o fato de Nicodemos ter descartado o que achava ser uma reação exagerada de Shemuel ao homem que batizava no deserto havia claramente constrangido o jovem diante do Sinédrio local. "Ele vai precisar criar casca grossa se quiser continuar a subir na hierarquia dos fariseus", pensou Nicodemos.

O aluno de Shemuel, Yusef, estava no púlpito preparando os pergaminhos para Nicodemos, e os demais se curvaram diante do dignitário de Jerusalém:

— Seja bem-vindo, rabino — disse Yusef.

— Saudações!

— Está tudo preparado, professor. Os rolos de Isaías e Malaquias. Gostaria que lhe trouxéssemos água, professor, ou...?

— Não, obrigado. Na verdade, eu gostaria de fazer as leituras um pouco mais tarde. Você se importaria de me dar um pouco de tempo a sós?

— É claro, professor.

Shemuel finalmente se pôs em pé quando os demais saíram da sala, mas Nicodemos disse:

— Shemuel! Poderia se juntar a mim, por favor?

O antigo protegido de Nicodemos parou, como se aquela fosse a última coisa que ele quisesse fazer.

•••

Simão já estava com saudades de Éden, mas não podia negar que era bom estar de volta na presença de Jesus. Ele e os outros se sentaram à mesa de Salomé. Jesus mastigava as nozes que estavam num prato com diversos tipos de castanhas assadas. Quando Zebedeu passou o prato para Simão, ele disse:

— Salomé não cozinhou?

— Não.

Ainda assim, Simão conteve-se e tentou passar o prato para André, que também hesitou.

Salomé mostrou a casa a Maria Madalena:

— Ah, as suas ervas são lindas — Maria apontou para as plantas penduradas aqui e ali. — Alecrim. Endro.

— Hortelã — acrescentou Salomé. — Coentro. E sálvia, para a indigestão do Zebedeu.

Os outros homens sorriram para Zebedeu, que disse:

— Obrigado por contar isso, querida esposa — ele voltou-se para Jesus. — Então, seu pai era pescador?

— Carpinteiro — disse Jesus.

— Ah. Ele está em Nazaré?

— Não. Ele está no céu.

— Qual é a linhagem de seu pai?

— Josias, pai de Jeconias, no tempo do exílio.

— Mas, antes do exílio, que tribo?

— Aba! — disse João.

— Eu gosto de genealogias — sussurrou Zebedeu. — É disso que conversamos.

— Imagino que ele seja da tribo de Judá — disse Salomé. — Sim?

Aquilo pareceu intrigar Jesus:

— Por que você acha que sou da tribo de Judá?

— Bem...

Uma mulher desinibida com olhos estreitos entrou correndo, seguida de um homem. Simão reconheceu que eram pessoas da vizinhança:

— Vocês estão dando uma festa? — disse ela.

— Nós escutamos vozes — acrescentou o seu marido.

Tiagão pôs-se em pé.

— Mestre, esses são nossos vizinhos, Mara e Eliel.

Mara sentou-se de frente para Jesus.

— Ouvimos falar sobre você — disse ela.

— Ouviram?

Ela e Eliel disseram juntos:

— A parábola da rede — ela jogou uma noz na boca. — Eu tenho uma pergunta sobre ela.

— Por favor. Nosso mestre está cansado. Ele teve um longo dia de caminhada — disse Simão.

— Tudo bem — Jesus lhe disse.

— Você disse que anjos viriam e separariam os maus dos justos. Quando você acha que eles virão, mestre?

Jesus pareceu analisá-la, e Simão ficou intrigado que, em vez de dar uma resposta direta à pergunta dela, Jesus começou a contar outra história:

— Meus amigos e eu acabamos de voltar de um casamento. O pai da noiva era um homem muito rico, Abner. Conforme a noite avançava, perto do fim da festa, o que você acha que os seus servos estavam fazendo na casa dele?

Ninguém parecia querer responder. Aí, Simão disse:

— Eles deviam estar esperando. Se fossem bons servos.

— Esperando onde? Em seus quartos? Na cozinha?

— No portão — disse Maria.

— Aah — Jesus assentiu. — No portão. Fazendo o quê? Apenas ficando parados ali no escuro?

— Segurando lamparinas — disse André.

— Mas por quê? Por que eles não podiam simplesmente relaxar?

— Porque eles não sabiam quando ele ia voltar — disse Maria.

— Suponhamos que eles achassem que o mestre estava demorando a voltar. Então, tiraram um cochilo na cama dele, embriagaram-se com o seu vinho e deixaram as suas lamparinas se apagarem.

— Essa é fácil — veio uma voz da grande janela que dava para a rua. — Eles seriam demitidos, expulsos e insultados. E então o senhor diria a eles que, se eles aparecessem ali de novo...

Jesus sorriu.

— Meus amigos! Shalom, shalom! — Era Barnabé, o mendigo de uma perna só, e a sua amiga Shula, a mulher cega. Simão ouvira a história de que Jesus estivera com eles no jantar de Shabbat de Maria.

— Só estávamos passando por aqui e ouvimos uma voz familiar — disse Shula.

— Ficamos sabendo do casamento — disse Barnabé a Jesus. — Você pode fazer aquilo com o poço perto da minha casa?

Os outros gargalharam, e Zebedeu disse:

— Você os conhece?

— Sim — disse Jesus. — Maria os apresentou a mim.

— Hum. Podem continuar aqui — disse Zebedeu. — Por que não?

— O que estava dizendo, mestre? — Tiagão falou.

— Aah, sim, obrigado, Tiago. Os servos. O mesmo irá acontecer no fim de tudo. Nem os anjos no céu nem o Filho do Homem sabem o dia ou a hora, mas somente o Pai. Então, vocês devem sempre estar prontos, com suas lamparinas aparadas e brilhando.

Silenciosamente, Simão fez um sinal para João e acenou para a porta.

— O que há de errado? — disse João.

— O lugar está ficando lotado.

— Não se preocupe. Você sabe que a ima e o aba adoram companhia.

— Não é com eles que eu estou preocupado — Simão olhou para a rua, onde as pessoas acumularam-se, espremendo-se para perto da porta e da janela. João acompanhou o olhar de Simão.

— Ah, certo — a sua voz baixou. — O que você quer fazer?

— Vamos tentar garantir que o caminho para seu jardim dos fundos esteja livre.

— O que você acha que vai acontecer? — João achou graça.

— Pode acontecer qualquer coisa. Todas essas pessoas, as notícias se espalhando, as pessoas erradas se aproximando.

— Simão — João disse a ele com um sorriso. — Você não tem de ser o guarda-costas dEle. Eu acho que Ele consegue lidar com qualquer coisa.

— É. Bem, Ele me chamou e, se ainda não estamos lutando contra os romanos, eu quero fazer alguma coisa até chegar a hora.

— Ele o chamou para pescar homens!

— Eu não sei o que isso significa.

— Exatamente! — João colocou a mão no ombro de Simão. — Se Ele precisasse que você soubesse o que isso significa, Ele teria lhe contado. Então, só... só seja você mesmo. Está bem? E veja: talvez você já saiba o que isso significa.

O que significava pescar homens? Simão não tinha muita certeza.

•••

— Shemuel — disse Nicodemos, passando por ele e sentando-se, com a cabeça apoiada na parede. — Meus olhos estão cansados. Você se importaria de ler para mim o rolo do profeta Isaías?

Shemuel arrastou-se até o púlpito e abriu o rolo, usando a sua ponteira para encontrar a passagem.

— "'Consolem, consolem o meu povo', diz o... "

— Um pouco mais para a frente, só algumas linhas.

— "Uma voz clama no deserto: "Preparem o caminho para o Senhor; façam no deserto um caminho reto para o nosso Deus."'

— Hum — disse Nicodemos. — Com quem isso se parece?

Shemuel virou-se para encará-lo e ergueu o queixo.

— Com o herege João.

— E que heresia você encontra nessas palavras, sendo que foi Isaías que as disse?

— A heresia é que João se apropriou das palavras de Isaías, pegando uma descrição espiritual de Deus no céu e aplicando-a a seu sucessor físico na terra.

— Sucessor?

— João disse: "Depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de curvar-me e desamarrar as correias das suas sandálias".

— E?

— Deus não tem corpo. Ele não pode usar sandálias. Deus não pode assumir forma humana. Dizer isso é blasfêmia.

Nicodemos riu e levantou-se.

— Onde se diz que Deus não pode assumir forma humana?

— No rolo de Deuteronômio. "No dia em que o Senhor lhes falou do meio do fogo em Horebe, vocês não viram forma alguma".

Nicodemos entrou em modo de ensino.

— Só porque eles não viram forma alguma não significa que Deus não possa assumir uma forma.

— Em Êxodo! "Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo." Essa pessoa teria de andar por aí com o rosto coberto!

— Então você colocaria limites no Todo-Poderoso?

— Nenhum que não esteja escrito na Lei — disse Shemuel.

— E se Deus tivesse feito algo que você achasse que contradiz a Torá, você lhe diria para voltar para a caixa que você esculpiu para Ele? Ou você iria questionar a sua interpretação da Torá?

— Quando eu era aluno, eu sabia todos os seus dizeres, lia cada palavra que você escrevia. Seus ensinamentos eram tão robustos, tão ponderados e puros — disse Shemuel, dessa vez com mais brandura.

— Nós ainda somos alunos, Shemuel. Todos nós! Nosso entendimento nunca será completo.

— Eu me assusto com o fato de que já não posso mais prever as suas opiniões.

— E o medo em si garante que permaneçamos ignorantes, dormindo na segurança da tradição rígida. Veja os saduceus: eles consideram os primeiros cinco livros, a Lei de Moisés, como Escritura inspirada. O resto eles desconsideram. Rá! Para eles, Deus parou de falar quando Moisés morreu. Pense em tudo o que eles perderam: os salmos de Davi, as histórias de Rute e Boaz, Ester e Mardoqueu. Não quero viver num passado deprimente onde Deus não pode fazer nada novo. E você?

— Por que você se preocupa com isso? Deus nos deu a sua Lei. Nós devemos defendê-la!

— Nós podemos fazer as duas coisas! Vamos olhar para os caminhos antigos, para o "bom caminho, sigam-no" , como disse Jeremias, e continuar

mantendo nossos olhos abertos para o surpreendente e o inesperado. Podemos concordar nisso?

Shemuel fez uma pausa e disse:

— Sim.

— Você e eu, nós podemos liderar os outros nisso.

Yusef entrou correndo, e Nicodemos olhou para cima.

— Peço desculpas, professor dos professores.

— O que aconteceu? — disse Shemuel.

— Uma multidão se reuniu no lado leste para ver um homem pregar.

— Um fariseu?

— Não, uma pessoa comum. E não é João. É alguém normal. Ele conseguiu a atenção da região inteira.

Shemuel olhou para Nicodemos, que disse:

— Nós vamos investigar.

Capítulo 61

ENSINANDO

Maria de Magdala mal conseguia reconhecer a si mesma. Liberta, resgatada e estimada pelo homem que ela acreditava de todo o coração ser o próprio Messias, ela sentia-se um ser totalmente novo. Realizada, feliz e cheia de alegria, ela agora tinha um propósito. Ela fora chamada para segui-lo, para aprender dEle e para levar outros a serem influenciados por Ele.

Maria era atraída por Ele, cativada por Ele, mas não no sentido romântico. Desde o dia em que Ele chamara Maria pelo nome e expulsara os seus demônios, ela sabia que Ele não era deste mundo. Obviamente, Ele era um homem, mas um homem de Deus, vindo de Deus, enviado para lá com um propósito muito além da razão. O que emanava dEle atraía outras pessoas, tal como fizera com ela. E, embora se divertisse, parecia que cada comentário sério seu era tão sincero, tão profundo e tão cheio de verdade que ela saboreava cada sílaba.

Mesmo agora, na casa de Zebedeu — embora tivesse amado conhecer Salomé, a mãe dos seus novos amigos, e até os seus vizinhos Eliel e Mara —, ela estava arrebatada de ver Jesus ensinar enquanto simplesmente conversava com tranquilidade. Ele não estava pregando. Ele estava apenas transbordando a verdade. E, ao ajudar os seus anfitriões enquanto o lugar enchia-se silenciosamente, Maria tinha o cuidado de não ficar longe a ponto de não ouvir a voz do mestre. Que privilégio — ela estava convencida. Que

privilégio para ela e todos os outros que estavam perto o suficiente para ouvi-lo.

Conversando com Eliel, que lhe fazia perguntas, Jesus falava alto o suficiente para ser ouvido pela multidão, tão grande que agora ocupava um raio de cinco, seis, dez pessoas na rua. Alguns que tentaram passar por lá pareciam ter sido distraídos pela calma autoridade do homem a quem ouviram.

— Então, vocês acham que, porque Pilatos os matou, eles deviam ser piores pecadores do que os outros? — disse Jesus.

Eliel deu de ombros.

— Sei que Pilatos não fez aquilo por esse motivo, mas Deus deve tê-los punido por alguma coisa.

— Não, não, Deus não vê alguns como piores do que os outros. Todos devem se arrepender ou perecer. Vocês ficaram sabendo da torre em Siloé, que caiu e matou dezoito pessoas, certo? Vocês acham que eles eram piores do que aqueles que moravam em Jerusalém? Não. Todos devem se arrepender ou perecer.

Maria levava pratos vazios para fora e colocava-os na pequena mesa da ruazinha onde estavam Salomé e Mara. Salomé sussurrou para Mara: — Acabaram meus pistaches, nozes, pão e água. Você pode ir até a casa ao lado e pedir a Débora um pouco de pão para alimentar essa multidão?

— Débora está aí na porta — Mara lhe disse, apontando. Maria disse a Salomé:

— Eles já estão sendo alimentados.

Apertada contra a janela da frente, a mulher cega que estava com Barnabé disse bem alto:

— E a oração?

— O que tem ela, Shula? — disse Jesus.

— Não gosto de orar em voz alta porque fico envergonhada perto dos líderes que sabem fazer isso muito melhor do que eu.

— Aah, palavras complicadas não importam. Afinal, muitas delas são ditas para as pessoas se exibirem. Não se preocupe em orar em público. É melhor ir para o seu quarto, fechar a porta e orar a seu Pai que vê você em secreto. E o mesmo vale para dar esmolas aos necessitados. Não deixe que a sua mão esquerda saiba o que a sua mão direita está fazendo.

Barnabé pareceu confuso.

— Como a minha mão direita pode fazer algo sem a minha mão esquerda saber?

— Eu quis dizer para dar com generosidade sem ficar pensando nisso — disse Jesus. — Não façam isso para se aparecer, para impressionar os outros. Nem sequer se parabenizem em seu íntimo. Deem com humildade.

•••

Tamar, a vendedora de flores etíope, dobrou uma esquina e veio parar no meio da multidão fora da casa de Zebedeu. Devia ser ali. Ela virou-se e sussurrou com pressa:

— Venham! Venham!

Quatro homens africanos carregando um homem numa maca abriram caminho lentamente atrás dela.

Capítulo 62

"UM PROBLEMA"

Guardando o seu lugar de costume, do lado de fora do posto de coleta de impostos, o *primi ordine* Gaius não podia negar que estava orgulhoso do seu novo posto como um dos centuriões seniores. Embora soubesse que o sucesso de Mateus com o pescador Simão estivesse tão ligado com a sua promoção quanto o seu próprio desempenho, Gaius também acreditava que merecia aquele posto — e que, na verdade, aquilo havia demorado a acontecer.

Naquele dia, o mercado estava estranhamente silencioso. Ninguém esperava para ver Mateus, cuja tabuinha de escrever continuava em branco na frente dele. E ele estava com aquele infeliz cachorro do seu lado, dentro do posto.

— Quando você atendeu seu último cliente? — perguntou Gaius ao estranho homenzinho. — Mateus. Oi?

Mateus fez uma careta.

— Desculpe, o quê?

Gaius mudou o tom, como se estivesse falando com uma criança:

— Quanto tempo faz que você atendeu um cliente?

— Não tenho clientes.

Agora ele estava implicando com o significado das palavras?

— Quando você atendeu seu último cidadão?

— Há uma hora. Talvez duas.

— Tem algum feriado judeu que eu não conheço?

— Há muitos feriados judeus que você não conhece, Gaius.

"O que deu nele hoje?"

— Pare com isso.

Ao ouvir o som de passos, Gaius virou-se e viu Marcus aproximando-se. Eles sussurraram. Por fim, Gaius foi até o cobrador de impostos:

— Mateus, feche o posto e vá para casa.

— Ainda não é hora.

— Está havendo um problema! Tranque a porta e saia daqui.

— Que problema iria requerer que abandonássemos nosso posto?

Só os céus sabiam o quanto aquele homem não gostava de mudanças na sua rotina. Mas será que ele realmente se importava com o que estava acontecendo na vizinhança dos pescadores?

— Uma multidão nos guetos do leste — Gaius lhe disse.

— Eu vou com você.

Ele não podia estar falando sério! Mateus mal conseguia interagir com as pessoas através das grades da sua gaiola.

— Como é?

— Eu vou com você.

Gaius gesticulou.

— Eu disse que tem uma multidão. De pessoas. Mateus, eu não tenho tempo para proteger você.

— Como você acha que eu sobrevivo nas outras dezesseis horas do dia?

Gaius não conseguiu não rir. Uma pergunta memorável.

— Eu não faço ideia.

Ele observou surpreso o cobrador de impostos deixar o seu cachorro no posto e correr para alcançá-lo.

Capítulo 63

CONFUSÃO

Simão não podia negar que estava orgulhoso. Ali estava ele, de volta à vizinhança que fora o seu lar desde criança e, agora, ele fazia parte da comitiva do Messias. O Messias! Na própria casa dos amigos de Simão!

Ele mal conseguia evitar sorrir ao caminhar pela multidão, reconhecendo a maioria das pessoas, cumprimentando-as e perguntando-lhes como estavam. Lá dentro, ele escutava Jesus dizendo:

— E isso nos traz a um bom ponto. Todos vocês que estão ouvindo aqui são pessoas muito decentes, não são? — eles riram, conhecendo a si mesmos. — Muito justas? — eles evitaram olhar uns para os outros. Simão amava aquilo. O seu mestre gentilmente os provocava, uma das suas técnicas de ensino. — Um pouco? — Ele fez uma pausa novamente. — Não são ruins? — Ele deixou aquela pergunta no ar. — Permitam-me contar uma história a vocês.

Dentro e fora da casa, a multidão ficou em silêncio.

— Dois homens subiram ao Templo para orar. Um deles era um fariseu, o melhor de nós, certo?...

•••

Tamar tentava esgueirar-se no meio da multidão apertada, e os seus amigos carregavam o homem na maca logo atrás dela. De dentro da casa, vinha a voz do homem que ela conhecera na estrada:

— ... e o outro era um cobrador de impostos, o pior de nós, sim?

Ela pedia desculpas ao forçar a passagem, pedindo às pessoas para abrirem caminho. Mas a multidão apertava-se de todos os lados.

•••

— Olá — disse Simão a um velho amigo. — É bom ver você. Esse é Jesus de Nazaré. Consegue ouvi-lo?

— Sim.

— Ele é incrível, não é?

Enquanto isso, Jesus ficou em pé e agora falava alto o suficiente para a sua voz ir além da janela, contando que o fariseu e o cobrador de impostos fizeram orações muito diferentes: o homem orgulhoso agradecia a Deus por não ser como os outros homens...

— "... ladrões, corruptos, adúlteros, nem mesmo como este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo...".

Simão percebeu a mulher tentando abrir caminho no meio da multidão e avançou até ela. André foi com ele, e Maria Madalena também.

— Aonde você vai? — ele perguntou à mulher.

— Por favor — disse ela —, precisamos ver Jesus.

— Não há espaço — André lhe disse.

Jesus continuou falando:

— Mas o cobrador de impostos ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas, batendo no peito, dizia: "Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador". Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.

A mulher apontou para o homem na maca.

— Ele é paralítico da cintura para baixo — e virou-se para André. — Ele não consegue ficar em pé.

— Definitivamente não há espaço — disse Simão.

Maria lançou-lhe um olhar.

— Simão, ele merece ouvir Jesus tanto quanto qualquer um.

— Olá novamente — os olhos da mulher brilharam. — Estou tão feliz que encontrei você. Meu amigo, ele...

— Por que você precisa chegar mais perto? — disse Simão.

— Eu vi o que seu mestre fez pelo leproso — ela olhou para ele, decidida. — Eu sei o que vi.

Simão não estava lá, então não sabia do que ela estava falando. André falou em voz baixa:

— Estamos tentando manter isso em segredo... por enquanto. Olhe para essa multidão. Imagine o que iríamos enfrentar.

— Por favor! Por favor. Ajudem-me a levar meu amigo até Ele.

Simão espiava dois guardas romanos e Mateus, o cobrador de impostos, atrás de Tamar.

— Temos companhia — ele disse, pronto para enfrentá-los.

André o segurou.

— Eu falo com eles.

Quando André partiu, Maria sussurrou para a mulher:

— Venha comigo, Tamar.

•••

Mateus esticou-se para cima, atrás de Marcus e Gaius, quando André chegou mais perto. O cobrador de impostos sempre achara que o irmão mais novo era o mais racional dos dois. Simão era o cabeça-quente. André levantou as mãos em sinal de conciliação. Marcus exigiu saber o que estava acontecendo.

— É uma reunião pacífica — André lhe disse.

— Foi isso que os Macabeus disseram — falou Gaius.

— Eles estão bloqueando a rua — Marcus disse.

Gaius caminhou em direção à multidão. André correu para o lado dele.

— Vou mudá-los de lugar! Eles só... eles ainda não ouviram ninguém dizer onde deveriam ficar.

Mateus esperava que não houvesse problemas. Ele esforçava-se para ouvir Jesus, que encorajava as pessoas a serem persistentes na oração e na fé. Ele contou a história de um certo juiz...

— ... que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: "Faze-me justiça contra o meu adversário".

Embora aquilo fosse desconfortável para ele, Mateus caminhou com dificuldade no meio da multidão, compelido a ouvir o fim da história.

Jesus continuou:

— Por algum tempo, ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: "Embora eu não tema a Deus nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha a me importunar".

Um homem cuspiu em Mateus, que se chocou contra um muro. Será que ele não podia ir a lugar algum sem ser visto como um cachorro, como um traidor do seu próprio povo? Outro homem empurrou-o com as duas mãos, quase o derrubando no chão. Como ele queria ter trazido o seu cachorro.

•••

Maria fazia tudo o que podia para que Tamar e os seus amigos atravessassem a multidão, mas não adiantava nada.

— Eu sinto muito — ela sussurrou. — Há muita gente.

— Mas você o conhece! Não pode nos fazer chegar mais perto?

— Não quero interromper o professor causando confusão.

Atrás de Tamar, com os olhos cheios de expectativa, o homem na maca disse:

— E se você fosse eu?

— Você não iria querer que os seus amigos causassem uma confusão? — disse Tamar.

Maria não conseguia tirar os olhos do homem sofrendo e sentiu um nó na garganta.

— Eu já fui você — disse ela.

Tamar olhou para cima.

— E que tal o telhado?

Maria viu as escadas ao lado da casa de Zebedeu e acenou com a cabeça para que Tamar e os seus amigos seguissem-na.

•••

Mateus caminhou com cuidado junto ao muro, tremendo e com o lenço cobrindo a boca. Será que ele deveria ter vindo? Como não poderia? Ele esforçava-se para ouvir, esperando que os outros estivessem tão cativados pela história quanto ele e, assim, não o reconhecessem mais. A última coisa que ele queria era ser o motivo de alguém se distrair do ensino do fazedor de milagres.

— Ouçam o que diz o juiz injusto — continuou Jesus. — Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a Ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: Ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra?

O Filho do Homem? Quem era esse Filho do Homem? Algo atingiu Mateus na cabeça, e uma uva verde rolou pelo chão. Os judeus hostis estavam recorrendo a frutas agora? O que viria depois? Quando mais duas uvas acertaram a sua cabeça, ele cobriu o rosto e berrou:

— Eu só queria ouvir o professor ensinar!

— Psiu!

Mateus olhou ao redor, confuso:

— Aqui em cima!

Duas crianças estavam sentadas na beira do telhado acima dele, comendo uvas de uma tigela. Elas acenaram para ele juntar-se a elas:

— Está tudo bem! — disse a menina, sorrindo. — Suba!

— Como vocês subiram aí?

— Nós subimos a escada — ela apontou. — É fácil!

Só de pensar em segurar as laterais da escada, que se sabe lá quantos outros já tinham segurado... Mateus usou o seu lenço para cuidadosamente limpar a madeira enquanto subia devagar. Uma mão forte nas suas costas empurrou-o para cima do telhado. Apesar de ter sido desagradável, ele virou-se e agradeceu a... Simão, o pescador?

Simão subiu alguns degraus e perguntou às crianças:

— Onde estão seus pais? — A menina apontou para a multidão. — Entendi — disse ele. — Certo. O homem que está falando se chama...

— Jesus de Nazaré — disse ela.

— Nós o conhecemos — disse o menino.

Simão ficou petrificado e desceu as escadas de volta. A menina estendeu a tigela de uvas para Mateus, que hesitou e recusou. Uma tigela onde outros puseram a mão? Não.

As crianças apresentaram-se como Abigail e Josué. Mateus acomodou-se ao lado deles, o que lhe deu uma clara visão de Jesus, que agora estava à porta da casa de Zebedeu, do outro lado da rua. O que poderia ser melhor do que isso?

Jesus falou:

— Observem como crescem os lírios. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais vestirá vocês!

Que pensamento emocionante! Os olhos de Mateus voltaram-se para o fim da multidão, onde apareceram três fariseus — um velho e dois jovens. O que eles iriam fazer com o professor? Jesus de Nazaré conversava com a multidão como se eles fossem os seus amigos, mas falava com uma autoridade tão tranquila que Ele bem podia estar lendo um dos pergaminhos sagrados na sinagoga. No entanto, mesmo quando Mateus frequentara a sinagoga com frequência durante anos, antes de a sua profissão torná-lo um incômodo ali, ele nunca ouvira um ensino como aquele. De fato, cada história que Jesus contava, cada coisa que Ele pontuava, parecia abrir os olhos de Mateus de uma forma nova. Quem era aquEle homem e o que Ele queria? Ele precisava descobrir. Mateus havia-o visto fazer peixes aparecerem do nada. O que mais Ele podia fazer?

Capítulo 64

O PARALÍTICO

Nicodemos estava atônito no meio da multidão. As pessoas que percebiam a presença dele e de Shemuel abriam caminho. O líder do Sinédrio esperava e orava para que a pessoa que atraíra essa multidão fosse o homem dos milagres de quem o maluco João falara. Talvez ele finalmente conseguisse algumas respostas.

Shemuel parecia determinado a alcançar a frente. Cutucando um homem de uma perna só, apoiado na sua muleta, Shemuel limpou a garganta. Vendo que o homem não se mexeu, ele disse:

— Com licença!

— Quieto! — disse o homem. — Estamos tentando ouvir.

— Você sabe com quem está falando?

Nicodemos puxou-o para trás:

— Shemuel!

— Você ouviu o desrespeito dele?

— Lembra do Distrito Vermelho? — Nicodemos sussurrou. — Estamos fora de lugar aqui.

— Temos de descobrir quem está ensinando. Olhe essa multidão!

— Mais um motivo para sermos cautelosos.

De repente, Shemuel empalideceu-se ao olhar para o telhado da casa de Zebedeu.

— Rabino! É ela!

Certamente era Lilith, que agora chamava a si mesma de Maria, junto com uma mulher africana.

— Ela está realmente restaurada! — disse Shemuel, surpreso. — Eu só havia ouvido o seu relato, Yusef, mas não a vi por mim mesmo. Ela é outra pessoa!

Nicodemos ficou olhando, incapaz de entender a situação.

— Por que ela está aqui?

•••

Maria observou Tamar inclinar-se sobre a pequena abertura no telhado. A voz de Jesus vinha dali com clareza. Ele estava falando que não se deve guardar a fé em Deus para si mesmo.

— Vocês são a luz do mundo. Uma cidade no monte não pode ser escondida. Se estivesse de noite, Zebedeu não acenderia a sua lamparina e a colocaria debaixo de um cesto. Ele a colocaria em um suporte onde pudesse iluminar todos nós.

— Jesus de Nazaré! — gritou Tamar. — Eu vi o que você fez com o leproso na estrada hoje de manhã! — Quando Jesus olhou para cima e viu Tamar, ela ajoelhou-se e baixou a voz. — Meu amigo é paralítico desde a infância. Ele não tem esperança alguma a não ser você. Por favor. Faça por ele o que fez pelo leproso.

Os amigos dela posicionaram o paralítico em cima da abertura do telhado, mas, vendo que era pequena demais, começaram a remover as tábuas em volta dela.

— Esse telhado é nosso! — gritou Salomé.

— Coloque de volta, homem! — disse João.

Tamar ignorou os dois e disse:

— Se você quiser, mestre, eu sei que pode fazer isso.

Os amigos etíopes do homem colocaram-no em cima de uma das enormes redes de pesca de Zebedeu e desceram-no com uma corda pelo telhado. A polia gemia com o peso do homem.

•••

Do outro lado da rua, Mateus observava extasiado. Sem mexer os olhos, ele pegou uma uva na tigela do pequeno Josué. Abaixo dele, Nicodemos sussurrava enfaticamente para Shemuel:

— Não é esse o paralítico que eu vejo mendigar no portão da cidade desde que comecei a vir aqui, há mais de vinte anos?

Shemuel fez que sim.

— O próprio. Eu nunca o vi mexer os pés, quanto mais as pernas.

Usando os cotovelos, Shemuel abriu caminho pela multidão, com Yusef logo atrás dele.

•••

Com um só pulo, Simão subiu a escada de novo e inclinou-se para perto da orelha do cobrador de impostos.

— Era isso que você queria, então, pelo menos, pegue sua tabuinha de escrever — Simão foi para a ponta do telhado e gritou para Maria do outro lado da rua. — Ele está em perigo?

— Eu não sei — disse ela. — Não, acho que não.

— Tem espaço para ele aí dentro?

— Tem!

— Consegue acreditar que estamos aqui para isso?

Ela sorriu.

— Sim.

•••

Shemuel e Yusef alcançaram a janela. Lá dentro, três homens balançavam o paralítico no ar, enquanto outros abriam espaço para ele no chão. Shemuel exigiu saber.

— Você! Com a autoridade de quem você ensina?

O homem que o povo chamava de Jesus de Nazaré olhou para ele.

— Responda!

— Se você quiser, mestre — Tamar falou lá de cima. — Você sabe que pode.

Shemuel bateu com a palma da mão no parapeito da janela:

— Ei! Estou falando com você! Com a autoridade de quem você ensina? Com certeza não é com a autoridade de um rabino de Nazaré! Onde você estudou?

Jesus olhou para Tamar lá em cima.

— A sua fé é linda — disse Ele.

E então se voltou para o paralítico, que estava sentado diante dEle, com os seus pés inúteis esticados.

— Filho, tenha bom ânimo. Seus pecados estão perdoados. — Jesus olhou para Shemuel e Yusef e, como se lesse a mente de Shemuel, disse — "Quem é esse que fala blasfêmias? Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?". Certo? Mas eu lhes pergunto, o que é mais fácil dizer: "Os seus pecados estão perdoados", ou "Levante-se e ande"? Falar é fácil, não é? Porém, para mostrar a vocês e para que vocês saibam que o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados... — Ele virou-se e ajoelhou-se ao lado do homem — ... eu lhe digo, meu filho: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa.

Os olhos de Shemuel ficaram arregalados. Todos observavam em silêncio. E o homem ofegou ao ver os seus dedos começarem a mexer-se. Então, lentamente ele ficou em pé, a princípio com as pernas trêmulas, mas rapidamente ganhando força. Quando ficou firme em pé, ele rompeu em lágrimas.

— Calma — disse Jesus, quando o homem caiu nos seus braços.

A multidão toda gritou e aplaudiu, exceto os três fariseus. O homem curado disse:

— Obrigado.

Jesus assentiu com a cabeça e disse-lhe:

— Agora vá.

Enquanto o homem caminhava com cuidado até a porta, onde estava a multidão estupefata, Shemuel gritou bem alto:

— Guardas romanos, é uma ameaça à paz pública!

Dois soldados desembainharam as suas espadas e avançaram pela multidão até a porta, empurrando as pessoas para os lados.

Capítulo 65

A FUGA

Simão entrou com tudo pela porta dos fundos:

— Mestre! Por aqui! — Jesus e os outros o seguiram, enquanto Zebedeu fechava a porta da frente e segurava-a. Do lado de fora, Simão orientou os discípulos a separarem-se.

•••

Nicodemos viu Maria desaparecer do telhado. Ele lutou para chegar às escadas ao lado da casa. Afinal, estava sendo empurrado na direção oposta pela multidão, no meio da qual estava o ex-paralítico. O rosto do homem brilhava com lágrimas quando o seu olhar cruzou com o de Nicodemos. O fariseu não conseguia falar, olhando perplexo para um homem que ele achava que não ficava em pé há, pelo menos, duas décadas.

Os soldados chocavam-se contra a porta da frente. Nicodemos chegou ao lado da casa assim que Maria alcançou o fim dos degraus e ia descer a rua.

— Maria! Espere!

Ela virou-se e abriu um sorriso.

— Você viu!

Ele mal conseguia falar:

— Eu vi um paralítico passar por mim andando sobre os dois pés!

O sorriso de Maria murchou.

— Você tinha me perguntado antes se eu sabia o nome do professor. Agora todos sabem o nome dEle, e eu temo por sua segurança.

— Não desejo causar problemas a Ele, nenhuma desonra.

— Os seus amigos tentaram prendê-lo!

— Eles estão com inveja — disse Nicodemos, torcendo para que ela percebesse o desespero na voz dele. — Estão com medo. Mas eu não. Eu juro. Por favor, Maria. Eu preciso falar com Ele.

— Eu o sigo, não Ele a mim — disse ela. — Ele não conta os seus planos a ninguém.

— Mas você poderia pedir um encontro com Ele? Em segredo! No escuro da noite. No lugar que Ele quiser. Eu não me importo de ser num desfiladeiro, numa caverna ou até mesmo num sepulcro, mas eu preciso falar com Ele. Por favor, Maria!

Ela estudou Nicodemos com o olhar.

— Eu vou tentar.

•••

Do outro lado da rua, Mateus desceu do telhado com os pensamentos a quilômetros de distância. Lá em cima, Abigail falou:

— Você está perdido?

— Sim, eu estou.

•••

Salomé finalmente abriu a porta, e Gaius entrou com tudo.

— Algum problema, oficial? — disse ela, com um grande sorriso.

•••

Mateus atravessou a rua e desceu a viela por onde André e Simão levaram Jesus embora dali. Pouco antes de sair de vista, Jesus parou, virou-se e olhou

para Mateus. O professor parecia olhá-lo com tanta compaixão que Mateus não conseguiu sequer se mexer. Ao partir, Jesus esboçou um leve sorriso.

PARTE 8

CONVITES

Capítulo 66

A SERPENTE DE BRONZE

Península do Sinai

Século XIII a.C.

Moisés estava farto dos filhos de Israel. O que mais ele podia fazer além de seguir ao Senhor e fazer o que Ele dissesse? Deus tirara o povo do Egito e levara-o para o deserto, rumo ao que deveria ser a paradisíaca Terra Prometida. No entanto, toda vez o povo murmurava, reclamava e voltava-se para ídolos. Eles chegaram a ter a audácia de perguntar a Moisés se ele havia-os trazido ao deserto para morrer por não haver sepulcros suficientes no Egito. Eles disseram a Moisés que teria sido melhor ficar e servir aos egípcios.

Ao que parecia, falar tão mal de Moisés — e, consequentemente, do Senhor, que dirigia os seus passos — foi demais até para Deus. Ele enviou serpentes abrasadoras entre o povo. Muitos foram picados e morreram.

Por fim, o povo suplicou a Moisés que interviesse junto a Deus no seu favor. Quando Moisés fez isso, Deus instruiu-o a fazer uma serpente de bronze e colocá-la no alto de um poste, onde o povo pudesse vê-la e viver. Contudo, Moisés não tinha habilidade alguma com metais.

"Como vou fazer isso? Eu não tenho experiência".

— Eu Sou irá capacitar você.

Assim, Moisés montou uma forja dentro de uma tenda no extremo do acampamento israelita e trabalhou do amanhecer ao anoitecer, colocando o metal derretido no caldeirão fumegante num molde rústico, e então o martelando até chegar à forma de serpente.

Quando os raios de sol entravam na tenda, Moisés suava. De repente, alguém entrou, esgueirando-se pela abertura da tenda. Moisés nem precisou olhar para cima para saber que era um dos seus melhores confidentes. Ele continuou o que estava fazendo, sabendo que estava cheirando mal e que não devia estar com uma aparência boa. Ele piscou para tirar a fuligem dos seus olhos, e o outro homem limpou a garganta.

— Josué, quantos mais essa noite? — disse Moisés.

— Uns trezentos, senhor.

— Onde pretende enterrá-los?

— Os homens estão tentando cavar uma vala, mas o solo é duro e rochoso — Josué fez uma pausa, e então prosseguiu — Com todo o respeito, Moisés, minha preocupação não é com os mortos, e sim com os vivos. Centenas estão morrendo ao longo do dia, e para cada serpente que matamos aparecem outras dez.

Moisés parou de bater no metal:

— Talvez devamos deixar os corpos aqui, nessa tenda.

Josué balançou a cabeça.

— Na velocidade com que as pessoas estão morrendo, não vai haver espaço suficiente nem se empilharmos os corpos até o teto.

Moisés voltou a martelar.

— Então vamos ter de partir e encontrar outro lugar.

— Não vamos conseguir partir tão cedo. Há muitas pessoas doentes e que não conseguem andar!

— Depois de hoje, os únicos hebreus que vão estar doentes demais para andar vão ser os que quiserem ficar assim.

— Tem algum remédio nesse bronze? Você disse ao povo que iria pedir a Deus para perdoar a rebelião deles e curar as picadas das serpentes...

— E eu pedi!

— Então por que está se escondendo em uma tenda?

Virando-se para encará-lo, Moisés gritou:

— Não foi ideia minha, Josué!

O jovem olhou para o metal retorcido esfriando.

— Isso é um símbolo pagão. Você não perguntou a Deus se Ele tinha certeza disso? Talvez você tenha entendido mal.

— Aprendi a fazer o que Ele diz sem questionar. Você está lembrado do que aconteceu em Meribá.

Sem dúvida Josué lembrava-se. Todos sabiam que Moisés passara por cima das instruções do Senhor, batendo na rocha com a sua vara em vez de simplesmente ordenar que ela produzisse água. Por causa disso, nem ele nem o seu irmão Arão iriam entrar na Terra Prometida. Moisés voltou ao seu trabalho, não querendo falar sobre aquilo. Querendo amenizar as coisas, Josué falou com calma, mas foi direto:

— Só para garantir, poderíamos enviar um mensageiro até Eziom-Geber e pedir ajuda...

— O poste. Dê-me aquele poste.

Josué encontrou o longo pedaço de madeira encostado na parede da tenda, com outra barra cruzada amarrada perto do topo. Moisés colocou a pesada serpente de bronze no alto do poste, gemendo com o esforço de colocar o poste no meio das curvas da serpente.

— O povo vai dizer que é uma piada de mau gosto — disse Josué.

É claro que iriam dizer. Seria bem típico deles chamar a serpente de Neustã, um simples objeto de bronze.

— Que digam.

Josué parecia frustrado e desnorteado.

— Ajude-me a entender! Nada disso faz sentido!

— Como você explica o mar Vermelho? E o maná e as codornizes? A coluna de fogo! Josué! Qualquer israelita que olhar para essa serpente de bronze e crer no poder de Adonai será curado. É um ato de fé! Não de razão. De fé.

Capítulo 67

ROTA DE COLISÃO

Treze séculos depois

Naquele dia, a meticulosa rotina matinal de Mateus levou mais tempo do que de costume. Será que aquela... aquela doença — qualquer que fosse — estava piorando? Agora que outras coisas perturbavam a sua mente, a percepção de Mateus parecia maior. Ele estava achando cada vez mais difícil conciliar aquilo que ele só conseguia chamar de "violações das leis da natureza" com a sua necessidade de ter tudo resolvido na sua mente ao trabalhar. Como tirar da cabeça aqueles milagres? Peixes sem fim a poucos metros da praia? Um paralítico de nascença em pé, andando?

Como sempre, ele colocou o seu anel no dedo. Esfregou com perfume um punho, depois o outro, e depois o seu pescoço. Contou as frutas numa tigela e escolheu as suas sandálias. Ao sair da sua casa sofisticada — e imaculadamente limpa —, Mateus deu a volta na chave três vezes, como de costume. E, apesar de ter satisfeito todos os seus impulsos, tudo o que ele vira recentemente ainda o perturbava. Ao sair para o trabalho, ele parou de repente.

— Gaius — disse ele, face a face com o outro homem. — Por que você está aqui?

•••

"Boa pergunta", Gaius pensou. "Como posso fazer isso parecer normal e aceitável?" Naturalmente, ele via Mateus aparecer todos os dias numa ponta do mercado, escondido debaixo da lona de uma carroça, dirigida por um homem que parecia enojado de ter de carregá-lo em troca de dinheiro. Gaius sabia que Mateus odiava interagir com pessoas, mesmo estando separado delas pelas grades da cabine. E quem poderia culpá-lo? As pessoas viam-no como a pior das escórias, como alguém que explorava os seus compatriotas judeus em favor de Roma.

— Vim escoltá-lo.

— Porque se sente em dívida por causa da sua promoção.

Bem pensado, para um homem tão desconectado da realidade.

— Você está reclamando de andar com segurança pelas ruas?

— Não ajudei Quintus por sua causa.

— Ah, eu sei. Você não tinha como evitar — disse Gaius.

Mateus voltou a andar.

— Falei aquilo porque eu tinha razão.

— Você teve sorte.

— Não existe sorte.

— Então você sabia que Quintus não iria matá-lo.

— Ele foi esperto de ir atrás dos pescadores, mas devia estar desesperado para chegar a pedir a ajuda de Simão.

Gaius sorriu. Será que ele se atreveria a admitir que havia algo envolvente, ou até mesmo cativante, naquele homenzinho estranho?

— Não acredito nisso. Você estava assustado.

Mateus parou e ficou encarando-o.

— Gaius, o que você faria se, de repente, fosse o único romano em Cafarnaum?

"Em outras palavras, se eu fosse como ele — uma minúscula minoria?"

— Acho que trocaria de roupa.

— Exato. Quando você se dá conta de que ninguém mais no mundo se importa com o que acontece com você, você só pensa em si mesmo.

Gaius só conseguia olhar para ele. Aquele homem nunca parava de surpreendê-lo.

— Para um tolo, até que seu cérebro foi longe. Eu admito.

— Eu também achei.

Gaius levantou a cabeça. Ele também achou? O que será que ele quis dizer?

•••

Mais tarde, naquela manhã

Nicodemos estava sentado no quarto mais luxuoso da casa de convidados, lendo e, às vezes, olhando para uma ampulheta. Suor lhe escorria pela testa. Como ele podia ficar concentrado, haja vista o que testemunhara?

Zohara entrou rapidamente, sorrindo.

— Louvado seja Adonai. Ele está vivo e saudável!

— Do que você está falando?

— Recebi notícias de Jerusalém. Havilá deu à luz um menino. Você é avô de novo!

— Tão cedo?

Zohara já estava empacotando as suas coisas:

— Um mês antes, mas está tudo bem. Ah, abençoado seja ele! Enviaremos o resto de nossas coisas.

Ah, não! Ela nunca iria entender.

— O quê? Não! Não, não! Minha pesquisa aqui não está completa.

— Mas temos de voltar a tempo do bris. Só temos oito dias. Menos de oito dias.

— A circuncisão pode ser feita por qualquer pessoa, Zohara.

— Nico! É o seu neto!

— Meu quinto neto. Havilá irá entender.

Tática errada. Ele podia ver pela cara dela. Ela aproximou-se dele, com a testa franzida.

— Sabe o que as pessoas irão dizer quando souberem que o grande Nicodemos perdeu o dia do nome do seu próprio neto porque estava fazendo uma pesquisa justo em Cafarnaum, dentre tantos lugares?

— Pesquisa que diz respeito não apenas a um único menino judeu, mas a todo o Israel, passado, presente e futuro!

— Não há nada em Cafarnaum além de endemoninhados e alunos insolentes! Volte à razão.

Que coisa para ser dita! Se ao menos ela soubesse... mas ainda era cedo demais para revelar aquilo a ela. “Eu nunca estive tão próximo da minha razão.”

— Por fora, não é isso que parece — disse ela.

— Muitas coisas não são o que parecem.

— Eu estou pronta para sair desse lugar, Nico. Sinto saudade dos meus filhos e meus netos, inclusive daquele que ainda nem conheci.

— Ah, Zohara! Você... — A porta abriu-se com tudo. — Vocês não podem interromper assim...

— Ah, eu acho que posso.

Nicodemos curvou-se.

— Pretor Quintus.

Sua esposa rapidamente cobriu a cabeça. O romano acenou com a cabeça para ela.

— Zohara, não é? É um prazer vê-la novamente.

— Creio que tudo está bem — disse Nicodemos, dando um tom formal à sua voz.

— Por que acha isso? — Quintus passou por ele e sentou-se.

— Ah, sim — disse Nicodemos. — Por favor. Sinta-se em casa.

Quintus tirou o seu elmo, notou a decoração luxuosa do lugar e assobiou. Rindo, ele disse:

— Nós realmente vamos ter de discutir o dízimo das pessoas.

— Foi por isso que você veio?

— Preciso saber se temos um problema, Nicodemos.

Um problema?

— Eu atendi todos os pedidos que Roma fez à minha posição, mesmo quando isso infringiu os costumes.

— Deixe-me dizer de outra forma — disse Quintus, destilando sarcasmo. — Você e eu queremos a mesma coisa. Queremos que as regras sejam seguidas. Queremos ordem. Soldados, dinheiro, votos... esse é o meu mundo. Demônios, orações, excentricidades... esse é o seu. Preciso saber se nossos mundos estão em rota de colisão.

Nicodemos analisou-o bem, imaginando o que iria responder.

— O chamado “fazedor de milagres”? — disse Quintus.

Talvez fosse bom parecer cooperar. Nicodemos sentou-se de frente para o pretor.

— Jesus de Nazaré.

— Eu nem sei o que é Nazaré. Mas, sim. Ele.

Nicodemos tentou parecer desdenhoso.

— Anedotas e rumores.

— E uma debandada no gueto leste, que atrasou o enviado de Herodes. Aquilo realmente me deixou numa má situação. Odeio isso.

— O tumulto começou quando os seus soldados entraram no meio da multidão brandindo espadas.

— Não foi um evento isolado. Eu ouvi notícias. Minha fonte tem uma habilidade inabalável com precisão e uma compulsão pela verdade. Então eu lhe pergunto de novo: Temos um problema?

Nicodemos apertou os lábios e balançou a cabeça.

— Não.

Quintus sorriu.

— Você não parece ter certeza. Talvez eu consiga informações melhores com aquele... — ele fez uma pausa — ... Shemuel? Ele parece muito ansioso para me ver.

Desesperado para esconder a sua surpresa, Nicodemos recompôs-se e falou devagar:

— A única forma de saber as intenções desse pregador é falando diretamente com ele.

— Então fale com ele — disse Quintus, pegando o seu elmo e colocando-se de pé. — Eu odeio multidões. Elas consomem tempo e recursos. E limpar o estrago depois me aborrece. Quando conseguir um encontro a sós, quero saber quando e onde, entendeu?

Agitado, Nicodemos mudou de assunto.

— O que o incomoda nesse homem?

— Pregadores têm o costume de se tornar políticos. Eles brotam como ervas daninhas e se espalham. Sua esposa cuida de plantas. Ela entende.

Nicodemos levantou-se.

— Algumas plantas espalham suas sementes quando são pisadas. Quem pode dizer se você não estará criando um mártir?

— Eu vou arriscar.

Quando Quintus saiu, Zohara aproximou-se lentamente de Nicodemos com algo que ele temia: um olhar de quem sabe o que está se passando. Ela analisou o rosto dele.

— Você simpatiza com esse pregador.

Capítulo 68

O PEDIDO DE DESCULPAS

Tadeu cortava madeira para uma fogueira — algo bem distante do que ele costumava fazer com as mãos; algo que, aliás, lhe apresentara Jesus. Ele tinha uma pergunta, mas o mestre e João estavam conversando enquanto armavam uma tenda:

— Será que vamos estar seguros aqui? — perguntou João.

— O que você quer dizer com "seguros"?

— Eles vão nos procurar por causa do que você disse sobre perdoar pecados.

— Ah. Não vamos ficar aqui por muito tempo. Depois do que aconteceu ontem, continuaremos mudando de cidade para cidade.

— É isso que você quer?

— Como assim?

— Ficar viajando, sem poder ficar no mesmo lugar?

Tadeu percebeu que Jesus não respondeu a João imediatamente. Ele parecia estar pensando na sua resposta. Por fim, Jesus disse:

— Eu quero fazer a vontade de meu Pai. E quero espalhar a mensagem da salvação. Então, sim, eu estou contente em não ficar em um único lugar.

João pareceu satisfeito e ficou em silêncio.

— Mestre?

— Sim, Tadeu.

— Devo preparar lenha para quantos dias?

— Hum... cinco, eu acho.

João levantou a cabeça.

— Pensei que você tinha dito que não iríamos ficar aqui por muito tempo.

— Vamos deixar um pouco para o próximo viajante cansado. Hospitalidade não é apenas para pessoas que têm casas, João.

Tadeu não se surpreendeu ao ver que João não teve o que dizer.

Quando Maria Madalena apareceu, era evidente que algo a perturbava.

— Maria! Você está bem? — disse Tadeu.

Ela olhou como se tivesse sido pega de surpresa.

— Eu? Ah, sim, obrigada — ela olhou para Jesus. — Posso falar com o senhor, mestre?

Eles foram para um lugar onde não seriam ouvidos.

•••

Maria mal sabia por onde começar e tinha dificuldade em fazer contato visual. A última coisa que ela queria era incomodar o Messias.

— Eu queria pedir desculpas por ontem.

— Pelo quê?

— Por tentar ajudar aquelas pessoas a ficar ao alcance da sua voz. Eu não fazia ideia de que eles iriam abrir o telhado e atrapalhar seus ensinamentos. Estou realmente...

— Então, você lamenta que um paralítico esteja desfrutando o seu primeiro dia em pé? — disse Jesus, sorrindo.

— Não. Lamento apenas ter causado um transtorno e interrompido seu ensino.

— Quem disse que meu ensino foi interrompido? Com a fé que tinham, eles teriam dado um jeito de chegarem até mim, quer você os tivesse trazido ao telhado, quer não.

Como era possível que fosse tão fácil conversar com Ele? Maria ainda se sentia mal, mas Ele parecia querer acalmá-la.

— Tem mais uma coisa — ela disse, não querendo esconder nada dEle agora. — Quando estávamos saindo, um fariseu me parou e pediu um encontro a sós com o senhor. Eu disse a ele que iria tentar.

— Um fariseu. Você conhece esse homem?

— Ele me visitou... no passado.

— Um fariseu no Distrito Vermelho?

— Roma o enviou. Eu duvido que ele quisesse estar ali.

Jesus riu.

— Não, acho que não.

— Bem, eu o vi novamente depois que melhorei, e ele queria saber como fui curada. É claro que eu não disse quem o senhor era, mas ele parecia...

— O quê?

— Sincero. Ele não se incomodou quando soube que outra pessoa teve sucesso onde ele havia falhado. Havia uma... havia uma fome nos seus olhos. Não medo.

— Não como os fariseus na janela ontem, é?

— Sinto muito por ter-lhe dito tudo isso.

— Não, não, há um motivo para você ter conhecido esse fariseu.

— Nicodemos.

— Nicodemos, é claro. Eu ouvi falar dele.

— Não sei quem é conhecido e quem não é — disse ela. — Tudo isso é novo para mim.

— Aah, não se preocupe em saber quais homens os outros acham importantes. Diga a Nicodemos que irei me encontrar com ele. Tiaguinho conhece o local. Obrigado, Maria.

— Sim, Mestre — ela disse, ao vê-lo partir. — Aonde o senhor vai?

Ele se virou.

— Ficar sozinho. Eu preciso pensar. E orar.

— Também vou orar... para que eu não tenha colocado o senhor em um perigo terrível.

Jesus riu calmamente.

— Você não colocou. Na verdade, eu já tinha planos para amanhã à noite.

— Planos?

— Sim, espalhe a notícia. Um jantar. No Distrito Norte. Na casa alta logo depois do arco.

A zona rica. Onde os cobradores de impostos moravam.

— Mas aquelas casas...

— Eu sei que tipo de pessoas mora ali — disse Jesus. — Confie em mim.

— Vou dizer aos outros.

Capítulo 69

A VISITA

Mateus estava parado em frente à porta da humilde casa onde passara a sua infância. Afligido pela indecisão, ele estendia a mão para bater à porta, depois pensava melhor e dava as costas, depois voltava. Ele forçou-se a bater à porta, depois quase fugiu. Não, ele estava ali. Ele precisava ir em frente. Ao bater à porta pela segunda vez, a porta abriu-se um pouco.

— Mateus?

— Oi, ima — disse ele, antes de cair em si. Será que ele perdera o direito de chamá-la assim? — Ou... ou Eliseba. Oi.

— Mateus.

Ela só ficava olhando, e ele não sabia o que fazer. Ela não iria convidá-lo a entrar? Lutando de novo com a vontade de sair correndo, ele fez uma careta.

— Eu não recebo visitas. Esse é um costume?

Ela abriu mais a porta.

— Se seu pai estivesse aqui, eu não poderia fazer isso.

— Onde está Alfeu?

Mas ela olhou atrás dele.

— Acho que um cachorro seguiu você.

— Ele está comigo. Ele vai ficar aqui fora se você me deixar entrar.

Ela apontou uma cadeira à mesa e buscou um copo de água para ele, sentando-se do outro lado. Mateus tentou olhar nos olhos dela, naquele silêncio estranho.

— Alfeu vai voltar logo?

— Ele está fora. Em uma viagem a trabalho.

— Aonde ele foi? Ele não faz mais artigos de couro?

— A loja dele foi assaltada. Muitas lojas foram assaltadas. O crime aumentou... ficou muito difícil reabrir.

Que terrível!

— Ele amava a loja dele.

Eliseba fez que sim com a cabeça.

— Mas nós ainda temos um teto sobre nossas cabeças, o que é mais do que outros têm.

Ele deixou escapar.

— Você pode me pedir dinheiro sempre que precisar.

Ela olhou de cima para ele.

— Como você pode dizer isso?

— É muito comum. Eu já vi muitos pais dependerem totalmente de...

— Seu pai preferiria morrer a pegar seu dinheiro sujo.

Dinheiro sujo?

— Eu sei que vocês têm vergonha de mim, mas a sua decisão é irracional. Roma irá coletar impostos de qualquer forma. Eu sou habilidoso com números...

— Você veio até aqui para se justificar?

— Não! — ele disse, batendo na mesa e levantando-se. — Não! — Por que ele não conseguia dizer o que queria, o que sentia? Ele andou de um lado para o outro, tentando organizar os seus pensamentos. — Tudo está como areia. Em uma inundação. As coisas que eu achava que sabia serem verdade...

— Você está com problemas?

Ele parou e olhou para ela.

— Você acha que coisas impossíveis podem acontecer? Coisas que anulam as leis da natureza? Que não podem ser explicadas?

Os olhos da sua mãe iluminaram-se.

— Foi isso que as pessoas perguntaram quando você era pequeno. Até os rabinos estavam assombrados com seu talento para leitura e matemática, com a maneira como você conseguia pensar mais rápido do que as outras crianças. Eles achavam que você seria alguém importante.

Ele lembrava-se disso muito bem. Achavam que ele poderia tornar-se um sacerdote — vivendo à altura do seu nome hebraico, Levi. Mas será que ele não se tornara alguém especial?

— Importante em que sentido? Eu sou rico. Eu tenho uma escolta armada. O pretor da Galileia confia em mim.

— Nós nunca iríamos imaginar que você usaria o talento que Deus lhe deu para fazer seu povo sangrar até a morte!

— Mas você já viu um milagre?

— Mateus!

— Meu mundo inteiro! Tudo o que eu pensei que sabia, e se estiver errado?

Eliseba parecia esforçar-se para não chorar.

— Eu acho que você tem de ir embora.

Ir embora? Não! Ele não queria isso. Mas, como sempre, ele falara demais, forçara demais. Mateus olhou para a mãe, querendo pedir a ela para não o rejeitar. Mas ele não conseguia juntar as palavras. Cambaleou até a porta, desesperado.

— Você nem perguntou sobre sua irmã.

— Ela parece bem — a sua mãe pareceu surpresa de que ele soubesse isso. — Vim celebrar o Shabbat umas semanas atrás. E então fui embora — ele esperou, sem saber se deveria esperar uma resposta. Por fim, disse — Adeus, ima.

Capítulo 70

O PLANO

Na casa de Simão, à noite

Tiaguinho fez os preparativos para o encontro de Jesus com o fariseu, e vários dos outros tinham tarefas a fazer. Simão, contudo, estava receoso. Ele precisava dizer alguma coisa. Atrás dele, a sua esposa e Jesus trabalhavam no balcão: Ele limpava um peixe, e ela cortava legumes para um tabule. Simão andou de um lado para o outro.

— Não tenho tanta certeza de que essa é uma boa ideia.

— Por que não? — disse Jesus.

— Bem, pode ser uma armadilha. Nicodemos coopera com Roma. Foram eles que o enviaram até Maria quando ela estava possuída no Distrito Vermelho.

— Eu estou bastante acostumado com riscos, Simão — disse Jesus, de costas para o pescador. — E você também, se eu bem me lembro de nosso primeiro encontro, não?

— Temo que o risco seja um velho amigo dele — disse Éden.

— Simão — Jesus limpou as mãos e virou-se para olhar para ele —, Maria é excelente em avaliar o caráter das pessoas. Ela conheceu os piores tipos de homens nesse mundo, e ela o achou sincero. Você deveria confiar na intuição dela. E na minha.

A mãe de Éden tossiu no outro quarto, e Simão limpou a garganta bem alto para encobrir o som. Ele não queria nem mesmo que Jesus soubesse que ela estava ali e olhou irritado para Éden.

— Mestre — disse André, entrando ali. — Eu consegui.

— Aah! — Jesus esfregou as mãos, alegre — Vamos dar uma olhada.

Simão aproximou-se de Éden e sussurrou:

— Pode, por favor, mantê-la quieta? Ninguém precisa saber que a ima está doente.

— Não posso dizer para ela não tossir, Simão.

— Eu só não quero que nossos problemas se tornem problemas dEle, entendeu? Não quero ser uma distração para Ele.

— Ele já decidiu o que pensa sobre você — disse ela, sorrindo. — Ele não vai expulsar você do grupo.

— Está perfeito! — disse Jesus, envolto num manto escuro. — Muito bem! — Ele virou de um lado para o outro. — Apesar de que eu acho que caberiam todos vocês aqui dentro comigo, não é mesmo?

André colocou as mãos ao redor do pescoço de Jesus e puxou o capuz do manto sobre a sua cabeça.

— Assim você não será reconhecido.

— O dono da casa deu permissão?

— Está tudo pronto, mestre. E eu vou ficar esperando na porta.

— Obrigado, André. Pode ir na frente — ele colocou a mão no ombro de André. — Mas lembre-se de ficar tranquilo. Você estará lá para guiar nosso convidado, não para ser meu protetor.

— Tem certeza de que não quer que eu vá? — disse Simão. — Quanto mais pessoas vigiando as ruas, melhor.

— Esta noite não, Simão. Fique aqui com sua esposa. E sua sogra.

Simão sentiu-se um tolo por ter tentado guardar um segredo do próprio Messias. Éden sorriu para ele.

— Viu?

Capítulo 71

O ENCONTRO À NOITE

Não havia outra forma de dizer: Nicodemos estava muito nervoso. Ele desvencilhou-se de Zohara, sem mentir para ela, e agora se aventurava sozinho no escuro com a sua bengala, procurando o lugar que Tiago, discípulo de Jesus, indicara a ele. Tiago deixara claro que o professor não deveria ser visto com o fariseu. Bem, Nicodemos também não deveria ser visto com o professor.

Ele tinha certeza de que estava no bairro certo ao olhar para uma viela. Mas ficou assustado quando um homem apareceu:

— Seja bem-vindo, Nicodemos — disse o homem chamado André. — Não se assuste — André estendeu a mão para pegar a bengala dele. Nicodemos não teve a intenção de que ela parecesse ameaçadora. — Ele está esperando o senhor.

André inclinou a cabeça em direção a uma escada na lateral da casa e seguiu Nicodemos. Lá em cima, André retirou o manto de Nicodemos e desceu rapidamente as escadas. Perto da parede, do outro lado do terraço, estava Jesus. Atrás dele, à luz da lua, estava o mar da Galileia. Sem cumprimentos nem apresentações, Jesus disse:

— Eu pedi mais lamparinas para o dono da casa, mas ele disse que elas iriam chamar atenção.

— Sim, eu imagino que sim — Nicodemos notou um tremor na sua própria voz. É que havia algo naquele homem.

Jesus voltou-se novamente para o mar:

— O olho humano é atraído pela luz. Não podemos evitar. Simplesmente acontece.

— Há muitas coisas pelas quais nós somos atraídos sem pensar — disse Nicodemos. — Ou sem conseguir explicar o porquê.

Quando Jesus virou-se para ele, o fariseu disse:

— Obrigado por concordar com o encontro.

— Obrigado por tentar ajudar Maria daquela vez.

— Eu não ajudei em nada.

— O senhor tinha de estar lá.

— Eu? Para que falhasse miseravelmente em um exorcismo no Distrito Vermelho?

— Se o senhor não tivesse estado lá naquele dia, estaria neste terraço hoje à noite?

Que sabedoria simples! Nicodemos finalmente reuniu coragem para aproximar-se:

— Eu nem sei por onde começar! Tenho tantas perguntas.

— Vamos nos sentar primeiro? — Jesus indicou uma mesa.

— Ah, sim, é claro.

Eles sentaram-se um de frente para o outro, com uma pequena lamparina a óleo entre eles e outra na parede. Como seria? Ele deveria apenas ouvir e aprender? Mas Jesus olhava para ele com expectativa. "Certo", pensou Nicodemos. "Eu irei começar".

— O gueto leste.

— Hum.

— Muitos pregadores itinerantes foram bem-sucedidos em ajuntar multidões com a sua fala retórica e inflamada.

— Eu mesmo ouvi alguns deles ao longo dos anos — disse Jesus.

— Então você conhece o tipo. Mas eu nunca ouvi alguém dizer a um paralítico para se levantar e andar. E muito menos vi isso acontecer de verdade.

— E a que conclusão chegou?

Nicodemos respirou fundo. Ali estava ela: uma pergunta que ele precisava responder. Com aquele homem, não havia rodeios em torno da verdade, tal como havia com o pretor:

— Creio que você não está agindo sozinho. Ninguém pode fazer esses sinais que você faz sem ter Deus dentro dele. Somente alguém que veio de Deus.

— E como essa ideia está repercutindo na sinagoga?

Aquilo fez Nicodemos rir e, para o seu alívio, Jesus também riu.

— É por isso que estamos aqui a essa hora — eles olharam um para o outro, e Nicodemos não sabia para onde ir em seguida.

— O que mais? — disse Jesus.

— O que você veio nos mostrar?

Jesus inclinou-se para a frente:

— Um Reino.

— É com isso que nossos governantes estão preocupados.

— Não, não esse tipo de reino.

— Então, qual?

— O tipo de Reino que uma pessoa não pode ver, a menos que tenha nascido de novo.

— Nascido. De novo.

— Sim.

— Você quer dizer como uma nova criatura, um gentio que se converte ao judaísmo?

— Não. Não, não é disso que eu estou falando.

— Então o que significa "nascer de novo"? Espero que você não esteja querendo dizer para eu voltar para o ventre materno, porque isso seria um problema para mim. Minha mãe... descanse em paz... está morta.

Jesus parou por um momento:

— Em verdade eu lhe digo: a menos que uma pessoa nasça da água e do Espírito, ela não pode entrar no Reino de Deus. Aquele que é nascido da carne — ele tocou a mão de Nicodemos. — é carne, e aquele que é nascido do Espírito — ele tocou o peito do fariseu. — é espírito. É essa parte do senhor que precisa nascer de novo e ter uma nova vida.

Nicodemos balançou a cabeça. Era tudo tão... tão grandioso:

— Como isso é possível?

— Ah, o senhor é professor de Israel, e mesmo assim não entende essas coisas.

Nicodemos só pôde sorrir:

— Estou tentando, mestre.

— Eu sei — disse Jesus, olhando fundo nos seus olhos. — Eu sei — De repente, Nicodemos sentiu-se amado. — Ouviu isso? — disse Jesus.

— O quê? — Será que alguém os descobrira?

— Ouça. O que está ouvindo?

— O vento.

— Como sabe que é o vento?

— Porque posso senti-lo. Eu ouço o seu som.

— O senhor sabe de onde ele vem?

— Não.

— Sabe para onde ele vai?

— Não.

— É isso que significa ser nascido de novo, do Espírito. O Espírito pode agir de um jeito misterioso para o senhor e, embora não possa vê-lo, pode reconhecer o seu efeito.

Impressionante.

— Minha mente está consumida pensando no tumulto que essas palavras iriam causar entre os professores da Lei.

— Sim, e não espero que seja diferente. Eu falo daquilo que sei e que vi, e isso não tem sido aceito pelos líderes religiosos.

— É difícil de aceitar.

— Então, se eu lhe falei sobre coisas terrenas e o senhor não acreditou, como poderei lhe falar sobre coisas celestiais?

Será que aquele homem não entendia o perigo?

— Eu acredito em suas palavras. Só temo que você não tenha a chance de dizer muito mais antes de ser silenciado.

— Eu vim para fazer mais do que falar, senhor Nicodemos.

— Mais milagres?

— Sim, mas ainda mais do que isso — Veio aos seus olhos um pouco de tristeza. — O senhor se lembra de quando os filhos de Israel se queixaram contra Deus e contra Moisés no deserto de Parã?

Agora ele estava falando a língua de Nicodemos:

— Sim. Eles queriam voltar para o Egito e amaldiçoaram o maná que Deus lhes mandou.

— E depois?

— Eles foram picados por serpentes e estavam morrendo.

— Mas...?

— Mas Deus proveu uma forma de eles serem curados.

— Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, e as pessoas só precisavam olhar para ela. Da mesma forma, o Filho do Homem será levantado, para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna.

Do que Ele estava falando?

— Nosso povo não está morrendo de picadas de serpente. Está morrendo por causa dos impostos e da opressão.

— Sinto desapontá-lo, mas eu não vim para libertar o povo de Roma.

— Então do quê?

— Do pecado. Da morte espiritual.

Aquilo era totalmente novo para Nicodemos, um conceito estranho, e não sabia o que fazer com ele, como encaixá-lo na sua forma de ver todas as profecias messiânicas. Mas era como se Jesus percebesse a sua perplexidade.

Jesus prosseguiu:

— Deus ama o mundo desta forma: dando seu único Filho para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.

Nicodemos endireitou-se na cadeira.

— Então, isso não tem nada a ver com Roma? É tudo sobre pecado?

— Deus não enviou seu Filho ao mundo para condená-lo, senhor Nicodemos. Ele o enviou para salvá-lo por meio dele. É simples como a serpente de Moisés no poste. Quem crer nele não será condenado, mas quem não crer já está condenado.

•••

André estava sentado nas escadas com João, ouvindo:

— Você já ouviu algo assim antes?

— Quieto — disse João, anotando tudo.

•••

— Quando eu conheci Lilith... Maria... naquele dia, eu disse à minha esposa e aos meus alunos que ela estava além da ajuda humana. Somente Deus poderia curá-la. E então eu a vi. Curada.

Cheio de emoção, Nicodemos acrescentou:

— E aqui está você. AquEle que a curou — Mal conseguindo falar, ele disse — A minha vida inteira eu me perguntei se veria esse dia.

— Siga-me, e o senhor verá mais.

— Seguir você? — Nicodemos sussurrou.

— Junte-se a mim e aos meus alunos. Daqui a dois dias, partiremos de Cafarnaum. Venha ver o Reino que estou trazendo a este mundo.

Que ideia maravilhosa! Se ao menos ele fosse jovem de novo, sem tantas obrigações:

— Mas eu... eu não posso.

— O senhor tem uma posição no Sinédrio, tem família, está chegando a uma idade avançada — os dois riram. — Eu entendo. Mas o convite ainda está de pé.

— Um convite para que, exatamente? Para levar uma vida nômade? Para... para abrir mão de tudo o que eu tenho?

— É verdade, o senhor iria abrir mão de muitas coisas. Mas o que iria ganhar seria muito maior e mais duradouro.

— Esse é outro de seus mistérios do "nascer de novo"?

— Talvez — Jesus riu. — Eu sei que mistérios não são fáceis para um estudioso. Pense nisso. Pense com calma. Na manhã do quinto dia, iremos partir e nos encontraremos junto ao poço no Distrito Sul ao amanhecer.

"Pense com calma?". O que seria de Zohara? O que seria *dele*?

Quando Jesus levantou-se, Nicodemos levantou-se também:

— É... é isso... o Reino de Deus está chegando mesmo?

— O que seu coração lhe diz?

"O que meu coração me diz? Eu me atreveria a dizer?".

— Ah, meu coração está cheio de medo e... e encanto, e não consegue me dizer nada além de que eu estou pisando em solo sagrado — chorando, Nicodemos cobriu a boca. Então afastou a mão para revelar um sorriso e balançou a cabeça. — Terraço sagrado.

Jesus sorriu, mas então ficou sério:

— Espero que venha conosco, senhor Nicodemos.

O fariseu ajoelhou-se diante de Jesus:

— O senhor não precisa fazer isso.

Ele beijou a mão de Jesus:

— O que está fazendo?

Nicodemos citou os salmos:

— “Beijai o Filho para que não se irrite, e não pereçais no caminho.”
Jesus pôs Nicodemos em pé:
— “Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.”
E, então, tomou Nicodemos, com lágrimas escorrendo, nos seus braços.

Capítulo 72

DIFERENTE

No dia seguinte

No seu posto de coleta de impostos, Mateus era o centro das atenções, atendendo a uma longa fila. Gaius estava de guarda do lado de fora, conversando com ele no meio das transações.

— Você viu as corridas partas ontem à noite? Darius correu como uma gazela.

— Judeus não vão a corridas — disse Mateus.

— O próprio Simão, seu velho amigo, costumava cuidar das bancas de apostas.

— Nós não somos amigos. Próximo!

— Está certo, tudo bem, então você não foi à corrida. Ficou em casa?

— Eu fui ver minha mãe.

— Aah, isso acabaria comigo também. Ela pergunta quando você vai lhe dar netos?

— Ela não fez perguntas.

— Pensei que seus pais não falassem com você.

— Eu tinha perguntas que não podia fazer a mais ninguém.

— A mãe de um filho com um talento como o seu deveria estar orgulhosa.

— Ela tem vergonha de eu usar o talento que Deus me deu contra Ele. Próximo!

— Você é bom em uma coisa e encontrou um jeito de ganhar dinheiro fazendo isso. É simples assim.

— Deve ser bom viver num mundo tão simples.

— Vivemos no mesmo mundo, Mateus.

— Próximo!

— Além do mais, o que mais você iria fazer com uma mente como a sua?

Mateus estava distraído quando Jesus passou por ali com vários discípulos. O professor parou e olhou para o posto de coleta de impostos, gritando:

— Mateus!

O cobrador de impostos hesitou e recuou. "Ele sabe o meu nome?"

Instintivamente, Gaius colocou a mão no punho da espada.

— Mateus! — Jesus gritou de novo. — Filho de Alfeu!

"Ele sabe exatamente quem eu sou!" Mateus ergueu a cabeça e olhou pelas grades. Os olhares encontraram-se.

— Sim?

— Siga-me — disse o professor.

O fazedor de milagres? Chamando o menor dos judeus?

— Eu?

Jesus fez que sim e riu.

— Sim! Você!

— Ei, ei, ei! O que está fazendo? — Simão aproximou-se de Jesus.

— Quer que *eu* me junte a você? — Mateus gritou.

— Vá andando, pregador das ruas! — disse Gaius.

— Você faz ideia do que esse homem fez? — agora Simão argumentava. — Você sabe quem ele é?

Mateus ficou olhando, pensando a mesma coisa.

Mas Jesus, ainda com os olhos em Mateus, disse:

— Sim.

— Escute! — gritou Gaius. — Eu disse para ir... — mas Mateus saiu correndo do posto. Gaius virou-se para encará-lo. — O que você está fazendo? — Mateus tentou passar por ele, mas o homem mais forte segurou a sua túnica na altura do peito e puxou-o para perto — Para onde você pensa que vai?

Mateus, com a maior coragem que já teve na vida, olhou para o romano.

— Gaius, me solte.

O *primi* o soltou.

— Você perdeu a cabeça? Você tem dinheiro. Quintus o protege. Nenhum judeu vive tão bem quanto você. Vai jogar tudo isso fora?

"Exatamente", Mateus pensou.

— Sim.

Entregando a Gaius a chave do posto, ele tirou o seu anel do dedo e entregou-o também. O guarda ficou boquiaberto.

Quando Mateus aproximou-se de Jesus e dos outros, Simão disse:

— Eu não entendo.

— Você também não entendeu quando eu escolhi você — disse Jesus.

— Mas isso é diferente! Eu não sou um cobrador de impostos.

— Acostume-se com o diferente — Jesus virou-se para o novo companheiro. — Estou contente de termos passado pelo seu posto hoje, Mateus.

O que dizer a um homem como esse?

— Sim.

— Vamos? — disse Jesus, conduzindo a sua comitiva. — Temos de nos preparar para uma festa.

— Você vai se arrepender disso, Mateus! — Gaius gritou lá atrás.

— Para que trouxe essa tabuinha de escrever? — Simão disse ao cobrador de impostos.

— Eu peguei sem pensar — disse Mateus. — Posso deixá-la no posto.

— Não — disse Jesus. — Fique com ela. Você ainda pode encontrar utilidade para ela.

— Para onde estamos indo? — perguntou Mateus.

— Para um jantar — a moça gentil do grupo respondeu.

— Eu não sou bem-vindo em jantares.

— Bem — disse Jesus. — Isso não vai ser um problema esta noite. Você é o anfitrião.

PARTE 9

“EU SOU ELE”

Capítulo 73

O POÇO

Canaã, 1952 a.C.

Com uma saúde notável, Jacó ajoelhou-se, batendo uma estaca no solo rochoso, não muito longe das duas tendas em que a sua família beduína instalara-se. Seus três filhos mais velhos observavam, com pás nas mãos. Eles haviam armado as tendas entre três palmeiras solitárias no meio da vasta e árida planície fora da cidade de Sicar.

— É aqui o lugar, meus filhos — disse Jacó, pingando suor.

De repente, ele viu um estranho subindo para lá, vindo da cidade — um homem negro e calvo, vestido de uma túnica de listras vermelhas e levando um cajado resistente. Enquanto os seus filhos começavam a cavar, Jacó pôs-se de pé e foi em direção ao estranho, a fim de dar-lhe as boas-vindas.

— Shalom, meu amigo!

— Eu não conheço essa palavra — disse o homem.

— É algo que minha família diz. É uma saudação de paz.

— Receio que você não vá encontrar muita paz aqui.

Aah, um opositor. Certo. Bastava ser cordial com ele.

— Meu nome é Jacó.

— Asib.

— Asib! Eu lhe ofereceria algo para beber, mas, como pode ver, acabamos de começar a cavar nosso poço.

— Você comprou essa terra dos filhos de Hamor?

— Por apenas cem peças de prata, consegue acreditar?

— Eu acredito toda vez que os príncipes dessa terra enganam outro forasteiro. Você irá amaldiçoar o dia em que pagou essas cem peças de prata.

Jacó esforçou-se para continuar sorrindo, determinado a manter um tom amigável.

— E quanto você acha que teria sido um preço justo?

— Nada. Nenhuma peça de prata. Nenhum bode. Nenhum...

— Eu tenho doze filhos para trabalhar a terra e, assim que encontrarmos água...

— Você nunca vai encontrar água. É verdade que a chuva recente fez a terra parecer boa, mas a corrente subterrânea dá a volta na montanha, ela não sobe a montanha.

— Nosso Deus cuida de nós.

— Aqui é Canaã — disse Asib. — Os deuses não são bondosos aqui.

— Não vamos ficar aqui por muito tempo. Somos peregrinos.

— Aah. E o que você está procurando?

— Uma terra que nosso Deus prometeu ao meu avô, Abraão.

— Seu avô? — Asib sorriu, como quem sabe de algo. — Você já percebeu que os deuses estão sempre nos prometendo coisas, mas nunca as vemos acontecer?

— Às vezes, isso leva gerações.

— Diga o que quiser — falou Asib. — Aliás, como se chama esse seu deus?

— El Shaddai.

— Nunca ouvi falar dEle.

— Não são muitos os que ouviram, mas creio que um dia ouvirão.

— Bem, você não tem casa. Onde está seu templo para esse deus?

— Ele não tem templo.

— Então, onde você o adora?

— Nós construímos altares por onde passamos.

— E você não carrega esse deus com você?

— Não — Jacó riu. — Não há imagens esculpidas dEle.

— Então Ele é invisível?

— Sim. Quer dizer, na maioria das vezes. Uma vez Ele deslocou minha coxa.

Asib riu e fez sinal de ir embora:

— Ah, não, não, eu já ouvi o bastante. De todos os deuses que você podia escolher, você escolheu um deus invisível, cujas promessas levam gerações para se tornar realidade, que o faz viajar por lugares estranhos e que deslocou sua coxa? Essa é uma escolha esquisita. Ah, imigrantes...

— Nós não o escolhemos... — Jacó sorriu.

— Pai! — gritou um dos seus filhos, e Jacó foi mancando até o buraco, com Asib logo atrás.

Eles encontraram água. E a poucos centímetros da superfície rochosa. Jacó agachou-se e estendeu a mão para a água, com o líquido borbulhando entre os seus dedos. Então, ele levantou-se e olhou para Asib:

— ... Ele nos escolheu.

•••

No mesmo lugar, cerca de dois milênios depois

No implacável sol do meio-dia, era extenuante demais carregar dois jarros de água vazios de trinta litros, um em cada ponta de uma vara colocada sobre os ombros. Fotina não queria nem pensar na difícil caminhada de volta para Sicar, quando os jarros estivessem cheios até a borda e a água aumentasse o peso de cada jarro em outros trinta quilos. Eram cento e vinte quilos para uma mulher só.

O fato de ela fazer isso todos os dias não tornava a tarefa mais fácil. "É isso que a minha vida se tornou", ela pensou, "e a culpa é toda minha". Ela nem sabia por que ainda se importava de usar belos brincos e uma maquiagem que rachava e derretia no calor escaldante. Afinal, ninguém mais olhava para ela, exceto o seu novo companheiro e alguns olhares lascivos na cidade, de vez em quando. Apesar de ser relativamente jovem, ela ficara envelhecida.

O toldo que cobria o Poço de Jacó trazia pouco alívio, mas era aí que começava o verdadeiro trabalho. Tirar água do poço e encher os jarros esgotava cada pingo de energia que havia nela, e, quando terminasse, ela não poderia descansar ali na sombra. Ela precisaria erguer aquela vara, carregada com os dois jarros pesados, colocá-la sobre os ombros e começar a trêmula caminhada de volta.

Ela, no entanto, tinha uma missão naquele dia. Antes de levar a água até à sua nova casa, ela iria à casa do seu último marido. Elia tinha o dobro da idade dela e não estava bem de saúde; ele era um velho deplorável de quem ela adoraria livrar-se a fim de poder casar-se de novo. Ninguém mais contava quantas vezes ela havia feito aquilo. Mas ela pouco se importava com o que os outros pensavam. A sua vida era assunto seu, e tudo o que ela queria agora era um pouco de felicidade.

Fazia séculos que Fotina economizava dinheiro para conseguir que um homem da lei ajudasse-a, mesmo que até ele tivesse alertado-a de que o seu plano provavelmente não iria funcionar. Mesmo assim, ela tinha de tentar.

•••

Quando finalmente chegou à cidade, encharcada de suor e exausta, Fotina usou a sua chave para entrar na casa de Elia. Como já era esperado, ele estava envolto num cobertor e acomodado perto do fogo, de costas para ela. Ninguém mais tinha a chave de casa, então ele sabia que era ela.

— Sabe — disse ele, com um tom conformado na sua voz. — Quando a porta se abriu, eu sinceramente desejei que fosse um ladrão ou um assassino que tivesse vindo acabar com essa minha desgraça.

— Lamento desapontá-lo — disse ela. — Mas preciso de uma coisa sua primeiro.

Ele tossiu.

— Chegue mais perto. Não consigo ver você.

Por algum motivo, quando Fotina aproximou-se dele, ela tirou o lenço que cobria os seus cabelos. Quem ela estava tentando impressionar? Afinal, como a sua aparência desleixada iria impressionar alguém?

— Seu cabelo está desarrumado, e seu rosto está vermelho. Por quê?

— Você sabe por quê.

— Se você voltasse a morar comigo, poderia ir ao poço com as outras mulheres no frescor da manhã.

— É aí que você se engana. Eu poderia ir com elas se tivesse ficado com Ramim. — Mas como ela poderia ter ficado com ele? Ninguém teria ficado.

— Chega disso. De quanto você precisa?

— Não estou aqui por dinheiro — ela puxou um documento do seu cinto. — Eu trouxe uma carta de divórcio. Tudo o que você precisa é assiná-la.

— Só um homem pode se divorciar da sua esposa, e não o contrário, Fotina.

— É por isso que a carta está em seu nome, Elia.

— E por que razão eu iria me divorciar de você?

Será que ele estava falando sério? Precisava mesmo perguntar?

— Porque eu estou morando com outro homem!

— E daí? Foi só isso que você fez comigo. Morou aqui.

— Você sabia porque eu me casei com você.

Ele concordou com a cabeça.

— Estabilidade. A ilusão durou pouco, não foi?

— O Pentateuco permite que um marido se divorcie da sua esposa se ela se deitar com outro homem.

— Olha só você, falando do Pentateuco.

— O que eu preciso fazer? Trazê-lo aqui?

— Sim! Eu quero ver a cara do tonto assanhado que você enfeitiçou. Rápido, antes que Ele fique entediado. Como os outros.

Já chega!

— Você vai assinar ou não vai?

— Dê-me isso aqui.

Pela primeira vez, Fotina sentiu esperança. Ela prendeu o fôlego enquanto ele examinava o documento. Mas ele não a deixou esperando por muito tempo.

— Não.

Não? Era isso mesmo? Sem dó nem compaixão?

— Por favor!

Ele olhou para ela, enojado.

— "Por favor?" — ele sarcasticamente a imitou e então se inclinou para a frente e jogou a carta no fogo. — Você é minha propriedade, Fotina. Eu não largo o que é meu tão fácil assim.

Enquanto o documento escurecia e virava cinzas, Fotina viu a sua vida virar fumaça também.

Capítulo 74

A FESTA DOS PECADORES

Mateus lembrava-se bem de ter comprado a sua casa lindamente ornamentada. Na época, ele deu-se conta, pela primeira vez, do quanto se beneficiaria da sua nova profissão. Ele não conseguia imaginar que um dia fosse precisar de todo aquele espaço, já que nunca conseguira criar coragem para falar com mulheres, quanto mais sonhar em casar-se. E aquela sala de jantar enorme com uma mesa de banquete que parecia não ter fim? Ele recebera a visita de uns poucos colegas cobradores de impostos algumas vezes, felizmente servido pelos seus servos. Ele suportara estranhos e longos períodos de silêncio, grato pelos convidados sentirem-se confortáveis o bastante para brincar uns com os outros e agradá-lo com os seus lucros indevidos. Quando eles finalmente iam embora, Mateus sentia-se mais aliviado do que nunca.

Mas agora isso? Como isso fora acontecer? O fato de Mateus dar um jantar naquela noite era tão absurdo quanto o fato de ele ter sido chamado por Jesus de Nazaré. A sua mesa estava cheia de uma mistura de convidados que ele nunca teria imaginado, quanto mais chamado a estar lá. Além dos outros dois cobradores de impostos, vários convidados eram os alunos mais próximos de Jesus, a maioria deles ex-pescadores que ainda desconfiavam de Mateus. Mas havia também o mendigo de uma perna só, Barnabé, e a sua amiga cega, Shula. E Rivka, bastante conhecida no Distrito Vermelho! Mateus achava que ser xingado de traidor era ruim, mas...

Contudo, de alguma forma, o simples fato de Jesus estar ali fazia tudo parecer bem. Talvez esse jantar não fosse ser o suplício que a maioria das reuniões sociais costumavam ser para Mateus. Ele só queria que todos estivessem bem servidos, alegres e satisfeitos. Ele sabia que o verdadeiro anfitrião era Jesus, mas, já que aquela era a casa dele, Mateus estava muito orgulhoso de prover uma festa em um tempo agradável.

Os outros estavam sentados comendo, rindo e conversando, enquanto ele atrapalhava-se na mesa ali perto, onde estava a comida. Mateus gostou das conversas. Rivka estava contando a história do encontro de Nicodemos com Maria, na época conhecida como Lilith.

— O jeito como ele fugiu do Distrito Vermelho, quase tropeçando nas suas roupas!

— Um fariseu correndo? — disse Shula. — Não consigo enxergar isso!

Todos explodiram em gargalhadas. E Rivka acrescentou:

— Eu tinha certeza de que ele iria tropeçar e cair, e *eu* é que seria presa!

— Ah, com a sorte que você tem, Rivka — disse Jesus —, isso provavelmente iria acontecer, não é mesmo?

— Naquele dia, eu jurava que a Lili se fora para sempre.

— É Maria agora — disse a própria, com um sorriso.

— Sempre foi — disse Jesus.

Mateus trouxe um prato para a mesa.

— Alguém quer uvas? Barnabé, você come bastante.

— Você é muito observador, Mateus.

— Obrigado.

Ele continuou servindo.

— Simão?

O pescador desviou o olhar, balançando a cabeça. De repente, Mateus sentiu que estava chamando a atenção novamente. *O que seria preciso para ganhar a amizade de Simão?*

— Sabe, Mateus — disse Barnabé —, quando você não está atrás de grades de ferro, você é bem bonito!

Rivka analisou Mateus.

— Eu concordo! — ela assentiu com a cabeça.

— Rivka! — disse Maria, rindo.

— O que está havendo? — Surpreso, Mateus virou-se e viu dois fariseus à porta. Ele correu até lá.

— Posso ajudar vocês?

Yusef e um fariseu mais velho olhavam para dentro.

— Só estávamos dando uma volta — disse Yusef — e ouvimos vozes. Pensei que parecia a voz de... mas é claro que não.

— Mas *é* você, sim — disse alto o fariseu mais velho, olhando atrás de Mateus e vendo Jesus e Simão, que ficara em pé e fora para trás do cobrador de impostos.

— Gostariam de entrar? — disse Jesus.

Yusef recuou.

— Nós nunca... nem mortos nós iríamos à...

— À o quê? — disse Jesus. — À casa de um cobrador de impostos?

— Não só isso — Yusef gesticulou em direção à Rivka. — Mas com uma... você sabe o que ela... e ele...? — agora apontando para Mateus.

— Você parece estar com dificuldade em encontrar as palavras — disse Simão, cruzando os braços. Surpreendentemente, Mateus ficou feliz. Simão realmente o estava defendendo agora?

— Por que seu mestre come com cobradores de impostos e pecadores? — disse Yusef.

— Não são os saudáveis que precisam de médico, mas, sim, os doentes — disse Jesus.

— Devo dizer que estou chocado. Ela é do Distrito Vermelho. Muito do que é feito ali não pode nem ser dito pela minha língua ou sair de meus lábios, de tão profano. Uma simples menção iria me contaminar!

— Parece um problema pessoal — disse Simão.

— Mas ele — disse Yusef, apontando para Mateus com a cabeça — e os outros com quem ele trabalha, eles traem nosso povo por dinheiro. E nem se sentem mal por isso.

— Se está tão ofendido, então vá embora! — André gritou lá da mesa.

— Deixe-o falar, André — disse Jesus.

— Eles nunca ofereceram sacrifícios pela culpa no Templo — disse Yusef.

— O quê? — disse Tiaguinho.

— O sacerdote mantém registros — disse o fariseu mais velho, concordando. — Nós vimos.

— Cobradores de impostos não são bem-vindos no Templo — disse Mateus. João ergueu a voz:

— Você ia gostar mais deles se eles fizessem os sacrifícios apropriados?

— Não se trata de mim! — disse Yusef. — E sim do que Deus quer!

— Você está se esquecendo do rolo de Oseias — Jesus disse a ele. — Vá e aprenda o que significa: "Desejo misericórdia, mais do que sacrifícios."

Yusef encarou Jesus.

— Há homens justos à sua procura. E eles estão pesando cada palavra que você diz.

— Isso é uma ameaça? — disse Simão.

— Por favor, diga isso a eles, Yusef — falou Jesus calmamente. — Eu não vim para chamar justos, mas pecadores.

Gaius apareceu por trás dos fariseus.

— Está tudo sob controle aqui?

— Está! — disse o fariseu mais velho. — Já estávamos de saída, centurião.

— É *primi ordine* para você.

— *Primi ordine* — Yusef curvou-se ao sair.

Gaius avançou para a porta e olhou para Mateus.

— Continuem comendo — disse Mateus, abrindo a porta. — Vou falar com esse homem.

•••

Gaius estava perplexo com aquele bando de gente à mesa na sala ao lado. Ele sussurrou para o homenzinho:

— Está cometendo um erro. Você pode sair disso.

Mateus ergueu a cabeça, mas manteve o contato visual, algo que era novo nele.

— Eu fiz minha escolha.

Impressionante. De verdade. *O que aconteceu com ele?* Por estranho que pareça, Gaius apreciou esse novo lado de Mateus. Mas ele tinha de manter a compostura.

— Olhe para aquela sala. Exceto Rom e Jahaz... que eu sei que são cobradores de impostos, cumpridores da Lei... todos os outros são a escória de Cafarnaum...

— Gaius! Fale baixo!

— ... o fundo do poço.

Mateus enrijeceu-se para dizer algo e, por fim, deixou escapar:

— Germânico, certo? Não foi isso que você disse a Quintus?

— Não mude de assunto.

— Seu povo se rendeu. Eu também estou me rendendo.

O quê? Quem era essa pessoa?

— A sua promoção foi merecida — Mateus prosseguiu. — Você vai ficar bem sem mim. Até melhor.

Gaius balançou a cabeça, tentando entender.

— Como? Foi você que conseguiu minha promoção.

— Isso não é verdade.

— Não se finja de tolo. Você sabe como tudo aquilo aconteceu.

— Você poderia dizer "obrigado" — Mateus sorriu.

— Eu não vou fazer isso.

— Se não consegue dizer, há algo que você pode fazer para demonstrar isso. Eu lhe pago, se for necessário.

— Eu não quero seu dinheiro — Gaius analisou Mateus. Será que ele ia mesmo sentir falta daquela estranha criatura? Ele *estava* em dívida para com ele. Além disso, era muito curioso. — Qual é o favor?

Capítulo 75

ADONAI EL ROI

Casa de convidados de Cafarnaum

Nicodemos tinha a absoluta certeza de quem Jesus era, mas, mesmo assim, não se atrevia a dizer isso nem mesmo ao amor da sua vida. Ela acabaria achando que ele estava louco. Ele olhou para o teto, orando desesperadamente, buscando sabedoria.

Zohara deslizou para dentro da sala, com uma das vestes de Nicodemos pendendo do seu braço.

— Você não ensaiou seu discurso comigo.

— Não é nada.

— Eles querem honrar você pelas grandes coisas que fez aqui — disse ela, pegando um pente e arrumando a barba dele. — Emocione-os.

— Minhas considerações serão improvisadas.

— Você é um daqueles raros homens que se destacam tanto na fala ensaiada como na não ensaiada — ela colocou uma peça bordada sobre a cabeça dele, uma das dezoito peças do seu vestuário completo. Ele sorriu.

— E você não é tendenciosa, é?

— Não fui eu que disse isso — disse ela, ajustando as roupas dele.

— Hã?

— Caifás disse isso sobre você em nosso último jantar de Shabbat.

— Era só bajulação.

— Não há ninguém acima do sumo sacerdote além de Deus. O que ele iria obter de você com bajulação? Ele nunca elogiou minha comida.

Aquilo fez Nicodemos rir.

— Você se lembra daquele último jantar, quando Eliel cantou para Havilá? — disse ela. — Ela estava radiante. A voz dele estava mais doce por causa da criança no ventre dela.

Como ele poderia esquecer?

— Aquilo trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Consegue se lembrar de Moishe e Gideão, com os seus queixinhos apoiados na mesa quando você recitou o Eshet Chayil? Era assim que o Shabbat devia ser. Família... reunida em torno de uma mesa. Os pratos dourados de minha mãe. Os castiçais de sua avó, que ela descanse em paz.

Falando de mulheres de valor...

— Sinto falta dela.

— E se ela pudesse ver você agora, recebendo a mais alta honra já concedida por nossa ordem — ela colocou um elaborado medalhão no pescoço dele. — Ela iria explodir de orgulho!

— Eu me lembro da inscrição que ela tinha em cima da entrada do seu quarto — disse ele. — "*Adonai El Roi*. O Senhor. O Deus que me vê."

Zohara repetiu com ele e acrescentou:

— As palavras de Hagar.

Nicodemos assentiu.

— Ela sempre amou o fato de Hagar ter sido envolvida em algo complicado e tenso, mas que não foi escolhido por ela — ele ficou emotivo à medida que a verdade de tudo aquilo foi de encontro ao seu coração.

Uma decisão gigantesca, e ele mesmo poderia ser envolvido em algo tão complicado quanto aquilo.

— E, mesmo assim, Deus a viu! — disse ele. — E ele sabia que o caminho que ela fora forçada a tomar não seria fácil.

Ele estava perdido em pensamentos, ansioso por contar a Zohara o que sabia, o que vira, *quem* vira. Mas ele não tinha coragem.

— Quando tropeçamos em estradas difíceis, Ele nos encontra e nos conforta — disse ela.

— Ou será que Ele nos chama para elas? — Jesus havia-o chamado, mas como ele poderia ir?

Zohara observou Nicodemos e, então, aplicou unguento de um pequeno frasco no pescoço dele.

— Mirra e cânfora da Pérsia para comemorar nosso último dia em Cafarnaum.

Abruptamente, a sua respiração ficou ofegante, e ele não conseguiu esconder o seu tormento.

— Último dia.

— Nicodemos — disse Zohara, com o semblante cheio de preocupação. — Eu amo a nossa vida.

Lágrimas vieram aos olhos dele:

— Eu também — ele sabia que a estava deixando confusa, que a estava preocupando.

— Leve-me de volta a ela — disse Zohara.

Mas, quando ela fixou os seus olhos nele, Nicodemos precisou desviar o olhar:

— Eu mudei de ideia. Vou preparar minhas considerações. Preciso de um tempo.

Ao deixá-la, ele nem precisou olhar para saber que o olhar dela acompanhava-o com incerteza e medo.

Capítulo 76

DEIXANDO O CARGO

Quartel-general da Autoridade Romana, Cafarnaum

Quando Gaius voltava do seu turno de trabalho com vários outros colegas, Quintus chamou-o no saguão. Gaius estacou e curvou-se.

— Pretor.

— Justo o homem que eu estava esperando ver. Entre.

Gaius seguiu Quintus até o seu escritório, onde o pretor ficou encarando-o do outro lado da sua mesa.

— Que métodos estamos usando para reprimir e dispersar multidões que obstruem o trânsito? — disse Quintus.

Surpreso com a pergunta, Gaius tentou evitar parecer que estava inventando a resposta ali na hora.

— Patrulhas regulares. Oficiais a cavalo. Quando necessário, força.

— Não força o suficiente. De que servem oficiais a cavalo se o povo nunca viu alguém ser pisoteado?

Pisoteado? O que ele...?

— Pretor?

— O enviado de Herodes se atrasou. Ele era um rival de infância... você estava lá quando eu perguntei a Mateus, e ele disse para mostrar alguns planos de infraestrutura a ele.

— Espero que tenha sido efetivo, dominus.

— Muito. Até que Silvius se atrasou por causa de um alvoroço no caminho de volta. Tive de aguentar um sermão muito arrogante. Não deixe isso acontecer de novo.

— Sim, pretor.

Após um silêncio constrangedor, Quintus falou:

— Vejo que está sozinho. Presumo que isso significa que você encontrou um substituto para tomar conta de nosso amiguinho.

— Ah, sim, um novo soldado foi treinado e destacado.

— Bom.

Era melhor contar a notícia a Quintus agora do que deixá-lo descobrir depois.

— E eu estou avaliando candidatos para o novo cargo de publicano daquele distrito.

— Qual distrito?

— O distrito de coleta previamente supervisionado por Mateus.

— Por que você está fazendo *isso*?

Agora não havia mais como disfarçar:

— Mateus foi embora. — Ao ver o olhar surpreso de Quintus, Gaius acrescentou — Ele deixou o cargo, dominus.

— Como assim ele deixou o cargo? Por que você o deixou fazer isso?

— Ele é contratado. Eu... eu não tinha como recorrer.

— Ele deixou o cargo para fazer o quê?

— Ele vai se tornar um aluno.

— De quê? Não me faça continuar a fazer perguntas, *primi*!

— Ele vai estudar o deus judeu. Ele partiu para seguir um homem santo. O homem do gueto leste. Isso é tudo o que sei.

Quintus ficou extremamente furioso.

— Ah, eu não gosto mesmo daquele homem.

Capítulo 77

VOCÊ JÁ SABE

Junto com Jesus e os outros, Simão ajudava a desmontar o acampamento, quando Tiagão e João chegaram, segurando duas bolsas nos ombros.

— Irmãos! — Tiagão gritou.

— Trouxemos mais comida de nossa ima! — disse João.

— E ela fez mais — disse Tiagão. — Ela tem certeza de que iremos passar fome no meio do caminho nesses seis dias de caminhada.

— Três dias — disse Jesus.

— Três? — João repetiu.

— Vamos correndo até Jerusalém? — disse Tadeu.

— Isso não vai dar certo com o Simão! — André riu. — Ele corre muito mal.

— É verdade, minhas panturrilhas não são boas.

— Bom — disse Tiagão. — talvez se você não lutasse com o Ibraim e o Jeosafá toda semana...

— Calma, calma, rapazes — disse Jesus.

— Meus dias de luta terminaram — disse Simão.

Jesus lançou um olhar para ele.

— Simão, você parece quieto essa manhã.

— Bem, temos uma longa jornada pela frente.

— E parece que vai ser em metade do tempo que pensamos — disse André.

— Eu explico depois — disse Jesus. — Simão, o que está incomodando você?

— Nada. Só estou empolgado com a viagem, entende?

— Você pode me contar a verdade.

Lá vamos nós. Sim, eu até posso contar a verdade, mas de que adianta?

— Você já sabe o que se passa na minha cabeça.

— Essa é uma conversa para outra hora. Por enquanto...

Tudo bem, se Ele insiste.

— Eu sou o único aqui que é casado.

— Aah. Então você acha que eu só devia ter chamado pessoas solteiras?

— É claro que não. E estou feliz que não tenha feito isso. Mas a Éden vai ficar sozinha com a ima dela e...

— Você está com medo de que as coisas piorem e você não esteja por perto.

— Está vendo? É isso que eu quis dizer. Você já sabe de tudo mesmo.

— Simão — Jesus sorriu. — Todo mundo aqui sabe o que você está pensando na maior parte do tempo. Não é preciso sabedoria de Deus.

Capítulo 78

O CONFRONTO

Nicodemos sabia que devia estar feliz por receber tantos elogios generosos na cerimônia, mas, curiosamente, ele estava inalterado. Na verdade, ele estava mesmo era perturbado: se o Messias chegara, Nicodemos nem podia imaginar o significado disso para todos os hebreus... para o mundo. O que ele vira Jesus fazer — e o que Jesus ensinara a ele — colocava toda a sua vida e ministério numa encruzilhada.

Enquanto Zohara socializava com pessoas importantes lá dentro, Nicodemos vagueava do lado de fora, indo até o pórtico que dava para o pátio. Nas suas mãos estava um belo pergaminho comemorativo, escrito em sua homenagem. É claro que aquilo era bom, mas...

Yusef encontrou-o ali.

— Meus cumprimentos por suas profundas contribuições, rabino — disse o jovem. — Estamos eternamente em dívida para com o senhor.

Como era comum ele sentir-se deliciado com aquela adulação no passado, e como ela parecia vazia e falsa agora! Contudo, Yusef parecia sincero, e Nicodemos tinha de admitir. Então, ele disse:

— Louvado seja Adonai.

— Louvado seja Adonai — Yusef repetiu e então se foi.

Nicodemos ficou sério de novo. Por muitos anos, ele acreditara que a sua motivação era pura e que ele obtivera o seu cargo por ter permanecido devoto e dedicado ao seu trabalho e aos estudos. Mesmo que nem sempre

tivesse sido humilde no seu íntimo, ele pelo menos tentara não transparecer isso. *Grato* — era assim que ele queria parecer. Ele queria ser um motivo de orgulho para Zohara e a sua família. Mas o que o futuro reservava-lhe agora? Até pouco tempo atrás, o fim da sua vida parecia ser bem previsível, mas agora poderia tornar-se caótico. O que iria acontecer quando Jesus fosse conhecido como quem realmente Ele era?

— A cerimônia foi gloriosa, professor — disse Shemuel, interrompendo os seus devaneios. — Os seus atos de fé e discernimento foram devidamente registrados para toda a história.

Aquilo era muito gentil, e Nicodemos esperava que fosse sincero, vindo do antigo protegido com quem ele tivera um embate intelectual recentemente. Nicodemos alegremente respondeu à altura:

— Obrigado, Shemuel. Eu também estou grato por seus préstimos.

— Obrigado.

Nicodemos podia ser generoso com Shemuel num dia em que ele próprio estava sendo o centro das atenções.

— Acredito que, no futuro, você será um importante líder em nossa ordem, por muitos anos.

Shemuel pareceu ficar humilde, olhando para o chão.

— Talvez não apenas aqui em Cafarnaum, rabino. Quem sabe um dia eu ensine por toda a Judeia. E até mesmo em Jerusalém.

Então era isso. Ele não estava tão humilde, afinal.

— Talvez sim, Shemuel.

— Não é um pensamento tão ridículo, é, rabino? Afinal, eu estudei sob sua venerada tutela. À medida que sua reputação cresce, minhas perspectivas crescem também.

Aquilo era mais do que Nicodemos podia aprovar:

— Eu penso que talvez seja ousado pressupor desfechos — disse ele, no mesmo tom. — Nosso trabalho é para Deus. Ele escolhe aonde iremos.

Shemuel não pareceu convencido, mas disse:

— Está certo como sempre, rabino — mas ele ainda não terminara. — Contudo, sob sua orientação, descobri um assunto da Lei pelo qual estou extremamente entusiasmado. Um assunto que vai de encontro a muitos outros, até mesmo em lugares distantes, como Jerusalém.

— Fico feliz em ouvir seu fervor, Shemuel! Diga-me, pelo que ficou tão entusiasmado?

— Falsas profecias — disse ele, como se fosse um pronunciamento. — Quando ouvi o homem de Nazaré dizer ao paralítico que os seus pecados foram perdoados, pensei: "Só Deus pode perdoar pecados". Naquele exato momento, Ele se virou para mim e recitou meus pensamentos, como se os estivesse lendo num pergaminho. "Será que ele usa de adivinhação?", eu pensei. Mas era óbvio. É claro que eu iria pensar aquilo. Ele se autodenominou Filho do Homem, como diz no profeta Daniel. Aqui, na cidade da minha ordem!

Não querendo revelar o que pensava — muito menos querendo que o fazedor de milagres fosse atacado pelos seus colegas —, Nicodemos disfarçou rindo.

— Ele veio de Nazaré! Não do Céu!

E, não obstante, era exatamente do Céu que Nicodemos cria que Jesus viera. Ele mesmo dissera isso ao nazareno — que Ele tinha de ser um mestre vindo de Deus, já que nenhum homem era capaz de fazer aqueles milagres, a menos que Deus estivesse com ele.

No entanto, Shemuel estava empolgado:

— "A ele foram dados autoridade, glória e reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram " — ele recitou.

— Ele é só um homem! — disse Nicodemos. — Eu não entendo mais do que voc...

Shemuel continuou a citar as Escrituras:

— "Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído."

Nicodemos cria nisso. Ele cria nessa verdade acerca do Messias. Ele cria que Jesus *era* o Messias. Por que Shemuel não conseguia enxergar isso? O jovem aproximou-se dele, solene.

— Aquele homem afirmou ser Deus, e você não disse nada. Irei enviar uma petição a Jerusalém, solicitando permissão para pesquisar nos arquivos tudo o que diz respeito a essa falsa profecia. Você irá se opor a minha petição, rabino? A pergunta na mente de todos os que lerem meu relato será: "O que Nicodemos fez?".

Agora Shemuel deixara escapar as suas verdadeiras intenções.

— Então, para você, tudo isso tem a ver com política e promoção, não é mesmo? Não é para servir a Deus — disse Nicodemos.

— Pelo contrário, professor. É sobre a Lei. E a Lei *é* Deus. Se eu for recompensado por isso, será porque aprendi com o mais sábio.

Entendendo a gravidade e as possíveis consequências de um inquérito como aquele, Nicodemos sabia que chegara a hora de traçar uma linha divisória.

— Eu não irei me opor à sua petição — ele estava indo embora, farto daquela conversa e daquele homem. Mas então olhou para trás e disse — E, Shemuel, você não aprendeu nada comigo.

Capítulo 79

CURADA

Na casa de Simão

Dasha, a mãe de Éden, tossia enquanto a filha tirava um pano da sua testa.

— Onde está o Simão? Será que ele não pode acender o fogo para nós?

— Ele saiu, ima — disse Éden.

— Foi pescar?

— Não, foi fazer outra coisa. Fique deitada.

Nada estava funcionando. A sua amada mãe estava cada vez mais fraca. Éden foi até a cozinha, apoiando-se na mesa. Cansada e arrasada, ela não sabia o que fazer. Ela abaixou a cabeça e segurou as lágrimas ao ouvir mais tosse no quarto ao lado.

— Éden.

Ela levou um susto quando ouviu aquela voz conhecida.

— Jesus? Eu... eu não esperava você aqui.

— As pessoas geralmente não me esperam.

— Posso lhe trazer algo quente para beber? Eu estava acendendo o fogo agora mesmo.

— Você viu primeiro, sabia? — disse Ele, gentilmente.

— O que quer dizer com isso? — disse ela.

— O que eu vejo em Simão. Você foi a primeira pessoa a ver, quando ninguém mais via. Temos isso em comum.

Ela engoliu o choro.

— Minha mãe disse que eu fiquei encantada com o jeito selvagem dele e que eu iria me arrepender. Imagino o que ela diria agora.

Simão e André entraram na casa, carregando equipamentos de pesca.

— Estamos indo até a cidade vender essas redes — disse Simão. — Já voltamos.

— Fique aqui um pouco, Simão — disse Jesus.

— Só quero deixar um dinheiro a mais para a Éden e a ima enquanto eu estiver fora.

— Deixe suas redes aí e vá se sentar com sua sogra.

Éden sabia que Simão não estava acostumado a receber ordens, mas André imediatamente colocou o seu equipamento no chão e foi até o quarto. Simão foi atrás dele, e Jesus deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Está tudo bem — disse ele.

Jesus voltou-se para Éden:

— Pedi para Simão sacrificar coisas e deixá-las para trás a fim de me seguir. Você é uma só carne com Simão. Ele não pode fazer sacrifícios que também não sejam seus. Você tem um papel a cumprir em tudo isso.

Surpresa, ela sussurrou:

— Eu tenho?

— Você saberá na hora certa. Eu não posso facilitar tudo isso para você.

Ela fez que sim.

— Não seria o jeito do nosso povo.

— Não, não tem sido assim — Ele riu. — Nem continuará a ser — Ele aproximou-se dela. — Mas vejo você. Entende? Sei que não é fácil ficar em casa enquanto seu marido está fora fazendo tudo... isso. Mesmo que você esteja animada com isso e orgulhosa dele.

Tudo o que o Mestre disse entrou fundo no coração de Éden e aqueceu-a por dentro. Ele prosseguiu:

— Então, não vou pedir que você faça isso sem eu resolver algumas coisas.

Dasha tossiu, e Jesus inclinou a cabeça em direção ao quarto, como se fosse exatamente disso que estivesse falando. *Será possível?* Éden perguntou a si mesma. *Será que é verdade?* Ela tinha medo de acreditar.

— O senhor quer dizer que...?

— Além disso — acrescentou Jesus. — o Simão normal já é difícil. Você acha que eu quero viajar com um Simão preocupado?

Rindo em meio às lágrimas, Éden disse:

— Não.

— Não — Ele repetiu. — Eu não quero.

Ela seguiu Jesus até a cama da sua ima, onde André observava Simão cuidar da mulher inconsciente.

— A febre aumentou — ele sussurrou. — A testa dela está queimando a minha mão.

— É bom chamarmos um médico — disse André.

— Não há necessidade — Jesus aproximou-se da cama, e Simão abriu caminho para Ele. O Mestre segurou a mão dela, olhou para cima, fechou os olhos e olhou de volta para ela. Então disse à febre — Deixe-a.

Dasha agitou-se por um instante, respirou fundo e sentou-se, olhando para Simão, Éden e André. Do nada, ela parecia forte e cheia de energia. Éden ficou boquiaberta ao vê-la, maravilhada, com lágrimas nos olhos, e os outros pareciam igualmente maravilhados com o que Jesus fizera.

A mãe de Éden notou o estranho pela primeira vez.

— Quem é você? — disse ela.

— Este é Jesus de Nazaré — disse André.

— A senhora ainda não o conhecia — acrescentou Simão.

— Bem-vindo à casa do meu genro.

— Obrigado — disse Jesus, sorrindo.

— O que eu estou fazendo aqui deitada?

— A senhora teve uma febre muito alta — disse André.

— E vocês todos aqui me olhando... — ela jogou o cobertor para o lado e saiu da cama.

— Dasha! — disse André. — Não...

— Não se mexam! Eu já volto com algo para beber.

Ela deslizou para a cozinha, Jesus deu de ombros, e Éden apoiou a cabeça no pescoço de Simão, soluçando. Lá da cozinha, Dasha gritou:

— André! Seja gentil e acenda esse fogo!

— Já vou!

Enquanto Éden agradecia a Jesus, a sua ima dizia tudo o que fora buscar:

— Centeio e manteiga para o Simão. Romãs, queijo de cabra. Seu amigo gosta de queijo de cabra?

— Sim! — gritou Jesus. — Eu amo queijo de cabra!

Éden olhou fundo nos olhos de Simão.

— É melhor eu ir — disse Jesus, saindo do quarto. — e dar uma olhada naquele queijo de cabra.

— Obrigada — disse Éden a Simão.

— A mim? Pelo quê?

— Por obedecer e segui-lo. Isso o trouxe até aqui.

— Simão! — Dasha gritou da cozinha. — Nectarinas ou ameixas?

Capítulo 80

PARTINDO

Mercado de Sicar, Samaria

Fotina abria caminho em meio às barracas cheias de gente, atraída como sempre por laranjas frescas. Só o fato de sentir o cheiro delas trazia de volta uma das poucas lembranças de que ela gostava. Também sentiu a dor do arrependimento, mas ela não podia ignorar aquele cheiro doce e marcante.

Enquanto andava apressadamente, ela percebia os olhares masculinos, mas também o menear da cabeça e até mesmo o cuspe de algumas mulheres — umas poucas que ela sabia não serem melhores do que ela.

O vendedor de laranjas deu-lhe as costas quando ela chegou mais perto.

— Não atendemos gente do seu tipo aqui — disse ele.

— E que tipo é esse? — ela levou uma laranja ao nariz.

— Você sabe o que você é.

— Bom, para sua sorte... — disse ela, deixando uma moeda de pequeno valor cair no pote dele — ... eu posso me servir sozinha. Sabe como é: para me impedir, você teria de olhar para mim.

Mas ele não lhe deu esse gosto.

•••

Quartel-general da Autoridade Romana, Cafarnaum

— Escreva esse decreto em latim, aramaico e grego, para que ninguém possa alegar ignorância — disse Quintus ao seu escriba — "Por ordem de Roma — sob pena de detenção e prisão — ajuntamentos religiosos fora da sinagoga e da escola hebraica estão estritamente proibidos. Procura-se o professor conhecido como Jesus de Nazaré para interrogatório".

•••

Ao amanhecer

De todos os cantos de Cafarnaum, eles partiram para encontrar-se com Jesus no poço do Distrito Sul. Ele dissera aos discípulos que uma viagem que costumava levar seis dias só levaria três. Ninguém sabia por quê.

Mateus saiu de casa, trancando a porta com apenas uma volta na chave, pela primeira vez há séculos.

André partiu com uma grande bolsa sobre os ombros.

Tiagão e João, os que Jesus chamava de Filhos do Trovão, abraçaram os seus pais, Zebedeu e Salomé.

Maria de Magdala beijou os dedos e tocou a mezuzá[1] no batente da sua porta ao sair.

Zohara supervisionou o carregamento dos pertences dela e de Nicodemos para a sua viagem de volta a Jerusalém. Nicodemos saiu discretamente por trás dela, levando uma bolsinha de tecido roxo.

Simão abraçou a sua sogra, Dasha, e beijou Éden, saindo de casa saltitante.

•••

Detrás de um muro, Nicodemos espiou quando Jesus chegou à fonte com dois dos seus seguidores. Os demais apareceram quase que ao mesmo tempo — Maria e mais cinco homens —, todos se cumprimentando animadamente. Nicodemos não conseguiu evitar imaginar-se junto com eles, pensando em como a sua vida seria diferente se ao menos...

Mas os seus dias com o Sinédrio terminariam. Nada de reuniões, deliberações, pesquisa. E nada de roupas em cima de roupas:

— Acho que estamos todos aqui — disse um jovem.

— Todos estão aqui? — disse Jesus, vasculhando a praça.

— Sim — Maria olhou ao redor. — Todos nós.

Todos nós? Nicodemos perguntou-se se estava cometendo um erro. Será que ele devia aparecer ali, dar um passo à frente? Ele não podia. Mas como ele queria!

— Há mais alguém? — Jesus gritou, enquanto o chamado Simão molhava o rosto com a água da fonte e brincava de espirrar água em João.

Nicodemos sabia que Jesus estava procurando por ele, esperando por ele, na esperança de que ele viesse.

— Vejam só isso! — Simão agachou-se e pegou uma bolsinha roxa no chão, junto à fonte.

— O que é isso? — disse um deles.

— Eu não sei — disse Simão. — Vamos ver — ele abriu a bolsinha e encontrou moedas. — Ouro.

Um dos homens, vestido de forma diferente dos outros, aproximou-se para olhar.

— Um amigo meu deixou isso para nós — Jesus lhes disse.

— É o bastante para duas semanas de alimentação e hospedagem — disse o homem elegantemente vestido.

Jesus olhou em direção ao muro e balançou a cabeça.

— Você chegou tão perto — Ele sussurrou, e Nicodemos encolheu-se, chorando.

— O que o senhor quis dizer? — Maria perguntou a Jesus.

— Precisamos ir — disse Simão — se quisermos chegar ao acampamento em Tiberíades ao anoitecer.

— Simão tem razão — disse Jesus. — Vamos.

Simão ficou analisando o homem vestido de roupas elegantes.

— Você vai usar isso? Numa viagem?

— Essas são minhas roupas. Eu deveria ter outras?

Simão balançou a cabeça.

Ainda atrás do muro, Nicodemos cobriu a boca e continuou chorando.

[1] **N. do T.**: Mezuzá (em hebraico: “batente da porta”) é um pequeno rolo de pergaminho contendo Deuteronômio 6.4-9 (a chamada Shemá — “Ouve, ó Israel...”), colocado dentro de um estojo e afixado no batente direito das portas de uma casa, sinagoga ou estabelecimento judaico como lembrança do Criador, com o propósito de santificação. Os judeus costumam beijar a mezuzá sempre que passam pela porta, a fim de recordar as Escrituras ali contidas. A origem dessa tradição está em Deuteronômio 6.9: “E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas”.

Capítulo 81

O FAVOR

Cafarnaum, logo após o nascer do sol

Gaius achou que podia fazer aquele único favor a Mateus. Ele bateu à porta da casa de Alfeu. Foi a mãe de Mateus que a abriu.

— Olá — disse Gaius.

Ela ficou olhando.

Dentro da casa, um homem gritou:

— Eliseba, quem é?

— Um romano — disse ela.

Alguma coisa caiu e quebrou-se quando o homem correu até a porta e colocou-se entre a sua esposa e Gaius:

— O que há de errado? O que aconteceu?

Gaius explicou que o filho deles havia-lhe pedido para falar com eles. O casal convidou-o a entrar, e os três sentaram-se à mesa, onde o guarda contou a história de Mateus da melhor forma como lembrava.

— Como assim: "Siga-me?" — disse Alfeu.

— Foi só isso que ele disse. Mateus nem hesitou.

— Segui-lo para onde?

— Olha, tenho certeza de que ele irá voltar à razão.

Alfeu riu.

— À razão. Você conhece meu filho?

— E *você*, conhece? — disse Gaius, e o pai de Mateus parou de rir. — No momento, Mateus acredita que aquele homem é um profeta.

Eliseba segurou o braço do seu marido.

— É o homem que curou o paralítico na casa de Zebedeu!

Os olhos de Gaius estreitaram-se.

— Eu teria cuidado com a palavra *curou*. Não sabemos que tipo de truque ou ilusão pode estar envolvido.

Alfeu balançou a cabeça.

— Mateus não tem interesse em ilusões.

— Nem no seu deus — disse Gaius. — Pelo menos, era o que eu pensava.

Alfeu pôs-se em pé e andou de um lado para o outro.

— Mateus virou a sua vida do avesso para estar com Ele. A sua vida perversa!

Eliseba fez que sim com a cabeça.

— Ele não toma decisões sem pensar.

— Isso é verdade — disse Gaius.

— Quando eu o vi dois dias atrás — disse Eliseba —, ele não parecia ser ele mesmo. Mas eu nunca iria adivinhar que ele estava se preparando para isso.

— Ele me pediu para entregar a vocês alguns pertences pessoais.

— Adonai no Céu — disse ela, visivelmente perturbada.

— A chave da casa dele — Gaius estendeu a mão com a chave para Alfeu.

— Um luxo adquirido à custa de nosso povo — disse Alfeu. — Eu não vou aceitar isso.

— Ele já imaginava — disse Gaius, ansioso para livrar-se da chave, e pôs-se de pé. — Venda, doe, queime. Eu não me importo.

Alfeu estendeu a mão para a chave, mas Gaius hesitou antes de entregá-la.

— Não, não a queime — depois de um silêncio estranho, Gaius falou. — O outro está lá fora.

Um minuto depois, os três estavam encarando o cachorro preto.

— Mateus — disse Eliseba.

— O quê? — disse Alfeu. — Por quê?

— Mateus disse que ladrões forçaram você a fechar sua loja — Gaius respondeu.

— Sim, mas...

— E você tem feito viagens longas a negócios.

— Sim. Tenho todas as permissões.

Será que ele precisava mesmo explicar?

— Você não entende? As estradas são perigosas. A sua esposa fica muito tempo sozinha. Pessoas com más intenções odeiam Mateus.

— Eu... como isso funciona?

Gaius não sabia o que dizer. Ora, era um cachorro!

— Só mais uma coisa: se vocês tiverem notícias dele ou do paradeiro dele, entrem em contato comigo imediatamente.

— Ele está sendo procurado? — disse Alfeu.

— Não oficialmente. Mas, se Jesus de Nazaré voltar a Cafarnaum, o pretor gostaria de... interrogá-lo. E seria melhor para todos nós que vocês entrassem em contato comigo.

— Nós entendemos.

E agora? Como dizer a última parte?

— E... hã... eu só queria que vocês soub... Bom... — Gaius ficou em silêncio, tentando encontrar as palavras. Alfeu e Eliseba ergueram as sobrancelhas. — Eu conheço pessoas que gostavam um pouco do filho de vocês.

Gaius foi embora rapidamente, aliviado de ter chegado perto do que realmente queria dizer e achando graça ao ouvir o cachorro gemer, imaginando o que os pais de Mateus iriam fazer com ele.

Capítulo 82

DESVIO

De manhã cedo, a comitiva de Jesus chegou ao topo de uma colina, e Mateus ficou surpreso ao ver que estava realmente se divertindo — apesar de agora entender o que Simão estava querendo dizer quando questionou as suas roupas. Os outros usavam metade das roupas que ele usava e estavam com a pele brilhando de suor. Mateus estava cozinhando.

Quando se tratava de detalhes, os outros costumavam deixá-lo liderar, de modo que Mateus ia à frente, consultando um mapa. Quando chegaram a uma encruzilhada, André parou e apontou para longe.

— Que cidade é aquela?

— Jezreel — disse Mateus. — A cidade que fica no extremo sul da Galileia. De lá nós viramos a leste, rumo ao rio Jordão.

No entanto, Jesus afastou-se da cidade e continuou andando:

— Mestre, para onde está indo? — disse João.

— Precisa de alguma coisa? — disse André.

— Por aqui, amigos — disse Jesus lá na frente.

— Desculpe — disse Mateus, correndo para alcançá-lo. — Mas o mapa mostra que Jezreel fica três quilômetros a sudeste daqui, cruzando com uma estrada que vai para leste até o Jordão. Precisamos corrigir nossa rota trinta graus para o...

— Não vamos até o Jordão — Jesus virou-se para olhá-los, mas continuou andando de costas. Era evidente que Ele estava ansioso por prosseguir. —

Vamos passar por Samaria — Ele virou-se de volta, mostrando o caminho.

— Está brincando? — disse André.

— Há um lugar onde quero parar. Aliás, é isso que faz nosso tempo de viagem cair pela metade.

— E nossa probabilidade de ataques violentos provavelmente dobrar — disse Mateus.

— Esse é um número exato? — Jesus riu.

— Perdão, Mestre — André pegou o mapa das mãos de Mateus e mostrou-o a Jesus. — É mais seguro contornar Samaria pelo caminho do Jordão e de Decápolis.

— Você se juntou a mim por questões de segurança? — Jesus sorriu.

— Mas, Mestre, eles são samaritanos! — disse Tiagão.

Jesus parou.

— Bem observado. O que quer dizer com isso?

— Mestre, foram eles que profanaram nosso Templo com ossos humanos. Eles nos odeiam.

João entrou na conversa:

— Eles lutaram contra nós, aliando-se aos selêucidas nas Guerras dos Macabeus. Eu nunca nem falei com um samaritano...

— E nós destruímos o Templo deles cem anos atrás — disse Jesus. — E nenhum de vocês aqui estava presente em nenhum desses eventos. Ouçam, se formos ter uma sessão de perguntas e respostas toda vez que fizermos algo com que vocês não estão acostumados, nosso tempo juntos vai ser muito chato para todos nós. Vamos ficar bem. E, se formos atacados, Simão ficará feliz em nos mostrar o que fazer.

— Com certeza! — disse Simão, sorrindo maldosamente.

— Tudo bem. Então, sigam-me.

•••

No dia seguinte, no fim da manhã

Jesus e os seus seguidores subiam uma colina com dificuldade, em meio à grama alta, derretendo com o sol escaldante e com o rosto vermelho. Parando a uns cem metros de um poço coberto com um toldo, Jesus sabia que era ali o lugar. Enquanto Ele olhava para o poço, Tadeu falou:

— Comemos o último pão da Salomé ontem à noite.

— Mestre — disse Simão. — Precisamos ir até a cidade comprar comida.

— Podemos usar o ouro que deixaram para nós na fonte — disse André.

— Muito bem — disse Jesus.

— Há uma cidade dois quilômetros a oeste daqui — disse Mateus. — Sicar.

— Vão todos vocês. Eu espero aqui.

— Alguém devia ficar com você — disse Tiagão. — Caso...

— Eu estou bem assim. Encontrem-me naquele poço quando voltarem.

•••

Outro dia, outra subida até o poço ao meio-dia para Fotina. Junto com a carta de divórcio, a lareira do seu marido consumira toda esperança de alívio que ela tinha para a sua existência miserável. Ela saiu debaixo da sua vara e colocou-a num lugar onde tinha fácil acesso aos jarros. Geralmente ela esperaria, mantendo uma distância respeitosa do estranho sentado ali perto — que parecia tão cansado quanto ela. Mas Ele não estava usando o poço, e ela tinha trabalho a fazer. Fotina enxugou a testa e respirou fundo.

— Poderia me dar de beber? — disse o homem.

Ela simplesmente o ignorou.

— Você me ouviu?

— Está com tanta sede assim, é? — disse ela.

— O quê?

— Você, um judeu, pedindo de beber a mim, uma samaritana? Uma mulher?

— Desculpe. Eu deveria ter dito *por favor.*

Um pedido de desculpas? De um homem? Um judeu? Ela ficou olhando para Ele por um instante e logo voltou ao trabalho.

— Sabe que não é seguro para você ficar sozinho aqui.

— Nem para você — Ele disse. — Por que não veio com as outras? E por que tão tarde? As mulheres não vão aos poços quando é mais fresco, pela manhã?

— Bom, nenhuma mulher quer ser vista comigo, então eu tenho que vir no calor do meio-dia, como você tão gentilmente me lembrou — ela

mergulhou o jarro de água no poço.

— Por que elas não querem ser vistas com você?

— É uma longa história.

— Eu ainda gostaria de um gole de água, se puder me deixar um pouco.

— É incrível o que uma garganta seca faz. Eu não sou impura para você? Não vai se contaminar com esse jarro?

— Talvez algumas pessoas do meu povo digam isso sobre suas mulheres, mas eu não.

— E o que você diz?

— Eu digo que, se você soubesse quem sou, você é que estaria me pedindo de beber.

— Fala sério...

— E eu lhe daria água viva.

— Daria. Mas você não tem nada para tirar água, e esse poço é fundo. Aliás, por que precisa de mim se tem sua própria reserva de água viva?

— É uma longa história — disse Jesus, sorrindo.

— Mas a água dos judeus é melhor do que a dos samaritanos, não é?

— Não foi isso que eu disse.

— Você é melhor do que nosso antepassado Jacó, que cavou este poço? A sua água é melhor do que a dele?

— Eu conheço Jacó.

O que Ele está dizendo? Será que ficou louco por causa do calor?

Jesus prosseguiu:

— E todo o que beber dessa água terá sede de novo. Mas quem beber a água que eu lhe der jamais terá sede de novo.

Que coisa sem sentido.

— Isso não seria ótimo?

— A água que eu dou se tornará, dentro da pessoa, uma fonte a jorrar para a vida eterna.

— Fala sério... — agora ela tinha ouvido o bastante.

— É sério, sim.

Ele falou aquilo com tanta autoridade, com tanta confiança. Ela parou de encher o seu jarro e olhou para Ele.

— Então prove.

A menos que tivesse de continuar vivendo como vivia, Fotina adoraria ter vida eterna:

— Primeiro — disse Ele. — Vá chamar seu marido e volte aqui. Eu irei mostrar a vocês dois.

— Eu não tenho marido — ela virou-se para o outro lado.

— Tem razão — disse Ele. — Você já teve cinco maridos.

Ela virou-se de volta:

— E o homem com quem está vivendo agora não é seu marido.

Como é possível que Ele...? Ela deu uma risada forçada.

— Ah, já sei. Você é um profeta. Veio aqui para me dar um sermão.

— Não.

— Geralmente, a única coisa boa de vir até aqui sozinha é que eu escapo de ser condenada.

— Não estou aqui para condenar você.

— Eu cometi erros, erros demais — os olhos dela reluziram. — Mas são homens como você que tornam impossível que eu faça algo a respeito.

— Como?

— Nossos antepassados adoravam nesse monte! Mas vocês, judeus, insistem em que Jerusalém é o único lugar para a verdadeira adoração.

— Eles dizem isso porque o Templo está lá.

— É, justo num lugar onde não nos permitem entrar.

— Eu estou aqui para romper essas barreiras.

Quem esse homem pensa que é? E Ele ainda não tinha terminado:

— E está chegando a hora em que nem nesse monte, nem em Jerusalém vocês irão adorar o Pai.

Onde eu vou parar assim?

— Então aonde devo ir quando *eu* precisar de Deus? — "E por que é que eu estou falando com esse homem?", ela pensou — Eu nunca recebi nada de Deus. Mas, mesmo que tivesse recebido, eu não poderia agradecer a Ele.

— Qualquer lugar! Deus é espírito. E vem a hora, e já chegou, em que não importa onde você adora, mas, sim, que você faça isso em espírito e em verdade. Coração e mente. Esse... *esse* é o tipo de adorador que Deus está procurando — e, então, disse ternamente — Não vai importar de onde você veio e nem o que você fez.

Não vai importar? Ela nem conseguia imaginar isso! Até agora, Ele estava falando loucuras, mas isso mexeu com ela. *Ah, se ao menos Ele estivesse certo!* Mas... Ela balançou a cabeça.

— Você acredita no que eu estou lhe dizendo? — disse Ele.

Com a fala embargada de emoção, ela disse:

— Até que o Messias venha, explique tudo e resolva essa confusão... inclusive a minha... eu não confio em ninguém.

— Você está errada ao dizer que nunca recebeu nada de Deus.

Ah, é mesmo? Como é que Ele sabe? Os seus jarros estavam cheios, e ela ergueu a vara.

— Esse Messias de quem você fala, eu sou Ele.

Ela já devia saber. *Que loucura era aquela?* Fotina começou a andar em direção à estrada.

— O nome do primeiro era Ramim.

Ela parou.

— Você era uma mulher de pureza...

Como Ele podia saber daquilo?

— ... que estava animada para se casar.

Eu estava, mas...

— Mas ele não era um homem bom. Ele machucava você.

Quem foi que contou isso a Ele?

— E isso fez você questionar o casamento...

É verdade! É verdade! Mas eu nunca contei a ninguém.

— ... e até mesmo a prática de sua fé.

Ela deixou a vara cair, e a água começou a escorrer.

— Pare com isso.

Será possível que esse homem era quem dizia ser? Para saber do seu próximo marido, Ele teria que ser... ou isso ou um feiticeiro.

— O segundo foi Farzad. Na noite de núpcias, a pele dele tinha cheiro de laranja. E até hoje, toda vez que passa pelas laranjas no mercado, você se sente culpada por tê-lo deixado, porque ele foi o único homem realmente piedoso com quem você esteve. Mas você se sentia indigna.

Lágrimas rolaram no rosto dela.

— Por que está fazendo isso?

Ele caminhou lentamente até ela.

— Eu não me revelei às pessoas como o Messias. Você é a primeira. Seria bom se acreditasse em mim — Ele sorriu novamente.

Eu, a primeira? Por quê? Por que logo uma mulher como eu?

— Você escolheu a pessoa errada.

— Eu vim para Samaria só para encontrar você.

Como eu não poderia acreditar? Somente Deus poderia conhecer até mesmo meu *coração*.

— Você acha que é por acaso que eu estou aqui ao meio-dia? — disse Ele.

Aquilo era demais. Demais. As suas lágrimas escorriam.

— Eu sou rejeitada pelos outros.

— Eu sei. Mas não pelo Messias.

— E você sabe dessas coisas por que *é* o Cristo? — Fotina ofegou.

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela sabia que era verdade. De repente, ela sentiu-se leve como uma pluma e colocou as mãos em cima da cabeça, sorrindo em meio às lágrimas.

— Eu vou contar para todo o mundo!

— Eu estava contando com isso — disse Ele, sorrindo.

— Em espírito e em verdade? — ela riu.

— Em espírito e em verdade.

— Não vai ter a ver com montes e templos?

— Em breve, somente o coração.

— Você promete?

— Eu prometo.

•••

Simão e os outros apareceram no topo da colina e encontraram Jesus com uma mulher samaritana:

— Esse homem me disse tudo o que eu fiz! Ah, Ele deve ser o Cristo! — ela lhes disse, com os olhos brilhando em meio a lágrimas.

Ela passou correndo por eles, descendo a trilha até a cidade. André gritou para ela esperar, apontando para os jarros no chão. Mas ela apenas acenou e continuou a correr.

— Sua água! — Tiagão gritou.

João disse:

— Você esqueceu sua...

Mas ela estava pulando de alegria e gritando:

— Venham ver um homem que me disse tudo o que eu já fiz!

Jesus riu com prazer ao vê-la partir, com os olhos brilhando também:

— Mestre, conseguimos comida — disse Tiaguinho. — O que vai querer?

— Aah. Eu tenho algo para comer que vocês não conhecem.

Com a boca cheia, André falou:

— Quem trouxe comida para você?

Simão observou e escutou maravilhado. Era isso que ele estava esperando — ação, finalmente!

— Espere um minuto — disse ele. — Você contou a ela? E ela pode contar para outros?

— Que comida? — disse Tadeu.

— Minha comida é fazer a vontade daquEle que me enviou e completar a sua obra.

"Esqueça a comida", pensou Simão.

— Contou a ela quem você é?

— Uhum.

— Quer dizer que...?

— Quer dizer que vamos ficar aqui alguns dias. Foi um longo tempo de semear, mas os campos estão maduros para a colheita.

Simão nem conseguia acreditar.

— Então, chegou a hora?

— Vamos lá — disse Jesus.

— Isso!

Agora o pescador certamente se tornaria um pescador de homens, e ele mal podia esperar.

FIM

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grato a minhas ex-assistentes, Lynn e Debbie Kaupp, cujos anos de serviço abnegado deram-me liberdade e espaço para criar.

E a minha nova assistente, Sarah Helus.

Ao meu agente, o indomável Alex Field.

A Larry Weeden e Steve Johnson, da *Focus on the Family*, cujo apoio entusiasmado manteve-me de pé desde o começo.

E a Dianna, que é meu lar e meu coração há mais de meio século.

POSFÁCIO

De Brad Powell

Pastor titular da NorthRidge Church, Plymouth, Michigan

The Chosen é um projeto fenomenal da mídia cristã.

Isso não é normal.

As pessoas que conhecem o Criador deviam ser as mais criativas do mundo. Infelizmente, embora elas tenham um coração bom e sincero e esforcem-se bastante, a maior parte da mídia cristã não dá de dez a zero no mundo com a sua qualidade e excelência. O mundo é que dá de dez a zero na mídia cristã.

O Criador e a sua criatividade precisam ser representados pelo seu povo, e é por isso que *The Chosen* é tão importante para mim. Sendo bem sincero, não gosto da maioria dos filmes cristãos. Eles simplesmente não alcançam o nível de excelência que penso que deveriam alcançar.

Meu filho Blake, que também gosta muito de filmes e de alto nível de qualidade, disse-me o seguinte: "Você tem que assistir *The Chosen*. É a melhor coisa da história do planeta!".

Francamente, eu disse não.

Eu não estava interessado. Nem mesmo um pouco.

Blake insistiu para que eu assistisse por três meses, e eu, nada.

Estávamos juntos em Israel, no mar da Galileia, quando ele me pegou pelos ombros, fez eu me sentar e me forçou a assistir o primeiro episódio de

The Chosen.

E foi tudo de que eu precisava. O episódio me transformou. Ele realmente mexeu comigo. E não só espiritualmente. Emocionalmente também. O maior impacto veio das histórias que Deus escreve na vida de pessoas reais. Sou cristão há muito tempo e pastor há quase quarenta anos, mas assistir essa série despertou-me para Jesus de uma forma nova.

E mais do que isso, a história por trás de *The Chosen* e das pessoas que Deus está usando para criar essa série foi algo que me inspirou. Esperei por décadas que algo assim aparecesse. Tenho certeza de que, se você der uma chance à série, ela também irá inspirá-lo.

O FENÔMENO QUE NASCEU DO FRACASSO

De Dallas Jenkins

O objetivo de *Os Escolhidos* é mostrar Jesus a você de uma forma autêntica, do ponto de vista daqueles que realmente o conheceram. Quando Jesus é o personagem principal de um filme, geralmente é difícil identificar-se com Ele, porque Ele é o perfeito Filho de Deus. Mas quando você enxerga Jesus com os olhos de outras pessoas — como Simão Pedro, Maria Madalena, Nicodemos e Mateus —, você encontra pessoas com as quais consegue identificar-se de fato.

Um dos principais temas de *Os Escolhidos* é que Jesus faz de nós algo que não somos. Se conseguirmos ver Jesus com os olhos dos que fisicamente o conheceram, podemos ser transformados da mesma maneira como eles foram. Creio nisso, porque ouvi muitos que assistiram à série dizerem: "A Bíblia tornou-se viva para mim, e minha vida mudou por causa da forma como essas pessoas foram transformadas".

Os Escolhidos não tem medo de lhe mostrar circunstâncias difíceis. O primeiro século foi uma época de opressão, e mostramos a dor que aquelas pessoas suportavam. Assim, quando elas encontram Jesus e Ele toca as suas vidas da forma como Ele faz, isso cria uma experiência ainda mais emotiva para nós.

Essa série tem a ver com perceber momentos de dor, opressão e tristeza sendo transformados em alegria indescritível. Você vê essas pessoas reais serem transformadas, simplesmente por terem sido chamadas pelo Filho de Deus.

Os Escolhidos tornou-se um movimento, e nós nem percebemos. Quando decidimos financiar a série através de *crowdfunding*[1] e acabamos batendo o recorde histórico dessa forma de financiamento — ainda mais com uma série sobre Jesus —, na mesma hora a série pareceu algo maior do que todos nós. Mais de dezenove mil pessoas do mundo inteiro investiram mais de 10 milhões de dólares só no primeiro episódio.

Ironicamente, *Os Escolhidos* nasceu do fracasso.

No início de minha carreira, Deus corrigiu uma atitude arrogante que eu tinha em relação a fazer filmes cristãos. Sendo bem sincero, eu tinha orgulho de dizer que eu não era um produtor de filmes cristãos, e sim um produtor de filmes que, por acaso, eram cristãos. Bem poucos filmes cristãos eram bons o suficiente para meu gosto, então eu era muito bom para esse gênero de filme.

Contudo, um dia no início de minha carreira em *Hollywood*, Deus claramente gravou algo em minha mente: "Meu povo também merece bons filmes". Castigado por minha atitude depreciativa com a mídia cristã, senti um chamado definitivo para fazer filmes como um ministério. Eu continuaria sendo apaixonado por fazer filmes de alta qualidade, mas não iria negar quem eu era nem o que é a verdade. De fato, a verdade de Deus é a *única* verdade, e pessoas de dentro e de fora da igreja precisam dela. E, se isso for feito com qualidade, os filmes podem sair da igreja e alcançar o mundo também.

Talvez você imagine que atender ao chamado de Deus torne a vida de uma pessoa mais fácil. Mas aprendi que esse chamado é geralmente acompanhado de dor e sofrimento — na verdade, dor e sofrimento são uma parte necessária do chamado.

Um momento inesquecível

Após vários anos em *Hollywood* — seguindo meu novo chamado de fazer filmes religiosos sem constrangimento —, fui convidado a fazer parte da equipe de uma grande igreja da periferia de Chicago, que queria produzir

filmes. Ali estava a perfeita combinação de meu amor pela igreja (do qual eu costumava achar que precisava abrir mão para ser um produtor), meu amor por filmes e a visão da igreja para filmes cristãos. Eles tinham recursos para investir, e isso me deu a chance de mudar minha jovem família de volta para a região onde cresci. O que podia ser melhor?

No entanto, nos primeiros anos ali, fiz tudo *menos* filmes. Gravei vídeos de testemunho, ajudei na produção dos cultos de fim de semana e estava atarefado... e frustrado. Eu pensava ter nascido para produzir filmes. Assim, eu disse à liderança da igreja que precisava de um projeto de filme para manter minha criatividade ativa, nem que fosse algo pequeno para nosso culto de véspera de Natal.

Quando eles concordaram e eu fiz um pequeno filme chamado *The Ride* [A Viagem] — uma versão moderna da parábola do Filho Pródigo —, imediatamente percebi que todos os vídeos de transformação de vidas que eu gravara — apesar do medo de estar num deserto da mídia — tornaram-me melhor como narrador e produtor. Curiosamente, aquele trabalho também fez de mim um homem melhor — os relatos de transformação de vidas tornaram-me alguém mais despretensioso.

Para resumir a história, aquele pequeno filme para minha igreja chegou às mãos de um dos maiores produtores de *Hollywood*, paradoxalmente conhecido pelo seu grande sucesso com filmes de terror. Obviamente ele não tinha interesse espiritual em filmes religiosos, mas, depois de assistir a *The Ride*, ele enxergou o potencial financeiro desse mercado.

É claro que fiquei desconfiado quando ele insistiu em ser meu parceiro para fazer esse tipo de filme — principalmente quando ele combinou de financiar o filme nada mais, nada menos, do que com a World Wrestling Entertainment [WWE, uma grande promotora de luta profissional, que também atua no ramo cinematográfico]. Eu nem conseguia imaginar o impacto que essas duas entidades teriam no conteúdo que eu queria nos filmes. Em *Hollywood*, a regra de ouro é que "quem tem o ouro faz as regras". Mas foi ele mesmo que me garantiu: "O conteúdo é todo seu. Você controla isso".

Mostrei a eles o próximo projeto que eu estava desenvolvendo, um filme chamado *The Ressurrection of Gavin Stone* [no Brasil: A Ressurreição de Gavin Stone, 2017]. Eles amaram o roteiro. Assim, uma companhia de filmes de terror, uma empresa de luta profissional e uma igreja da periferia

de Chicago uniram forças para produzir um filme sobre Jesus, contendo o evangelho, que se passasse numa igreja e fosse, de fato, filmado na igreja.

Foi uma experiência incrível em que Deus ficou claramente em evidência e fez vários milagres durante a produção. Os testes saíram melhor do que os de todos os outros filmes que as duas companhias haviam financiado até ali, tanto que eles previram que faríamos filmes juntos pelos próximos dez anos.

Tudo parecia perfeito. Sonhamos com o que poderíamos fazer com os outros roteiros que estávamos desenvolvendo. A Walden Media envolveu-se no projeto. A Universal Studios também. Em quase vinte anos de produção cinematográfica, eu enfim e realmente chegara a *Hollywood*. Fiquei na expectativa de seguir meu chamado e usar meus dons, fazendo o que eu amava e cria que fora feito para fazer.

Até a estreia de *A Ressurreição de Gavin Stone*.

Na manhã da sexta-feira em que um filme é lançado, é possível acompanhar os números entrando e projetar instantaneamente como ele vai se sair nas bilheterias. *Gavin Stone* foi uma bomba, um fracasso total e absoluto.

Em duas horas, passei de um diretor com futuro brilhante para um diretor sem futuro. Os caras dos filmes de terror e da WWE reconheceram o seu erro em tentar a sorte com filmes religiosos e voltaram a fazer o que faziam de melhor. Sem ressentimentos, mas adeus.

Sozinho em casa com minha esposa, Amanda, nesse ponto extremamente baixo, choramos e oramos. Aquilo parecia ter sido tão dirigido por Deus que eu sinceramente não conseguia entender.

Não somos de uma tradição que ouve a voz de Deus audivelmente, mas senti esperança quando Amanda me disse que o Senhor colocara duas coisas profundamente no seu coração. Primeiro, ela fora levada a abrir a sua Bíblia e ler a história de Jesus alimentando cinco mil homens. E segundo, ela sentiu que Ele estava dizendo: "Minha matemática é impossível".

Que raios era aquilo? Não fazíamos ideia do que queria dizer.

Mas relemos a história de Jesus alimentando a multidão — história que ouvíramos centenas de vezes desde a infância — e percebemos coisas ali que nunca tínhamos enxergado. Demo-nos conta de que Jesus sabia exatamente o que era necessário para produzir o milagre. Na verdade, foi por causa dEle que o milagre foi necessário.

Os discípulos disseram-lhe que o povo estava faminto e precisava ser mandado embora. E Ele disse: "Não. Se fizermos isso, eles irão desfalecer pelo caminho".

Ironicamente, Ele causou isso. Ele falou por tanto tempo que as pessoas ficaram com tanta fome a ponto de não haver escolha além de alimentá-los milagrosamente.

Naturalmente, sendo Deus, o Criador, Ele podia muito bem ter feito um gesto e teria aparecido pão e peixe no colo de todo mundo. Mas Ele fez os discípulos irem procurar comida — cinco pães e dois peixes — e trazerem até Ele. Depois que multiplicou o alimento, Ele mandou os discípulos distribuírem-no. Resumindo: Ele mandou que fizessem tudo o que eles não precisavam dEle para fazer.

Só sobrou aquilo que só Ele podia fazer.

Aquela verdade ficou gravada em Amanda e eu, embora não soubéssemos o que fazer com ela. À luz da frase "Minha matemática é impossível", permitimo-nos esperar que Deus pudesse estar nos dizendo que os números das bilheterias iriam magicamente mudar naquele fim de semana, para a surpresa de nossos parceiros de *Hollywood*. Afinal de contas, a matemática de Deus é impossível.

Mas não foi o que aconteceu.

Os números só pioraram.

Depois que acordamos e ficamos de luto o dia inteiro, Amanda foi para a cama, e vi-me diante do computador às quatro da manhã. Eu estava a mil por hora, escrevendo uma análise de dez páginas sobre o que eu achava que tinha feito de errado, o que meus parceiros tinham feito de errado — enfim, qualquer coisa que pudesse ter contribuído para o maior fracasso de minha carreira.

De repente, uma mensagem de Facebook apareceu em minha tela, vinda de alguém que eu não conhecia, mas com quem eu trocava comentários *on-line* uma vez por ano. Sem saudações, a mensagem apenas dizia: "Lembre-se: não é seu trabalho alimentar os cinco mil. Seu trabalho é apenas arranjar os pães e os peixes".

Foi tão bizarro que me perguntei se, de alguma forma, meu computador tinha ouvido a conversa que Amanda e eu tivemos. Respondi na hora: "Por que você me mandou essa mensagem?".

"Eu não sei. Deus me disse para fazer isso", foi a resposta.

Hoje minha vida é resumida a quem eu era antes e depois daquele momento. Mais do que nunca, sei que Deus é real, e eu sabia que Ele estava naquilo — por mais doloroso que fosse. Pela primeira vez em minha carreira, eu estava totalmente disposto a nunca mais fazer outro filme se fosse aquilo que Deus quisesse.

Nas semanas seguintes, cheguei àquele inatingível lugar de profunda alegria, que só os que passaram por lá entendem. Eu não estava feliz em ter um futuro totalmente incerto, mas sentia que havia alegria em estar disposto a fazer qualquer coisa que Deus queria que eu fizesse — mesmo que fosse renunciar à minha paixão por fazer filmes. Afinal de contas, meu trabalho agora era apenas arranjar os pães e os peixes. E o trabalho dEle era fazer os milagres e gerar os resultados.

Isso me deixou aberto para o que veio depois, que aconteceu de ser outro filme pequeno para minha igreja. Sem grandes longas-metragens na agenda nem parceiros com milhões de dólares, agora era hora de contar uma história sobre o nascimento de Jesus da perspectiva dos pastores a quem o seu nascimento foi anunciado e que o encontraram na manjedoura.

A ideia era simples — a história de Jesus do ponto de vista de pessoas normais que o conheceram. E, como alguém que crescera na igreja, eu queria contar essa velha história de uma forma que fizesse os espectadores sentirem que a estavam assistindo pela primeira vez.

Foi algo muito gostoso de fazer porque parecia bem-feito, e eu achava que daria certo em nossa igreja. Enquanto filmávamos, tive a ideia de fazer uma série sobre Jesus da perspectiva de outras pessoas que o conheceram. O curta-metragem *O Pastor* chegou às mãos de uma distribuidora cujos líderes ficaram impressionados com ele. E mais do que isso, eles ficaram interessados em minha ideia sobre uma série e quiseram-na também.

Fiquei encantado até que eles disseram que queriam financiar a série com *crowdfunding*. "Isso raramente funciona", eu pensei, prevendo que não conseguiríamos levantar mais do que oitocentos dólares, sendo que precisávamos de milhões para fazer o serviço bem-feito. Mas, como dizem, o resto todo mundo já sabe. Dezenove mil pessoas investindo mais de 10 milhões de dólares é uma conta impossível. A primeira temporada já foi vista em mais de 125 países, por mais de 50 milhões de pessoas, em 50 idiomas.

Você tem em mãos o primeiro livro baseado na série, cobrindo o episódio piloto e os oito primeiros. Minha oração é para que este livro toque você à medida que encontra Jesus de uma forma nova, do ponto de vista de pessoas como você e eu — *Os Escolhidos*.

---

[1] **N. do T.**: *Crowdfunding* ("financiamento por muitas pessoas") são as típicas "vaquinhas" *on-line* que temos no Brasil.

Depoimentos sobre a série *The Chosen*:

No fim, quando passaram os créditos, meus olhos encheram-se de lágrimas, e chorei de soluçar. [...] "Isso é tão poderoso", foi tudo o que consegui dizer. [...] Obrigada por contar a história tão antiga de uma forma tão impossivelmente nova.

— **Joni Eareckson Tada**, Joni e Amigos

Fui levada às lágrimas... e à adoração... enquanto assistia.

— **Anne Graham Lotz**, palestrante e autora de *A Oração de Daniel*

A série *The Chosen* promete mostrar a todos a vida de Jesus de uma perspectiva totalmente nova. Fui tocado de uma forma muito profunda ao assistir ao episódio piloto. Mal posso esperar para ver sua família conhecer e ser transformada por essa série.

— **Dra. Alveda King**, sobrinha do Dr. Martin Luther King Jr.

Sou uma grande fã de *The Chosen*, essa série incrível. Oro para que ela faça a vida de Jesus saltar das páginas da Bíblia para você como fez comigo.

— **Mandisa**, cantora internacional

Acho que você vai amar! Foi algo feito com tanta beleza. E capta o espírito da história.

— **Kirk Cameron**, ator

A nova série original do diretor Dallas Jenkins, *The Chosen*, é revolucionária. Ela dá aos espectadores um vislumbre de como deve ter sido a vida diária e extraordinária de Jesus Cristo e os seus discípulos dois mil anos atrás, convidando o espectador a entrar na sua história. [...] *The Chosen* faz isso de uma forma incrivelmente atraente.

— **Pastor Samuel Rodriguez**, presidente da National Hispanic Christian Leadership Conference

Em Hollywood, livros épicos tornam-se filmes de alto nível e séries memoráveis. Sendo assim, por que o livro mais épico da história não virou uma série? Com tanta escuridão vindo da comunidade criativa de Hollywood, essa série definitivamente precisa ser feita; e Dallas Jenkins provou ser capaz de fazer isso com qualidade.

— **Tim Winter**, Parents Television Council

A atuação, a narrativa... é tudo plausível e muito bem feito.

— **Kirk Cousins**, quarterback da National Football League

Você tem que assistir a *The Chosen*. É incrível! Chorei em todos os episódios.

— **Kari Jobe**, cantora e compositora premiada

The CHOSEN

OS ESCOLHIDOS

Você tem em mãos o primeiro livro baseado na aclamada série de vídeos *The Chosen*. A história mais incrível já contada sobre a vida de Jesus ganha uma nova narrativa do autor *best-seller* do *New York Times* Jerry B. Jenkins.

The Chosen foi criada por pessoas que amam e creem na Bíblia como a inerrante Palavra de Deus.

Nossa intenção é que todo conteúdo bíblico e histórico, bem como imaginação artística, dê pleno apoio à verdade e ao propósito das Escrituras. Nosso desejo mais profundo é que você mergulhe por si mesmo nos Evangelhos do Novo Testamento e descubra Jesus.

CPADvideo
editoraCPAD
ISBN 978-65-5968-360-4


CPAD
cpad.com.br
editoraCPAD
editora_cpad
EditoraCPAD
7 908234 015902